



8

ROMANOS A 1 E 2 CORÍNTIOS

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

William M. Greathouse

Donald S. Metz

Frank G. Carver

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

ROMANOS E 1 E 2 CORÍNTIOS

8

A Segunda Epístola de Paulo aos
CORÍNTIOS

Frank G. Carver

Introdução

A. Um Documento Pessoal

Nenhuma das outras cartas de Paulo nos conduz tão profundamente ao coração do homem e do apóstolo como essa carta à igreja de Corinto. “Nessa obra”, escreve Hanson, “de modo abruptamente fragmentado, sem que nenhuma aresta tenha sido aparada, eis um pedaço da vida de Paulo – autêntico, espontâneo, desconcertantemente complicado, mas bastante interessante”.¹ Assim como Filipenses nos surpreende ao revelar a qualidade do compromisso de Paulo como cristão, 2 Coríntios nos deixa perplexos pela revelação da qualidade radical do seu compromisso como apóstolo. O propósito desta carta representa o pulsar emocionado daquele ministério do evangelho que pertence a cada um dos membros de Cristo, tanto leigos como clérigos – seu comprometimento, seu conteúdo, seus recursos e seu caráter. Seu testemunho estava predestinado à inescapável verdade de que a missão da igreja, como corpo de Cristo, é continuar com o sofredor, abnegado e sacrificado ministério de Jesus.

Humanamente falando, esta carta tinha a finalidade de fazer a reconciliação pessoal de Paulo – como pai espiritual – com seus insolentes filhos na fé.² Durante algum tempo, eles haviam se deixado seduzir por uma severa crítica dirigida à integridade do ministério apostólico de Paulo, instituída por alguns que estavam no meio deles. Paulo enfrentou esse ataque à sua vocação pessoal apelando ao próprio caráter do evangelho.

É interessante observar que em Gálatas, quando alguém tentava anexar um compromisso legal ao evangelho da graça, Paulo argumentava de forma reversa, da origem divina do seu apostolado à integridade do seu evangelho. Para ele, a mensagem e a maneira da sua comunicação eram inseparáveis. A forma do seu ministério era determinada pela natureza da sua mensagem. Portanto, à medida que Paulo defende o seu ministério somos novamente confrontados com um efetivo testemunho da realidade expressa pela vinda de Deus ao mundo “em Cristo”.

Além das sessões mais pessoais (1.1-11; 6.11-16; 13.11-14) e da sua preocupação como o projeto da coleta de contribuições (8.1-9.15), esta carta está dividida em duas sessões principais. A primeira (1.12-6.10) contém a defesa feita por Paulo da sua integridade apostólica em relação aos seus motivos e métodos de operação junto aos coríntios. A segunda (10.1-13.10) trata da defesa da sua autoridade apostólica à luz dos ataques que haviam sido dirigidos contra ela. A necessidade de defender a integridade da sua existência em tais dolorosas circunstâncias pessoais revela a fundamental força motriz do homem. Dessa situação chegou até nós um pungente testemunho da penetrante dinâmica do evangelho de Cristo na vida do apóstolo.

B. Integridade Literária

1. Autenticidade

A carta afirma ter vindo da mão de Paulo. “Paulo, apóstolo de Jesus Cristo... à igreja de Deus que está em Corinto” (1.1). Todas as indicações nela contidas confirmam essa

afirmação. Na igreja antiga não havia qualquer dúvida quanto à autoria de Paulo, e ela permanece indiscutível nos mais reputados círculos da igreja moderna.³

Entretanto, alguns consideram 6.14–7.1 como uma interpolação, de outra autoria, dentro dessa carta. Esse argumento inclui 1) o grande número de palavras que não foram encontradas em nenhum outro lugar dos escritos de Paulo ou no NT, 2) combinações de palavras raramente empregadas por Paulo (cf. 6.14; 7.1) e 3) um íntimo relacionamento com a comunidade de Qumran.⁴ Embora essas objeções não possam ser comprovadas como inválidas, elas também não constituem uma prova decisiva de que Paulo não poderia ter escrito essas passagens.⁵ Até que provas conclusivas sejam apresentadas não existe uma razão determinante para negar sua autenticidade em 6.14–7.1. O fenômeno que exige uma explicação é a insatisfatória ligação dessa passagem com seu contexto, o que será discutido em seguida.

2. Unidade

Apesar do fato de não existir qualquer evidência comprobatória na história da transmissão do texto, muitos estudiosos insistem que 2 Coríntios é uma coletânea de cartas ou fragmentos de cartas que o apóstolo escreveu a Corinto em diferentes ocasiões.⁶ Alguns chegam a incluir não só 6.17–7.1 e os capítulos 10-13, mas também 2.14–7.4 e o capítulo 9 como originários de uma ou mais cartas de Paulo.⁷ Kuemmel corretamente insiste que deve ser reconhecido um motivo convincente para uma combinação secundária antes de se abandonar a unidade dessa carta. Porém ele não encontra ninguém que esteja de acordo com esta posição, entre as propostas daqueles que desejariam reconstruir essa carta.⁸ Somente duas passagens foram suficientemente desafiadas para merecer a nossa atenção. 6.14–7.1 e os capítulos 10-13.

Como 6.14–7.1 parece interromper o pensamento que faz a conexão entre 6.13 e 7.2, muitas vezes se afirma que se trata de um fragmento interpolado de uma primeira carta conhecida como “carta anterior” (1 Co 5.9).⁹ Entretanto, o conteúdo parece estar em desacordo com essa proposição, pois a carta faz uma advertência contra a amizade com alguém devasso que se diga irmão (1 Co 5.11). Nesse caso, a advertência é contra se prender “a um jugo desigual com os infiéis” (6.14). Filson também sugere. “O texto em 7.2 não sucede 6.13 tão suavemente como alguns disseram. Esse versículo pode ser entendido como a retomada de um apelo depois de uma interrupção”.¹⁰ Paulo pode ter feito uma pausa, depois de pedir aos coríntios para abrir seus corações, a fim de preveni-los contra ser demasiadamente liberais em suas amizades. Porém, mesmo se esta conexão com o contexto não puder ser observada, não há razão porque não poderia ser um exemplo da tendência do apóstolo de se desviar do assunto principal, devida talvez ao fato de ter escrito essa carta em diferentes cenários.¹¹

Muito difundida é a premissa de que os capítulos 10-13 foram escritos antes dos capítulos 1-9 e que constituem parte daquilo que tem sido chamado de “carta triste” ou “carta intermediária” (2.3-9).¹² Esta carta, escrita “em muita tribulação e angústia do coração” (2.4) havia tornado possível a reconciliação do apóstolo Paulo com a igreja como um todo.

O problema se origina principalmente de uma mudança do sentido de uma reconciliação já conquistada (caps. 1-9) para um renovado ataque contra “alguns” (10.2) da igreja, a quem Paulo dá o nome de “falsos apóstolos” (11.13). Ele tem receio de, em sua

volta, não encontrá-los como gostaria (12.20) e diz que não os perdoaria (13.2). A favor dessa afirmação foram acrescentados muitos argumentos.¹³

A pergunta decisiva é a possibilidade ou não de os capítulos 10-13 estarem colocados na mesma Epístola dos capítulos 1-9.¹⁴ Duas considerações básicas eliminam esta suposta impossibilidade. A primeira diz que, embora Paulo não pareça ter mudado sua posição com respeito à igreja numa seção posterior, existem indicações nos capítulos anteriores de que tudo não esteja compatível com a igreja. Existem defesas contra uma má interpretação da conduta do seu ministério (4.2-6; 5.11-15; 7.2) e uma polêmica contra outros pregadores viajantes (2.17—3.1; cf. 4.2-5). Como está mencionado em 2.6 que a maioria repreendia o ofensor, pode ter havido uma minoria que se opunha ao julgamento de Paulo nesta matéria. Em segundo lugar, a polêmica do verso 2.17 se expande nos capítulos 10-13, onde Paulo indica que são apenas pessoas específicas da igreja que o estão atacando (10.2; 11.5, 12.15, 21; 13.2). Paulo está escrevendo para a maioria, que havia se reconciliado com ele, a fim de dar-lhe seu apoio no trato com a perigosa minoria, em cujo centro estavam os “falsos apóstolos” (11.13).

Além disso, é difícil sustentar a identidade dos capítulos 10-13 com a carta intermediária. Nada é mencionado em 10-13 sobre o evento descrito em 2.3-9. E também nada é dito nos capítulos 1-9 sobre a reação da congregação à polêmica contra os falsos apóstolos dos capítulos 10-13. Em 12.18, Paulo volta a mencionar que havia enviado Tito com a carta. Hughes conclui que

... a dificuldade da mudança de tom e de conteúdo dos quatro últimos capítulos é mais imaginária que real. Pode ser demonstrado que eles estão em harmonia com o persistente tema da epístola – isto é, o tema da força através da fraqueza. A esse tema está intimamente vinculado todo o argumento a favor da autenticidade da autoridade apostólica de Paulo, que os seus adversários em Corinto tentaram impugnar. É através do assombroso contraste entre sua própria fragilidade e a suprema força de Deus, manifestada através dele, que seu apostolado é indiscutivelmente autenticado para o mundo.¹⁵

C. Situação Histórica

1. *A Cidade de Corinto e A Fundação da Igreja*

A cidade de Corinto, capital da província romana da Acaia, era uma cidade comercial próspera localizada no Istmo de Corinto (veja o mapa 1). Através dela passavam as principais rotas terrestres entre o Ocidente e o Oriente, assim como inúmeras rotas marítimas. Sua população era constituída por uma cosmopolita mistura de romanos, gregos, orientais e judeus. Embora não chegasse a ser uma rival cultural de Atenas, essa cidade se orgulhava da sua sofisticação intelectual. Ali se realizavam a cada dois anos os jogos Ístmicos. Era também o centro do culto à deusa Afrodite, em cujo templo inúmeras mulheres serviam como atração na vida noturna da cidade. Tudo isso produzia uma cidade cheia de vícios e licenciosidade sob uma aparência de sofisticação. A cidade de Corinto ficou tão conhecida por sua licenciosidade moral que seu nome se tornou uma expressão desse comportamento – “corintianizar”.

Foi para esse estratégico centro que o apóstolo se dirigiu em sua segunda viagem missionária, depois de uma visita um pouco frustrante feita à cidade de Atenas (At 18.1-22). Em Corinto, ele se hospedou na casa de dois judeus exilados de Roma, Áquila e Priscila, e trabalhou ao lado deles no ofício de fabricar e comercializar tendas. Todo sábado, Paulo comparecia à sinagoga a fim de persuadir os judeus e os gregos de que Jesus era o Cristo. Logo surgiu uma oposição por parte dos judeus; assim, ele procurou os gentios e continuou sua atividade evangelística na casa de Tito Justo, que ficava ao lado da sinagoga. Crispo, o líder da sinagoga, juntamente com muitos coríntios, cria no Senhor. Assim, a igreja era composta de crentes gentios e judeus. Silas e Timóteo se tornaram os companheiros de Paulo na evangelização em Corinto (2 Co 1.19). Durante sua permanência na cidade, Paulo foi levado pelos judeus perante Gálio, o procônsul romano. Ele, entretanto, se recusou a processar Paulo, defendendo-o em grande parte de outros ataques declarados dos judeus. Ajudado por uma coragem divinamente recebida, Paulo permaneceu em Corinto durante um ano e meio, a fim de ali estabelecer uma igreja. Quando o apóstolo deixou Corinto, ele foi para Antioquia, através de Éfeso, e não teve mais nenhum contato com essa igreja, até sua missão de três anos em Éfeso durante sua terceira viagem missionária.

A igreja de Corinto, formada por uma amostra dos habitantes locais, havia sido afetada pela lassidão moral e pelo orgulho intelectual do seu ambiente pagão. Ela deu a Paulo mais problemas e mais momentos de ansiedade que qualquer outra igreja. Em suas cartas encontramos como ele tratou desses problemas (1 Coríntios) e do seu próprio relacionamento com eles (2 Coríntios) e temos uma rara visão do íntimo de uma antiga comunidade cristã.¹⁶

2. O Relacionamento de Paulo com a Igreja

Em 1 Coríntios 5.9, Paulo faz alusão à uma “carta anterior” que havia escrito para preveni-los contra a amizade com pessoas imorais dentro da convivência na igreja. Essa alusão havia sido mal interpretada, deliberadamente ou não, e entendida como homens imorais em geral (1 Co 5.10-11). Essa carta não foi preservada, devido, talvez, à repetição do seu conteúdo em 1 Coríntios.

Uma segunda carta, a que temos registrada como 1 Coríntios, foi escrita em resposta a esse mal-entendido, assim como a várias outras questões. Acontece que Paulo havia sido informado sobre as contendas (1.11), imoralidade (5.1-2) e ações legais (6.1-8) dentro da igreja. Havia também uma carta que chegou até ele trazida provavelmente por uma delegação (16.17), fazendo perguntas relacionadas ao casamento (7.1), à carne dos animais sacrificados aos ídolos (8.1), aos dons espirituais (12.1) e à ressurreição (15.1-58). Essa carta havia sido enviada na primavera de 55 ou 56 d.C.

1 Coríntios, enviada provavelmente por intermédio de Timóteo (1 Co 4.17; 16.10), não produziu os resultados desejados. O relatório que recebeu informava que as condições da igreja estavam se tornando piores. Portanto, Paulo deixou seu trabalho em Éfeso e fez algo que classificou como uma visita dolorosa a Corinto (2 Co 2.1). Parece que alguma pessoa em particular, algum chefe dos revoltosos, havia se levantado em um arrogante desafio a Paulo (2 Co 2.5-8; 7.12).¹⁷ A igreja ficou do lado deste, e Paulo foi obrigado a fugir às pressas.

2 Coríntios é uma prova de que a polêmica contra o apóstolo havia aumentado e eram muitas as acusações e as críticas contra sua pessoa. Questionavam a integridade dos seus motivos, do seu comportamento e até do seu ministério apostólico (1.13; 3.1; 4.2-5; 5.11-12; 6.3; 7.2; 10.2,7,13; 11.5, 7-9; 12.11-13; 13.3). Até sua coragem (10.1,10) e sua capacidade foram atacadas (10.11; 11.6). Parece que as críticas a Paulo vieram de uma minoria (2.6) e estavam centralizadas em alguns judeus cristãos (2.6) que haviam conseguido penetrar na congregação através de recomendações e da sua própria indicação (3.1; 10.12,18). De acordo com Kuemmel, “eles não eram ‘judaizantes’, mas opositores palestinos da missão de Paulo e da dignidade apostólica”¹⁸ que haviam se juntado à um grupo divergente, e aparentemente gnóstico, do ministério de Paulo e que já era evidente em 1 Coríntios.¹⁹

Ao retornar a Éfeso dessa “dolorosa visita”, Paulo escreveu uma “carta triste” (2.3-4) e enviou Tito (7.6) para entregá-la em Corinto e tentar recuperar a igreja para Paulo. Depois da partida de Tito, esta preocupação de Paulo iria impedi-lo de continuar seu trabalho, portanto ele partiu para Trôade e depois para a Macedônia (2.12-13; 7-5; veja mapa 1), a fim de aguardar o retorno de Tito. Quando este chegou trazendo a informação de que a igreja havia cuidado do ofensor e que havia novamente se submetido à autoridade do apóstolo, Paulo sentiu-se reconfortado (7.6-12).

Portanto, depois de um ano na Macedônia (8.10; 9.2) e depois de ter escrito 1 Coríntios, Paulo escreveu à igreja de Deus em Corinto. Ele incluiu “todos os santos que estão em toda a Acaia” (1.1) e lhes pediu para preparar o caminho para sua terceira visita. Nessa carta ele expressa seu alívio com o sucesso da missão reconciliadora de Tito e responde às aviltantes acusações dos seus críticos. Em toda essa carta, mas especialmente nos capítulos 10–13, ele entendeu ser necessário defender a legitimidade do seu apostolado.²⁰ Embora as relações entre o apóstolo e a igreja como um todo tivessem sido restauradas, ainda permanecia alguma oposição a Paulo em Corinto. Ele esperava remediar totalmente a situação que lá se apresentava.

Depois da restauração de relações normais, Paulo ainda estava preocupado em reativar e levar ao término o projeto das coletas (caps. 8–9). Em sua terceira visita a Corinto (12.14; 13.1-2) ele passou lá o inverno, antes de prosseguir viagem para Jerusalém com as ofertas recebidas para os necessitados cristãos que lá viviam.

As três seções bem definidas dessa carta (caps. 1–7; 8–9; 10–13) refletem a perspectiva do apóstolo nas sucessivas fases das suas relações com a igreja. Ao escrever os capítulos 1–7 ele recorda sua ansiedade e seu alívio quanto à missão de Tito; os capítulos 8–9 refletem sua presente posição de procurar motivar sua generosidade e os capítulos 10–13 consideram alguns fatores futuros que ainda iriam precisar da sua atenção na igreja.²¹

Esboço

I. UMA INTRODUÇÃO APOSTÓLICA, 1.1-11

A. Paulo Saúda a Igreja, 1.1,2

B. Paulo Louva a Deus por Suas Consolações, 1.3-11

II. O MINISTÉRIO APOSTÓLICO, 1.12—7.16

A. Paulo Revela Suas Intenções, 1.12—2.17

B. Paulo Caracteriza Seu Ministério, 3.1—6.10

C. Paulo Confia na Igreja, 6.11—7.16

III. A GRAÇA DA DOAÇÃO CRISTÃ, 8.1—9.15

A. Paulo Coleta Uma Oferta, 8.1-15

B. Paulo Escolhe os Mensageiros, 8.16—9.15

IV. A VINDICAÇÃO DA AUTORIDADE DE PAULO, 10.1—13.14

A. Paulo Responde a Seus Oponentes, 10.1-18

B. Paulo se Gloriza de Sua Loucura, 11.1—12.13

C. Paulo Planeja Uma Terceira Visita, 12.14—13.10

D. Paulo Conclui a Carta, 13.11-14

SEÇÃO I

UMA INTRODUÇÃO APOSTÓLICA

2 Coríntios 1.1-11

As palavras que Paulo usa no começo dessa carta intensamente pessoal a Corinto, indicam a sua principal preocupação. Até quando saúda a igreja (1-2; cf. 1 Co 1.1-9; Fp 1.1-11) e faz uma pausa para louvar a Deus (1.3-11), Paulo toca aquele nervo que sensibiliza toda a carta – a realidade, integridade e caráter do seu apostolado.

A. PAULO SAÚDA A IGREJA, 1.1-2

As palavras: **Paulo... à igreja de Deus... graça a vós e paz**, obedecem à forma predominante nas cartas escritas na antiguidade – o nome do autor, o nome daqueles a quem ela é dirigida, e a saudação (At 15.23; 23.26).¹ O apóstolo expande sua saudação em 1 Coríntios 1.1-3 com um tom cristão característico.

Paulo, o autor, dirige a atenção dos leitores ao ofício de um **apóstolo de Jesus Cristo**,² **pela vontade de Deus** (1). O **irmão Timóteo** (cf. At 16.1-3; 17.14-15; 18.5; 1 Co 4.17; 16.10-11) é mencionado com cortesia (Fp 1.1; Cl 1.1; 1 Ts 1.1; 2 Ts 1.1; Fm 1), e como um **irmão cristão**³ dos coríntios. Como alguém que havia trabalhado com ele em Corinto (1.19), Timóteo dá seu apoio a Paulo naquilo que o apóstolo deseja dizer. O apostolado surgiu da decisão de Jesus de escolher Doze dos seus discípulos para “enviá-los” (*apostellein*, Mc 6.7) como portadores da sua própria autoridade para pregar e curar (Mt 10.1-7; Mc 6.7-30; Lc 6.13; 9.1-6). Estes apóstolos enviados por Jesus seriam como Ele mesmo.⁴ “Quem vos ouve a vós a mim me ouve; e quem vos rejeita a vós a mim me

rejeita; e quem a mim me rejeita, rejeita aquele que me enviou” (Lc 10.16). O senso de identidade entre Jesus e aqueles que foram designados por Ele era tal que, quando os discípulos proclamavam o evangelho em seu nome, a sua presença podia ser sentida. Depois da morte e ressurreição de Cristo, a função apostólica foi renovada por meio de uma incumbência pessoal do Senhor ressurrecto. A instrução era testemunhar a respeito de Jesus e da ressurreição com completa confiança no Espírito Santo como foi revelado no Pentecostes (At 1.6-8; 15.26; 2.4; 32-33; 4.33; 5.29-32).

Paulo sabia que ele mesmo era um apóstolo em virtude do seu encontro com o Senhor ressuscitado. Ele comparava a aparição do Senhor a ele com as aparições do Senhor ressuscitado aos outros apóstolos (1 Co 9.1-2; 15.5-8). Paulo havia recebido a direta incumbência de Jesus de ser sua testemunha perante os gentios (At 9.1-9, 15-16; 22.12-21; 26.15-18, 22-23; 1 Co 15.9; Gl 1.15-16).

Munck sugere que Paulo considera o chamado de Deus “uma renovação da vontade de Deus para a salvação dos gentios, dando-lhe um lugar na história da salvação”,⁵ em continuidade a Isaías e Jeremias.⁶ Embora Paulo não tivesse sido uma testemunha da vida terrena de Jesus, exatamente no mesmo sentido que os Doze Apóstolos (At 1.21-22; Lc 1.2), ele penetrou com toda sinceridade na corrente da primitiva tradição cristã em relação a Jesus (1 Co 11.2, 23; 15.1-11).⁷ Ele se tornou igual aos apóstolos originais em seu “compromisso interior com a história de Jesus como o único fundamento e conteúdo da sua proclamação”.⁸ “E, por derradeiro de todos, me apareceu também a mim... o menor dos apóstolos” (1 Co 15.8-10). Seu sentido da missão apostólica se originou exclusivamente da **vontade de Deus** (cf. Gl 1.11-17). Se sua autoridade apostólica fosse questionada, não era mais uma questão da sua pessoa, mas da causa de Deus, que havia lhe dado esta incumbência “por Jesus Cristo” (Gl 1.1). Paulo, como um apóstolo, era o servo desta mensagem – da “palavra da cruz” (1 Co 1.18). Portanto, sempre que achava necessário falar com autoridade às suas igrejas, ele insistia na autorização apostólica concedida por Cristo⁹ no início das suas cartas.

Paulo se dirige à **igreja de Deus que está em Corinto**, como uma manifestação localizada do corpo de Cristo (1 Co 12.13-27), e a todos os santos da província romana da **Acaia** (Grécia), da qual Corinto era a cidade capital (veja o mapa 1). A frase **todos os santos** (*hagiois*, lit., “os santificados”) indica simplesmente “todos os cristãos” (Phillips; cf. At 9.13; Rm 8.27; 1 Co 6.1; Hb 6.10). O contexto desse termo no AT está ligado à religião. No NT ele se refere àqueles que pertencem à nova comunidade do pacto (cf. Dn 7.18) em virtude do sacrifício da morte de Cristo (Hb 13.12). Eles são um povo santo somente “em Cristo Jesus” (1 Co 1.2, 30; Fp 1.1). Sua vocação é pertencer inteiramente a Deus (Rm 1.7; 1 Co 1.2; Cl 3.12) e servi-Lo de modo completo (Rm 12.1). O Agente efetivo é o Espírito Santo (Rm 15.16; 1 Co 3.16-17; 1 Pe 1.2).

A ênfase está na pureza do relacionamento com Deus em Cristo. Procksch conclui que a referência básica de *hagios* é à “estática moralidade da inocência e não a um ato ético”.¹⁰ No entanto, ambos estão juntos na vida real daqueles que pertencem a Deus, pois a qualidade ética do relacionamento deles com Ele deve ser uma resposta ao que Deus é (1 Pe 1.14-16). Isso não deixa de ser o verdadeiro cristianismo (1 Jo 2.6; 3.2-3). Entretanto, Paulo não está se dirigindo aos leitores como santos¹¹ por terem experimentado em vida as plenas implicações desse nome, mas sim porque pertencem autenticamente a Cristo como um corpo de crentes.

A saudação peculiar: **Graça a vós e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo** (2),¹² é a favorita de Paulo. Ela reúne as formas comuns das línguas grega (At 15.23) e hebraica de fazer uma saudação (Dn 4.1). Porém, Paulo concentrou as duas em Jesus Cristo. “Graça é a primeira e última palavra do evangelho” (cf. 2 Co 8.9) escreve Denney, e “paz – a perfeita força espiritual – é a obra acabada da graça na alma”¹³ (cf. Cl 3.15). A ordem é, em primeiro lugar, a **graça**, depois a **paz**.

Estes dois versículos de abertura nos permitem uma verdadeira visão do caráter essencial 1) do mensageiro de Deus, 2) do povo de Deus e 3) da mensagem de Deus.

B. PAULO LOUVA A DEUS POR SUAS CONSOLAÇÕES, 1.3-11

A ação de graças que normalmente acompanha a saudação nas cartas de Paulo aparece aqui de forma muito diferente da encontrada em sua primeira carta (1 Co 1.4-9), onde ele fala sobre a rica experiência dos coríntios na graça de Deus em Cristo Jesus. Dessa vez seus pensamentos fluem desde uma perigosa experiência pessoal na Ásia (8-11) ao papel da aflição¹⁴ no exercício do seu ministério como apóstolo (3-7). As palavras de Paulo mostram a profundidade da sua devoção aos coríntios e sugerem o lugar do sofrimento na vida de um verdadeiro apóstolo.¹⁵ Mesmo nessa expressão de ação de graças está implícito o problema da sua relação pessoal com a igreja de Corinto.

1. A Consolação Através de Cristo (1.3-7)

Uma atitude típica de Paulo (cf. Rm 15.1-7; 1 Co 1.18-31; 4.9-10; Fp 2.5-11), e particularmente característica dessa carta (4.7-12; 6.4-10; 7.5-7; 11.30; 12.5-10; 13.2-9), é o intercâmbio entre as experiências opostas em Cristo.¹⁶ Aqui existe um intercâmbio entre a consolação¹⁷ e a aflição, que está permeando as palavras de ação de graças de Paulo. O pensamento que une estes dois opostos são **as aflições de Cristo** (5), pois Paulo está descrevendo seus próprios sofrimentos em relação aos sofrimentos do nosso Senhor.

Aquele a quem o apóstolo louva como “o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”,¹⁸ ele também experimentou como **Pai das misericórdias** (Sl 103.13; Rm 12.1) e **o Deus de toda consolação** (3). A continuidade usada por Paulo para enfatizar essa repetição invertida de **Deus** e **Pai** está na essência do seu conceito de Divindade. **O Pai das misericórdias**, como **o Deus de toda consolação**,¹⁹ consola Paulo e, dessa forma, permite que ele console os outros (4). Ele é o “Deus e Pai” daquele cujas **aflições... são abundantes em (eis) nós** (5). O Pai²⁰ é o **Deus de nosso Senhor Jesus Cristo** (3). A consequência de Jesus ter se tornado verdadeiramente humano (Jo 1.14; Hb 2.14) foi que se tornou necessário que Ele vivesse em completa dependência de Deus quanto à sua força espiritual (Mc 15.34; Jo 20.17; Hb 10.7). Deus é **o Pai** de Jesus Cristo, pois Jesus também era o divino Filho, que vivia em perfeita obediência ao seu Pai (Jo 5.30). A chave para a perspectiva de Paulo é a verdadeira obediência do Filho de Deus como homem, até mesmo para sofrer e morrer pela humanidade (Fp 2.8; Hb 5.8).

Porque as aflições de Paulo estão tão essencialmente relacionadas aos sofrimentos de Cristo, que a sua **consolação sobeja por meio [dia] de Cristo** (5) para os coríntios. O pensamento de Paulo foi bem expresso pela tradução de Phillips. “Na verdade, a experiência mostra que quanto mais participarmos do sofrimento de Cristo, mais seremos

capazes de dar esse encorajamento”. Dessa forma, tanto as aflições como as consolações de Paulo foram por amor aos coríntios (4.15; 12.15), cujos sofrimentos são iguais aos seus (6).²¹ Assim como eles participam dos sofrimentos – que representam a porção de Paulo como servo de Cristo – eles serão capazes de compartilhar, na mesma medida, a consolação (7) que encontra a sua fonte em Cristo (4-5). Esta consolação, como Filson interpreta, “é mais do que uma consolação na tristeza ou na provação, ela inclui o encorajamento e implica o dom divino da força para enfrentar e vencer as crises da vida”.²²

Paulo encontra a fonte da consolação mútua no caráter de Deus, tal como foi revelado em Jesus Cristo. Ele o faz unindo os sofrimentos da igreja – apóstolo e povo – aos sofrimentos de Cristo. Mas, sobre que base Paulo pode fazer esta identificação? O que precisamente ele quer dizer com isto? Essa identificação dos sofrimentos de Cristo com a igreja origina-se da participação redentora na vida e morte de Cristo (6-5) que Paulo encontra na essência do estar “em Cristo”. As aflições messiânicas de Jesus estavam implicadas em seu ministério terreno, que culminou na Cruz (Mc 13.19, 24), aflições que Paulo relaciona com a vida do cristão em Romanos 8.17-18. Os sofrimentos do cristão podem participar da natureza dos sofrimentos de Cristo, porque o cristão foi unido na redenção a Cristo, tanto na sua vida, como na sua morte (Rm 5.10). Para Paulo, a participação nas aflições dessa época, que em certo sentido podem reproduzir os sofrimentos messiânicos, representa uma parte indispensável da permanente vida da igreja (At 14.22; Fp 1.29-30).

Até o discipulado durante a vida de Jesus parecia levar a uma participação em sua vida e ministério, a uma participação em seu destino como Servo. Nas palavras de Eduard Schweizer: “Assim como a própria conduta de Jesus, por divina necessidade, leva à rejeição, sofrimento e morte – e somente assim à glória – o mesmo ocorre com a conduta daqueles que o seguem”²³ (cf. Mt 16.21; Mc 8.31-38; 10.35-45). Baseado em uma comparação entre os escritos de Paulo com os Cânticos do Servo, em Isaías, D. M. Stanley sugere que Paulo encontrou na figura do Servo Sofredor o padrão do seu próprio ministério.²⁴

Os versículos a seguir (3-7) indicam que, mais especificamente, Paulo experimentou em sua vida aquelas aflições que considerava uma parte necessária da atividade redentora de Deus. (Ele usa aqui a palavra **nós** ao se referir a si mesmo). Com a expressão: **...as aflições de Cristo** (5), “Paulo está querendo dizer não só a resistência à perseguição, mas tudo aquilo que a luta com o pecado lhe custou, tanto interna quanto exteriormente”.²⁵ Para ele, os sofrimentos eram uma parte integral do serviço cristão em geral e um elemento essencial do seu ministério apostólico em particular (At 9.15-16). Quando Paulo escreve aos Colossenses dizendo que através dos seus sofrimentos ele está cumprindo na carne o resto das aflições de Cristo (Cl 1.24), ele está considerando seus próprios e atuais sofrimentos como uma real participação nos sofrimentos de Cristo. Isso porque eles foram suportados por amor a Cristo e em vital comunhão com Ele; o Espírito de Cristo é o princípio de vida do serviço de Paulo a Cristo.

Em Filipenses 3.10-11, o sofrimento é parte do caminho da perfeição que leva à ressurreição dos mortos. Estes sofrimentos, que incluem as reais aflições da vida de Paulo, compreendem o permanente estado de morte (sendo feito conforme a sua morte – veja 4.11-12; Rm 8.36) instituído através do poder do Espírito. Dessa forma, por meio do vínculo do Espírito na ressurreição, Paulo pode chamá-los de “seus sofrimentos” (NASB).

No cerne da participação nos sofrimentos de Cristo repousa a experiência da união com Cristo em sua morte e ressurreição. Para Paulo, esta intimidade com seu Senhor é tão intensa que ele pode considerar sua carreira apostólica uma participação interior nos sofrimentos de Cristo. Isto é tão vital para o apóstolo que ele proclama aos coríntios, nas palavras de Ahern, que o “glorioso Salvador alega como seus próprios sofrimentos, aquilo que a dinâmica presença do seu Espírito ocasiona em seus membros”.²⁶ Este conceito sobre as aflições dá a Paulo a) uma nova revelação de Deus (3, 5), e b) um novo poder de consolar os outros (4-7).²⁷

2. Aflição e Libertação (1.8-11)

A ação de graças continua. Paulo demonstra a sua natureza peculiar (cf. 1 Co 1.4-9) ao fazer referência a um incidente de extremo perigo pessoal pelo qual ele havia passado na província romana da Ásia (veja o mapa 1). Foi especialmente através dessa experiência de aflição e libertação que Paulo foi capaz de encorajar os coríntios da maneira como o fez (3-7).

A referência à **tribulação** (8)²⁸ é obscura quanto ao lugar e forma. Paulo citou-a apenas para testemunhar as misericórdias de Deus. Sua linguagem se adapta melhor a uma situação de violência da multidão, possivelmente em Éfeso, mas dificilmente seria aquela descrita em Atos 19.23-41. Outras sugestões incluem a ansiedade de Paulo relacionada com os coríntios (2.13; 7.5), uma grave doença, o espinho na carne de Paulo (12.7) e sua luta contra os animais selvagens em Éfeso (1 Co 15.32).²⁹

A aflição era tão grande (10)³⁰ que Paulo **até da vida** desesperou (8). Pelo que podia ver, ele, como Isaque (Hb 11.17-19), havia recebido a **sentença de morte** (9). Mas Paulo sabia que o divino propósito (*hina*) de tão profundo desespero era “provar seu próprio desamparo”³¹ e ensiná-lo, como a Abraão (Rm 4.17), a se apoiar inteiramente no **Deus, que ressuscita os mortos**. Aqui está um sentimento que reverbera em toda a carta (2.13-14; 4.7-12, 16; 12.7-10; 13.4). O Deus que havia libertado Paulo e em quem ele havia colocado sua esperança³² de uma futura libertação (10)³³ é o Deus que ressuscitou Jesus dos mortos – o Deus da ressurreição (Rm 1.4; 8.11; 1 Co 15; Ef 1.19-20). Esta é a sua proclamação (At 17.18). Este é o seu testemunho!

Envolvidas no dom (*charisma*) da libertação de Deus, encontramos as orações dos coríntios a favor de Paulo (11).³⁴ O apóstolo pede que eles continuem orando, a fim de que “por muitas pessoas também sejam dadas graças a nosso respeito”. Embora seja Deus que, por sua livre vontade, liberta, Paulo valoriza intensamente as orações intercessórias dos outros cristãos. Essa oração tem duas funções: ela enfatiza a total dependência do homem e a absoluta soberania de Deus; e ambas expressam e promovem a comunhão dos santos.³⁵

Em sua introdução (1-11), Paulo presta um efetivo testemunho, calcado em sua própria experiência, de que “o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo” é o Deus que nos consola (4) e o **Deus, que ressuscita os mortos** (9).³⁶ A conexão entre os dois é verdadeira e significativa. Dessa forma, vemos como Paulo é capaz de colocar a aflição diante de nós como um modo de aprender compaixão (4), encorajamento (5) e esperança (10).³⁷

SEÇÃO II

O MINISTÉRIO APOSTÓLICO

2 Coríntios 1.12—7.16

Paulo abre a seção principal da carta com uma breve defesa do seu comportamento em relação à igreja de Corinto (1.12—2.17). Isto o leva a comentar extensivamente o caráter do seu ministério apostólico (3.1—6.10). Algumas palavras a respeito da sua atitude em relação à igreja e o seu relacionamento com ela concluem a seção (6.11—7.16)

A. PAULO REVELA AS SUAS INTENÇÕES, 1.12—2.17

Nesta parte da carta, a principal preocupação de Paulo, à medida que ele expressa aos coríntios os seus motivos e a sua conduta, é assegurar a eles que **com simplicidade e sinceridade... temos vivido... convosco** (12). Ele foi sincero (1.12-14). A razão pela qual ele não os visitou (1.15-22) foi a consideração por eles (1.23-2.4), e por aquele a quem eles deverão perdoar (2.5-11). Na verdade, ele foi até a Macedônia (2.12-13). Por tudo isso o apóstolo tem motivos para louvar a Deus (2.14-17).

1. A Sinceridade da Sua Correspondência (1.12-14)

Estes versículos representam uma transição. Paulo pode pedir a ajuda dos coríntios em oração (11) **porque** (12), contrariamente à acusação dos seus adversários, a sua vida tem sido pura e os seus objetivos transparentes entre eles. Esta afirmação de integridade também prepara o caminho para uma defesa adicional da sua conduta (cf. 15).

A **glória** (12, literalmente orgulho;¹ “exultação”, Berk.) de Paulo, baseada no **testemunho** dado pela sua **consciência**, é que ele não tem **vivido** (não tem se comportado),

como os seus adversários, na dimensão de (*en*) “uma sabedoria carnal, ou dominada por motivos humanos”² (1 Co 1.20; 2.6; cf. 3.1-3). Em lugar disso, tem vivido (*en*) na **graça de Deus** com (*en*) “santidade³ e sinceridade de Deus” (ASV). Ambas são qualidades divinas⁴ que, como dádivas de Deus, são capazes de caracterizar o comportamento de Paulo. “Simplicidade”, ou santidade, ressalta a “pureza moral”⁵ do comportamento exterior de Paulo, e **sinceridade**, a transparência (2.17; 1 Co 5.8) dos seus motivos interiores.

Esta sinceridade se estende também às suas cartas, pois o que eles já sabem (13, lêem) dele é coerente com o que eles reconhecem (“compreendem”, RSV; cf. 6.9; 13.5) que ele é. Não há um segundo sentido. Paulo espera que eles “compreendam completamente” (RSV), da mesma maneira como eles reconheceram **já em parte** (14). O apóstolo deseja que eles possam ser capazes de se gloriar dele, assim como Paulo se gloriará deles (1 Ts 2.19), **no Dia do Senhor Jesus** (o dia do juízo; cf. 1 Co 1.8; 5.5; 1 Ts 5.2).⁶ O tema principal de Paulo, em vista das críticas, é que o conhecimento deles possa ser tal que possam se gloriar dele tanto quanto ele se gloria deles, no dia em que todos os segredos forem revelados (14).

Assim, Paulo conclui a defesa geral da sua integridade pessoal nestes versículos, primeiramente com o testemunho da sua consciência (12) e, em segundo lugar, com o reconhecimento parcial dos coríntios da autenticidade do seu ministério apostólico para com eles (13-14).

2. A Integridade dos Seus Planos de Viagem (1.15-22)

Como ele não tinha cumprido o seu itinerário anunciado (1 Co 4.19; 16.5-6), alguns dos coríntios desafiaram a integridade de Paulo. Antes de explicar a verdadeira razão para a sua mudança de planos, Paulo primeiramente nega a acusação de inconstância e passa a fundamentar a sua integridade como ministro de Cristo na integridade do próprio Deus. “Deus é fiel” (18, ASV, KJV).

Com base na **confiança** (15) que Paulo expressou em 12-14, ele quis visitá-los tanto a caminho da **Macedônia** como na sua volta (16) e ser ajudado por eles na sua viagem⁷ à **Judéia** (veja o mapa 1). Ele desejava que eles tivessem “o benefício de uma segunda graça” (15, NEB, lit. – ou seja, “os benefícios de uma segunda visita”).⁸ A expressão é peculiar. Wendland observa que “uma tremenda consciência de poder se ressalta nestas palavras. O apóstolo é quem traz a divina graça, e a sua presença na igreja significa uma ocasião em que a graça está em ação (veja Rm 1.11; 15.29)”.⁹ Paulo queria ser uma bênção para eles tanto na ida quanto na volta da sua viagem.

No entanto, para que não ocorresse uma visita “em tristeza” (2.1, RSV; cf. 13.1-2) à igreja, Paulo achou que seria melhor mudar os seus planos. Tal mudança de planos, de acordo com os seus críticos em Corinto, era evidência da **leviandade** (“inconstância”, 10) do caráter de Paulo (17). O apóstolo julga esta conclusão como inacreditável. **E** [apelando novamente para *essa confiança*, v. 15], **deliberando isso, usei, porventura, de leviandade?** (17). A forma (*meti*) desta pergunta e a pergunta mais abrangente que se segue antecipam uma resposta negativa. Ele não discute o fato de que modificou os seus planos. Mas nega enfaticamente que faça os seus planos “como um homem mundano poderia fazê-los, de modo a dizer sim e não ao mesmo tempo” (Barclay; cf. Mt 5.37; Tg 5.12). Tomar estas decisões **segundo a carne** (5.16; 10.2; 11.18) estaria em oposição direta com a vida “segundo o Espírito” (Rm 8.4-8, RSV) ou “na [*en*] graça de Deus” (12)

que ele professa, e que a igreja experimentou nele. Assim, Paulo faz do seu apelo final pela integridade das suas relações com os coríntios um apelo à integridade do próprio Deus. “Antes, como Deus é fiel,¹¹ a nossa palavra para convosco não foi¹² sim e não” (18).

Paulo continua, nos versículos 18 a 20, a defender o seu caráter com um argumento, escreve Denney, que “poderia ser *repetido* por um hipócrita, mas nenhum hipócrita jamais poderia tê-lo *inventado*”.¹³ A sua suposição básica é que o caráter de um homem é transformado por aquilo a que ele dedica a sua vida. Foi o **Filho¹⁴ de Deus, Jesus Cristo,¹⁵ que foi pregado** (19) entre os coríntios, não somente por Paulo, mas também por **Silvano** (At 15.22, 27; 1 Ts 1.1; 2 Ts 1.1; 1 Pe 5.12), e **Timóteo**. Este Cristo provou estar no meio deles de uma vez por todas (*gegonen*) para ser o grande “Sim” de Deus (Hb 13.8). Paulo, o servo, deve ser como o seu Mestre, e o Mestre é o verdadeiro Filho do Seu Pai, o Deus fiel. Assim, a **palavra** de Paulo (18) para eles dificilmente seria indigna de confiança.

É o “Sim” de Deus que Paulo proclama em Cristo Jesus (cf. Rm 15.18), pois Ele é o “Sim” a **todas quantas promessas há de Deus** (20). Todas as promessas messiânicas do Antigo Testamento são cumpridas na pessoa de Cristo. “Por ele”¹⁶ (ASV) é o **Amém¹⁷** (Ap 3.14) que os coríntios pronunciam na sua adoração pública¹⁸ (1 Co 14.16), para **glória de Deus** por meio do ministério de Paulo e dos seus colaboradores. É devido ao ministério de Paulo que eles, pela sua experiência com Cristo, são capazes de louvar a Deus abertamente pela prova da fidelidade do apóstolo para com eles em Jesus Cristo. Como Hughes diz: “Enquanto o ‘Amém’ deles comprova a fidelidade de Deus, é ilógico suspeitar da fidelidade do apóstolo que os ensinou a fazer isso!”¹⁹ Paulo, de uma maneira muito sutil, confronta os coríntios com a própria incoerência deles.

A seguir, vemos a frase final da defesa que Paulo faz da integridade dos seus planos de viagem. É um apelo a uma experiência presente e progressiva, confirmada por três atos decisivos e simultâneos do Espírito Santo na sua vida (21-22). Na prática, Paulo fundamenta a sua confiabilidade como apóstolo na sua união dinâmica com Cristo: é **em** (*eis*) **Cristo** (21) que **Deus** confirma (ou estabelece; 1 Co 1.8; Cl 2.7) continuamente o ministério de Paulo com os coríntios. Como membros do corpo de Cristo, as qualidades pessoais do Senhor são transmitidas a eles e, por sua vez, eles são capazes de reproduzir em suas próprias vidas as ações de Jesus.²⁰ **Confirma** (*bebaion*) é um termo legal que significa um relacionamento como sendo legalmente indiscutível ou indestrutível.²¹

Paulo aplica a ação decisiva do Espírito, expressa pelos três verbos no aoristo **ungiu... selou... deu**, primariamente, mas não de modo exclusivo, ao seu próprio chamado e comissionamento (At 9.15-18). Ele foi *ungido* pelo Espírito como Cristo o foi (lit., o Ungido; Is 61.1-3; Mc 1.10-11; Lc 4.18-19; cf. At 26.17-18), com poder e para dar um testemunho efetivo (At 1.8; 5.32; veja Jo 3.34; 15.26-27). No Antigo Testamento, profetas (1 Rs 19.16), sacerdotes (Lc 16.32) e reis (1 Sm 15.1) eram ungidos para desempenharem os seus cargos. A unção traz consigo os conceitos da autenticidade e da confiabilidade (cf. 1 Jo 2.20, 27). Paulo foi **selado** (22) pelo Espírito de Cristo (3.17; Rm 8.9), que deixa gravada a sua própria imagem (Rm 8.29; Cl 1.15) na personalidade humana. Este selo do Espírito Santo garante a autenticidade do seu relacionamento com Deus (Ef 1.13; 2 Tm 2.19; Ap 9.4; cf. Rm 4.11; 1 Rs 21.8) e preservava-o neste relacionamento (Ef 4.30; veja Dn 6.17). O selo é a marca de identificação e de segurança (Ed 9.4; Et 3.12; Jr 32.10-14).

Em terceiro lugar, Paulo recebeu **o penhor²² do Espírito** no seu coração. Ele fala do dom do Espírito (At 2.38; 15.8-9) sob a figura legal do primeiro pagamento, o que é garantia do pagamento total. É uma bênção “da mesma espécie”,²³ as “primícias do Espírito” (Rm 8.23; cf. 5.5). Uma parte do futuro já se faz presente e, assim, torna-se a garantia do futuro. Pelo uso da palavra **penhor** Paulo conecta o Espírito ao cumprimento das promessas de Deus (22), à vida ressuscitada dos redimidos (5.5), e à herança da redenção (Ef 1.14).²⁴ Lightfoot sugere que a metáfora **penhor** contém outra idéia correlata.

O destinatário do dinheiro do penhor não apenas assegura a si mesmo o cumprimento do pacto por parte de quem paga, mas também *garante que ele mesmo* cumprirá sua parte no pacto. Pelo próprio ato da aceitação do pagamento parcial, ele se obriga a uma determinada reciprocidade. O dom do Espírito não é apenas um *privilegio*, mas também uma *obrigação*... o Espírito tem, podemos dizer, uma garantia sobre nós.²⁵

A defesa feita por Paulo da integridade das suas intenções como ministro de Deus agora está concluída. A fidelidade de Deus (18) comprovada por Cristo (19-20) pode ser verificada na sua vida e no seu ministério pelo Espírito (21-22),²⁶ que os coríntios também já experimentaram. À vista da integridade de Deus assim percebida, certamente podem entender quão infundadas eram as suas acusações.

3. A Razão Pela Qual o Apóstolo Não Foi (1.23—2.4)

Paulo então retorna ao seu plano original de visitar Corinto (1.15-16), que ele não se sentiu livre para concretizar. Esta mudança de planos não se deveu a um defeito na sua integridade pessoal, mas sim à sua profunda preocupação por eles. Quando Paulo esclarece os seus motivos, recebemos uma visão reveladora do coração de um verdadeiro ministro de Deus.

O apóstolo reforça a verdade da sua explicação com um juramento solene. **Invoco, porém, a Deus por testemunha sobre a minha alma** (23). Ele está conclamando a Deus para dar apoio ao seu testemunho, para acrescentar o seu testemunho ao de Paulo, de acordo com o princípio escriturístico de que um testemunho sem apoio não é verdadeiro (cf. Jo 5.31-37). No versículo 19, ele tinha mencionado duas testemunhas além dele mesmo. A frase de Paulo também pode querer dizer que, consciente dos escrutínios de Deus acerca dos segredos do seu coração, ele não ousaria mentir (cf. 11.31; Rm 1.9). A verdadeira razão pela qual ele “não tem até agora ido” a Corinto²⁷ foi para **poupar** os membros daquela igreja de um exercício desagradável da sua autoridade apostólica. Ele queria lhes dar algum tempo para o arrependimento, para que a sua vinda pudesse resultar em alegria (cf. 1 Co 4.31).

Mas por medo de que uma possível conclusão da sua explicação pudesse ofender estes coríntios sensíveis, Paulo se apressa em assegurar-lhes que ele não tem **domínio sobre a fé** deles (24; cf. 4.5). A fé precisa ser livre. Os ministros são na verdade **cooperadores do gozo** dos cristãos. “O reino de Deus é... alegria no Espírito Santo” (Rm 14.17). Além disso, ele não tem necessidade de dominá-los, **porque é pela fé** que eles estão **em pé**. Esta expressão, no entanto, pode mais provavelmente implicar que eles estão firmes na sua fé. O que é significativo nestes versículos, a respeito do

caráter de Paulo, é que “ele não era um daqueles que amam ser os que censuram as faltas dos outros” nem “um daqueles que adoram dominar”.²⁸

Não foi apenas para poupá-los, mas também para o próprio bem deles (2.1) que Paulo **deliberou** (*ekrina*, cf. 1 Co 2.2) **não ir mais ter com eles em tristeza** (1).²⁹ Uma segunda visita a Corinto feita antes da composição desta carta, mas não registrada no Livro de Atos, acabou sendo uma experiência muito dolorosa tanto para Paulo como para a igreja. Ele não tinha o desejo de precipitar novamente uma situação como esta, a menos que o dever apostólico o exigisse completamente. Pois à luz da sua convicção de que a tarefa básica do ministério é a promoção da alegria mútua (cf. 1.24), como o seu coração poderia se alegrar por aqueles que³⁰ ele tinha **contristado** (2)? E na qualidade de pai espiritual deles (1 Co 4.14), por que o apóstolo deveria sentir **tristeza** por aqueles que **deveriam alegrar-me** (3)?

Assim, ao invés de ir visitá-los em uma ocasião tão inoportuna, Paulo enviou uma “carta triste” (3-4), escrita **em** (*ek*) **muita tribulação e angústia do coração... com** (*dia*) **muitas lágrimas**.³¹ Qualquer tristeza que a carta pudesse causar seria superada pelo seu objetivo duplo. O primeiro deles era o despertar da alegria, tanto no apóstolo quanto no povo. Pois se ela cumprisse o seu objetivo de motivar o arrependimento em relação a Paulo – e ela realmente conseguiu isso (cf. 7.8-9) – Paulo poderia se regozijar. E ele escrevia **confiando** que a sua **alegria** seria compartilhada pelos coríntios. Em segundo lugar, ele pretendia revelar a única base válida para a sua autoridade sobre eles como ministro: o **amor**³² que ele sentia especialmente por eles.

A angústia e o amor caminham juntos no coração daquele cujo ministério está unido em espírito com Aquele que foi um “homem de dores, experimentado nos trabalhos”, que “tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si” (Is 53.3-4). Aqueles que desejarem uma participação no ministério de Cristo entre os homens, devem procurar seguir o seu método. “Confie nisto: nós não iremos fazer os outros chorarem pelo que não choramos; nós não faremos com que aquilo que não toca o nosso coração primeiro, mais tarde venha a tocar o coração dos outros”.³³ Este é o princípio da obra de Deus neste mundo, uma obra à qual Deus Pai submeteu o seu próprio Filho. Aquele que estiver disposto a ministrar aos homens em nome de Cristo, não poderá fugir deste padrão.

4. O Perdão Para o Transgressor (2.5-11)

A “carta triste” foi motivada pela ofensa de uma determinada pessoa da igreja de Corinto. Esta pessoa deveria ser completamente perdoada por todos. Mas Paulo, na sua delicada consideração pela dignidade e pelos sentimentos dos indivíduos, nem sequer menciona o ofensor, nem a ofensa. Ele somente diz o que é verdadeiramente necessário para as suas relações com a igreja. Os coríntios sabiam o que ele queria dizer, mas é difícil para nós termos certeza. O ofensor tradicionalmente tem sido identificado com o homem incestuoso de 1 Coríntios 5.1-5.³⁴ No entanto, isto se encaixa melhor na situação se ele for encarado, como fazem alguns intérpretes modernos, como alguém que fosse culpado de uma ofensa pessoal a Paulo. Quando o apóstolo fez a sua segunda visita a Corinto para tratar dos problemas surgidos devido a intrusos hostis (11.4, 20), este homem agiu como o líder da oposição e fez com que a ocasião fosse muito penosa para Paulo (2.1). Assim, estes versículos tocam o âmago da dissensão entre Paulo e os coríntios.

Embora a ofensa tivesse sido muito pessoal, Paulo se recusou a considerá-la desta forma (5). Como uma moderna versão parafraseia este versículo, “qualquer ofensa que tenha sido feita, não foi feita a mim; até certo ponto, para não ser severo demais, foi feita a todos vocês” (NEB). As palavras **em parte** se referem a **vós todos**; assim a versão RSV apresenta “em parte... a todos vós”. A expressão **para vos não sobrecarregar**³⁵ é parentética. A afronta foi realmente à integridade de toda a igreja, embora uma parte dela não visse as coisas desta forma.

Como a igreja, reagindo à carta de Paulo, tinha tomado medidas para punir o ofensor, o apelo de Paulo é por misericórdia a favor do homem que era seu inimigo (6). A **repreensão feita por muitos** (“a maioria”, RSV) foi suficiente para a situação. “A maioria” sugere uma minoria que não estaria de acordo com as medidas disciplinares, ou que possivelmente sentia que a igreja não tinha sido suficientemente severa. O que Paulo quer dizer é que o arrependimento adequado está em evidência, o que permite que a igreja agora deixe de lado a disciplina e passe a *perdoar* (cf. Cl 3.13) e *consolar* o ofensor (7). O objetivo da punição não era a vingança, mas sim a restauração. O homem precisa ser reintegrado antes que a sua demasiada **tristeza** o leve ao desespero, afastando-o, conseqüentemente, da comunhão redentora da igreja. Assim, o pedido urgente de Paulo é que **confirmeis para com ele o vosso amor** (8). Mas Paulo não ordena o perdão com base na sua autoridade apostólica. Em lugar disso, ele insiste, como um companheiro cristão, de acordo com o caráter do amor cristão.

Tal demonstração de disciplina e amor era realmente a verdadeira razão pela qual Paulo tinha escrito a “carta triste” (9). O seu objetivo, como ele o expressa, era **por essa prova** (“colocá-los à prova”, NASB) **saber se sois (este) obedientes em tudo** (cf. 7.15; 10.6). O que estava em jogo na reação deles à carta do apóstolo era o reconhecimento apropriado da autoridade apostólica de Paulo, como também a sua integridade como uma “igreja de Deus” (1.1).

Como os coríntios tinham se unido a Paulo na sentença de condenação, ele se une a eles na concessão do perdão (10). Suas palavras literais são: **E a quem perdoardes alguma coisa também eu; porque o que eu também perdoei, se é que tenho perdoado, por amor de vós o fiz na presença de Cristo**.³⁶ Em um “parêntesis gracioso”,³⁷ Paulo indica a profundidade de se ter um espírito semelhante ao de Cristo (cf. Lc 23.34), pois ele fala da ofensa como tendo sido meramente hipotética. O perdão estava no seu coração desde o início. Ele tinha perdoado e esquecido **por amor** a eles, como aquele que vive na presença de Cristo (cf. 2.17; 4.2; 1 Co 4.5; Gl 2.20).

O que Paulo tem precisamente em mente quando diz **por amor de vós é que não sejamos vencidos por Satanás** (11). Pois se ele e a igreja mantivessem o seu perdão longe do ofensor, Satanás poderia perfeitamente obter novamente o controle sobre o irmão cristão através da sua tristeza excessiva (cf. versículo 7). Mas igualmente prejudicial seria a presença de um espírito áspero e rancoroso nos seus próprios corações. Por tal espírito Satanás poderia defraudá-los no seu “gozo e paz em crença” (Rm 15.13), e no vínculo do amor (Cl 3.14) que deve caracterizar a igreja como uma comunhão salvadora. Por este resultado eles seriam pessoalmente responsáveis diante de Cristo, pois Ele é o maior motivo e o maior exemplo para o exercício do perdão. Paulo sabia que o inimigo se aproveitaria e tiraria vantagem de um sentido restrito de justiça, e da tristeza do homem arrependido. Portanto ele adverte: **não ignoramos os seus ardis** (“desígnios”,

RSV). O apóstolo quis dizer: “Não sejamos hesitantes com o nosso perdão e as garantias do amor, para que Satanás não use o nosso bem contra nós, para o mal”. Promover a desunião dentro da congregação é uma das maneiras que Satanás usa para impedir que os objetivos de Cristo sejam alcançados.

Dentro do contexto da igreja “o perdão é uma necessidade essencial”: 1) para o bem daqueles que fazem o mal, 5-7; 2) para o bem-estar espiritual daqueles cujo papel é perdoar, 8-10; e 3) para a integridade da comunhão da igreja, 11.

5. *A Viagem a Trôade e à Macedônia* (2.12-13)

Ao retornar ao tema do seu itinerário, Paulo fornece aos coríntios provas adicionais de que a sua mudança de planos não indica um caráter vacilante nem uma falta de amor por eles da parte do apóstolo. Ele tinha vindo à cidade costeira de **Trôade** (veja o mapa 1) com o objetivo básico de pregar o **evangelho de Cristo** (12). Ali ele descobriu que a **porta** (cf. At 14.27; 1 Co 16.9; Cl 4.3) da oportunidade evangelística tinha sido aberta para ele, no (en) serviço do **Senhor**. “Havia liberdade total para falar, e muitos estavam dispostos a ouvir”.³⁸ Agostinho comenta que esta é “uma demonstração evidente de que até mesmo o início da fé é uma dádiva de Deus”.

Paulo pretendia se ocupar desta missão até que **Tito** (13), seu “companheiro e cooperador” grego (8.16, 23; cf. 7.6-7; Gl 2.1; 2 Tm 4.10; Tt 1.4), voltasse de Corinto com as notícias da situação ali (7.6-15). Mas ele estava tão dominado pela preocupação com o bem-estar espiritual dos coríntios que não conseguiu encontrar **descanso** (“relaxamento, alívio”³⁹ da aflição; cf. 2.4; 7.5) para o seu **espírito**. Então ele “se despediu” (Goodspeed) dos seus novos convertidos, e prosseguiu em direção à **Macedônia**, esperando encontrar Tito no caminho. Tão grande era a sua ansiedade pelos coríntios que, pelo bem deles, o apóstolo havia abandonado uma oportunidade missionária promissora. Certamente, eles não poderiam agora questionar a integridade de sua ligação com eles. Ele privara outros pela consideração que tinha por eles, um fato sobre o qual eles deveriam refletir, sentindo-se envergonhados.

Paulo certamente não era um estóico insensível com um espírito calmo que nada poderia perturbar. Ele era uma pessoa humana completa, um cristão que pelo bem da igreja ficava emocionalmente envolvido (cf. 2.4). Paulo sentia tristeza, derramava lágrimas e, às vezes, também era dominado pela ansiedade.

6. *Graças a Deus pelo triunfo em Cristo* (2.14-17)

O sentimento de gratidão a **Deus** (14) jorra do coração de Paulo com a idéia do **triunfo** do evangelho em Corinto. Esta expressão dá início a uma idéia que continua até 7.5. Ali, Paulo novamente retoma a narração da sua ansiedade a respeito dos coríntios que foi aliviada pelo encontro com Tito. Embora interrompa a narrativa, esta expressão, com as suas explicações elevadas, fornece musculatura para os ossos estruturais do argumento.

Paulo une duas imagens para retratar o curso triunfal do evangelho através do ministério apostólico. **E graças a Deus, que sempre nos faz triunfar em Cristo**⁴⁰ e, **por meio de nós, manifesta em todo lugar o cheiro do seu conhecimento**. A primeira metáfora relaciona-se à procissão vitoriosa de um triunfante general romano.⁴¹ É difícil ter certeza se o uso da metáfora é somente geral, com Paulo ocupando um lugar

de honra, ou se ele vê a si mesmo especificamente como um cativo conquistado em tal procissão. O significado resultante também é dúbio. Se ele for um cativo, a natureza do cativo é tal que no seu sentido mais profundo também triunfa por Paulo – triunfo em Cristo porque é Deus quem triunfa sobre ele! A vitória do evangelho é de Cristo, e o apóstolo é privilegiado por compartilhar dela.

*Faça de mim um cativo, Senhor,
E então eu serei livre.
Force-me a entregar a minha espada,
E eu serei um conquistador.⁴²*

A segunda metáfora é a de uma oferta queimando em um altar de sacrifício, enviando um aroma agradável a Deus (cf. Gn 8.20; Êx 29.18; Ez 20.41; Ml 3.4; Ef 5.2; Fp 4.18). Este **cheiro** (ou sabor, *osmen*) é o **conhecimento** de Cristo que se **manifesta em todo lugar** graças ao ministério apostólico. A razão para isso é que nós **somos o bom cheiro [euodia] de Cristo**, agradável a Deus **nos que se salvam e nos que se perdem** (15). Estar “em Cristo” era o caráter do seu ministério, quer os homens recebessem quer rejeitassem o evangelho que eles proclamavam. E este evangelho era a fragrância de Cristo!

O efeito da pregação do evangelho possui dois lados. Aqueles que resistem descobrem que é **cheiro [osme] de [ek]** ⁴³ **morte para [eis] morte**; mas, aqueles que o aceitam descobrem que é **cheiro [osme] de** ⁴³ **vida para vida** (16). Existe um conceito rabínico da Lei como uma droga cujo efeito pode ser fatal ou vitalizador, dependendo do seu enfoque.⁴⁴ De maneira similar, a visão de Paulo do ministério do evangelho da graça é que este é inevitavelmente uma sentença de morte para alguns e uma oportunidade de vida para outros (cf. 4.3; Lc 2.34; 1 Co 1.18; Fp 1.28). O mesmo ato de salvação que destruiu a morte para os salvos, tornou a morte irrevogável para aqueles **que se perdem**. A responsabilidade vinculada a uma proclamação que seria “do começo ao fim”⁴⁵ uma ocasião de morte ou de vida para os homens oprimia Paulo. Ele somente podia dizer: **E, para essas coisas, quem é idôneo?** (16) Que tipo de ministério seria adequado para desempenhar tal tarefa?

“O nosso!”, responde Paulo. **Porque (gar) nós não somos, como muitos, falsificadores** (adulteradores)⁴⁶ **da palavra de Deus** (17; cf. 11.13). A imagem é, originalmente, a de um taberneiro que mistura o vinho ruim com o bom para aumentar os seus lucros (cf. Is 1.22, LXX).⁴⁷ Esta imagem contém duas idéias. A primeira diz respeito aos motivos; eles fazem do apostolado um negócio para obter ganhos pessoais. A segunda implica no método; eles adulteram o Evangelho com exigências mais palatáveis e perspectivas limitadas, com a finalidade de atender aos seus próprios interesses. A primeira leva à segunda. Na verdade, adotar o ministério por motivos de ganho pessoal, ambição ou vaidade já significa adulterá-lo. Aquele que faz a Palavra servir aos seus propósitos – em lugar de ser um servo da Palavra – modifica o próprio caráter do evangelho.

Contrária a estes “mascates” (RSV) “que tentam obter o preço que puderem e modelar a Palavra de Deus de acordo com isto”,⁴⁸ é a absoluta **sinceridade** do ministério de Paulo (cf. 1.12; 12.19). Ele fala **como de [ek] Deus na presença de Deus** (17; cf. 4.2; 12.19); ele fala **de Cristo** (cf. 1.14; 5.17). “Ele é aquele”, comenta Plummer, “que ensina com a abertura e com a perfeição que vem do Deus que o inspira; e na presença de Deus

ele trabalha como é condizente a um membro de Cristo”.⁴⁹ Nisto reside a sua suficiência (cf. 3.5-6), que ele logo irá expor mais claramente (3.1—6.10). É o caráter do evangelho que qualifica tanto os motivos quanto o método do seu ministério. Nestes versículos, Paulo nos apresentou “O Ministério Apostólico”: 1) O segredo, 14-15a; 2) A solenidade, 15b-16a; e 3) A sinceridade, 16b-17.

À medida que o apóstolo revela as suas intenções aos coríntios (1.12—2.17), a integridade do homem de Deus é vista 1) na sua própria consciência, 1.12; 2) por sua conduta quando está entre os seus convertidos, 1.13-14; 3) no caráter do Deus que ele proclama, 1.15-22; 4) por sua preocupação com aqueles aos quais ele serve no evangelho, 1.23—2.11; e 5) no triunfo do evangelho por meio do seu ministério, 2.14-17.

B. PAULO CARACTERIZA O SEU MINISTÉRIO, 3.1—6.10

Esta nova seção da carta, parte da digressão de 2.14—7.4, jorra entusiasticamente da inspiração de Paulo à medida que ele contempla as grandes coisas que Deus realizou por meio de um instrumento tão insignificante quanto ele (2.14-17). **Pelo que, tendo este ministério** (4.1) é o seu tema à medida que ele delineia mais precisamente o seu caráter como um ministério do Espírito (3.1—4.6), um ministério de sofrimento (4.7—5.10) e um ministério da reconciliação (5.11—6.10). Uma visão correta do ministério de Paulo é necessária para a restauração do relacionamento correto entre os coríntios e o apóstolo.

1. *Um ministério do Espírito* (3.1—4.6)

A natureza do ministério apostólico de Paulo é de tal nível que ele não precisa de uma carta de recomendação aos coríntios (3.1-3). Trata-se de um ministério de um novo concerto, cuja adequação como o concerto do Espírito que dá a vida ultrapassa o alcance do antigo concerto (3.4-11), e cuja liberdade é a do Espírito transformador do Senhor (3.12-18). Um ministério assim fundamentado na misericórdia de Deus está completamente aberto aos homens, e na presença de Deus (4.1-6).⁵⁰

a) *A carta de recomendação de Paulo* (3.1-3). Estes versículos voltam a 2.17 e antecipam 3.4-6; eles são versículos de transição, e apresentam a defesa que Paulo faz do seu ministério apostólico, ou seja, dele mesmo, do seu trabalho e da sua mensagem. Nestes versículos, ele afirma que a recomendação do seu ministério é simplesmente o caráter evidente dos próprios coríntios. Eles são como uma carta escrita pelo próprio Cristo, tendo Paulo como o escriba ou mensageiro.

Paulo tem medo de que a insistência no assunto da sua sinceridade (2.17) novamente possa ser transformada numa acusação de louvor próprio pelos seus inimigos (cf. 4.2-5; 5.12; 6.4; 10.12), de modo que ele habilmente trata da acusação antecipada. “Necessitamos, como alguns, de cartas de recomendação⁵¹ para vós ou de vós?” (1, RSV). A pergunta implica uma resposta negativa, e com ironia clara e quase sarcástica devolve a acusação aos oponentes de Paulo. **Alguns** (cf. 2.17; 10.2; 1 Co 4.18; 15.12) tinham na verdade invadido a igreja de Corinto em vista “dessas notas de desobstrução para o mercado lucrativo do seu comércio de coisas espirituais”.⁵² A expressão **cartas de recomenda-**

ção é uma expressão técnica de um tipo de carta comum na época de Paulo,⁵³ e comumente usada pela igreja primitiva. Filemom e Romanos 16 são exemplos (cf. 8.16-19; At 9.2; 18.27; 1 Co 4.17; 16.3, 10-11; Cl 4.10). Embora as cartas de recomendação pudessem ser mal utilizadas, elas eram freqüentemente uma necessidade na igreja primitiva.

Mas Paulo não tinha a necessidade de exibir tais cartas escritas em pergaminhos ou em papiros. Ao invés disso, os próprios coríntios constituíam as suas credenciais apostólicas. **Vós sois a nossa carta, escrita em nossos corações** (“seus corações”, RSV),⁵⁴ **conhecida e lida por todos os homens** (2). A transformação inequívoca que tinha ocorrido na vida dos coríntios por meio do poder do evangelho (cf. At 4.13-16), é uma evidência contínua (particípio presente) a todos aqueles que conhecem a autenticidade do apostolado de Paulo (1 Co 9.2; cf. Rm 15.16). É um amor profundo, pessoal e duradouro (**escrita** é um particípio perfeito) para com estas pessoas (2.4; 6.11-13; 7.2) que Paulo traz consigo no seu coração (e não uma carta em sua bagagem). Isto está em contraste com aqueles que são mencionados como **alguns** (1), cujos motivos ministeriais eram altamente questionáveis (2.17; 11.13). Para o apóstolo, é impossível que haja um ministério autêntico se não houver motivos sinceros e uma intensa preocupação pelas pessoas.

A carta de recomendação de Paulo que foi **escrita** (*engegrammene*) no coração deles (2), foi **escrita** (*engegrammene*) pelo próprio Cristo,... **não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração** (3, NASB).⁵⁵ A referência à escrita do novo concerto (Jr 31.33; Ez 11.19; 36.26), em contraste ao antigo (Êx 31.18; Dt 9.10), levou muitos comentaristas a interpretar o **coração** de 3.3 como sendo o dos coríntios. Mas pode ser mais plausível identificar **coração** no versículo 3 com o uso de **corações** no versículo 2 e como sendo o coração de Paulo (cf. 1.21; 4.6). A ênfase, de acordo com a principal preocupação da carta, seria sobre o caráter da sua comissão apostólica (cf. 3.6; 5.18-20). Assim, Paulo não se vê como um copista nem um escriba da carta.⁵⁶ Em lugar disso, a carta é **ministrada**, ou seja, “transmitida” (RSV, cf. 8.19-20; Rm 15.25) por ele. Baird, cuja interpretação temos apresentado, conclui que, embora Paulo realmente misture as suas metáforas, a imagem do novo concerto é “apresentada para expandir a imagem da carta de recomendação. Esta carta não é uma epístola geral; a igreja de Corinto é o seu conteúdo; Cristo é o seu autor; Paulo é o seu mensageiro; na verdade, está escrita no seu coração pelo Espírito de Deus. Em última análise, o que recomenda o apóstolo é a sua divina comissão, simbolizada pela sua recepção do ministério do novo concerto”.⁵⁷ E é deste ministério do Espírito, escrito primeiramente no seu próprio coração e então transmitido aos outros, que ele continua destacando o contraste entre carta e espírito no versículo 6.

b) *A adequação do ministério do novo concerto* (3.4-11). Paulo continua a se proteger contra a interpretação equivocada da descrição triunfante do seu ministério apostólico (2.14-17). Os seus motivos eram puros, pois ele realmente não precisava se recomendar aos coríntios (3.1-3). Agora, em 4-11, a base da sua confiança já não está mais em si mesmo, pois foi Deus quem o fez adequado como um ministro do novo concerto. Isto ele já tinha anunciado com a sua imagem do versículo 3. Como um ministro do Espírito, e não da letra, o ministério do novo concerto transcende o do antigo. Isto Paulo exemplifica com uma alusão ao brilho no rosto de Moisés, que ele cobriu com um véu para o bem dos israelitas depois que retornou vindo do Monte Sinai (Êx 34.29-35).

A **confiança** (4) que Paulo expressa se refere, basicamente, à sua convicção de que os próprios coríntios constituem uma testemunha irrefutável da validade do seu chamado apostólico. Ele estava convencido da verdade do evangelho e da realidade da sua vocação. Hodge comenta que “é fácil determinar se tal confiança é presunção, ou a força de Deus na alma. Se for a primeira, ela tem os seus companheiros naturais que são o orgulho, a arrogância, a indiferença, e o desprezo pelos demais. Se for a segunda, ela é freqüentada pela aversão a si mesmo, pela humildade, pela benignidade, pela vontade de ser o menor, e por todas as demais graças do Espírito”.⁵⁸ **Tal** confiança veio a Paulo **por Cristo** e de Deus, a quem Paulo recorre como o seu último Recurso. Não era uma confiança humana, mas, em um certo sentido, era um relacionamento face a face (*pros*) com Deus, e que poderia suportar a prova do juízo.

Conseqüentemente, ele prossegue explicando, **não que sejamos capazes** (*hikanos*), **por nós** (5), de “ter um único pensamento por nossa própria iniciativa”⁵⁹ (literalmente, “de pensar alguma coisa, como de [*ek*] nós mesmos”) em relação ao evangelho e ao seu ministério, **mas a nossa capacidade** (*hikonotes*) **vem de** (*ek*) **Deus** (cf. 4.7; 5.18; 6.4; 7.5-6; 11.23; 12.9-10; 13.3-4; 1 Co 15.10). A compreensão e o domínio que Paulo tinha do seu ministério apostólico não nasce dos seus próprios recursos. Ele não pode fazer nenhuma reivindicação pessoal sobre a sua **capacidade** no evangelho. Pela mesma linguagem com a qual ele levantou a pergunta pela primeira vez em 2.16: “Quem é idôneo?”, Paulo está desenvolvendo a sua resposta nos vv. 5 e 6 (cf. NASB, “capazes” ou “adequados”).

Então, com uma alusão ao seu chamado (At 9.3-18; 22.14-16; 26.16-18; 1 Tm 1.12), Paulo insiste que “a nossa capacidade vem de Deus, o qual nos fez também capazes [*hikanosen*] de ser ministros (servos)⁶⁰ de um Novo Testamento” (5-6, NASB). A partir da perspectiva bíblica completa, “concerto”⁶¹ pode ser mais adequado do que **testamento**, como uma tradução de *diatheke* no Novo Testamento, com a possível exceção de Hebreus 9.15-20. “Concerto” na Bíblia refere-se a um acordo, não entre iguais mas entre Deus e o seu povo. É constituído pela graciosa oferta de Deus da sua presença salvadora e confirmada pela resposta agradecida do seu povo no cumprimento das suas obrigações. Paulo é ministro de um **novo** concerto (Jr 31.31-34; Mt 26.28; Mc 14.24; Lc 22.20; 1 Co 11.25; Hb 7.22; 8.6-13; 9.15-22), em contraste com o antigo (3.14; Êx 24.3-8; Gl 4.24). É uma novidade (*kaines*), não somente no tempo, mas também no tipo – “novo e eficiente ... em contraste com o antigo e obsoleto”⁶² – pois **não é da letra, mas do Espírito** (cf. Rm 2.28-29).

Por **letra**, Paulo entende o antigo concerto, conforme definido em um “código escrito” exterior (RSV). Por **Espírito** ele está caracterizando a revelação do novo concerto em Cristo, em termos de um código interno dinâmico e espiritual, em contraste com outro legal. Embora a referência não seja diretamente ao Espírito Santo (**Espírito**, 6, 8; “Espírito”, 17-18),⁶³ certamente a presença do Espírito de Deus está envolvido de uma maneira totalmente nova. Assim, embora o uso que Paulo faz do **Espírito** seja geralmente em um sentido qualitativo, o que ele quer dizer não pode ser compreendido independentemente das operações do Espírito Santo. A glória (cf. 7-11) do ministério do novo concerto como um ministério do Espírito (cf. 8) está gravada em relevo pelo fato de que **a letra mata, e o Espírito vivifica** (cf. Rm 7.6). A vontade e o objetivo de Deus, expressos somente na forma de proibições escritas só poderiam incitar e condenar o pecado (cf. Rm 7.7-25);⁶⁴ pois não tinham poder devido à fraqueza da carne (Rm 8.3). Assim, só poderiam

levar à morte. Mas “o Espírito de vida, em Cristo Jesus” (Rm 8.2; cf. 3.17; 1 Co 15.45) é capaz de gravar a vontade de Deus no coração (3.3; At 15.9), capacitando o cristão a cumprir os requisitos justos de um Deus Santo (3.9; Rm 8.4). No entanto, a Lei não ficava invalidada, pois “a lei é santa” (Rm 7.22). Em lugar disso, ela fica estabelecida (Rm 3.31) ou cumprida (Rm 13.8-10; Gl 5.14), quando pelo poder da constante presença do Espírito de Cristo (Rm 8.2-9) a fé opera através do amor (*agape*) na preocupação ética do cristão (Gl 5.6). A suficiência do chamado de Paulo é aquela que está ancorada em um ministério superior, o ministério de um Espírito transformador (3.18).

Agora o apóstolo apresenta de um modo claro o que ele tinha apenas mencionado previamente (cf. 3, 6) – o contraste entre as dispensações (cf. RSV) da Lei e do Espírito, entre o ministério de Moisés e o de Paulo. O ministério de **Moisés** (7) é caracterizado pela **glória** (“brilho”, RSV) no rosto de Moisés. “Transitória como era” (NASB), era ainda assim tão brilhante que **os filhos** (*huiou*, “filhos”) **de Israel não podiam** “olhar atentamente” (NASB) para ela (Êx 34.29-30). A ênfase de Paulo está na **glória**⁶⁵ ou no esplendor do ministério de Moisés como uma revelação da eterna vontade de Deus. Assim, se o **ministério da morte**⁶⁶, **gravado com letras em pedras** (cf. Rm 7.7-8; 1 Co 15.16), **veio em glória**, não é óbvio (*ouchi*), pergunta Paulo, que “seja de maior glória (ou resplendor, RSV)” **o ministério**⁶⁷ **do Espírito** (8), que dá a vida (3.6; cf. Gl 3.5)?

Então, na segunda fase do seu contraste, ele prossegue explicando que “se o ministério da condenação”⁶⁸ [Dt 27.26; Gl 3.10] foi glorioso, muito mais excederá em glória o ministério da justiça” (9, NASB)⁶⁸ [Rm 1.17; 5.17; 8.1-4; 1 Co 1.30]. “A lei”, comenta Calvino, “deve nos mostrar a doença, de modo a não nos mostrar, ao mesmo tempo, qualquer esperança de cura; o evangelho deve trazer o remédio àqueles que já não têm mais esperança”.⁶⁹ O último supera a primeira “porque é uma coisa muito maior absolver o pecador condenado do que condená-lo”.⁷⁰ Uma só considera a lei escrita nas pedras; o outro, considera o sangue do próprio Filho de Deus e o poder do Espírito. A justiça⁷¹ sobre a qual Paulo baseia a superioridade do seu ministério é “a justiça de Deus” revelada no “evangelho de Cristo” (Rm 1.16-17), que ele expõe em termos de justificação e santificação em Romanos 3.31–8.39.

Este contraste entre ministérios pode até mesmo ser considerado tão radical, que o primeiro, **que foi glorificado** (10) como um instrumento da auto-revelação de Deus, agora, “nesta parte, não foi glorificado, por causa desta excelente glória” (NASB) – a glória do segundo, que o supera em muito (cf. Jo 1.17; Rm 10.4; Gl 3.21-25). “A sua glória agora está diminuída, como o brilho dos lampiões quando chega o amanhecer” (R. A. Knox).⁷²

Paulo desenvolve o seu ponto final do contraste (11) a partir do brilho do rosto de Moisés (3.7), que já desaparecia, de acordo com a tradição judaica, mesmo quando ele estava descendo do Monte Sinai. Ele viu isto como sendo um sinal da natureza transitória do antigo concerto, que Moisés representava. O contraste é com a permanência da revelação do Espírito. **Porque, se o que era transitório foi para glória** (*dia doxes*), **muito mais é em glória** (*en doxe*) **o que permanece**.

Assim, a adequação do ministério apostólico de Paulo é a sua superioridade como um ministério do novo concerto – um ministério do Espírito – superior (1) como a vida é mais gloriosa do que a morte, (2) como a justiça é mais gloriosa do que a condenação, e (3) como aquilo que é permanente é mais glorioso do que aquilo que é transitório.

c) *A liberdade do ministério do novo concerto* (3.12-18). Com um ministério assim, Paulo, diferentemente dos seus oponentes, é capaz de falar de forma corajosa, sem esconder nada. O ministério de Paulo, diferentemente do de Moisés, que personifica a Lei, possui a liberdade do Espírito do Senhor que capacita todos a ver a sua glória de uma maneira que transforma a vida.⁷³

Paulo declara que a **muita ousadia no falar** (*parresia*) com a qual ele conduz o seu ministério, se baseia na **esperança** que ele tem (12). Ele fala do ministério do novo concerto como uma **esperança**, primeiramente em vista da sua permanência (cf. 11); ele tem um futuro glorioso (cf. 8, *estai*). Em segundo lugar, é uma **esperança** porque a glória de Deus no futuro está autenticamente presente no ministério do Espírito (cf. 1.21-22; Rm 8.24). Esta tão adequada **esperança** (cf. 1.5-6) permite, na verdade exige, um ministério que é corajoso e franco (sobre *parresia*, cf. Mc 8.32; Jo 7.4; At 4.29, 31; 28.31; Cl 2.15; Hb 4.16; 10.35).

Para exemplificar esta afirmação ampla, Paulo retorna ao contraste entre o seu ministério e o de Moisés, que foi caracterizado pelas informações ocultas. A tradução da KJV de Êxodo 34.33 dá a impressão de que Moisés cobriu o seu rosto para evitar assustar os israelitas pela glória da sua aparência. Esta interpretação parece incoerente com todo o relato do Antigo Testamento. No entanto, o texto hebraico deste versículo em Êxodo, e a interpretação que Paulo faz do evento, indicam um fato adicional. O que Moisés fez foi colocar um **véu sobre a sua face** (13) *depois* que ele entregou a mensagem de Deus ao povo (cf. Êx 34.33-35, RSV, Berk., Antigo Testamento Ampliado). Isto foi feito para que **os filhos de Israel não olhassem firmemente para o fim** “daquilo que era transitório” (NASB). A versão *Berkeley* traduz este texto como: “Para evitar que os filhos de Israel olhassem para alguma coisa que estava desvanecendo”. O que Paulo quer dizer aqui é que os israelitas não tinham a permissão (v. 13) de olhar para a glória de Moisés enquanto ela desaparecia.⁷⁴ No versículo 7 ele esclarece que eles não tinham permissão de olhar ininterruptamente para a glória. As limitações desta revelação eram tais, que o seu ministério tinha que esconder até mesmo uma glória transitória. O ministério de Paulo é exatamente o oposto. Ele usa, não um véu, mas **muita ousadia no falar**. A sua mensagem não é de condenação nem de morte, mas de graça, de misericórdia e de vida. Pela fé, o cristão pode ver atentamente o seu Senhor sem interrupções.

A razão para o véu sobre o rosto de Moisés era porque **os seus sentidos foram endurecidos** (14) por causa da sua rejeição moral à luz (cf. At 28.27; Rm 1.21). Adicionalmente, e comprovando o que ele acabou de dizer, **até hoje o mesmo véu está por levantar... quando é lido Moisés** (o antigo concerto; 14-15). Isto é verdade, porque o véu “é abolido (somente) por Cristo”⁷⁵ (NASB). Paulo agora está falando da atual cegueira ou do atual endurecimento de Israel, igual ao que aconteceu com os seus antepassados. A recepção apropriada da mensagem de Moisés teria preparado o caminho para Cristo (cf. Jo 5.46-47). Mas o véu permanece, uma vez que eles não estavam retornando a Cristo (cf. Rm 9-11). **Mas, quando os corações de Israel se converterem ao Senhor, então, o véu se tirará** (16), da mesma maneira como Moisés removeu o véu do seu rosto na presença do Senhor (Êx 34.34). Eles então serão capazes, “em Cristo”, de olhar firmemente para a glória do Senhor, como fez Moisés. Esta era a experiência pessoal de Paulo como “um hebreu de hebreus” (Fp 3.5). Quando ele se encontrou com o Jesus ressuscitado na estrada para Damasco, começou a ver o verdadeiro significado do novo concerto

como cumprido em Jesus Cristo (At 10.4). O véu tinha sido removido da sua compreensão espiritual. A cruz de Jesus, antes tão completamente desprezível, agora estava banhada com a verdadeira glória do próprio Deus.⁷⁶

Quando se converterem ao Senhor pode ser traduzido como: “Sempre que alguém se converte ao Senhor” (Berk.). O **Senhor** a quem Paulo se volta para que o véu seja removido é Jesus, o Cristo ressuscitado (14). “A esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo” (At 2.36; cf. Sl 110.1; Mc 12.35; Rm 10.9; 1 Co 12.3; Fp 2.9-11). Aqui Paulo, de acordo com a confissão da igreja primitiva, identifica o Jesus ressuscitado e exaltado como **o Senhor**⁷⁷ do Antigo Testamento diante de quem Moisés compareceu. O versículo 16 é uma citação direta de Êxodo 34.34. O Deus do Antigo Testamento se revelou em Jesus Cristo. Não há descontinuidade nem contradição entre o antigo e o novo concerto.

Ora, o Senhor é Espírito,⁷⁸ prossegue Paulo, para deixar claro os termos do seu argumento (17). O Espírito Santo aqui é distinto em visão, mas não em termos de alguma identidade pessoal com Cristo. Paulo fala mais exatamente de uma identidade que aparece em ação redentora,⁷⁹ pela qual ele explica especificamente por que o véu que esconde a glória de Deus é removido em Cristo. Sob uma perspectiva, a revelação messiânica do Espírito de Deus ocorreu em Jesus Cristo. Sob outra, os benefícios totais do novo concerto são, na realidade, transmitidos aos homens por meio do Espírito. O Espírito está somente onde Cristo está; e onde o Espírito está, ali está Cristo.⁸⁰

A concepção do Espírito centralizada em Cristo que Paulo tem foi determinada por sua fé em Jesus Cristo, e sua experiência com o Espírito (cf. 3) o convenceu da natureza espiritual do ministério do novo concerto. A ênfase aqui não está na personalidade do Espírito Santo, pois o Espírito se oculta na sua apresentação de Cristo, para não se separar do nosso Senhor (Jo 15.26; 16.13). A ênfase de Paulo está mais no poder do Espírito, pois a qualidade da ação redentora do Espírito caracteriza de maneira suprema a nova revelação em Cristo (cf. Jo 4.24). Ele se refere à função do Espírito Santo para esclarecer mais completamente o caráter básico do seu ministério como sendo “não da letra, mas do Espírito” (6).

Assim Paulo pode corajosamente afirmar que, **onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade**. Esta **liberdade** é basicamente a libertação da Lei, o alívio das limitações do antigo concerto (Rm 7.5-6; Gl 4.5-6; 5.1), pela purificação do coração. A liberdade da Lei,⁸¹ concretizada pela presença vivificadora do Espírito Santo, abrange a libertação do pecado (Rm 6.6-7), da morte (Rm 6.21-23; 7.10-11) e da condenação (Rm 8.1, 17-21, 28-39). “Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte” (Rm 8.1-2). Esta é a libertação que vem da filiação (Rm 8.14-16), a posse da perspectiva da “liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8.21; cf. Jo 8.36).

Paulo culmina o seu contraste entre o ministério de Moisés do antigo concerto e o seu próprio ministério do novo, à medida que ele reflete sobre os privilégios de todos os cristãos. Todos os que estão em Cristo têm a seguinte bênção: **...com cara descoberta, refletindo, como um espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor**” (18). No Antigo Pacto, somente Moisés poderia ver a glória do Senhor, pois um véu escondia do povo de Israel até mesmo o seu reflexo transitório, simbolizando a condição daqueles que esta-

vam sob a lei (13-15). Mas o véu é removido dos corações de todos aqueles que se voltam ao Senhor e que são capazes, pela fé, de ver Cristo, “que é a imagem de Deus” (Jo 1.14; 14.9; 2 Co 4.4; Cl 1.15). E assim, **refletindo, como um espelho, a glória do Senhor**,⁸² a qualidade da sua vida cristã está no processo de ser **transformada** (*metamorphoumetha*, Rm 12.2; cf. Mt 17.2; Mc 9.2, “transfigurada”) **na mesma imagem**⁸³ (Gn 1.26-27; Rm 8.29; 1 Co 15.49; Cl 3.10). Pois assim como um espelho revela as características físicas para que alguém possa arrumar-se corretamente, também a constante visão de Cristo pela fé revela os defeitos do caráter cristão e inspira a sua correção. A transformação que resulta é uma transformação **de glória em glória**, isto é, à semelhança de Cristo (Ef 4.13). Esta transformação penetra na vida interior do homem (cf. 3; 4.16; Hb 4.12-13) e não terminará até o dia em que nós o vejamos “face a face” (1 Co 13.12). Então nós “seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos” (1 Jo 3.2; cf. Rm 8.18). A liberdade do novo concerto do Espírito inclui não apenas os momentos cruciais do perdão dos pecados e da purificação do coração, mas também enfatiza a contínua santificação de toda a vida (7.1; 1 Ts 5.20-23; Hb 12.14). Este processo só atinge a plenitude na glorificação em completa conformidade com a imagem do Filho de Deus (Rm 8.28-30).⁸⁴

Uma liberdade assim gloriosa ocorre **pelo Espírito do Senhor**, ou “do Senhor, o Espírito” (NASB). Esta liberdade espiritual pode ser a atual experiência de todos os que se voltam para o Senhor, pois o poder do grande futuro de Deus foi distribuído entre os homens pela Pessoa e pela obra de Jesus Cristo – no ministério do novo concerto. Assim é a presença prática do Espírito Santo, que reforça o ministério de Paulo e o leva a falar dele como uma “esperança” (12). Este fato promove uma sinceridade completa no seu acesso a Deus em Cristo, e na sua proclamação do evangelho. Pois no evangelho de Cristo existe uma liberdade 1) que está verdadeiramente presente entre os homens, 2) que pode penetrar no íntimo da personalidade, e 3) que é intensamente promissora nas suas perspectivas futuras. Em Cristo, o cristão tem liberdade de acesso 1) à presença de Deus, 2) às profundas necessidades do seu próprio coração, e 3) à esperança certa da glória de Deus para sempre na sua vida (cf. Rm 5.1-5).

Dedique tempo a ser santo. O mundo se move com muita pressa;

Passe muito tempo a sós com Jesus.

Ao olhar para Jesus, como Ele você será;

*Os seus amigos, através do seu comportamento,
verão a semelhança que você tem com Ele.*

(W. D. Longstaff)

d) A *sinceridade do ministério apostólico* (4.1-6). Com aplicação direta ao caráter prático do seu próprio ministério, Paulo prossegue com o tema de 3.12: a franqueza da sua pregação (cf. versículos 5-6). Esta é uma ousadia, uma sinceridade resultante do ministério do Espírito (3.4-18). Como nos versículos intermediários (12-18), Paulo tem novamente três assuntos: 1) o esplendor do ministério do novo concerto (1-2), 2) a condição daqueles que são incapazes de ver esse esplendor (3-4), e 3) a origem divina do esplendor do ministério do evangelho (5-6).⁸⁵

A coragem de Paulo como apóstolo está enraizada no tipo de **ministério** (1) que ele possui. Este é o ministério que ele acabou de descrever como um ministério de vida,

justiça, liberdade e glória. Com base nisto, a ele mesmo **foi feita misericórdia** (cf. 1 Co 7.25; 1 Tm 1.16). É unicamente para isto e por isto que se tornou a essência da sua própria vida, que Paulo dá testemunho na sua pregação. A sua integridade como ministro é a integridade da misericórdia, a misericórdia de Deus que fortalece toda a sua própria existência. A misericórdia é o seu único orgulho, a sua única base para confiança como apóstolo (cf. 3.4). Com base unicamente nisto ele escreve **não desfalecemos** (cf. versículo 16; Lc 1.18). Aqui está o âmago da sua sinceridade (3.12) e a explicação da sua incessante atividade pelos homens (7-15).

A expressão **antes** (*alla*), **rejeitamos** (2) aponta enfaticamente para aquilo que está excluído de tal ministério. Quando Paulo iniciou o apostolado, ele repudiou de uma vez por todas⁸⁶ **as coisas que, por vergonha, se ocultam**. O termo grego *aischunes* é aqui traduzido como “vergonha”. Ele diz que esta atitude tem dois lados. Em primeiro lugar, o ministério de Paulo nunca foi e nem é agora favorável a andar **com astúcia** (*panourgia*). Ele não estava disposto, como Satanás (11.3) e seus ministros (11.14-15; 12.16), a adotar quaisquer meios para conseguir os seus fins. Nem, em segundo lugar, ele era culpado de falsificar **a palavra de Deus** (cf. 2.17; 1 Ts 2.3). Não era seu costume adulterar a sua mensagem “com quaisquer acréscimos ou alterações, ou tentando acomodá-la ao gosto dos ouvintes”.⁸⁷ Esta, escreve Lenski, é a mais detestável de todas as obras ignóbeis realizadas no mundo”.⁸⁸ Elas andam sempre juntas – a integridade na metodologia ministerial de alguém, e a honestidade para com a Palavra. Pode-se dizer, então, que aquele que reduzir as Escrituras à doutrina também irá reduzir o amor ao legalismo? Ou vice-versa?

Antes (*alla*), ao contrário, o método de Paulo acima de tudo é **pela manifestação da verdade** (cf. 3.1-6; 5.11; 6.4), **...e assim nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus** (cf. 1.12; 2.10, 17). Paulo procura simplesmente tornar **a verdade** conhecida, porque ele, de alguma maneira, ousa acreditar que a verdade salvadora de Deus não precisa que nada seja acrescentado a ela para que atinja os seus objetivos (cf. Jr 23.29). Ela não precisa da inteligência, mas sim da completa honestidade dos homens. Assim, Paulo submete a sua reivindicação não somente à **consciência de todo homem**, mas também Àquele em cuja misericórdia o seu ministério se apóia, e que escrutina cada consciência (cf. 1 Co 4.4; Hb 4.13). O apelo de Paulo chega a um clímax. Neste versículo ele parece responder e acusar os seus caluniadores. Estes primeiros murmúrios abafados de polêmica preparam o caminho para o que virá nos capítulos 10—13.⁸⁹

Os adversários de Paulo parecem ter objetado que, se a sua proclamação era tão honesta, por que o **evangelho** (3) ainda era encoberto (3.15) para tantos dos seus ouvintes? Ele admite (**se ainda...**) que para alguns está encoberto. Mas **está encoberto**⁹⁰ somente no caso dos **que se perdem**. O problema não está no Evangelho, mas sim nos ouvintes. Como Tasker observa, Paulo está “explicando, com uma linguagem diferente, o ensinamento de Jesus da parábola do lavrador”.⁹¹

O deus deste século (cf. Mc 3.22; Jo 12.31; 14.30; Ef 2.2; 6.12; 1 Jo 5.19) **cegou os entendimentos dos incrédulos** (4). Satanás, que está contra Deus, exerce uma soberania limitada e temporária, mas muito real (Mt 4.9; Lc 4.6), durante “o presente século mau” (Gl 1.4, RSV).⁹² Este domínio se estende sobre todos aqueles que devotam sincera obediência a qualquer causa que comprometa o eterno propósito da graça de Deus. As-

sim, mesmo a Lei, sendo mal interpretada e usada equivocadamente pelos legalistas judeus, poderia se tornar uma força demoníaca (3.15) e levar um fanático Saulo de Tarso a perseguir a igreja de Deus (1 Co 15.9). Da mesma maneira, “os príncipes deste mundo... crucificariam ao Senhor da glória” (1 Co 2.6).⁹³ Tais “príncipes das trevas deste século” (Ef 6.12, NASB), sobre os quais Cristo triunfou (Cl 2.15), impedem que sobre aqueles que se recusam a acreditar **Ihes resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo,**⁹⁴ **que é a imagem de Deus.** Assim, como eles estão cegos para Cristo, Deus permanece oculto para eles (cf. 6).

O imponente clímax da passagem é balanceado com a menção de Cristo como a **imagem de Deus.** Aqui está a glória de Cristo, pois é a natureza de Cristo como “a imagem do Deus invisível” (Cl 1.15; cf. Jo 12.45; 14.9) que irradia a verdadeira glória de Deus entre os homens (cf. Hb 1.3). A ênfase está na igualdade da **imagem** (*eikon*) com o original (cf. Fp 2.6); *eikon* não implica numa cópia fraca de alguma coisa, mas “na iluminação do seu núcleo ou essência interior”.⁹⁵ Cristo, o Homem do céu, cumpre em si mesmo o destino divino da imagem de Deus no homem (Gn 1.26-27; cf. Hb 2.6-9). Por meio dele, nós, cristãos, “somos transformados de glória em glória na mesma imagem” (3.18, NASB).⁹⁶ Dessa forma, em Cristo, o crente é restaurado à imagem de Deus (cf. 5.17).

Agora Paulo está preparado para deixar muito claro aos seus críticos (cf. 3.1) o que ele quis dizer no versículo 2 por “manifestação da verdade”. Com tal “evangelho da glória de Cristo” (RSV), “nós não pregamos a nós mesmos” (Bruce), nossas idéias, nossos dons ou nossa personalidade, mas **pregamos a Cristo Jesus, o Senhor** (5). A única exaltação com que o apóstolo poderia condescender é a de “Cristo Jesus como Senhor” (ASV, At 2.36; 1 Co 21.1; Fp 2.9-11). A soberania de Cristo governa integralmente a metodologia do ministério de Paulo (1.24; 1 Co 2.2). A única autoproclamação legítima, digna do ministério, segundo Paulo, é a de que **nós mesmos somos vossos servos** (*douloi*), **por amor de Jesus.** Este era um serviço motivado (5.14) e caracterizado por aquele que foi realizado pelo grande Servo, que deixou a sua exaltação a critério de Deus (Fp 2.5-9; 1 Pe 2.23; 5.6). “A coisa mais cruel que uma congregação tem o poder de fazer ao seu pastor”, escreve C. E. B. Cranfield, é “condescender com um culto de personalidade... pois isto o deixa tentado a trair o seu ministério”.⁹⁷ Pregador a si mesmo tenta o mensageiro a usar de “artimanhas” – qualquer método – para se impor. Na verdade, isso seria adulterar a Palavra de Deus, e mais cedo ou mais tarde levaria alguém a abandonar o seu ministério, desencorajado e desiludido.

A auto-exaltação de Paulo foi completamente excluída do ministério do evangelho pela própria natureza do seu encontro de conversão com o Cristo ressuscitado (6). Naquela ocasião, o Deus da criação, que com uma palavra dissipou as **trevas** com a luz (Gn 1.3; Is 9.1; Jo 1.5), tinha pessoalmente iluminado⁹⁸ de uma forma maravilhosa a vida escurecida de Paulo – **para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo** (At 9.3; 20.13; 22.6; Gl 1.15-16). Denney observa. “Naquela luz que Deus acendeu no seu coração, ele viu o rosto de Jesus Cristo, e soube que a glória que brilhava era a glória de Deus”.⁹⁹ Na realidade duradoura desta experiência está a exclusiva qualificação de Paulo para ser um ministro de Cristo. A luz de Deus iluminou a sua vida para que ele também pudesse iluminar outras vidas (At 26.16-18) com o conhecimento da glória de Deus na face de Jesus. A âncora do ministério do apóstolo certamente não estava nele mesmo.

A corajosa confiança do ministério apostólico de Paulo, recebida de Deus por meio de Cristo (Gl 1.1), é vista na sua metodologia, que, em primeiro lugar, está completamente aberta ao escrutínio dos homens e de Deus, e, em segundo lugar, procura manifestar apenas a Jesus Cristo como o seu conteúdo supremo. O próprio Cristo é o recurso derradeiro tanto do ouvinte quanto do pregador do evangelho, pois somente nele Deus pode ser adequadamente conhecido. Rejeitar o evangelho da glória de Cristo é fazer um convite às trevas espirituais; exaltar a si mesmo, na apresentação de Jesus, é trair o ministério.

Paulo fundamenta a integridade do seu ministério no seu caráter basicamente espiritual: 1) a sua prova está nas pessoas transformadas (3.1-3); 2) a sua dinâmica é a qualidade vivificadora do novo concerto (3.4-11); 3) a sua ousadia está na presença transformadora do Espírito do Senhor (3.12-18); e 4) a sua sinceridade jorra da plenitude da revelação da glória de Deus em Cristo, como o apóstolo a recebeu (4.1-6).

2. *Um ministério de sofrimento* (4.7—5.10)

Possivelmente devido às censuras dos seus opositores, Paulo agora passa da grandeza da sua missão à verdadeira miséria da sua existência física. O frágil apóstolo estava constantemente exposto ao sofrimento e à morte. Mas foi um sofrimento que revelou a vida de ressurreição de Jesus aos coríntios (4.7-15). Mesmo o próprio apóstolo, em meio à sua decadência física, sentia uma renovação interior (4.16-18). A esperança certa do lar celestial estava operando na sua vida (5.1-10). A ousadia no ministério do novo concerto é mais enfatizada do que dificultada pelas fraquezas dos seus ministros (cf. 13.4)

a) *A vida de Jesus revelada em aflição* (4.7-15). A partir da perspectiva de Paulo, o sofrimento e a glória estão permanentemente juntos em um tipo de tensão polar paradoxal. Pois, se a glória de Cristo é revelada na sua paixão e morte, também a glória do apostolado não deveria ser revelada através do sofrimento?¹⁰⁰ Assim, o próprio “ato de Deus que o evangelho significa, é um ato de sofrimento”.¹⁰¹ Por meio dos seus problemas físicos, e dos perigos que enfrentou, Paulo tinha demonstrado uma vez mais os sofrimentos de Cristo (cf. 1.5), e assim confrontado os homens com o poder da ressurreição do Cristo vivo. Aqui encontramos, na carta, um segundo intercâmbio de experiências opostas (cf. 1.3-7), o intercâmbio de vida e morte.

A Paulo é confiado¹⁰² **este tesouro** (7) do evangelho, “a iluminação do conhecimento da glória de Deus” (6). Mas ele se considera como um vaso de barro comum e frágil (cf. Is 29.16; 64.8; Jr 18.6; At 9.15). A alusão pode ser a um jarro de barro onde freqüentemente se escondem tesouros preciosos¹⁰³ ou a um lampião de barro, pequeno e barato. O ministro possui uma fragilidade que inclui a sua pessoa completa (cf. 1.8; 7.5) Mas a fraqueza do homem só serve para engrandecer a mensagem (cf. 12.9). É a mensagem que tem valor. A inferioridade do vaso humano exige e prova que **a excelência** (“grandeza suprema”, NASB) **do poder seja de Deus** e “não venha de nós” (*ex hemon*, Bruce). No verdadeiro apóstolo, o poder é “transcendente” (RSV).

Com uma série de quatro contrastes (8-9), o apóstolo exemplifica, com a sua experiência diária (participios presentes) da necessidade humana (cf. 6.4-5; 11.23-27; 1 Co 4.11-13) que o excesso de poder no seu ministério é claramente o poder de Deus. A metáfora é a de “uma perseguição e luta mortal”.¹⁰⁴ A ordem é climática à medida que a perseguição se torna mais intensa. Mas o fator redentor da presença de Deus (cf. Mt 28.20) é

expresso decisivamente pelas negativas enfáticas (*ou*, em lugar do esperado *me*). Paulo e seus colaboradores **em tudo são atribulados** (afligidos; cf. 1.4, 6, 8), **mas não angustiados**, sem esperança (esmagados); estão **perplexos** (*aporoumenoi*), **mas não desanimados** (ou desesperados, *exaporoumenoi*); **perseguidos** (caçados), **mas não desamparados; abatidos** e “derrubados” (RSV), **mas não destruídos** (8-9; cf. At 14.19).

Ao passar para o clímax, Paulo interpreta os quatro aspectos do sofrimento como a **mortificação do Senhor Jesus**,¹⁰⁵ e os quatro aspectos da libertação como **a vida de Jesus** (10). A idéia é que, como um ministro do evangelho, ele traz consigo **sempre... no corpo** aquele mesmo processo de morte que culminou na paixão de Jesus. Mas aquela foi uma morte que abriu caminho para a ressurreição de Jesus. Assim, a mesma vida de ressurreição agora se **manifesta** na **carne** de Paulo, isto é, numa vida que traz a marca de Jesus (cf. Gl 6.17). Como o apóstolo compartilha “a morte que Jesus morreu”, ele também compartilha “a vida que Jesus vive” (NEB).

Durante o seu ministério, Paulo está **sempre entregue à morte por amor de Jesus** (11; cf. Mc 9.31; 10.33; 14.10). Mas é somente porque o seu sofrimento era **por amor de Jesus** que o apóstolo pôde ver a sua contínua exposição à morte (cf. Rm 8.36; 1 Co 15.31) como o mesmo tipo de sofrimento que Cristo suportou (cf. 1.5). A notável aparição do nome **Jesus** (quatro vezes) em 10-11 indica quão intimamente Paulo relaciona a carreira de Jesus com a sua própria, o apóstolo como um servo do Servo. A marca de um verdadeiro apóstolo (e ministro?) é que “ele é, como Jesus, uma figura que sofre e morre, cuja obra e cujo poder nascem da sua fraqueza e debilidade e das suas frustrações”.¹⁰⁶ Assim, tanto no apóstolo como no seu Senhor, “a tensão entre a sua época e o porvir se mostra mais aguda”.¹⁰⁷

A **vida de Jesus** inevitavelmente **se manifesta** na **carne mortal** do ministro que consegue se identificar assim com a morte de Cristo. A união entre a morte e a ressurreição de Cristo é absoluta. Elas não podem ser separadas, nem na vida do Cristo nem nos padrões do ministério (cf. Rm 6.4, 8, 17; Gl 2.20; Fp 3.10). Participar de uma delas significa participar da outra. Assim, a vida de Jesus, apresentada pela vida do apóstolo aos coríntios, é a vida de ressurreição do Jesus que foi crucificado (cf. At 2.42). É a vida que o Jesus anteriormente terreno vive agora à direita de Deus, efetivo na igreja por meio da presença do Espírito Santo (1.22; 5.5), que transmite a vida ressurecta de Jesus como Senhor (3.17; Rm 1.4).¹⁰⁸

A partir desta perspectiva da natureza do testemunho cristão, particularmente como ele opera no seu próprio ministério apostólico, Paulo pode falar à igreja de Corinto. Ele fala àqueles que são tentados a desprezar o caráter do seu ministério. **De maneira que em nós opera** (“está operando”, RSV) **a morte, mas em vós, a vida** (12). Paulo se expõe às forças da morte e os coríntios estão expostos às forças da vida. Aquilo que nele é o sinal da cruz, neles é o sinal da ressurreição!

Tal perspectiva só é possível para Paulo por causa do caráter particular da sua fé. Ele professa o **mesmo espírito de fé** do salmista (Sl 116.10), que falando diante da oposição dos homens, declarou **Cri; por isso, falei** (13).¹⁰⁹ Este salmo é um cântico de ação de graças pela libertação da morte, e Paulo usa um trecho dele para corroborar a sua própria declaração: **Nós cremos também; por isso, também falamos**. A disposição de fé do apóstolo é a de que ele deve proclamar – aquilo que é impossível manter em silêncio (cf. 4.2,5). Aqui, de acordo com G. Campbell Morgan, está “o princípio, o testemu-

nho que gera a fé”, que “é um segredo de poder” no ministério. Ele acrescenta: “Se você não acredita, fique quieto”.¹¹⁰ Um ministro deve ser honesto o suficiente para proclamar somente aquilo em que ele mesmo acredita. Nenhuma mensagem será autêntica e sincera se o próprio mensageiro não estiver arriscando a integridade da sua própria existência no momento da proclamação.

A partir da perspectiva bíblica, a pregação participa do caráter do testemunho, e o testemunho, pela sua própria natureza, consiste em algo mais do que a mera correção e o entusiasmo – ele exige autenticidade. A transmissão do cristianismo, em última análise, acaba no testemunho, e não é possível dar testemunho sem algum grau de auto-exposição. Thieliicke nos lembra que “as pessoas hoje em dia já não fazem mais a pergunta: ‘Onde aprenderei a acreditar?’... em lugar disto, as pessoas agora perguntam: ‘Onde encontrarei um testemunho confiável?’ ”.¹¹¹

A fé, que transforma o presente de Paulo, é a esperança da transformação final da ressurreição. Paulo está certo (*eidotes*, um particípio casual) de que Deus, que **ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também** (14). O conteúdo da sua fé é a certeza da ressurreição futura dos mortos, conforme garantida pela ressurreição anterior de Jesus (cf. 1 Co 15.1-8). Cristo é “o Primogênito dos mortos” (1 Co 15.20; Cl 3.15-18; Hb 1.6), “o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8.29). A esperança está selada pela presença experimental – por meio do Espírito Santo – da verdadeira vida ressurrecta de Jesus com o apóstolo e seus convertidos (1.22; 5.5; Rm 8.11; Fp 3.10-11). Pois é “por [*syn*] Jesus” (ASV)¹¹² que eles são ressuscitados (cf. 13.4; Rm 8.17; Cl 3.3-4; 1 Ts 4.14,17; 5.10). A solidariedade do cristão “com Cristo”¹¹³ inclui todos os momentos decisivos da vida dele entre os homens – a sua morte, a sua ressurreição e o seu triunfo final. É neste relacionamento que eles serão apresentados aprovados (cf. 11.2; At 23.33; Ef 5.27; Cl 1.22, 28; Jd 24) diante do trono de Deus. O versículo 14, pela sua referência explícita à ressurreição, fornece a ligação entre esta seção (7-15) e a seguinte (4.16–5.10).

Filson¹¹⁴ destaca que Paulo é apoiado em seu chamado perigoso e exigente pela certeza do salmista (13), e pela sua convicção acerca de um futuro triunfante (14). Ele se mantém constante, em terceiro lugar, pela sua preocupação com os seus convertidos (15). A expressão **tudo isso é por amor de vós** explica o acréscimo de **convosco** no versículo anterior. O sofrimento de Paulo é “um chamado ou uma dádiva que ele compartilha com toda a igreja” (cf. 1.3-6).¹¹⁵ O quarto fator para a constância do seu ministério é a sua concentração na execução do objetivo de Deus para o mundo. Pois o objetivo final de tudo é a **glória de Deus**. O meio é a **graça** de Deus que, ao alcançar mais e mais pessoas, capacita todas elas a dar graças, o que só faz ressaltar ainda mais a grande glória de Deus. A versão NEB traduz o versículo 15 como: “à medida que a graça abundante de Deus é compartilhada por mais e mais pessoas, maior ... o coro de graças que se eleva até à glória de Deus”.¹¹⁶

A apresentação (nos versículos 7 a 15) do evangelho como um tesouro em recipientes de barro é esclarecedora. A fraqueza do recipiente humano requer a intervenção do poder divino para a preservação e a utilidade do vaso (7-12). Além disso, o caráter daquela vida divina operante convence os que compartilham dela sob a perspectiva da ressurreição encontrada no evangelho (13-15). Com um ponto de fé tão privilegiado, Paulo estava disposto a sofrer, primeiramente **por amor de Jesus** (11), depois pelo bem dos homens (15), mas, acima de tudo, pela eterna **glória de Deus** (15).

b) *Decadência exterior mas renovação interior* (4.16-18). A ligação entre estes versículos com o que os antecedeu pode ser vista na reiteração da expressão **não desfalecemos** (16) do versículo 1. Ali, a referência era à confiança de Paulo no caráter do seu ministério. Aqui, é à base da sua coragem ao enfrentar o esgotamento dos seus recursos físicos e mentais pelas dificuldades do seu ministério (cf. 8-11).

Paulo não “desanima” (RSV), apesar do processo mortal que está operando no seu **homem exterior**.¹¹⁷ Mesmo que a sua “humanidade exterior” (NEB) esteja “decaindo” constantemente (ASV), o homem **interior** (cf. Rm 7.22; Ef 3.16), **contudo, se renova de dia em dia**.¹¹⁸ Os dois verbos estão no presente, indicando um processo contínuo. Paulo é extremamente otimista. A sua vida, na relação com Cristo,¹¹⁹ consiste na recepção diária dos recursos espirituais que são renovados diariamente (cf. Rm 12.2; Tt 3.5). Ela está constantemente aumentando. Embora um processo inevitavelmente deva terminar com a morte, o outro irá, com a mesma certeza, resultar na vida que é eterna. Diferentemente do homem sem religião, em quem “a decadência do homem exterior... é um espetáculo melancólico, pois é a decadência de tudo”,¹²⁰ o cristão está numa vereda que é “como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito” (Pv 4.18, RSV; cf. versículo 6). Ellis sugere que, embora este processo de renovação encontre o seu objetivo definitivo na Parousia (Rm 8.29), o seu processo nesta vida, como “realizado pelo Espírito, é exclusivamente moral e psicológico. Ele afeta a perspectiva de vida de alguém – e aquilo que o corpo *faz*, não o que o corpo *é*; este último espera a ressurreição”.¹²¹

Paulo explica a sua afirmação paradoxal com uma série de contrastes surpreendentes (17). A sua **tribulação**, nascida “por amor de Jesus” (11), na verdade está produzindo “um excesso cada vez maior” de **glória** (cf. 7).¹²² Em comparação com a **tribulação** que é **leve e momentânea**, a **glória** é um **peso eterno** (cf. 3.18; 5.1-6). Humanamente, teríamos a tendência de inverter os adjetivos. Mas Paulo sabe que o sofrimento à maneira de Cristo resulta na glória. Esta glória supera tanto o sofrimento – em intensidade e em duração – que realmente não pode haver comparação (cf. Rm 8.17).

Esta perspectiva é efetiva na vida do apóstolo e dos seus colaboradores enquanto eles estão **atentando não nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem** (18; cf. Cl 1.16). A **tribulação** de Paulo e a decadência do **homem exterior** são apenas **momentâneas** (temporárias), mas aqueles valores que não se vêem, nos quais ele depositou o seu coração (Rm 8.38-39; Fp 3.14), são **eternos**, e, portanto, muito mais reais para ele (5.7; Hb 11.1). Então, o que importa, se a sua vida de libertação diária da morte, em algum momento, venha a culminar na morte? Ele possui um futuro certo além da morte, um futuro evidenciado em seu presente com muita certeza (cf. 14; 5.5).

Esta transformação presente (cf. 3.18) é a redução da diferença entre a existência cristã individual e a corporativa. Na perspectiva de Paulo, ela é a realização na vida do cristão individual daquilo que ele é “em Cristo” (2.14, 17; 3.14; 5.17). Este processo tem duas partes. Como explicado por Ellis, ele é 1) “uma conformidade moral progressiva ao caráter de Cristo”, e 2) a percepção individual da realidade da nova época “numa transformação psicológica na qual o mistério cristão é cada vez mais compreendido e determinante para a perspectiva do mundo e da vida de alguém”.¹²³

c) *A esperança do lar celestial* (5.1-10). A divisão do capítulo aqui é puramente arbitrária, pois este parágrafo pertence mais ao que o antecede do que ao que vem a seguir.

A coragem de Paulo ao enfrentar a sua capacidade reduzida, e a inevitabilidade do sofrimento e da morte, estão baseadas na sua certeza daquilo que ele não pode ver, e daquilo que é eterno (4.18), na certeza do seu lar celestial final.¹²⁴

Pela revelação de Deus em Cristo, Paulo está certo¹²⁵ de **que, se a nossa casa terrestre... se desfizer** (*kataluthe*), **temos de Deus um edifício** (*oikodomen*)¹²⁶ (1). O caráter transitório da vida na terra é expresso pela metáfora familiar de um tabernáculo que pode ser desmontado a qualquer tempo (cf. Hb 11.8-10). Quando isto acontecer, Paulo já possui, *por fé* (7), **uma casa não feita por mãos** (*acheiropoieton*), **eterna, nos céus** (cf. Cl 2.11; Hb 9.11). A linguagem de Marcos 14.58 é surpreendentemente similar: “Nós ouvimos-lhe dizer: Eu derribarei [*kataluso*] este templo, construído por mãos [*cheiropoieton*] de homens, e em três dias edificarei [*oikodomeso*] outro, não feito por mãos [*acheiropoieton*] de homens”. A esta afirmação sobre Jesus, como ocorre no Evangelho de João, o evangelista acrescenta: “Ele falava do templo do seu corpo” (Jo 2.21). Paulo relaciona a ressurreição de Cristo com a igreja, como o corpo de Cristo,¹²⁷ e usa a imagem do templo para o último (6.16; 1 Co 3.16). Portanto, um **edifício de Deus** e **uma casa não feita por mãos** podem pertencer ao mesmo círculo de idéias. Se for assim, a esperança de Paulo está expressa em termos não exclusivamente do corpo da ressurreição (cf. 1 Co 15.44). As suas idéias podem ser classificadas dentro da estrutura mais ampla das “solidariedades corporativas que são inerentes... a Cristo... em quem o novo *aeon* foi completamente realizado, levando-o a ser o único que está individualmente presente nos céus”.¹²⁸ Se isto estiver correto, Paulo tem em mente a realização final na Parousia, **nos céus**, daquele modo de existência que é o seu “em Cristo”. Este é o “peso eterno de glória” (4.17).

Tão duradouro quanto esta certeza é o fato de que nesta vida atual, com todas as limitações e imperfeições, nós ainda **gememos, desejando** (“ansiando”, ASV) **ser revestidos da nossa habitação, que é do céu** (2; cf. versículo 4; Rm 8.23). Com uma mudança de metáfora, Paulo agora fala de vestir a existência celestial¹²⁹ sobre a anterior como uma roupa (*ependusasthai*). Ele está “certo de que [*ei ge kai*] quando nós a vestirmos” (Weymouth), **não seremos achados nus** (3).¹³⁰ **Nus**, como **despidos** (4) com “vergonha”, tanto no Antigo (Gn 3.10; Is 20.4; Ez 16.37, 39; 23.26, 29; Os 2.3) quanto no Novo Testamento (Rm 10.11; 1 Jo 2.28; Ap 3.17-18), é usado referindo-se à culpa perante o juízo de Deus. Aqui, tanto o termo **nus** como **despidos** têm em vista a cena do juízo (10). Como Ellis escreve, é “na Parousia que aqueles que estiverem sem a roupa de casamento (Mt 22.11), o corpo espiritual (1 Co 15.44, 53ss.), a casa celestial (2 Co 5.1ss.) para vestir, serão descobertos como aqueles que estão despidos e nus (2 Co 5.3ss.)”.¹³¹

Assim, o próprio Paulo reafirma: **Porque também nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados, não porque queremos ser despidos, mas revestidos** [*ependusasthai*], **para que o mortal seja absorvido pela vida** (4). A última afirmativa, como 1 Coríntios 15.53: “Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade e que isto que é mortal se revista da imortalidade”, se refere basicamente à Parousia. A morte por si só não pode ser redentora, pois a morte também deve ser “tragada na vitória” (1 Co 15.54). Independentemente de morrer ou não antes da Parousia, o desejo de Paulo é a redenção completa e final. “Nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo” (veja Rm 8.23; cf. Fp 3.10-15). Esta é uma

tensão compartilhada por toda a criação, pois todos estão esperando ansiosamente a realização final da nova criação em Cristo, na ocasião da sua vinda.

A Deus pertence todo o crédito¹³² pela certeza de tal esperança. O próprio Deus é Aquele que **para isso mesmo nos preparou**, pois Ele **nos deu também o penhor do Espírito** (5).¹³³ A presença do Espírito Santo nos prepara para a absorção final daquilo que é mortal pela vida eterna, pois Ele é o “penhor”, ou a “garantia” (RSV), de Deus acerca da consumação do seu objetivo para nós (Fp 1.6; 1 Ts 5.24). “Se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará o vosso corpo mortal, pelo seu Espírito que em vós habita” (Rm 8.11; cf. Ef 1.13-14, 19-20). O Espírito de Cristo é o “primeiro pagamento da vida que há de vir” (Barclay). Por meio das “primícias do Espírito” (Rm 8.23), Paulo possui na vida mortal o autêntico início daquela vida perfeita (Fp 3.12) que irá compreender a totalidade da sua existência no final dos tempos. A conexão é real, pessoal e espiritual. Assim, este anseio não é ilusão, porque está baseado na própria preparação de Deus para a vida atual de Paulo. A esperança produz certeza! A santificação produz segurança, e a segurança leva à santificação (Rm 8.1-39)!

Paulo encara as realidades do seu ministério com o que Wendland chama de “a ‘dialética’ da existência cristã (gemer – ter bom ânimo)”.¹³⁴ A sua atitude relacionada à consumação (1 Co 15.28) tem dois lados; o do anseio e o da certeza. Devido à presença do Espírito, portanto (6), ele pode não apenas estar confiante quanto ao futuro, mas também ser corajoso no presente. Ele está sempre de **bom ânimo** (“com coragem”, ASV), **sabendo** (*eidotes*) **que, enquanto estamos no corpo, vivemos ausentes do Senhor**. As imagens do tabernáculo, do edifício e da casa (1-2) agora reaparecem em uma nova forma. **Estar no corpo** significa “nas solidariedades e seguranças da existência terrena”.¹³⁵ Não é o corpo como tal, mas o mesmo estado geral de vida indicado pelo “corpo animal” em 1 Coríntios 15.44.¹³⁶

Estar na nossa existência terrena significa estar **ausente do Senhor**, o que Paulo se apressa em esclarecer com a explicação parentética: **Porque andamos por fé e não por vista** (7; cf. Rm 8.24; 1 Co 13.12). O objeto de referência é o Cristo celestial. Na terra, o cristão vive em um relacionamento com o seu Senhor, não segundo o que é visto (*eidous*) ou pela aparência (cf. 16), mas pela fé “nas coisas que não se vêem” (4.18; cf. Hb 11.1). Paulo está dolorosamente ciente de que a terra não é o céu, de que uma visão de fé de Jesus não deve ser comparada com a visão direta do Senhor na sua glória (Rm 8.16-18; cf. 1 Jo 3.2).

O apóstolo enfatiza este fato¹³⁷ quando diz **temos confiança** (8) em meio às circunstâncias presentes. Então, com uma interessante troca de palavras do versículo 6, ele acrescenta que ele “prefere”¹³⁸ **deixar este corpo, para habitar** (no lar)¹³⁹ **com o Senhor**. Ele prefere a visão (versículo 8) à fé (versículo 6). Paulo *deseja* estar “fora” (*ek*) do corpo a estar “dentro” (*en*) do corpo, e “face a face com” (*pros*) o Senhor a estar “longe do” (*apo*) Senhor. A sua preferência, como previamente afirmada (versículos 1-4) é por aquela maneira final de vida, que envolve o “corpo espiritual” (1 Co 15.44) que ele irá possuir na Parousia. Esse será o dia em que para Paulo a fé se tornará visão, e ele irá perceber, na plenitude da sua existência individual, a consumação daquela justificação, santificação e redenção (1 Co 1.30) que agora são suas “em Cristo”.

Esta preferência governa todas as circunstâncias de Paulo. Ele não está somente “de bom ânimo” (8) mas... “também muito desejamos” (NASB) **ser-lhe agradáveis**,

quer presentes, quer ausentes (9). O amor de Paulo é como “uma questão de honra”¹⁴⁰ (*philotimoumetha*) – esteja ele no lar celestial, ou longe deste lar, na terra – e leva-o a “ser agradável a Ele” (NASB, cf. Rm 12.2; Ef 5.10). Esta é a paixão avassaladora da sua vida (cf. 14).

A motivação para tal “objetivo de honra”¹⁴¹ é, pelo menos em parte, o fato da responsabilidade final e absoluta de Paulo para com Deus (10). **Porque todos** (todos nós, cristãos) **devemos** ser publicamente expostos pelo que somos (1 Co 4.5; cf. Hb 4.13; *phanerothenai*) **ante o tribunal de Cristo** (10; cf. At 17.31; Rm 14.10). A verdadeira realidade do caráter de alguém será revelada aberta e completamente. A natureza do julgamento é interessante, para não dizer fascinante. Cada um irá receber (*komisetai*) segundo (“diante de”, *pros*) **o que tiver feito por meio do corpo, ou bem ou mal** (lit., “indignidade”).

O juízo de Deus, mesmo sobre os não convertidos, não é arbitrário, mas uma retribuição natural (cf. 11.15). A sua punição será fundamentalmente baseada no que eles são (Gl 6.7-8). Mas aqui a recompensa do cristão, embora ele seja salvo pela graça pura (Ef 2.8), é a qualidade resultante da sua própria vida, vista como um todo¹⁴² (Ef 6.8; cf. Lc 19.16-27; 1 Co 3.10-15). Paulo queria manter o mínimo possível de indignidade na sua vida a serviço de Cristo, pois existe uma continuidade direta e definida entre esta existência terrena e a celestial que há de vir. O que ele quer dizer é que o cristão responde completamente a Deus pela qualidade da sua vida presente. Existe um sentido real em que um caráter sagrado será sempre a sua própria recompensa na presença de um Deus Santo. Na verdade, o que mais Deus poderia dar, a não ser uma vida como a sua?

A apaixonada coragem de Paulo de assumir e desempenhar um ministério caracterizado pela morte de Jesus no seu corpo (4.10) é, sem dúvida, motivadora. Em primeiro lugar (1-5), há a sua certeza de que a ressurreição e a Parousia irão levá-lo a uma existência completamente redimida. Então a carne, o poder da morte, terá perdido o seu domínio sobre o homem exterior, como já perdeu sobre o homem interior, e tudo será feito novo pelo Espírito do Senhor.¹⁴³ Em segundo lugar (6-10), existe a sua preocupação intensa em ser agradável ao Senhor, não apenas agora, porém muito mais naquela ocasião. E a situação agradável que haverá quando ele estiver “no lar com o Senhor”, não pode ser separada da situação agradável que ele tem agora “na sua habitação no corpo”. Aqui estava um homem não satisfeito simplesmente em ir para o céu, mas um apóstolo com um insaciável desejo de possuir todos os privilégios do céu, e de agradar completamente ao Senhor com a qualidade positiva do seu caráter e do seu serviço.

De acordo com a explicação anterior, o texto em 2 Coríntios 5.1-10 não se preocupa com o estágio intermediário. Os contrastes estão “entre esta época e o porvir, e estão completamente dentro da estrutura escatológica da Parousia de Paulo e do seu conceito de solidariedade corporativa”.¹⁴⁴ Os dois tipos de existência agora se sobrepõem, mas a esperança convicta de Paulo é a da vida na qual a sua existência corporativa com Cristo estará individual e integralmente realizada na Parousia. Embora se assuma a possibilidade da morte (4.16; 5.1), nada é dito sobre o que acontece com a morte antes da Parousia. Esta não é a sua preocupação, porque a sua visão tem um alcance mais longo. Entretanto, nenhum estado intermediário será construído por Paulo como “um cumprimento antecipado da morte na consumação da Parousia”,¹⁴⁵ porém será algo mais em termos de “um fator de tempo alterado ou suspenso para o morto”.¹⁴⁶ Aqueles que morrem no Se-

nhor estão “com Cristo” (Fp 1.23). Eles “dormem em Jesus” (1 Ts 4.14, NASB) e esperam a consumação quando a morte, o último inimigo, for destruída (1 Co 15.26). A esperança de Paulo está no Cristo permanente, que habita em cada um de nós; ele acredita não na alma imortal de Platão, mas sim no “Deus, que ressuscita os mortos” (1.9).

Paulo se emociona com o seu ministério de sofrimento (4.7—5.10) porque: 1) as aflições que ele corajosamente suporta ao proclamar o evangelho *a)* fazem parte da natureza dos sofrimentos de Jesus, e *b)* portanto foram destruídas pelo poder da ressurreição de Jesus, 4.9-11. Assim, 2) a vida ressurrecta de Jesus pelo Espírito é a dinâmica do ministério de Paulo — ela *a)* genuinamente confronta os homens com Jesus, e *b)* os prepara para a consumação final da sua esperança de ressurreição com o Senhor, 4.12—5.10.

3. *Um ministério de reconciliação* (5.11—6.10)

A terceira característica do ministério de Paulo é a da reconciliação, à medida que ele continua a reafirmar a sinceridade dos seus atos junto aos coríntios (cf. 1.12; 2.17; 4.2). A abnegação dos seus motivos está garantida igualmente pelo temor ao Senhor e pelo amor a Cristo (5.11-15). A sua perspectiva é a da reconciliação de Deus em Cristo (5.16-21); e o seu modo de vida como apóstolo é coerente com a sua mensagem (6.1-10). Esta é a resposta que os coríntios podem dar àqueles que procuram impugnar o caráter do ministério de Paulo.

a) O temor ao Senhor e o amor de Cristo (5.11-15). Contrariamente ao que alguns coríntios parecem afirmar, Paulo não é interesseiro nos seus atos para com eles. Ele não só é responsável perante Deus pela qualidade do seu ministério, mas também a verdadeira natureza do amor de Cristo por ele exclui tais motivos.

Paulo tem em mente o fato e o caráter do juízo (cf. 10), e desta maneira está plenamente consciente da sua impressionante responsabilidade¹⁴⁷ perante Deus. **Assim que** (11) ele está persuadindo os homens, quando necessário, da integridade dos seus motivos ministeriais. A sua segurança contra qualquer falsidade de sua parte, é que **somos manifestos a Deus**.¹⁴⁸ O seu apelo é ao que Deus conhece sobre ele; ou seja, todas as coisas (cf. Hb 4.12-13). Mas isto não é tudo: **espero que, na vossa consciência, sejamos também manifestos**. Será que o apóstolo não foi tão transparente com eles como tinha sido com Deus (cf. 4.2)? O seu apelo é à consciência moral (1.12; 4.2; 5.11), e não à inteligência orgulhosa deles (cf. 1 Co 1.18-31). Paulo acredita que no íntimo eles sabem que ele estava sendo verdadeiro.¹⁴⁹

Para que os seus adversários não interpretassem esta afirmação de sinceridade como uma manifestação de orgulho arrogante (cf. 2.17; 3.1), Paulo se apressa em esclarecer. Ele não recomeça a **recomendar-se outra vez** a eles.¹⁵⁰ Em lugar disso, o seu objetivo é dar a eles **ocasião de vos gloriardes de nós** (12). Ele deseja dotá-los de motivação e de recursos para responderem adequadamente àqueles que o atacam.¹⁵¹ Eles estão em posição de defender o apóstolo (1.14) e deveriam fazê-lo contra os **que se gloriam na aparência e não no coração**. **Coração**, como Paulo usa, descreve “*todo o homem, até as suas profundezas mais interiores*”.¹⁵² Kuemmel escreve que aqui **aparência** (*prosopon*) “indica o homem centrado em si mesmo e *kardia*, o homem centrado em Deus”.¹⁵³ O orgulho dos oponentes de Paulo é somente um pretexto, projetado para impressionar os homens e obter uma vantagem material. O fato de eles não se preocu-

parem com as realidades do ministério fica evidente pela sua oposição a Paulo como um apóstolo sofredor. O “orgulho deles está em uma demonstração de aparência exterior, e não no valor interior” (NEB).

Os coríntios podem perfeitamente defender a sinceridade do apóstolo (13) com base no fato de que “em Paulo o interesse próprio está integralmente derrotado, pois a sua vida é governada pela regra composta por duas partes: para Deus – para você”.¹⁵⁴ Bruce parafraseia a reivindicação de Paulo: “Nós estamos loucos, como podem pensar alguns? Bem, glorifiquemos a Deus. Somos calmos e sensíveis? Esta é a nossa vantagem”. Paulo foi acusado de estar *enlouquecido* (*exestemen*), assim como falaram de Jesus. “Diziam: Está fora de si” (*exeste*, Mc 3.21). A referência é à tensão espiritual constante em que Paulo vivia e trabalhava.

O entusiasmo do apóstolo, a sua superioridade absoluta às considerações egoístas comuns... a sua afirmação decidida das verdades que estão além do alcance do sentido, o fogo sobrenatural que queimava incessantemente no seu peito... tudo isto constituía o estado que é descrito como estar “fora de si”, um tipo de loucura sagrada... o discípulo e o Mestre, da mesma maneira, pareciam, àqueles que não os compreendiam, estar em uma condição de espírito demasiadamente tensa; no ardor da sua devoção, eles se permitiam ser levados além dos limites naturais.¹⁵⁵

Considere a reação impulsiva de Festo à defesa de Paulo diante de Agripa. “Estás louco, Paulo! As muitas letras te fazem delirar” (At 26.24).¹⁵⁶ Quando o comportamento de Paulo é excepcional segundo os padrões humanos normais, como ele insiste, **é para Deus**; e quando o seu comportamento é normal, **é para vós**. Portanto, em contraste com os seus críticos, o seu comportamento, como um todo, está livre do interesse próprio.

O que constrange Paulo a agir assim é **o amor de Cristo** (14). O verbo *constranger* se refere à “pressão que aprisiona e restringe” (cf. Fp 1.23).¹⁵⁷ O apóstolo é controlado, limitado pelo amor de Cristo por ele. O genitivo **de Cristo** é exclusivamente subjetivo¹⁵⁸ (cf. Rm 8.35,39). Isto é indicado pela referência imediata à morte de Cristo: **um morreu por todos**. Para Paulo, a morte de Cristo é “a doação que Cristo faz de si mesmo sem limites”.¹⁵⁹ Ela manifesta genuinamente o amor de Deus: “Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5.8). O resultado prático é que “o amor de Deus está derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5.5). Este é o amor que mantém Paulo cativo, um “amor que se origina e que termina com Deus em Cristo” (cf. Rm 8.28-30).¹⁶⁰

Paulo prossegue explicando a razão pela qual o amor de Deus em Cristo tem tal poder controlador na sua motivação de vida. Ele tinha chegado a algumas conclusões vitais – **julgando nós assim**¹⁶¹ – provavelmente logo depois da sua conversão. Trata-se de algo básico o fato de que Cristo **morreu por todos** (cf. 15). Com base nisto, duas coisas se seguem para demonstrar por que “o amor de Cristo... nos deixa sem opções” (Bruce).

A sua primeira convicção é de que, uma vez que **um morreu por todos, logo, todos morreram**. Este resultado implica em dois fatos em relação ao homem: 1) Quando Cristo morreu, toda a raça humana estava envolvida; pois Ele é “o Líder da raça humana... o princípio personificado da sua existência”.¹⁶² Assim, nele, “somos todos con-

siderados mortos”¹⁶³ e temos uma necessidade plena de redenção, ou Cristo não teria precisado morrer. 2) Como está indicado pela preposição **por** (*hyper*), não somente os homens estão identificados com Cristo pelo que Ele fez por eles (isto é, **morreu**), mas também, naquele evento, Ele mesmo se identificou com o pecado dos homens (versículo 21; cf. 1 Pe 2.24). A idéia de substituição está envolvida. Como escreve Tasker, “a morte de Cristo foi a morte de todos, no sentido de que Ele morreu a morte que todos deveriam ter morrido”.¹⁶⁴ Em vista da morte de Cristo, todos os homens *estão* mortos, com respeito a qualquer auto-suficiência espiritual. A interpretação mais simples é a de que o fato de que Cristo morreu por todos prova que todos estavam mortos.

Isto nos leva à segunda convicção de Paulo, que exclui o interesse próprio da vida daquele que é “controlado pelo amor de Cristo” (Moffatt). **Ele morreu por todos, para que os que vivem no mundo não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou** (15; cf. Rm 14.7-9; 1 Co 3.21-23; Gl 2.20). A Ressurreição e a Crucificação estão inseparavelmente unidas pela obra expiatória de Cristo (Rm 4.25; 1 Co 15.17). A identificação, pela fé, com Cristo na sua morte, envolve a união com Ele na sua vida ressurrecta (Rm 5.10). A antiga vida pecaminosa que tinha o “eu” como o foco do interesse¹⁶⁵ dá lugar a uma nova vida centrada naquele que **por eles morreu e ressuscitou**.

Isto “quer dizer que a raiz do pecado é removida da sua vida”.¹⁶⁶ Assim, a justificação se alarga para envolver a santificação. Segundo as próprias palavras de Paulo: “o nosso velho homem foi com ele crucificado... a fim de que não sirvamos mais ao pecado... Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos... quanto a ter morrido, de uma vez morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 6.6-11). Para Paulo, “o viver é Cristo” (Fp 1.21). Numa vida assim, não há lugar para uma vida centrada em si mesmo (cf. Fp 2.5-18).

Paulo nunca procura meramente exaltar e favorecer a si mesmo, 1) porque ele é completamente transparente diante do Deus a quem ele deve responder pela integridade do seu ministério. O seu verdadeiro ser *a)* é sincero para com os seus convertidos, 11, *b)* está em contraste com a falsidade dos seus críticos, 12. Paulo não se recomenda (2) porque ele é sustentado pelo surpreendente alcance do amor de Cristo por ele. Esse amor, realizado na morte de Cristo no seu nome, pode controlar radicalmente os seus motivos porque *a)* ele está ciente do desamparo desesperador da morte da qual ele foi libertado, 14, e porque *b)* ele é conquistado pela qualidade transcendente da vida que ele está livre para viver, 15. Paulo é contido pela sua esmagadora responsabilidade para com Deus e pela sua vida gratificante em Cristo.

b) A perspectiva da reconciliação (5.16-21). A sinceridade de Paulo é fundamentada no próprio caráter da sua mensagem. Ele proclama o ato reconciliador de Deus em Cristo, um evento que forneceu o critério final para a sua visão de si mesmo e de outros.

Em uma afirmação explicativa (16), que está relacionada com o pensamento de que “todos morreram” (14), Paulo afirma a sua maneira diferente de considerar os homens. Mesmo depois da sua descoberta do significado da morte de Cristo (“daqui por diante”), ele não “conhece ninguém em termos de um relacionamento que seja puramente deste mundo” (Bruce). **Segundo a carne** (cf. 1.17; 10.2; 11.18) faz referência às distinções

tipicamente mundanas – raça, posição social, riqueza e títulos – segundo as quais os homens se consideram uns aos outros.¹⁶⁷ Os valores dos críticos de Paulo eram desse tipo (12). Mas a morte de Cristo removeu a importância desses parâmetros (14), pois eles são contrários à realidade resultante do Espírito (Rm 8.5; cf. 1 Co 3.1-4).¹⁶⁸ Mesmo que Paulo tenha anteriormente visto a Cristo pelo critério carnal da sua cultura (Fp 3.4-6; cf. Gl 1.13-14), ele já não mais o faz,¹⁶⁹ pois isto o levou a julgar a reivindicação de Jesus da filiação messiânica como sendo uma blasfêmia, e a perseguir os seus seguidores (1 Tm 1.13). Agora, ele conhece a Cristo como Ele realmente é – o Senhor ressuscitado e exaltado (Fp 2.5-11). Paulo pode ter tido contato com Jesus durante o seu ministério terreno, mas isto não é o que ele está dizendo aqui.

Como uma consequência direta dos versículos 14-15, vem um dos versículos mais fascinantes na epístola, com a sua “antecipação grandiosa”.¹⁷⁰ Da morte veio a nova vida que alguém vive no Senhor, “uma nova vida, num novo contexto”¹⁷¹ que Paulo descreve com a sua expressão mais característica: **em Cristo** (17). Estar **em Cristo** é ser uma **nova criatura** (cf. Gl 6.15; Ef 2.10; 4.24). Por meio de Cristo, uma situação completamente nova foi criada (cf. Is 43.19; Ap 21.15). Uma nova ordem das coisas nasceu, trazendo consigo um novo homem. O homem é uma **nova criatura** “em virtude do novo relacionamento com Deus”.¹⁷² Todos os relacionamentos anteriores, embora honrados pela idade,¹⁷³ **já passaram**, porque “eis que tudo se fez novo”.¹⁷⁴ O apóstolo está jubiloso com a idéia. O seu ministério está baseado no fato de que “tudo está obsoleto... e perde qualquer valor diante daquela perspectiva exclusiva à qual, de agora em diante, tudo converge”.¹⁷⁵ Denney sugere que “ser guiado por distinções mundanas é conhecer somente algumas poucas pessoas, conhecê-las pelo que é superficial na sua natureza; mas ver que tais distinções morreram com a morte de Cristo, e olhar os homens em relação a Ele, que é Redentor e Senhor de tudo, é conhecer todos os nossos irmãos, e conhecê-los não superficialmente, mas profundamente”.¹⁷⁶

Significativa para o pensamento de Paulo aqui, como também para toda a sua perspectiva, é a expressão **em (en) Cristo**.¹⁷⁷ Com ela, ele retrata vividamente a sua convicção de que é no seu relacionamento íntimo pessoal com o Cristo ressuscitado que a salvação de Deus é continuamente percebida; **em Cristo** está em contraste direto com “debaixo da lei” (cf. Rm 6.14; 8.2).¹⁷⁸ Estar **em Cristo** significa ser levado até a esfera da completa atividade redentora de Deus (5.21; 1 Co 1.30). Isto resulta de uma identificação realista com a pessoa de Cristo, crucificado e ressuscitado, uma morte e uma ressurreição com Cristo (Rm 6.1-12; Gl 2.20). O conceito é social,¹⁷⁹ como também individual (1 Co 1.2); estar **em Cristo** é um compartilhar (*koinonia*) em Cristo (1 Co 1.9). Paulo imagina Cristo – em virtude da ressurreição – como o Segundo Adão (Rm 5.12-21; 1 Co 15.45) e o Líder de uma nova humanidade da qual Ele é “as primícias” (1 Co 15.20,23), o “primogênito” (Rm 8.29; Cl 1.18) e o “espírito vivificante” (veja 1 Co 15.45). Cristo está realística e intimamente conectado com a nova humanidade como o seu Líder representativo. Nesta expressão-chave, **em Cristo**, Paulo parece ter feito uso da idéia hebraica de personalidade corporativa, pela qual pode-se pensar em uma comunidade em termos do seu líder representativo.¹⁸⁰

Esta nova situação, na qual os homens são novas criaturas em Cristo, se deve ao ato criativo de Deus (cf. 4.6; Rm 3.25; 11.36). **Tudo isso** provém de Deus, testemunha o apóstolo, porque Ele **nos reconciliou consigo mesmo** por Jesus **Cristo** (18-19).¹⁸¹ A reconci-

liação envolve a superação da alienação pessoal (Ef 4.18) ou da hostilidade (Cl 1.21), causadas pela rebelião do homem contra o seu legítimo Soberano. O resultado é uma nova condição de paz (Rm 5.1; Gl 5.22; Ef 2.12-17; Fp 4.7) e a restauração da comunhão.

É o homem que deve ser reconciliado, e não Deus, como no judaísmo,¹⁸² pois é Deus quem realiza a reconciliação. Certamente está envolvida a ira de Deus contra o pecado dos homens (Rm 1.18; 2.5), caso contrário os **pecados** que praticaram não seriam computados contra eles. Mas Deus, no seu amor sagrado, tomou a iniciativa. Na cruz de Cristo, Ele se tornou o Agressor e invadiu a vida humana extraviada com um amor cheio de perdão. “Se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho... o amor de Deus está derramado em nosso coração” (Rm 5.10, 5). A “maior mudança possível ocorreu *no homem*... na sua natureza completa e na sua vida”,¹⁸³ que estão alteradas por causa da mudança do relacionamento entre Deus e o homem. O pecado é tratado adequadamente com (21) respeito ao que ele causou ao homem (Rm 7.5-25; 8.2) e também com respeito ao que ele significa diante da santidade de Deus (Rm 3.21-26).

Para Paulo e para os coríntios a reconciliação foi realizada. O caminho agora está aberto para todos, e ao apóstolo foi confiado o **ministério da reconciliação**. Este é o clímax da passagem e a razão final pela qual ele não pode viver para si mesmo (13-15). A sua tarefa é anunciar a novidade aos homens, **isto é** (“neste sentido”),¹⁸⁴ **Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo**. Nenhuma vírgula deve ser colocada depois de **Cristo** (cf. ASV, RSV), pois o que Paulo quer destacar é o que Deus fez em Cristo.¹⁸⁵ O elo (Rm 5.9-10) entre a reconciliação e a justificação (12) é mostrado na palavra **imputando** (“levando em conta”, ASV; cf. Rm 4.3-8). A obra da reconciliação, no entanto, não está completa no que diz respeito ao mundo,¹⁸⁶ pois Deus **pôs** (“depositou”, Weymouth) em Paulo **a palavra**¹⁸⁷ **da reconciliação** (cf. 1 Co 1.18). **A palavra** (*logos*), segundo Cullmann, “é a revelação final e definitiva como tal”.¹⁸⁸ **A palavra da reconciliação** é a essência do **ministério da reconciliação**. **A palavra** qualifica plenamente todas as fases do **ministério**. Este ministério não trata basicamente de dar bons conselhos, mas sim de comunicar aos homens as boas-novas do que Deus fez **em Cristo** pelo **mundo**.

Assim, Paulo é servo da sua mensagem. Como **embaixadores da parte de Cristo** (cf. Is 52.7; Ef 6.20), Paulo e seus colaboradores servem como representantes de (*hyper*) Cristo (20). O seu trabalho apostólico é semelhante ao de um poderoso representante de um imperador antigo.¹⁸⁹ A sua dignidade e autoridade são as do seu Soberano. Não é **como se**, mas “vendo que”¹⁹⁰ Deus por nós rogasse” (Weymouth), a base do seu apelo urgente e piedoso. Ele insiste, da parte de Cristo, que o mundo se reconcilie **com Deus**. Aqui estão o valor e a dinâmica do seu ministério. Deus, pelo Espírito de Cristo, está por trás da pregação de Paulo e na verdade fala através dele. A sua palavra é a palavra de Deus (cf. 1 Ts 2.13).¹⁹¹ Uma teologia do ministério cristão pode ser encontrada nestes versículos.

A reconciliação dos homens tem duas causas eficazes: 1) o que Deus fez em Cristo – **o fez pecado por nós**; e 2) como resultado disso, o que Cristo significou para nós – **nele, fôssemos feitos justiça de Deus** (21). Bengel sugere que “Ele foi feito *pecado* da mesma maneira como nós somos feitos *justiça*”.¹⁹² **Nele** (*en auto*) corresponde a **por nós** (*hyper hemon*). Os dois lados adotaram o que não era merecidamente deles. Cristo, que “era inocente do pecado” (NEB), entrou numa esfera completamente estranha à si mesmo, para que nós pudéssemos entrar numa esfera da qual nos alienamos. Cristo, um

estranho absoluto a qualquer rebelião contra o Pai (Jo 8.46; Hb 4.15; 1 Pe 2.22), foi tratado como se fosse completamente responsável pela rebelião do homem contra Deus (Is 53.6; 1 Pe 2.24). Ele sofreu “o que Deus faz ao pecado, e tornou visível o que acontece quando o homem tem Deus contra si”.¹⁹³ Cristo tornou-se “uma maldição por nós” (Gl 3.13; cf. Dt 21.23; Is 53.12; Lc 22.37; Rm 8.2). A expressão **Deus... o fez** indica a unidade entre Pai e Filho na identificação com o pecado (Jo 10.30; Fp 2.8; Hb 9.1-14). No sentido definitivo, é Deus quem sofre em si mesmo as consequências do pecado do homem, pelo seu amor perdoador (Rm 13.8).

O resultado é “o perdão no seu sentido mais amplo”,¹⁹⁴ a restauração de uma relação correta com Deus com a libertação e a novidade de vida exigidas por essa relação. A **justiça de Deus** é uma atividade de Deus (Rm 1.17) pela qual Ele defende a sua causa ou realiza os seus objetivos entre os homens.¹⁹⁵ Ser considerado por Deus como justo é um ato régio, não de absolvição, mas de anistia ou de perdão (Rm 3.24-26). A justificação é uma ação forense, mas a imagem de meras palavras está fragmentada, pois não é “uma mera palavra, mas é a palavra de Deus que trabalha e cria a vida”.¹⁹⁶ Assim o homem é levado à **justiça de Deus**, numa nova condição de vida (15, 17), cujo mérito é a cruz de Cristo e cuja substância é o Espírito de Cristo. O caráter justo resultante do homem é o da justiça da sua nova relação com Deus (Fp 3.9), e a sua posse daquele Espírito correto, o Espírito Santo transformador (3.18), que lhe foi dado (Rm 5.5). Novamente, a justificação se estende para envolver a santificação, pois é uma justiça *nele* (17) que se tornou, para nós, “justiça, santificação e redenção” (1 Co 1.30).¹⁹⁷

A abordagem de Paulo do seu ministério é supremamente “em Cristo”. 1) Como uma nova criatura “em Cristo”, ele está alerta para o mundo dos homens (16-17). Como tal, 2) a ele foi confiada a mensagem do ato reconciliador de Deus “em Cristo” (18-19), para que 3) ele possa oferecer aos homens a oportunidade gratuita, “em Cristo”, de se tornarem a justiça de Deus (20-21).

c) *A vida de um apóstolo* (6.1-10). A divisão dos capítulos aqui é bastante arbitrária. Paulo ainda está defendendo o caráter do seu ministério do ponto de vista da sua conduta e das suas experiências como um embaixador de Cristo.

O pensamento de 5.20 se conclui quando Paulo, com base na sua mensagem (5.21), exorta urgentemente os fracos crentes coríntios a não receberem¹⁹⁸ **a graça de Deus em vão** (6.1). O seu medo é que eles não permitam que a salvação de Deus em Cristo realmente produza o fruto desejado de um caminhar santo – uma vida que responda adequadamente à morte de Cristo (5.14-15), e que possa enfrentar o juízo sem ter do que se envergonhar (5.10; cf. 1 Co 3.10-15). O novo relacionamento com Deus, que nasceu através de Cristo, não se mantém automaticamente. Assim, eles são instigados a não “abrir mão dele por nada” (NEB). Paulo faz o seu apelo aos que estão **cooperando com Deus** (5.18, 20; 1 Co 3.9). Beardslee conclui que o apóstolo é muito cauteloso ao falar de Deus e do homem como trabalhando juntos. Ele sugere que “seria mais verdadeiro para o pensamento de Paulo dizer que todo trabalho humano real é um trabalho de Deus, do que dizer que Deus e o homem trabalham juntos”.¹⁹⁹ Isto está de acordo com a declaração de Isaías 26.12 – “Senhor... tu és o que fizeste em nós todas as nossas obras”.

O versículo 2 é um parêntese que revela uma das suposições fundamentais do evangelho de Paulo; a urgência do seu apelo é reforçada pela interjeição de Isaías 49.8. Ali, o

Servo do Senhor tem a promessa de ajuda no dia em que a salvação for oferecida aos gentios (Is 49.1-12). Aos seus leitores, portanto, Paulo anuncia: **eis aqui agora o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação** (2). O que os coríntios sentiram por meio da proclamação do apóstolo foi o verdadeiro cumprimento dessa profecia. A ação salvífica final de Deus está tendo lugar no presente; as últimas coisas não são mais um evento distante. Hoje é o tempo **aceitável** por Deus para que os homens participem livremente da sua reconciliação em Cristo: “O tempo do diabo é sempre o amanhã; o tempo de Deus é sempre o hoje”.²⁰⁰

A exortação de Paulo e dos seus colaboradores não é incoerente com a qualidade das suas vidas. **Dando** (3) e **tornando-nos** (4) são participios coordenados com “cooperando” (1). A consciência do apóstolo está limpa, pois ele sempre procura “não dar escândalo em coisa alguma” (NASB), para que o seu ministério não seja censurado. Nenhuma causa real para a rejeição da sua mensagem pode ser encontrada na sua conduta. Este é o caráter do ministério cristão.

Mas como os seus caluniadores coríntios aparentemente sentiram que a honra da indicação feita por Deus significava sucesso e proeminência, Paulo teve que ressaltar que até mesmo os seus sofrimentos eram demonstrações da autenticidade do seu apostolado (4-5).²⁰¹ Em tudo – possivelmente em todas as ocasiões – Paulo e seus companheiros de trabalho se tornavam **recomendáveis** (dignos de elogio, cf. 3.1; 4.2; 5.12) como **ministros** (servos; cf. 6.4; Mt 20.26; Mc 10.43) **de Deus**. Redpath sugere que todas as condições mencionadas em 4-10 “fornecem uma plataforma para a exibição da graça de Deus” na vida dos seus servos.²⁰²

Paulo recomenda o seu ministério, primeiramente, **na muita paciência** (“grande persistência”, RSV). Esta qualidade, muita ressaltada por Jesus (Mt 10.22; 14.13; Lc 8.15; 21.19) e certamente significativa para Paulo (1.6; 11.23-30; Rm 5.3; 1 Ts 1.3), coloca-se no topo de três grupos de provações. O primeiro grupo, no versículo 4, apresenta os sofrimentos de Paulo em termos gerais. Eles podem se referir às aquelas dificuldades que são independentes do agente humano, e incluem **aflições** (cf. 1.3-10; 2.4; 4.8, 17; At 14.22; 20.23), todas as experiências de pressão física, mental ou espiritual que talvez possam ser evitadas; **necessidades** (“privações”, NEB), que não possam ser evitadas; e **angústias** (“dilemas”, NEB, 4.8), das quais não é possível escapar.

O segundo trio (5) especifica os sofrimentos em particular que são infligidos pelos homens. Paulo se esforça para recomendar a si mesmo como um servo fiel de Deus, “mostrando a suprema paciência entre” (Bruce) **açoites** (11.23; At 16.23), **prisões** (11.23; At 16.23-24) e **tumultos** (At 13.50; 14.19; 16.19; 19.29; 21.30). O terceiro trio consiste daquelas disciplinas que ele impôs a si mesmo para a proteção da sua missão: **nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns**. O grande apóstolo, para o bem do evangelho, freqüentemente: 1) se cansava até o ponto da exaustão, 2) diminuía as suas horas de descanso para dedicar mais tempo ao ministério da Palavra e à oração, e 3) negligenciava as suas refeições quando o trabalho era urgente.

Tendo concluído com as nove condições que indicam a esfera da persistência, Paulo agora toma um novo fôlego. Ele enumera nove características espirituais, coordenadas com a virtude da **pureza**, que Deus o capacitou a demonstrar como um ministro de Cristo (6-7). O apóstolo manteve pura a sua vida e os seus motivos verdadeiros. Ele

possuía a **ciência** do que Deus tinha feito em Jesus Cristo (cf. 8.7; 11.6; 1 Co 2.6-16) tanto na sua própria vida quanto nas suas implicações para todos os homens. Ele tinha a **longanimidade**, em que poderia suportar os ferimentos, os insultos, a teimosia e a estupidez das pessoas sem ira nem vingança (cf. Cl 3.12). Mas além da persistência, ele era complacientemente bondoso e tolerante nas suas relações com tais pessoas (cf. Lc 6.35; 1 Co 13.4; Gl 5.22). O Espírito Santo, que é a própria dinâmica de todas as virtudes de Paulo, estava sendo demonstrado no seu ministério (1 Co 2.4; 1 Ts 1.5). O fruto básico do Espírito, que é o **amor** genuíno (cf. Rm 12.9; 1 Tm 1.5; 1 Pe 1.22), reflete a própria atitude de Cristo (cf. 5.14; 1 Co 13.1-13) na vida do apóstolo.

A **palavra da verdade** (genitivo objetivo) se refere à proclamação que Paulo faz da verdade do evangelho (cf. 5.19; Ef 1.13; Cl 1.5). Tudo isto ele fez no (*en*) **poder de Deus** (cf. 4.7-11; 12.9-11; 1 Co 2.3-7). O seu ministério é a própria atividade de Deus (5.20). Com uma mudança nas preposições (*dia* substituindo a *en* de 4-7a) Paulo afirma que as suas armas (cf. 10.4) fazem parte da armadura (cf. Is 59.17; Rm 13.12; Ef 6.13-17; 1 Ts 5.8) “que a divina justiça provê” (5.21; cf. Rm 6.13).²⁰³ Dos recursos do seu relacionamento com Deus ele está plenamente equipado tanto com armas ofensivas quanto defensivas. Pois à sua **direita** ele tem a “espada do Espírito” (Ef 6.17), e à sua **esquerda**, “o escudo da fé” (Ef 6.16).

A seguir vem uma lista de nove condições contrastantes que Paulo sofre com alegria pelo bem do seu chamado (8-10). Este é o terceiro intercâmbio de experiências opostas em Cristo que ele relaciona na carta (1.3-7; 4.7-12).²⁰⁴ O mesmo paradoxo de humilhação e glória que caracterizou a carreira de Jesus é parte integrante do ministério de Paulo. Isto já está evidente no contraste entre os versículos 4-5 e 6-7. Os primeiros quatro pares (8-9a) apresentam as maneiras como Paulo é considerado por diversas pessoas:

Por²⁰⁵ **honra**
por infâmia
como²⁰⁶ **enganadores**
como desconhecidos,

e desonra,
e por boa fama,
e sendo verdadeiros;
mas sendo bem conhecidos;

Os últimos cinco pares (9b-10) apresentam os fatos reais da existência ministerial do apóstolo em relação a Jesus Cristo. Esta relação era um estado de coisas “determinadas pela crucificação e ressurreição, e pela posição subordinada deliberadamente assumida pelo Cristo exaltado”.²⁰⁷ Na verdade, Paulo vive:

como morrendo
como castigados
como contristados,
como pobres,
como nada tendo

e eis que vivemos;²⁰⁸
e não mortos;²⁰⁹
mas sempre alegres;
mas enriquecendo a muitos;²¹⁰
e possuindo tudo.²¹¹

Assim, como um ministro da reconciliação de Deus em Cristo, Paulo pode exortar os coríntios por duas razões, a fim de não frustrar a graça de Deus nas suas vidas. Em primeiro lugar, está o fato de que o seu ministério é Deus verdadeiramente trabalhando na ação redentora do último dia (1-2). Em segundo lugar, a qualidade da sua vida de

serviço não impede a aceitação da graça de Deus (3). Antes, a vida de Paulo exhibe aquela graça *a*) ao suportar diversas provações, 4-5; *b*) manifestando as verdadeiras características do novo homem em Cristo, 6-7; e *c*) através de um ministério que compartilha o paradoxo da própria vida de Jesus, 8-10.

A essência da tarefa de Paulo como apóstolo é o ministério da reconciliação (5.11—6.10). É uma missão 1) cujos motivos são encontrados no ato de Deus em Cristo, 5.11-15; 2) cuja perspectiva é o ato de Deus em Cristo, 5.16-21; e 3) cuja conduta participa da natureza do ato de Deus em Cristo, 6.1-10.

Examinando rapidamente a caracterização que Paulo faz do seu ministério (3.1—6.10), é evidente que ele defende o seu trabalho pela natureza da mensagem que lhe foi confiada, e experimentada pelos coríntios: 1) O seu ministério é primordialmente do Espírito, devido à obra do Espírito Santo, 3.1—4.6; 2) isto é possível porque tudo o que Paulo suporta por amor a Jesus é a morte de Jesus, que libera o Espírito Santo aos seus ouvintes – a vida ressurrecta de Jesus, da qual Paulo irá compartilhar plenamente no futuro, 4.7—5.10; 3) mas as duas condições só são verdadeiras pelo fato de o ministério de Paulo consistir do ato de reconciliação de Deus, em Cristo, para o mundo, 5.11—6.10.

C. PAULO CONFIA NA IGREJA, 6.11—7.16

Paulo conclui a caracterização do seu ministério, e as implicações da integridade da sua atitude em relação aos seus convertidos. Ele retoma diretamente o tema do seu relacionamento com os coríntios. O seu apelo a eles está baseado na atitude “Grande é a ousadia da minha fala para convosco” (7.4; cf. 7.16). Ele interrompe, por alguma razão, o chamado para a afeição renovada (6.1—7.4) com uma exortação a uma vida separada (6.14—7.1). A seção termina com uma consideração acerca do papel desempenhado por Tito na reconciliação de Paulo com a igreja de Corinto (7.2-16; cf. 2.12-13).

1. *Um apelo à comunhão* (6.11-13)

O apóstolo está surpreso consigo mesmo por ter falado tão francamente aos coríntios sobre a essência da sua vida como apóstolo. Portanto, ele tenta tirar proveito do significado desta sua sinceridade para com eles.

Paulo estava profundamente afetado por aquilo que ele tinha acabado de ditar, e de uma maneira rara ele se dirige aos seus convertidos diretamente: **Ó coríntios** (11; cf. Gl 3.1; Fp 4.15). **A nossa boca está aberta** – ele disse livremente; este fato deveria ser para eles uma evidência de que o **coração** do apóstolo também estava **dilatado** (aberto)²¹² a eles (cf. Sl 119.32). Tal expressão espontânea, desinibida, só poderia fluir de um coração carinhoso e confiante: “Do que há em abundância no coração, disso fala a boca” (Mt 12.34).

Não há restrições nem limitações de sentimentos em Paulo. Qualquer barreira para intimidar a comunhão estará nos sentimentos dos coríntios: **mas estais estreitados nos vossos próprios afetos** (12). Como **coração** (*kardia*), o termo **afetos** (*splanchnois*) é usado para denotar o local das emoções. A referência aos órgãos vitais – coração, fígado e pulmões – tem a finalidade de fazer uma diferenciação em relação aos órgãos inferiores. Os coríntios é que estão presos nos seus afetos.

Assim, falando a eles como a seus **filhos** (13) na fé (cf. 1 Co 4.14, 17; Gl 4.19; 1 Tm 1.2, 18; 2 Tm 1.2; 2.1; Tt 1.4), ele apela para uma **recompensa disso** – uma “justa retribuição” (NASB). Eles também deveriam dilatar-se no seu amor e na sua franqueza para com o apóstolo, por ele ser o seu pai espiritual.

O fato de o apóstolo, por meio da sua linguagem (2.14—6.10), ter expressado com os seus lábios aquilo que estava em seu coração, 1) indica como era grande o seu amor por eles, e 2) fornece uma motivação adequada para que eles removam todas as mesquinharias da sua atitude em relação a ele. Deve haver esta sinceridade em amor e esta confiança entre o ministro e o povo, para que a graça de Deus opere com liberdade entre o povo.

2. Uma Exortação a Uma Vida Santificada (6.14—7.1)

Abruptamente, depois da explosão de afeto do coração do apóstolo, vem um apelo para uma separação ética radical da igreja do seu ambiente pagão. Kling sugere que “é a verdadeira natureza de um amor tão ardente, tão momentâneo, e agora tocado com um pouco de ciúme, que faz estas transições súbitas”.²¹³ A necessidade da separação está na própria natureza da igreja como o templo e a família de Deus. O caráter ético da igreja deve “ser marcado, não por regras exteriores, mas pela pureza interior”.²¹⁴

Paulo pode estar ligando a sua exortação de 6.17 e 7.1 a este apelo para “não receber a graça de Deus em vão” (6.1). É um chamado para que os coríntios não se prendam a **um jugo desigual com os infiéis** (14). O tema de ambos é a santidade da vida que deve resultar da recepção da palavra de reconciliação (5.20-21). O apóstolo sem dúvida está usando como imagem as proibições do Antigo Testamento contra “lavar com boi e jumento” (Dt 22.10), e contra o cruzamento de animais de diferentes espécies (Lv 19.19). Incluídos na metáfora estão o casamento (1 Co 7.12-15) e pelo menos todos os problemas éticos de que se tratou na primeira carta aos coríntios (6.5-10; 10.14; 14.24). O chamado tem a finalidade de evitar estes relacionamentos íntimos com os pagãos que comprometem a coerência cristã no culto e na ética (cf. 1 Co 5.9-13). Não se pretende nenhuma exclusividade farisaica. Com a finalidade de ganhar almas, Paulo procurava se adequar ao padrão de cultura em que ele se encontrava (1 Co 9.19-23) – mas não às custas da integridade da fé cristã e dos seus padrões morais.

Com a retórica de um pregador, Paulo reforça a sua proibição com uma série de perguntas antitéticas. As quatro primeiras (14-15) estão dispostas em pares e a última pergunta conclui a série e afirma a premissa do que vem a seguir.²¹⁵ A incoerência é total entre a **justiça** do cristão (5.21) e a **injustiça** (lit., “ilegalidade”) do pagão (cf. Sl 45.7; Hb 1.9). O contraste está entre o reino da **luz** e o das **trevas** (cf. 4.6; Ef 5.7-11). A segunda série de contrastes é mais concreta e pessoal; primeiramente os líderes dos dois reinos, **Cristo e Belial**²¹⁶ são contrastados, depois o **fiel** com o **infiel**. Não existe **sociedade** (*metoche*), nem **comunhão** (*koinonia*), nem **concordia** (*symploche*) – absolutamente nada “em comum” (RSV) entre o que é peculiar aos respectivos reinos.

A última pergunta antitética é: **E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos?** (16) Paulo apela ao rompimento completo do judaísmo com a idolatria (cf. Rm 2.22), que os crentes gentios devem imitar (cf. At 15.20; 1 Co 6.9; 10.14; 1 Ts 1.9). Eles devem efetuar esta ruptura porque a igreja²¹⁷ é o **templo do Deus vivo**. O termo **templo** (*naos*) se refere ao santuário interno onde a Presença Divina estava localizada, como distinção de toda a área do templo (*hierón*). Paulo demonstra o que ele quer

dizer com uma citação do Antigo Testamento que combina Levítico 26.11-13 e Ezequiel 37.26-27, descrevendo a presença de Deus com o seu povo e o seu concerto com eles.²¹⁸ A igreja é agora o **povo** de Deus, e a ela pertencem todas as promessas do Antigo Testamento. A idolatria e a corrupção moral resultante dela são, desta forma, irreconciliáveis com a vida da igreja.

A igreja do Novo Testamento como o templo de Deus é uma imagem familiar (1 Co 3.16-17; Ef 2.20-22), relacionada com a igreja como o corpo de Cristo. Nós vimos isto em 5.14. Também vimos ali que o uso de Paulo estava relacionado com o próprio uso feito por Jesus de “templo” como o seu corpo, o qual ressuscitaria (Jo 2.21; cf. At 6.13; 7.48; 17.24). Os cristãos do Novo Testamento são construídos como “casa espiritual e sacerdócio santo, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo” (1 Pe 2.5). A resposta ética do cristão é encarada como “sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, *que é o vosso culto racional*” (Rm 12.1).²¹⁹ Desta maneira, segundo as palavras de Robertson, antecipando 7.1: “A santificação cristã... nada mais é que apresentar o homem inteiro como um sacrifício a Cristo”.²²⁰

Até mesmo a conclusão óbvia (17-18) pode ser expressa em citações das Escrituras. No versículo 17, Paulo combina Isaías 52.11 e Ezequiel 20.34, onde os judeus da Babilônia são tirados do exílio (cf. Jr 51.45; Ap 18.4). O versículo 18 é 2 Samuel 7.8,14, com alguns reflexos de Isaías 43.6 (cf. Jr 3.19; Os 1.10; 2.1). A ruptura deve ser decisiva, pois os tempos são aoristos: **saí... apartai-vos... não toqueis**. A promessa de que Deus os “receberá” é igualmente decisiva. Eles são agora a família de Deus, e podem precisar deixar as suas próprias casas e famílias (cf. Mt 10.34-37). O termo **filhas** é acrescentado por Paulo ao texto do Antigo Testamento, refletindo talvez a nova dignidade das mulheres em Cristo. **Senhor Todo-poderoso**, usado somente aqui e no livro de Apocalipse (1.8; 4.8; 11.17; 15.3; 16.7; 19.6; 21.22), transmite a confiança no poder de Deus para cumprir as suas promessas.

Com base nessas promessas (7.1), Paulo faz uma última exortação aos seus **amados** coríntios, que resume os apelos anteriores (6.14; 17; cf. 6.1). A ênfase está na vida ética: **purifiquemo-nos** (cf. Rm 6.13; 12.1; Tg 1.27). Para isto eles devem se candidatar à graça do Espírito transformador (Rm 12.2).²²¹ Mas isto é algo pelo que eles são responsáveis. A ruptura ética com o antigo modo de vida deve ser decisiva (tempo aoristo) e, ao mesmo tempo, abrangente: **toda imundícia da carne e do espírito**. As palavras **carne** e **espírito** não são usadas aqui no sentido técnico que Paulo faz dos princípios éticos opostos (Rm 8.1-11; Gl 5.16-24), mas na maneira popular da época, para abranger todas as facetas da existência de um homem (cf. 2.13; 7.5; 1 Co 7.34; 1 Ts 5.23).²²² Todos os atos e atitudes que possam comprometer a singularidade da devoção deles à vontade de Deus devem ser completamente evitados. Wesley se refere aqui aos pecados interiores e exteriores.²²³

A ruptura não é apenas decisiva (6.17), mas também deve caracterizar²²⁴ toda a vida deles (6.14; cf. Rm 12.2); a expressão **purifiquemo-nos** é também interpretada pelo participio nominativo presente, **aperfeiçoando a santificação no temor de Deus**. A palavra **aperfeiçoando** (*epitelein*) significa “trazer a um objetivo” e o tempo “durativo” deve ser interpretado como repetitivo: “Nós nos purificamos efetivamente quando, em cada situação que se apresenta, nos afastamos daquilo que pode manchar a carne e o espírito”.²²⁵ Devemos continuar, momento após momento, a procurar atingir o objetivo da resposta ética adequada a um Deus absolutamente santo. Clarke

definiu este processo de santificação completa como “trazer toda a mente de Cristo à alma... que é o grande objeto de uma genuína busca cristã”²²⁶.

A palavra **santificação** (*hagiosune*, que só aparece em Rm 1.4 e 1 Ts 3.13, além desta passagem), se refere a uma qualidade de vida ética que resulta da reconciliação do homem com Deus em Cristo (5.18-21). A palavra cognata, *hagiasmos*, que é mais freqüente no Novo Testamento, indica uma “ação santificadora” com um significado ético (cf. Rm 6.19, 22; 1 Co 1.30; 1 Ts 4.4, 7; 2 Ts 2.15; 1 Tm 2.15; Hb 12.14; 1 Pe 1.2).²²⁷ Nesta passagem de Coríntios, o particípio presente **aperfeiçoando** enfatiza o progresso ético prático em direção à completa semelhança com Cristo (cf. 3.18; 1 Jo 3.2). Esta deve ser uma parte contínua da vida cotidiana daqueles que vivem **no temor de Deus** (cf. 5.10-11). Existe aqui um paradoxo. Aqueles que foram trazidos a um relacionamento santificado com Deus em Jesus Cristo (cf. 1 Co 1.2, 30; Hb 2.11; 10.10, 14, 29; 13.12) devem procurar atingir o ideal ético daquele relacionamento; a santidade é uma dádiva e, ao mesmo tempo, uma tarefa. Ela significa: “Torne-se aquilo que você é!” Uma atitude assim realizada na vida (cf. Fp 3.12-15) é o respeito e a reverência que devemos a Deus.

Embora o foco da passagem não esteja na crise da santificação completa como tal,²²⁸ a ética da santidade certamente pressupõe a crise. Como Strachan tão acertadamente explica: “Ser ‘santo’... significa que nós pertencemos a Deus. A exigência moral deste relacionamento está determinada pela nossa concepção de Deus, e a extensão da nossa entrega à sua vontade”.²²⁹

Paulo fez um apelo fervoroso contra o mundanismo de qualquer espécie no corpo de Cristo. Uma igreja conformada com o mundo nunca irá liderá-lo. Se a igreja quiser estar verdadeiramente no mundo, ministrando às necessidades do homem, ela deve se purificar do mundo por dentro e por fora, com as armas da sua própria milícia (10.4). Os versículos 6.14—7.1 nos apresentam: 1) A exigência, 14-16a; 2) a necessidade, 16b; e 3) a motivação para aquela qualidade de vida que, na realidade, consiste em **aperfeiçoando a santificação no temor de Deus**, 6.17—7.1.

3. Um Apelo Renovado à Comunhão (7.2-4)

O pensamento de 6.11-13 agora é concluído. **Recebei-nos** (2) retorna a “dilatai-vos também vós” (6.13). O significado do texto fica claro à medida que Paulo procura concluir a sua reconciliação com os coríntios.

Recebei-nos significa literalmente: “Abram um lugar para nós”. Assim, “abram o seu coração para nós” (ASV) é certamente o que Paulo quer dizer. O seu coração já está aberto para eles (6.11), mas eles devem retribuir para que exista uma comunhão genuína. Para isto o caminho está aberto, porque segundo ele (verbos no tempo aoristo)... a ninguém **agravamos**, a ninguém **corrompemos** (ferimos), de ninguém **buscamos o nosso proveito** (“jamais tirou vantagem”, RSV; cf. 2.11; 12.17). Tais acusações podem ter sido feitas contra o apóstolo (cf. 1.24; 5.5; 12.16-19), mas ele não encontra culpa neles; pelo contrário, o seu desejo de amor e confiança mútuos é tão intenso que ele pode dizer “estais em nossos corações para juntamente morrer e viver” (3, Knox; cf. 1.6-7; 3.2; Fp 1.7). Paulo pode até querer dizer que está disposto a compartilhar a vida ou a morte com eles. Wendland ressalta que “o laço entre o apóstolo e a igreja é um retrato da comunhão em destino entre Cristo e o cristão (4.10-12)”.²³⁰ Nem mesmo a morte, portanto, pode destruir a sua comunhão (cf. Rm 8.38-39).

Em lugar de condená-los, ele tem **grande jactância** (ou confiança)²³¹ em relação a eles (4), um grande orgulho (cf. 1.14; 7.14; 8.24; 9.2-4). As notícias dos coríntios trazidas por Tito (6) capacitam Paulo a dizer sobre eles: **Estou cheio de consolação e transbordante de gozo em todas as nossas tribulações** (cf. 1.4-8; 4.8, 17; 6.4). Este versículo, que marca o final do raciocínio que começou em 2.14, é uma transição para a retomada do relato de Paulo do seu encontro com Tito na Macedônia (2.13). O apóstolo manteve a porta aberta para a reconciliação pessoal 1) pela integridade do seu comportamento, 2; 2) pela profundidade da sua devoção, 3; e 3) pelo positivismo da sua atitude em relação aos coríntios, 4. “O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1 Co 13.7).

4. *A vinda de Tito* (7.5-7)

Paulo havia abandonado este assunto por uma irresistível necessidade de dar louvor a Deus (2.14). Isto, por sua vez, levou-o a uma discussão do caráter do ministério apostólico, à medida que ele lembrava das censuras contra a sua integridade. Às aparentes divagações de Paulo nós devemos alguns dos mais ricos tesouros bíblicos (1 Co 13; Fp 2.5-11). Esta digressão (2.14—7.4) indica que Paulo escrevia espontaneamente dentro da sua capacidade como apóstolo e pastor.²³²

Quando o apóstolo foi a Trôade à procura de Tito e não o encontrou, ele ficou tão ansioso (“não tive descanso no meu espírito”) que recusou uma excelente oportunidade para pregar naquela cidade, e prosseguiu à Macedônia (2.12-13; veja o mapa 1). Da mesma maneira, ali **a nossa carne não teve repouso algum** (5), porque **em tudo fomos atribulados**. “Espírito” e **carne** (cf. 7.1) são mais uma vez usados por Paulo no sentido popular para indicar a esfera do seu sofrimento e da sua ansiedade causados por “combates por fora” e “temores por dentro” (NASB). Tasker observa: “Esta é uma parte da fragilidade da natureza humana que é sujeita a tensões e que têm repercussões mentais e físicas; e tais tensões são sentidas mais fortemente pelas almas supersensíveis, como a de Paulo”.²³³ A graça intensifica o amor. A preocupação autêntica, como a que Paulo tinha pelos coríntios, aumenta a capacidade de sofrimento.

Aquele “que conforta os abatidos” (RSV, Is 49.13), isto é, “o Deus de toda a consolação” (1.3), **consolou Paulo com a vinda²³⁴ de Tito** (6). Não apenas o fato da reunião com um companheiro querido mas também a consolação (o conforto) das novidades que ele trouxe, revigoraram o apóstolo (7). Tito também devia estar deprimido, pois ele **foi consolado** ao contar a Paulo sobre as “saudades” dos coríntios (ASV), o **choro e zelo** deles em relação ao apóstolo. Assim, “a alegria de Tito” (13) e o conhecimento de que os seus próprios sentimentos em relação aos irmãos eram agora retribuídos por eles (note o termo **vosso**, mencionado três vezes), fizeram com que Paulo se alegrasse **muito mais**. Estes versículos indicam 1) que os assuntos humanos tinham poder para deprimir o apóstolo, mas 2) o Deus que se “compadeceu dos seus aflitos” (Is 49.13, RSV) era 3) também soberanamente capaz, por meio do agente humano, de aliviar a sua depressão: “Bendito seja... o Deus de toda consolação” (1.3).

5. *O Arrependimento da Igreja* (7.8-12)

De uma maneira extremamente delicada, Paulo tenta aperfeiçoar a sua reconciliação com a igreja. Se todos os desentendimentos, as suspeitas e as amarguras devem ser removidos do seu relacionamento, então o passado deve ser aberto, não simplesmente

coberto para surgir novamente em alguma circunstância futura. O amor que é espiritual procura uma reconciliação tão real que a relação possa verdadeiramente ser a mesma novamente, mesmo que o ferimento curado exiba uma cicatriz para sempre. Paulo realmente tem os coríntios no seu coração, para morrerem e viverem juntos (3).

A **carta triste** (8), escrita “em muita tribulação e angústia do coração” (2.4) causou-lhes dor e tristeza.²³⁵ Ela foi enviada por Tito para que os coríntios pudessem conhecer a abundância do amor de Paulo por eles (2.4). Houve ocasiões, antes do retorno de Tito, em que o apóstolo se arrependeu²³⁶ de ter enviado a carta. Ele sentia os mesmos sentimentos de um pai que é obrigado a punir severamente o seu filho (cf. 2.9). Mas agora ele não se arrepende, “por ver” que a carta os **contristou**, porém apenas “por pouco tempo”.

Assim, **agora, folgo** (9), não por causa da tristeza deles, mas por causa do fruto dessa tristeza – **o arrependimento**.²³⁷ Eles sentiram “uma tristeza como a que Deus quer”.²³⁸ O problema deles com Paulo foi colocado no seu próprio contexto, que era o da própria relação deles com Deus. Como as palavras dolorosas de Paulo resultaram numa tristeza “segundo Deus” (cf. Rm 8.27), os coríntios não “padeceram dano” em sua mordomia da graça de Deus (cf. 1 Co 3.10-15).

Porque, escreve Paulo, existem dois tipos de **tristeza** (10). Um deles é a mera **tristeza do mundo**, um remorso somente sobre a exposição ao pecado e o medo das suas dolorosas consequências. Tal insatisfação indiferente para com o pecado leva o pecador somente à morte espiritual (cf. Rm 6.23; 7.13). A outra tristeza é a dos coríntios, uma **tristeza segundo Deus**, que produz um **arrependimento para a salvação** que não deve ser lamentado. Tal **arrependimento** é uma mudança de atitude que é por si só um sinal da operação do Espírito de Deus (At 11.18) na sua ação de salvação de longo alcance (Rm 5.9; 8.18-25). Mackinstosh escreve:

O arrependimento, como qualquer ato religioso, diz respeito a três modos fundamentais de consciência – saber, sentir, desejar. O pecado é reconhecido, não é querido, é rejeitado. O reconhecimento do pecado, por si só, não é arrependimento; pode ser uma provocação. A tristeza pelo pecado também não significa arrependimento, se estiver sozinha na mente; pode ser remorso ou desespero. O abandono do pecado, por si só, pode não ser nada além de prudência. O fato regenerador reúne os três, como uma unidade, batizados em um sentido da graça pessoal de Deus para com o pecador.²³⁹

O apóstolo está extasiado ao mostrar aos coríntios que eles verdadeiramente exemplificam o tipo de tristeza pelo pecado que Deus pode usar como base para edificar: **quanto cuidado** (11; “cuidado fervoroso”, ASV) isto produziu neles com respeito à situação (cf. 7). Na verdade, eles agora estão preocupados em purificar-se; eles estão indignados consigo mesmos;²⁴⁰ estão espiritualmente alarmados;²⁴¹ desejam estar plenamente reunidos com o apóstolo; estão zelosos pela honra e autoridade de Paulo contra aqueles que o desonraram, e puniram aquele que tinha tão dolorosamente ofendido o apóstolo (2.6). Em cada circunstância eles mostraram estar **puros** (inocentes) **neste negócio**.

A principal razão de Paulo escrever uma carta assim era para que o “grande cuidado” (cf. 11) dos coríntios – o verdadeiro sentimento deles por Paulo²⁴² – pudesse vir à luz **diante de Deus** (12). A integridade espiritual deles estava em jogo, pois eles tinham

permitido que os desordeiros na igreja lançassem uma nuvem de deslealdade e desrespeito sobre a atitude deles em relação ao seu pai espiritual.²⁴³ Motivos secundários para a carta de Paulo envolviam tanto o ofensor quanto ele próprio, o ofendido. Todos os aspectos daquele erro precisavam de atenção.

Como pai deles na fé, Paulo está tão preocupado com o seu bem-estar espiritual completo que 1) ele não hesita em causar-lhes dor, embora ele mesmo não sinta menos dor, 8-9; 2) Tal dor, quando usada por Deus, traz o arrependimento que leva a) à salvação e b) à correção das dificuldades dentro da igreja, 10-12.

6. A *Experiência de Tito em Corinto* (7.13-16)

Retomando novamente o pensamento do versículo 7, o apóstolo conta aos coríntios sobre sua consolação com relação a eles. Ele também escreve sobre sua alegria ocasionada pela **alegria de Tito** (13) em sua visita a eles.

A afirmação: **Por isso, fomos** (“e somos”, tempo perfeito) **consolados** pertence corretamente ao versículo 12 e conclui o parágrafo anterior. O **e** é colocado antes de **pela vossa**²⁴⁴ **consolação** nos melhores manuscritos. Ele inicia uma nova sentença, como na versão RSV: “E, acima desta nossa consolação, muito mais nos alegamos pelo contentamento de Tito” (cf. ASV, NASB). Tito também estava profundamente preocupado com o tipo de recepção que ele iria encontrar em Corinto. Assim, a alegria de Paulo foi dobrada quando ele soube que **o espírito de Tito foi recreado** por toda a igreja. Tito estava feliz porque a igreja “deixou o seu pensamento completamente tranqüilo” (NEB).

A razão para a alegria de Paulo acima e além do seu consolo era porque ele não tinha sido “envergonhado” (14) por ter se gloriado junto a Tito sobre o comportamento esperado dos coríntios. A **verdade** defendida pela visão que o apóstolo tinha do amor, inspirada pelo Espírito, venceu a atitude rebelde que haviam demonstrado naquele momento. Ela penetrou na autenticidade do carinho que tinham pelo apóstolo (11-12). Paulo jamais perderia a esperança em relação à presença da graça de Deus nos seus convertidos. A verdade sobre o orgulho do apóstolo acerca deles era coerente com o fato de que ele sempre lhes tinha falado **tudo... com verdade**. A sua conduta “era mais um testemunho da coerência do caráter do apóstolo e da confiabilidade da sua obra, que ele tinha sido obrigado a defender na parte anterior desta epístola”.²⁴⁵

O afeto de Tito transborda quando ele pensa na **obediência** (cf. 2.9) dos coríntios, de **como eles o receberam com temor e tremor** (15). Eles o haviam aceitado como sendo a autoridade representativa do apóstolo. O começo do ministério de Paulo em Corinto foi “em temor, e em grande tremor” (1 Co 2.3), devido ao sentimento da sua esmagadora responsabilidade diante de Deus (cf. Sl 2.11; Ef 6.5; Fp 2.12). Agora era apropriado que **temor e tremor** caracterizassem uma congregação hesitante quando esta assumisse a sua responsabilidade perante aqueles que lhe proclamavam a vontade de Deus.

A reconciliação agora está completa. **Regozijo-me de em tudo poder confiar em vós** (16).²⁴⁶ Paulo pode estar dizendo: **Regozijo-me** porque “em tudo tenho bom ânimo a vosso respeito” (ASV). Este versículo conclui não apenas o parágrafo, mas toda a primeira seção da epístola (1.12—7.16). Como Hughes escreve: “Este é o delicado eixo ao redor do qual gira toda a epístola”,²⁴⁷ pois serve como uma perfeita transição ao que vem a seguir no restante da carta. À luz da sua justificada confiança nos coríntios, Paulo tem a

coragem de levantar o tema da sua responsabilidade em relação aos cristãos que passavam por necessidades (capítulos 8-9), e denunciar os falsos apóstolos que estavam minando a sua autoridade na igreja (capítulos 10-13).

O sentimento de alegria do apóstolo (13-16) está intimamente ligado ao completo bem-estar daqueles com quem ele está amorosamente preocupado, seja 1) o seu cooperador, 13-14, ou 2) os seus convertidos à fé, 15-16.

Sua confiança nos coríntios (6.11—7.16) nasce 1) da sinceridade do seu coração e da sua vida para com eles, 6.11—7.4; 2) da contínua operação da graça de Deus na vida dos crentes coríntios, 7.5-12; e 3) da convicção que ele possui da verdadeira atitude deles em relação ao apóstolo, quando livres da influência externa, 7.13-16.

Da parte de Paulo, a reconciliação (1.12—7.16) foi concluída porque ele expôs completamente 1) os detalhes do seu relacionamento com eles, 1.12—2.14; 2) os motivos do seu ministério entre eles, 3.1—6.10; e 3) a profundidade da sua afeição em relação a eles, 6.11—7.16.

SEÇÃO III

A GRAÇA DA DOAÇÃO CRISTÃ

2 Coríntios 8.1—9.15

Agora a atenção de Paulo se volta à coleta que ele organizou entre as igrejas missionárias na Galácia, na Acaia e na Macedônia (veja o mapa 1), para o alívio da comunidade cristã de Jerusalém (cf. Rm 15.22-28; 1 Co 16.1-4). Esta oferta parece ter sido muito significativa no ministério apostólico de Paulo, pois ele persistiu no seu plano de entrega pessoal, apesar dos perigos que sabia lhe esperavam em Jerusalém (At 20.3,23; 21.4,10-15; Rm 15.30-32). Além disso, a oferta foi acompanhada por uma delegação (8.16-24; At 20.4; 1 Co 16.3) que superava em muito o tamanho da oferta, a julgar pela pobreza das igrejas de onde ela veio. O significado teológico da coleta foi resumido da seguinte forma:

1) Um ato de caridade cristã entre companheiros de fé, motivado pelo amor a Cristo; 2) um ato que expressava a solidariedade da comunhão cristã, apresentando uma evidência irrefutável de que Deus estava convocando os gentios à fé; 3) uma peregrinação escatológica dos cristãos gentios a Jerusalém, pela qual os judeus seriam confrontados com a inegável realidade da dádiva divina da graça salvadora aos gentios, e por meio disso seriam, eles mesmos, levados pelo ciúme para que finalmente aceitassem o evangelho.¹

Este projeto de coleta estava em conformidade com a ética do concerto do Antigo Testamento (Lv 19.17-18 e Mq 6.8), e com a caridade do judaísmo (Mt 6.2; At 3.2).² Estava também de acordo com o ensino de Jesus sobre o auxílio aos pobres (Mt 5.42; 6.2; 25.43-46; Mc 10.21; Lc 19.2-9; Jo 13.29). Este ensino, juntamente com a natureza do relacionamento interior do discípulo (Mt 20.24-25; Mc 10.42-45; Lc 22.24-27), atingiu

uma realização surpreendente no espírito e na ação de ter “tudo em comum” na igreja primitiva (At 2.44; 4.32; cf. 6.1-8). Tal amor fraternal espontâneo, efetivado por uma nova relação com Deus por meio do Espírito Santo, era mantido por Paulo no centro da ética cristã (Rm 12.8-13; 13.8-10; Gl 6.6; Fp 4.14-17). Para ele, “a preocupação com as necessidades de um irmão na fé era uma expressão direta da comunhão orgânica peculiar de que os cristãos desfrutavam ‘em Cristo’ ” (Rm 5.5).³

Uma oferta angariada entre as igrejas gentílicas para os cristãos judeus – “os pobres santos que estão em Jerusalém” (Rm 15.16) – daria testemunho da solidariedade da igreja como “um corpo em Cristo” (Rm 5.5; 1 Co 10.17; 12.12-27; Gl 3.28). Se os gentios que compartilharam as bênçãos espirituais dos judeus sentiram a obrigação de lhes serem úteis nas bênçãos materiais (Rm 15.26-29), os judeus se sentiriam obrigados a glorificar a Deus (9.12-41) pela autenticidade da fé dos gentios em Cristo. Eles veriam a realidade do laço de comunhão entre eles como membros igualmente privilegiados do corpo de Cristo.⁴ Paulo pediu aos romanos que orassem com ele para que a oferta fosse aceita nesse espírito (Rm 15.30-31). Ele sabia que se a igreja de Jerusalém recusasse tal presente, eles estariam negando a soberania de Cristo sobre a igreja (cf. 1 Co 1.13; 10.17; 11.29; 12.27).⁵

Como antecipação da escatologia cristã, o projeto de coleta estava ligado ao desejo de Paulo pela conversão de Israel (Rm 9.1-5). A visão dominante do Antigo Testamento era de que primeiramente Israel seria restaurado ao relacionamento divinamente ordenado e então Deus, por meio deles, iria convocar os gentios em igualdade com os judeus. Jesus, em oposição ao judaísmo que ensinava a submissão dos gentios a Israel no esquema da salvação, revitalizou a posição do Antigo Testamento.⁶ Paulo, confrontado pelo problema da conversão dos gentios e a descrença de Israel com relação ao evangelho, viu a ordem da redenção invertida por um Israel sem fé (Rm 9-11). Ele viu os cristãos gentios como a autêntica e nova nação de Israel (Rm 9.6-11; 15.15-19), que agora seria o instrumento de Deus para a salvação do Israel segundo a carne (Rm 11.11-24).

A oferta e o testemunho dos enviados gentios seriam as evidências concretas de que a salvação chegara aos gentios (9.10), e iria, esperava Paulo, provocar o ciúme nos judeus, para que Deus pudesse salvar alguns deles (Rm 11.11-14). Os enviados das igrejas iriam a Jerusalém como um sinal da oferta de agradecimento dos gentios e da peregrinação das nações a Sião para cumprir a profecia (Is 2.2-4; 60.5-12).⁷ De acordo com Hahn: “Paulo se vê como um apóstolo aos gentios, convocado, pelo menos indiretamente, a servir Israel. Esta expectativa de Paulo não foi cumprida; os judeus não abriram suas mentes para o evangelho, mas usaram esta viagem de Paulo e dos seus delegados cristãos gentios como uma oportunidade para fazê-lo prisioneiro”.⁸

A. PAULO COLETA UMA OFERTA, 8.1-15

Quando a missão de Paulo aos gentios foi reconhecida pelos principais apóstolos de Jerusalém como tendo o mesmo valor da missão deles aos judeus, foram-lhe dadas “as destas de comunhão” (*koinonias*, versão ARA), e lhe pediram somente que “se lembrasse dos pobres” (Gl 2.9-10). Devido a uma escassez de alimentos em Jerusalém, Paulo já tinha, juntamente com Barnabé, trazido uma contribuição de alívio de Antioquia a Jerusalém. Isto

ocorreu antes ou durante a visita para a conferência de Jerusalém (At 15.1-31; Gl 2.1-10).⁹ Agora, nesta sua terceira viagem, Paulo se incumbe de uma oferta muito mais ampla, ocasionada – embora não motivada exclusivamente – pela necessidade entre os cristãos da Judéia. Os prováveis fatores responsáveis pela condição de pobreza deles eram: 1) a continuidade da escassez de alimentos, 2) a perseguição econômica, 3) poucos ricos e muitos pobres na composição da igreja, e 4) a dissipação de quaisquer recursos financeiros que possuísem.

Pelo menos um ano antes de ter escrito esta epístola, Paulo tinha pedido aos coríntios que contribuíssem com a oferta semanalmente, e que tivessem representantes prontos para acompanhá-lo na entrega da oferta (1 Co 16.1-4). Devido aos problemas entre eles, a igreja não tinha feito muito mais do que dar início à coleta (8.10; 9.2), de modo que ele procura reativar o projeto entre eles.

Naquilo que foi chamado de “Uma filosofia da doação cristã”, Paulo primeiramente fundamenta o seu pedido 1) na “graça de participar do ministério para os santos”, 8.3;¹⁰ 2) no exemplo de outras igrejas, 1-7; e 3) no exemplo do Senhor de todos, 8-15.

1. A Liberalidade dos Macedônios (8.1-7)

Com muito tato, o apóstolo passa para o delicado assunto do dinheiro. A sua perspectiva é a da **graça** (*charis*, versículos 1, 4, 6, 7; cf. 9, 16, 19; 9.8, 14, 15). As igrejas de Filipos, Tessalônica e Beréia tinham estado altamente motivadas nas suas doações, e os coríntios deveriam se sentir da mesma maneira. **Vos fazemos conhecer** (1) significa “nós precisamos informar a vocês” (KJV, marg.).

Paulo deseja que os **irmãos** de Corinto conheçam a natureza da **graça de Deus** que foi dada às **igrejas da Macedônia**. Esta **graça** ou favor gratuito **de Deus** em Cristo para os homens (8.9; Rm 3.24) é o âmago da teologia de Paulo, a partir do qual fluem todas as coisas. A resposta da Macedônia à graça divina foi tal que, em meio a muita **prova** (teste) **de tribulação** (Fp 1.29; 1 Ts 1.6-7; 2.14; 2 Ts 1.4-10), a **abundância do seu gozo** e a **sua profunda pobreza**¹¹ **superabundou em riquezas da sua generosidade** (2). Este foi um tipo de paradoxo da graça (cf. versículo 9). Sob perseguições, e na pobreza, a graça produziu, na Macedônia, “duas das mais adoráveis flores do caráter cristão: a **alegria** e a **generosidade**.”¹² A **generosidade** (*haplotetos*, simplicidade, sinceridade)¹³ aqui se refere não à dimensão da sua contribuição, mas à atitude de preocupação que motivou a participação deles (cf. 9.11,13; Rm 12.8). Foi o espírito de generosidade genuíno da parte deles, como indicam os versículos 3-5. Aqui havia uma evidência inquestionável da autenticidade da graça e da semelhança deles com Cristo (versículo 9; cf. Mc 12.41-44).

A generosidade dos cristãos da Macedônia estava evidenciada de três maneiras (3-5). Estes versículos são uma única sentença no texto original: **Porque, segundo o seu poder (o que eu mesmo testifico) e ainda acima do seu poder, deram voluntariamente, pedindo-nos com muitos rogos a graça e a comunicação deste serviço, que se fazia para com os santos. E não somente fizeram como nós esperávamos, mas também a si mesmos se deram primeiramente ao Senhor e depois a nós, pela vontade de Deus.**¹⁴

O verbo **deram** (5) comanda toda a sentença. Primeiramente, eles **deram acima** do seu poder – acima dos limites da precaução normal para as suas próprias necessidades da vida, e eles o fizeram **voluntariamente**. Embora o apóstolo tivesse lhes pedido a doação,

ele não os tinha pressionado. Em segundo lugar, eles mesmos pediram ansiosamente a Paulo a graça¹⁵ da **comunicação** (participação, *koinonian*) do **serviço para com os santos** (cf. 1.1). O uso que Paulo faz de *koinonia* significando a coleta é significativo (cf. 9.13; Rm 12.13; 15.26-27; Gl 6.6; Fp 4.15). Relacionada ao uso desta expressão está a participação comum na vida ressurrecta de Cristo, que constitui a comunidade cristã (cf. 13.14; At 2.42; 1 Co 1.9; 10.16; Fp 1.5; 3.10; Fm 6; 1 Jo 1.3-7).¹⁶ Aplicado à oferta, o termo indicava não apenas uma participação comum na oferta, mas também um relacionamento mais profundo “em Cristo”, do qual a participação na oferta é uma expressão essencial. Acrescentado a esta pequena sequência de palavras espiritualmente significativas (*charis*, *koinonia*) com as quais Paulo descreve a coleta, aparece o **serviço** (*tes diakonias*; cf. At 6.1-5; 11.29; 12.25). Esta era a designação favorita de Paulo para o seu próprio ministério (3.6; 4.1; 5.18; 6.3-4; 11.8, 23; cf. Mc 10.43-45). Como **serviço** (*diakonia*) ele considerava a coleta “um ato essencial de comunhão cristã realizado a serviço do Senhor” (cf. 9.1,12).¹⁷

A terceira evidência da generosidade da Macedônia foi que, mais do que Paulo tinha esperado ou antecipado, eles **a si mesmos se deram primeiramente ao Senhor** e depois a nós. A reação espontânea deles à coleta era um resultado direto do seu comprometimento com Cristo. Isto de acordo com a **vontade de Deus**, que se tornou conhecida através da graça de Deus em Cristo (versículo 1; cf. versículo 9), e assim deveria ser.

O apelo aos coríntios (6-7) tem duas partes. Como uma consequência da generosidade dos cristãos da Macedônia, Paulo incentivou Tito a completar, com os coríntios, essa mesma **graça** (dádiva, *charis*) **também** – “esta obra de graça também” (NASB). Tito **tinha começado** a coleta possivelmente com a entrega da primeira carta aos coríntios (cf. 16.1-4) ou da “carta triste” (2.3-10). Agora Paulo aplica *charis* diretamente à coleta propriamente dita. Ele nunca usa a palavra comum para “coleta” nesta carta, como tinha feito na primeira (16.1). Strachan sugere que ele “usa todos os recursos de linguagem para eliminar qualquer atmosfera meramente financeira”.¹⁸

Mas uma razão mais forte pela qual os coríntios deveriam reagir é que eles também estavam abundantemente abastecidos com os dons da graça divina (9.14; 1 Co 1.4-5; cf. capítulos 12-14). As qualidades listadas foram a **fé** (1 Co 12.9; 13.2), a **palavra** (1 Co 1.5; 12.10), a **ciência** (1 Co 1.5; 12.8) e **toda a diligência**. Esta **diligência** (“fervor”, RSV) provavelmente não é um dos dons carismáticos concedidos aos coríntios como os três anteriores, mas uma qualidade moral que foi renovada entre eles (7.11); e esta deveria caracterizar todos os cristãos. A última característica da lista é **vossa caridade para conosco**. De acordo com a leitura preferida nos manuscritos, deveria ser “o nosso amor para convosco”, ou seja, “o amor que nós inspiramos em vós” (NASB). O afeto sincero de Paulo por eles tinha encontrado uma resposta nos seus próprios corações (6.13; 7.2-7). O amor de uns para com os outros como membros do corpo de Cristo não tinha sido um dos dons mais cultivados entre os coríntios (1 Co 8.1; 13.1). Paulo estava orgulhoso porque eles abundavam **em tudo**, de modo que certamente **também** iriam abundar **nessa graça**.

Se incluirmos o uso de *charis* no v. 9 e no v. 19, poderemos observar com Nickle que a **graça**, como se aplica à coleta, era, *em primeiro lugar*, “o dom divino que possibilitou a genuína participação cristã” (8.1-6; 9.8,14-15). *Em segundo lugar*, incorporada na coleta, a **graça** era uma “expressão direta da comunhão fraterna cristã” (8.4,7) e “um componente integral do ministério de Paulo, estimulado e justificado pelo exemplo da graça de Cristo” (8.9, 19; cf. 9.1).¹⁹

2. O Desafio da Generosidade de Cristo (8.8-15)

O desafio para que os coríntios completem a oferta continua. A maneira como Paulo procura motivá-los é completamente cristã. Hughes fala sobre a “diplomacia afetuosa” de Paulo.²⁰

Embora ele tivesse o direito, em virtude da sua autoridade como apóstolo (1.1), Paulo não impõe a oferta **como quem manda** (8). Isto estaria em contradição com a sua natureza de um presente de amor. Em lugar disso, ele usa a **diligência** (lit., fervor; cf. versículo 7; 7.11-13) dos cristãos da Macedônia para **provar** (colocar à prova) a **sinceridade** da **caridade** dos coríntios. O amor “genuíno” (RSV) é o amor em ação.

Paulo não precisa obrigar, pois ele pode coroar todos os demais incentivos (7-8) com um apelo à ética da Encarnação (9). Nas palavras de James Stewart, isto é usar “uma marreta para abrir uma noz!”.²¹ A “graça de Deus” 1) agora é definida em **nosso Senhor Jesus Cristo**. Os coríntios **sabem que por amor**²² de cada um deles, Aquele que era **rico** em um esplendor preexistente (Jo 1.1-5; 10.30; 17.5; Cl 1.15-17; Hb 1.3) **se fez pobre** (cf. Mt 8.20).²³ Bruce usa Filipenses 2.6-8 para destacar este contraste radical:

Embora Ele existisse em forma de Deus,
Ele não teve por usurpação ser igual a Deus,
Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo,
fazendo-se semelhante aos homens;
e, achado na forma de homem,
humilhou-se a si mesmo, sendo obediente –
obediente até à morte
e morte de cruz.²⁴

O nosso Senhor desceu das alturas das riquezas para a profundidade da pobreza. E esta não era apenas uma demonstração geral da essência da graça divina, mas um exemplo pessoal aos coríntios de que Jesus **se fez pobre, para que, pela sua pobreza, enriquecêsseis** (cf. 1 Co 1.5). Tal graça, similar ao âmago do próprio ministério de Paulo (6.10), deveria certamente ser adequada para motivar os coríntios. Somente o amor de Cristo poderia verdadeiramente tornar genuíno o amor do homem em um projeto assim. Paulo não conhecia nenhuma diferença entre dogma e ética; para ele, as doutrinas mais difíceis entre todas, a Encarnação e a expiação, pertenciam ao âmago da ética prática de todo cristão. O centro da nossa fé deve ser aplicado ao seu raio de ação, caso contrário seremos servos infieis.

Dessa forma, Paulo só precisa dar o seu **parecer**, pois o seu conselho é do interesse dos coríntios. **Desde o ano passado** (1 Co 16.1-4) **começastes; e não foi só praticar, mas também querer** cumprir aquilo de que havia uma **prontidão de vontade** (10-11). Começar seria o mesmo que “estarem dispostos” (KJV, marg.). Eles deveriam **agora** completar a oferta, para que o seu entusiasmo original, de que Paulo tinha se vangloriado aos macedônios (9.2-5), pudesse ser provado pelo **cumprimento, segundo o que tendes**. Não se pedia a eles que dessem como os macedônios, “acima do seu poder”. Se estivesse presente uma **prontidão de vontade** (12), a contribuição deles seria aceitável (cf. 6.2; Rm 15.16,31; 1 Pe 2.5). Deus julga **segundo** o que o homem tem, e **não segundo o que não tem** (cf. Mc 12.43-44). Não é o tamanho da oferta que importa, mas

o desejo de servir de que ela se origina. A quantia é determinada não tanto por uma certa proporção do quanto um homem possui, mas segundo a medida da sua generosidade.

A intenção da oferta não era dar conforto a outros através do empobrecimento dos coríntios (13-14). O princípio é o da **igualdade**. Uma parte da igreja não deveria se sobrecarregar pelo luxo ou pela indolência de outra parte (2 Ts 3.10). Mas os coríntios, **neste tempo** de sua **abundância** deveriam suprir a **falta** dos cristãos de Jerusalém. Viria uma época em que as posições estariam invertidas e eles seriam os que teriam **falta**. A **igualdade** tem como objetivo “o alívio da falta, não uma equalização artificial da pobreza”.²⁵

Paulo ilustra esta reciprocidade mútua de recursos que expressa a verdadeira natureza da igreja por meio da colheita diária do maná no deserto pelos israelitas: **O que muito colheu não teve de mais; e o que pouco, não teve de menos** (15; Êx 16.18). Toda a riqueza é como o maná do Senhor, destinada não à falta de moderação ou ao luxo, mas sim ao alívio das necessidades dos irmãos.²⁶ A riqueza aproveitada às expensas dos que têm necessidades em breve se estraga como o maná acumulado, e leva às diferenças que são contrárias à natureza da comunidade cristã. Provavelmente não existe lugar para a vaidade na comunhão da igreja; e certamente não há lugar para a fome e a nudez que possam ser aliviadas (cf. Pv 3.27-28; Mt 25.31-46; At 4.34). Hanson se refere aqui ao “amor auto-ajustável de Cristo nos seus membros que satisfaz a necessidade de cada um sem insuficiência nem embaraços”.²⁷

“O critério da generosidade cristã” que Paulo aplica nestes versículos inclui: 1) a magnitude da graça de Cristo, 1-9; 2) a extensão da bênção material, 10-12; e 3) a dimensão das necessidades do corpo de Cristo, 13-15.

B. PAULO ESCOLHE OS MENSAGEIROS, 8.16—9.15

A natureza espiritual da oferta continua a ser enfatizada no apelo do apóstolo à “graça e à comunicação deste serviço... para com os santos” (8.4). No entanto, a base deste pedido aos coríntios agora passa a incluir as proteções em torno da coleta (8.16-25), e os resultados dessa generosa oferta tanto aos doadores quanto aos destinatários (9.1-15).

1. A Recomendação de Tito (8.16-24)

Três homens foram enviados para coletar a oferta em Corinto. Estes versículos constituem uma carta de recomendação para Tito e os dois “irmãos” que deveriam proteger a integridade da oferta.

Paulo dá **graças** (*charis*) pela maneira como Deus usou **Tito** em relação à igreja de Corinto (16-17; cf. 2.13; 7.6; 13-16). Ainda na época em que Paulo escreve, Ele está graciosamente depositando²⁸ **a mesma solicitude** por eles no **coração** de Tito. O cuidado que fez Tito ir representa mais do que as necessidades materiais dos pobres de Jerusalém. O seu cuidado motivado pelo Espírito era tal que **ele aceitou** (na verdade, “deu as boas-vindas”, aoristo epistolário) **a exortação** (o apelo) de Paulo. Na verdade, ele **partiu** (“está indo”, aoristo epistolário) **voluntariamente** para eles (cf. 3).

O **irmão** (18) que Paulo **enviou** (“está enviando”, aoristo epistolário) com Tito é alguém já famoso na obra do **evangelho... em todas as igrejas**. Além disso, ele foi **escolhido** (19)²⁹ pelas **igrejas** da Macedônia (?) para acompanhá-los³⁰ **nessa graça** (*charis*, cf. 6-

7), **que** está sendo **ministrada para glória do mesmo Senhor**. A doação generosa manifesta a mesma glória de Deus (cf. 9). Todos estes arranjos mostram a **prontidão** de Paulo e seus colaboradores neste assunto (cf. Gl 2.10). A leitura mais aceitável é “nosso” ao invés de **vosso ânimo**; um copista poderia ter feito a substituição à luz de 8.11 e 9.2.

A identificação desse **irmão** é problemática. Lucas muito freqüentemente tem esta honra na opinião dos exegetas, mas as razões estão longe de serem conclusivas.³¹ Nickle, interpretando **as igrejas** (19) como sendo as igrejas da Judéia, identifica os dois irmãos como “Judas, chamado Barsabás, e Silas, varões distintos entre os irmãos” (At 15.22). Ele opina que estes homens, indicados para levar o decreto apostólico às igrejas gentias, também foram selecionados para ajudar com a coleta entre os gentios.³² Esta identificação é plausível, mas, outra vez, longe de ser segura.

Quando o assunto era dinheiro, Paulo era extremamente cauteloso (20-21). Ele compartilhou com outros a responsabilidade da sua ministração (*diakonoumene*) para evitar que **alguém nos vitupere** (ou “desacredite”, NASB; cf. 6.3) **por essa abundância**. Esta **abundância** (“oferta liberal”, RSV) implica que Paulo esperava que a oferta deles fosse generosa. Assim ele está indiretamente motivando-os a não desapontá-lo nas suas expectativas. O versículo 21 registra: “Pois zelamos³³ por aquilo que é honesto, não só diante do Senhor, mas também diante dos homens” (cf. 4.1). Este versículo indica que Paulo reconhecia a importância não somente de **ser honesto**, mas também de *parecer honesto* diante dos homens. Hodge comenta que “há um orgulho tolo que leva a uma desconsideração da opinião pública”.³⁴ A linguagem de Paulo reflete Provérbios 3.4, que, como destaca Nickle, “era usada para justificar o detalhado cuidado exercido na apropriação do tesouro do Templo”.³⁵ O cuidado que Paulo estava tomando podia ser devido, em parte, às críticas de alguns que estavam em Corinto (cf. 12.16-18).

Falando de **nosso irmão** (22), que iria acompanhar Tito a Corinto, Paulo “já tinha experimentado que este segundo colaborador era diligente” (NASB). Este **irmão** agora se mostrava **muito mais diligente**³⁶ diante de sua atribuição em Corinto, devido à **muita confiança** que ele tinha nos coríntios. Embora o texto grego não especifique, a **confiança** é mais naturalmente a do enviado (cf. leitura marg.; também RSV, ASV, NASB) do que a de Paulo.

O apóstolo pode recomendar **Tito** (23) como seu **companheiro** (*koinonos*)³⁷ integral no ministério do evangelho. Ele tinha compartilhado com Paulo a sua obra ministerial aos coríntios. Quanto aos **irmãos**, eles são **embaixadores** (lit., apóstolos) **das igrejas** – aqueles que vêm com a plena autoridade daqueles que lhes deram a missão (cf. 5.20; Fp 2.25).³⁸ Além disso, àqueles que pudessem levantar um questionamento, Paulo os apresentaria como a **glória de Cristo**, homens em cujo ministério brilha a luz do evangelho (cf. 3.4-11; 4.4, 6; 8.19; 9.13). Eles eram homens que significavam “um crédito para Cristo” (Bruce).

Portanto, os coríntios deveriam demonstrar a estes mensageiros a **prova** (24) tanto da sua **caridade** (cf. 8) quanto da razão da **glória** de Paulo a respeito deles (cf. 9.2). Esta consideração deve ser demonstrada **perante a face das igrejas** (lit.). Plummer sugere: “É como se as congregações às quais eles pertencessem estivessem presentes”,³⁹ pois os enviados reportariam os acontecimentos quando voltassem às suas respectivas igrejas.

Paulo encorajou os coríntios a uma participação integral na oferta 1) lidando com o projeto de uma maneira que não desse margem a suspeitas. Isto ele fez 2) delegando

uma cota da responsabilidade pela coleta e pela sua supervisão a outras pessoas, 3) homens espirituais devidamente qualificados para representar adequadamente Paulo e as igrejas que os enviaram.

2. O Envio dos Irmãos (9.1-5)

Estes versículos não são um fragmento fora de lugar, porque há uma conexão de pensamento com os versículos anteriores.⁴⁰ O apóstolo aqui intensifica a urgência do seu apelo aos coríntios para que completem a oferta.

Quanto à administração que se faz a favor dos santos, Paulo não necessita escrever aos coríntios (1; cf. 8.4); o que eles precisam é participar do projeto. Ele está ciente da vontade deles – **prontidão de vosso ânimo** (2) – e afirma continuamente aos macedônios **que a Acaia (Corinto) está pronta desde o ano passado** (cf. 8.10-11). O tempo do verbo (perfeito) implica somente que o trabalho foi iniciado. O resultado foi que o **zelo dos coríntios tem estimulado** (motivado) **muitos**.

Assim, Paulo está enviando (aoristo epistolário) **os irmãos** (3) para que a **glória** dele, acerca dos coríntios, **não seja vã nessa parte**; ou seja, para que a conclusão da oferta deles possa evidenciar o que ele vinha afirmando a respeito deles. Uma vez mais a sua referência é à preparação que foi feita **desde o ano passado** (2).⁴¹ Se alguns macedônios **vierem com** (4) Paulo, seguindo Tito e os dois irmãos,⁴² existe o perigo de que eles possam **achar os coríntios despercebidos**. Se isto acontecer, Paulo e seus colaboradores – para não mencionar os coríntios – ficariam envergonhados pela sua posição⁴³ ou confiança na igreja.

Paulo prudentemente (cf. 8.20-21) exortou **os irmãos** (5) para que fossem na frente e preparassem **de antemão a bênção** (*eulogia*, dádiva de bênção) que já tinha sido anunciada.⁴⁴ O apóstolo queria que a oferta estivesse **pronta** como verdadeiramente uma “bênção” e “não como alguma coisa com que se concordou com má vontade” (Bruce, cf. 7). **Avareza** (*pleonexia*) é o oposto de **bênção** (ou bondade, *eulogia*). Devido ao caráter do seu objetivo e à qualidade dos motivos por trás dele, Paulo, com um jogo de palavras de 1 Coríntios 16.1 (*logia*, coleta), agora a chama de *eu-logia*, “uma coleta realmente muito boa” que será uma bênção.⁴⁵ A palavra normalmente reflete o relacionamento entre o homem e Deus (cf. Ef 1.3). Aqui ela está relacionada com a motivação, pois “a sua oferta só poderia ser um veículo para as bênçãos de Deus, se a sua participação fosse um ato livre e voluntário de amor cristão”.⁴⁶ Esta é a idéia desenvolvida na seção seguinte.

Paulo procurava assegurar a reação adequada à missão dos irmãos, 1) lembrando aos coríntios que ele tinha colocado em risco a integridade da sua palavra no desempenho deles, 1-4; e 2) pelo uso da linguagem que destaca o caráter espiritual do empreendimento, 5.

3. As Bênçãos da Generosidade (9.6-15)

O tema abordado na última sentença do versículo 5 agora é expandido para mostrar como a generosidade, quando realizada com o espírito apropriado, pode ser uma fonte de bênçãos a todos aqueles que estão envolvidos – aos outros, a Deus, e a nós mesmos.

Em primeiro lugar, o apóstolo explica que o cristão generoso é “alguém que semeia”. Não há medo de destituição na generosidade, pois “dar é semear” e semear significa

esperar uma colheita. O mundo enriquece tirando dos outros; o cristão enriquece dando aos outros. Em uma das suas expressões contrastantes (cf. 2.16; 4.3; 6.8; 10; 11-12; 13.3), Paulo sugere que existem duas maneiras de semear – **pouco** e **em abundância** (6) – com as colheitas correspondentes. “Alguns há que espalham, e ainda se lhes acrescenta mais; e outros, que retêm mais do que é justo, mas para a sua perda. A alma generosa engordará, e o que regar também será regado” (Pv 11.24-25; cf. 19.17; Gl 6.7-10). Aquele que semeia **com abundância** (*ep eulogias*) semeia “no princípio das bênçãos”,⁴⁷ e com base nisto ele colhe. A idéia das bênçãos é o princípio da mordomia cristã (cf. Lc 6.38).

Há outro princípio coerente com este. Cada **homem** (7) só deve dar aquilo que tenha proposto anteriormente no seu coração (8.3; cf. At 4.32).⁴⁸ O ato de dar não deve ser realizado **com tristeza** (lit.) ou **por necessidade** (compulsão). O ato de dar que é motivado basicamente pela compulsão externa é realizado com dor e tristeza, e não pode estar de pleno acordo com a mente de Cristo (cf. 1 Co 2.16; Fp 2.5). **Deus ama ao dá com alegria** (Pv 22.8). O texto grego enfatiza **alegria** (*hilaron*) e em **Deus**. É da palavra *hilaron* que obtivemos a nossa palavra “hilariante”. Este versículo implica que o pagamento do dízimo meramente como uma obrigação legalista não é uma atitude cristã. O ato de dar, por parte de cada cristão, deve ser motivado adequadamente – ele deriva da graça (8.1; 9.8) e almeja abençoar.

Deus é poderoso (8) para fornecer tanto a motivação quanto os meios para as doações generosas. A palavra-chave é **graça**, o conceito que fundamenta todo o tratamento que Paulo dá à coleta.⁴⁹ É a **graça** que **Deus é poderoso para tornar abundante**. Assim o cristão, em tudo, com **toda suficiência...** pode superabundar **em toda boa obra**.⁵⁰ A palavra **suficiência** ou “auto-suficiência” é a capacidade de ser independente de circunstâncias externas, no sentido de que se possa encarar o que se tem como sendo suficiente para suprir as próprias necessidades. O homem que tem a graça de se satisfazer com menos, tem mais para oferecer aos outros. Deus, através de seus dons de graça, pode prover tudo o que o homem necessita – espiritual e materialmente – de forma que este seja uma bênção para os outros. A graça de Deus é uma graça que doa, e que é capaz de engordar a alma mais magra e mesquinha.

Paulo ilustra aquilo que está dizendo a partir de Provérbios 119.9, onde o homem que serve ao Senhor espalha a sua riqueza como o fazendeiro espalha as suas sementes, dando **aos pobres, a sua justiça permanece para sempre** (9; cf. 1, 3). O homem que expressa a sua justiça em atos e dons de bondade nunca terá falta dos meios para fazê-lo. **Justiça** aqui significaria, então, “dar esmolas, caridade” (cf. Mt 6.1-4). Se a **justiça** é basicamente uma qualidade da vida,⁵¹ ela resistirá à prova do julgamento. As duas idéias estão provavelmente presentes aqui, como em Mateus 6.

Tendo obtido o reforço das Escrituras para a mensagem que deseja transmitir, Paulo agora (10) a define com exatidão. Ele chama a atenção para Deus nas palavras descritivas do profeta Isaías como **aquele que dá a semente ao que semeia e pão para comer** (Is 55.10).⁵² Até mesmo a semente e a energia para semear vêm de Deus (cf. 1 Co 4.7). Os verbos seguintes estão no futuro nos melhores manuscritos. Um Deus assim, Paulo promete aos seus leitores, **também multiplicará** (profusamente) **a vossa sementeira e aumentará os frutos da vossa justiça**. A última sentença se origina de Oséias 10.12.⁵³ O apóstolo retratou a generosidade dos cristãos com uma imagem viva do fazendeiro plantando e colhendo.

Assim, para resumir tudo, os coríntios irão enriquecer **para toda a beneficência** (11; *haploteta*, generosidade; cf. 8.2). A “colheita da justiça” é um espírito sincero de generosidade, de onde nasce a doação altruísta para as necessidades dos outros. Este tipo de generosidade – na forma concreta da coleta angariada e entregue por meio de Paulo e seus colaboradores aos santos de Jerusalém – irá produzir ações de **graças a Deus**.

A oferta tem um resultado duplo. Ela **não só supre** (plenamente) **as necessidades** (cf. 8.14) **dos santos** (12), **mas também redundam em muitas graças, que se dão a Deus**. De maneira interessante, Paulo chama isto de **administração** (*diakonia*; cf. 8.4; 9.1,13) **desse serviço** (*leitourgias*;⁵⁴ cf. Rm 15.27; Fp 2.17). Ele está utilizando a linguagem do sacrifício (cf. Lc 1.23; Hb 8.6), como faz frequentemente para as obras cristãs (Rm 12.1; 15.16). Aquilo que se faz em nome de Cristo tem parte no caráter do seu serviço sacrificial.

Traduzidos literalmente, os versículos 13-14 mostram o resultado mais profundo da coleta: **Na prova desta administração** (*diakonia*), **glorificam a Deus pela submissão que confessais quanto ao evangelho de Cristo, e pela liberalidade de vossos dons** (*haploteti ten koinonias*)⁵⁵ **para com eles e para com todos, e pela sua oração por vós, tendo de vós saudades, por causa da excelente graça de Deus que em vós há**.

A oferta fortalecerá os laços de reconhecimento mútuo e de amor entre os crentes de origem gentílica e judaica. Deus será glorificado porque a autenticidade da confissão de Cristo pelos gentios ficará evidenciada pela **graça de Deus** (14) que a coleta exibe de uma forma tão maravilhosa. É uma longa distância entre Jerusalém e Corinto, mas a distância pode ser vencida pela oração e pela intercessão. Talvez Israel possa ser levado ao cume na medida em que os gentios enviam testemunhas a Jerusalém para contar sobre a realidade da recepção deles à mensagem da redenção (cf. Rm 11.11-14).⁵⁶

Paulo conclui o tema da coleta com uma explosão de gratidão. **Graças** (*charis*) **a Deus, pois, pelo seu dom inefável** (15). O **dom** (*dorea*) é o presente indescritível e soberano de si mesmo em seu Filho. Aqui está a fonte de toda a graça e todo o amor que irão fluir pelas igrejas como resultado da oferta (cf. Rm 8.32). O apelo do apóstolo provou-se eficaz, pois alguns meses mais tarde ele escreveu de Corinto aos romanos: “Pareceu bem à Macedônia e à Acaia fazerem uma coleta para os pobres dentre os santos que estão em Jerusalém” (15.26).

Paulo nos dá (6.15) três “motivos válidos para uma atitude generosa e uma doação com alegria”: 1) doar com um espírito apropriado é uma sementeira que garante uma colheita, 6-7; 2) Deus é poderoso e deseja assegurar tudo o que um homem necessita interior e exteriormente para compartilhar generosa e amorosamente com outros, 8-10; 3) aquilo que é doado faz mais do que simplesmente satisfazer necessidades materiais; tem implicações espirituais emocionantes – e bênçãos para todos os lados, 11-15.⁵⁷

Se alguém juntar todos os termos significativos que Paulo aplica à coleta nos capítulos 8 e 9, poderá concluir que a doação cristã é: 1) uma expressão da graça (*charis*, 8.1,4, 6-7,9; 9.8,14); 2) motivada livre e sinceramente (*haplotetos*, 8.2; 9.11,13); 3) a implementação da comunhão cristã (*koinonia*, 8.4; 9.13-15; Rm 15.26-27); 4) uma parte indispensável de um ministério cristão (*diakonia*, 8.4,19-20; 9.1,12-13); 5) um dom generoso (*hadrotes*, 8.20); 6) um meio de bênçãos espirituais (*eulogia*, 9.5-6); e 7) um ministério sagrado (*leitourgia*, 9.12).

SEÇÃO IV

A VINDICAÇÃO DA AUTORIDADE DE PAULO

2 Coríntios 10.1—13.14

Em uma abrupta mudança de assunto, Paulo aborda o tema da legitimidade de seu apostolado. Ele procura responder aos ataques pessoais de falsos apóstolos e contratar os efeitos maléficos da influência destes na igreja. Uma austera nota de alerta ressoa ao longo de toda a passagem. Enquanto prepara o caminho para a sua terceira visita aos coríntios, o caráter de um ministério verdadeiramente apostólico é exposto mais uma vez.¹

A. PAULO RESPONDE A SEUS Oponentes, 10.1-18

Os homens que se opunham a Paulo eram judeus (11.22) que afirmavam ser apóstolos de Cristo (11.13).² Eles foram à igreja em Corinto, trabalharam lá por um curto período, e a seguir se apoderaram do crédito por tudo que foi realizado (10.12-18). Eles eram homens arrogantes, tirânicos e prepotentes (10.12; 11.18, 20). O apóstolo enfrentou as acusações deles, fundamentalmente com sua afirmativa de que “não militamos segundo a carne” (3). Suas armas são espirituais (1-6), sua autoridade é consistente (7-11), e sua jactância é legítima (12-18).

1. *A Espiritualidade das Armas de Paulo* (10.1-6)

O apóstolo implora aos coríntios, pedindo que não seja necessário que ele expresse sua autoridade com ousadia quando estiver com eles. Seus críticos o acusaram de que

sua presença pessoal não correspondia à autoridade assumida nas suas cartas. Eles interpretaram erroneamente a relutância de Paulo em exercer sua autoridade apostólica, porque não discerniam, adequadamente, a natureza da guerra apostólica.

A expressão **eu, Paulo** (1), está em sintonia com o tom de autoridade (cf. Gl 5.2). Ela está relacionada com a distinção que o apóstolo fez entre ele próprio e Timóteo (1.1). Ele enfrenta, pessoalmente, o desafio à sua autoridade como apóstolo: “É exatamente a pessoa cuja autoridade está em disputa que se adianta na defesa de sua autoridade”.³ Mas é uma autoridade exercida afetuosamente no espírito de Cristo, que comissionou Paulo para o seu serviço. **Mansidão** (*prautetos*; cf. Is 42.2-3; Zc 9.9; Mt 5.5; 11.29; 21.5; 1 Co 4.21; Gl 6.1) é aquela disposição transmitida pela graça, pela qual aceitamos, sem resistência, as disciplinas de Deus (cf. Hb 12.10), assim como Jesus se submeteu às disciplinas de seu ministério de Servo sofredor (cf. Hb 5.7-9; 1 Pe 2.21-23).⁴ **Benignidade** (*epieikeias*; cf. At 24.4; Fp 4.5) é aquela consideração originária de uma posição de dignidade e autoridade que pode deixar de lado a estrita interpretação da lei para atingir um bem maior (cf. 10.8; 2.6-7; Mt 18.23).⁵ A seriedade no exercício do seu ministério, por parte de Paulo, assim como a de seu Senhor, vem de sua compaixão por aqueles a quem ele serve (4.5).

Por trás do apelo do apóstolo está a acusação de que ele é **humilde** (modesto) “quando presente” com os coríntios, mas **ousado** (*tharro*) em seu tratamento quando **ausente**. Seus inimigos, de forma usual, transformaram uma verdade (cf. 1 Co 2.1-5) em uma inverdade – interpretando a benignidade de Paulo como fraqueza.

O apóstolo literalmente “roga” (2)⁶ aos coríntios para organizarem as coisas para que ele não precise usar da **ousadia** (*tharsai*) quando chegar. Ele havia decidido “desafiar de forma decisiva” (*tolmesai*) aqueles que o consideravam como se ele andasse **segundo a carne** (cf. 1.12; 5.12). É difícil saber se a palavra **carne** foi usada em um sentido mau e pecaminoso (Rm 8.4-8), ou meramente em um sentido humano (5.16). Neste contexto, as duas interpretações não podem ser separadas de forma objetiva, pois o termo se refere à suposta contradição de Paulo em seu comportamento, motivado por preocupações puramente pessoais. As suas atitudes são consideradas como se estivessem na dependência de habilidades humanas, de acordo com critérios do mundo exterior, por motivos de conveniência e interesse próprio. Conduzir o seu ministério assim seria pecado.

Em resposta às acusações, o apóstolo admite que está **andando segundo a carne** (3); ou seja, sua vida no mundo está sujeita à fraqueza humana. Mas ele e seus cooperadores não militam⁸ **segundo a carne**. Paulo não conduz seu ministério com **armas** (4) semelhantes àsquelas que são utilizadas pelo mundo: “inteligência ou engenhosidade humana, habilidade organizacional, crítica eloquente ou confiança na sedução ou na força da personalidade”.⁹ Quando se confia nestas armas, elas se tornam carnis (corporais) ou pecaminosas no contexto do ministério. Elas não têm o poder “de destruir” (Bruce) as **fortalezas** do inimigo nos corações dos homens. O inimigo não pode ser derrotado em seu próprio nível de guerra. As **armas** de Paulo (*hopla*, cf. Rm 13.12, “as armas [*hopla*] da luz”) são **poderosas em Deus**; elas são “divinamente poderosas”.¹⁰ Ele está armado com um tremendo “senso daquilo que o evangelho é – a imensidão da graça nele contida, o terror do julgamento; e foi isto que lhe deu o poder e o levantou acima das artimanhas, da sabedoria e da timidez da carne”.¹¹

Paulo procurou apenas afirmar a verdade abertamente (4.2). Ele vem com armas que são totalmente dependentes do poder do Espírito e não do poder humano (4.7; 1 Co 2.1-5). O apóstolo define as **fortalezas** ao afirmar que destrói **os conselhos e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus** (5). As desafiantes paredes e muros do intelecto (cf. 1 Co 1.18-25; 8.1) e a vontade do homem serão despedaçadas pelo evangelho. A lealdade espiritual dos homens não pode ser conquistada através da carne ou por atalhos (cf. Mt 4.1-11). Mas por intermédio da guerra espiritual **todo entendimento** deve ser levado **cativo... à obediência a Cristo** (cf. 1 Co 2.16). O poder de Deus é capaz de romper barreiras nas mentes e corações dos homens por meio de um ministério verdadeiramente evangélico. O aprisionamento torna-se, então, uma libertação radical em virtude do caráter do Rei (cf. 2.14).

A frase **estando prontos para vingar** (6) dá uma impressão errada ao leitor moderno. Ainda dentro da linguagem militar, Paulo afirma que, em consistência com a natureza da sua guerra, ele está “preparado para a corte marcial” (Moffatt) ou para “levar à justiça”¹² **toda desobediência** que ainda existe na igreja de Corinto. Mas tal é a sua paciência e seu método de enfrentar as dificuldades, que ele só virá “para punir” (ARA) **quando a obediência** (2.9; 7.15) da maioria **for cumprida**. O apóstolo acreditava na atitude de dar à congregação tempo para resolver os seus próprios problemas, antes de exercer suas prerrogativas apostólicas de excomunhão na comunidade da igreja (cf. 13.2; Mt 16.19; 18.18; 1 Co 5.5).

Se foi movido a agir com autoridade destemida, ou a sofrer com a humilhação, Paulo não hesitou em fundamentar o seu ministério na força do evangelho. Esta atitude, sozinha, foi capaz de destruir as altas muralhas com que os homens se fortificam contra a obediência a Cristo. Lutar a guerra cristã com armas espirituais era: 1) nunca confiar apenas nos métodos que o mundo usa para capturar as mentes dos homens, 3-5; e 2) sempre agir em submissão ao Espírito de Cristo na defesa da justiça, 1-2,6.

2. A Consistência da Autoridade de Paulo (10.7-11)

O apóstolo insiste em que, uma vez que os coríntios se apercebam da qualidade espiritual de sua autoridade, descobrirão que ele é, em pessoa, o que parece ser em suas cartas. Como um apóstolo de Cristo, não há inconsistência entre a sua palavra escrita e a falada, independentemente de como os homens erroneamente o julguem por seus critérios mundanos. Em resposta às suas acusações, ele dá uma resposta e uma advertência.

A pergunta: **Olhais para as coisas segundo a aparência?** (7) pode ser corretamente traduzida como uma afirmativa simples: “Olhais as coisas segundo a aparência” (TB), ou até como um imperativo: “Observai o que está evidente” (ARA). Embora qualquer uma das três possa estar correta, a última parece satisfazer melhor ao fluxo de pensamento do apóstolo. Tendo mostrado aos seus leitores a natureza de sua guerra, o apóstolo agora os exorta a “olhar para o que é óbvio” a respeito de seu ministério entre eles (cf. 12.6).

Antes de tudo, **se alguém confia de si mesmo que é de Cristo** (cf. Mc 9.41; Rm 8.9; 1 Co 1.12; 3.23; 15.23; Gl 3.29) que **pense outra vez isto consigo:**¹³ **assim como ele é de Cristo**, assim também é Paulo.¹⁴ Talvez aqueles do partido “de Cristo” (1 Co 1.12), ou mais provavelmente alguns influenciados de forma indevida pelos oponentes de Paulo, tornaram-se convencidos de uma espiritualidade superior que, pelos seus cri-

térios, desacreditaria até mesmo o apóstolo.¹⁵ Mas o simples fato diante de seus rostos (*prosopon*) era que Paulo tinha tanto direito de reivindicar pertencer a Cristo quanto eles. Se a convicção pessoal era válida para eles, também era válida para o apóstolo. E não foi o ministério dele que os levou ao evangelho? A legitimidade do relacionamento deles com Cristo, em certo sentido, realmente validava o dele. Bengel fala, aqui, da “condescendência de Paulo, na medida em que ele meramente exige um lugar igual ao daqueles a quem ele havia gerado através do evangelho; pois ele próprio tinha que ter anteriormente pertencido a Cristo, ou sido um cristão por meio do qual outro havia se convertido a Cristo”.¹⁶ De primordial importância para Paulo, nesta questão da legitimidade de seu apostolado, é a integridade de seu relacionamento com Cristo.

Os fatos do seu ministério entre eles, escreve o apóstolo, falam por si mesmos. Mesmo que ele, de fato, se **glorie** “um pouco demais” (RSV), de seu **poder** ou “autoridade (versão ARA), ele não se envergonhará (8). Ele não ficará envergonhado “como se tivesse dito algo além daquilo que pudesse ser confirmado”.¹⁷ A origem e a prática de seu **poder**, ou autoridade, dão suporte à sua jactância. Sua autoridade foi dada pelo **Senhor** (5.18-21),¹⁸ **para edificação e não para... destruição**. O resultado final de seu ministério foi edificação (12.19; 1 Co 8.1; 14.26) e não destruição. Aqui está a prova do que é certo diante dos olhos dos coríntios. Paulo, de acordo com o versículo 5, tenta somente destruir¹⁹ “a prepotência dos homens, cada barreira de orgulho que se levanta contra o verdadeiro conhecimento de Deus, ou, em suas próprias palavras, os conselhos e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus” (cf. Jr 1.10; 24.6).²⁰ Seus oponentes, em contraste, destroem a comunhão de amor que é a Igreja (12.20), o corpo de Cristo.

No termo **gloriar** (cf. 11.16; 12.6) encontramos uma das palavras-chave dos capítulos 10—13. Mas o apóstolo está um pouco desconfortável com o fato de que a situação o levou a gloriar-se um pouco a mais do que ele normalmente considera apropriado. Mesmo assim, a qualidade do seu serviço o protegerá, não deixando que ele passe vergonha.

Muito embora o apóstolo tenha que discutir sua autoridade, ele não deseja **intimidar** **los** através de suas **cartas** (9). Isto reflete a acusação (cf. 10-11) de discrepância entre o tom de suas cartas e a sua conduta entre eles. Paulo escreve novamente com um toque de ironia. **Intimidar** (*ekphobein*, assustá-los além da compreensão) é uma expressão forte. De acordo com a observação de Hughes: “A imagem de Paulo... fazendo o papel de um déspota distante intimidando-os com sua correspondência, deve ter parecido aos coríntios algo totalmente ridículo”.²¹

O apóstolo agora menciona a crítica que circulava contra ele em Corinto: **As suas cartas são graves e fortes, mas a presença do corpo é fraca, e a palavra, desprezível** (10).²² Como descreve Bruce: “Ele não tentaria assustar um ganso se estivesse em sua frente... mas quando está longe, finge ser ousado e destemido e escreve cartas fortes; se ele estivesse certo de sua autoridade, mostraria um pouco do rigor de suas cartas ao lidar conosco face a face”.²³ A despeito do que esta crítica tenha significado, ela foi um testemunho da eficácia das cartas de Paulo²⁴ endereçadas aos coríntios (cf. 2 Pe 3.16). Elas eram poderosas – **graves e fortes**. Mas a acusação era de uma inconsistência indesculpável. Em contraste com suas cartas, sua “presença pessoal é inexpressiva” (NASB) – uma referência não à sua aparência física,²⁵ mas “à mansidão e benignidade de Cristo” (1) pelas quais Paulo sempre procurou se conduzir. Assim, seus corações terrenos

não tinham como compreender. Eles, também, consideravam sua **palavra, desprezível**. Seu resultado não alcançava os padrões da retórica grega – ele não era um orador polido (11.6) – e sua mensagem (*logos*) estava bem abaixo da dignidade deles. O fato de Paulo ter ido a Corinto não “com sublimidade de palavras ou de sabedoria”, mas apenas para anunciar “a Jesus Cristo e este crucificado” (1 Co 2.1-2), não os havia impressionado: “A palavra [*logos*] da cruz é loucura para os que perecem” (1 Co 1.18).

A resposta de Paulo a seus críticos é direta. **Pense (considere) o tal isto** (11). Bruce interpreta estas palavras: “Quando venho a vós, venho tão resoluto nas ações, como o sou nas cartas que escrevo quando estou longe de vós”. A paciência e a mansidão de Paulo não o impedirão de agir de forma ousada e decisiva, caso seja necessário, quando ele os visitar novamente (cf. 1; 13.2,10).

A consistência de Paulo, que deveria ser óbvia para todos eles, pode ser vista: 1) em seu compromisso com Cristo, 7; 2) em sua delegação recebida de Cristo para edificar e não para destruir, 8; e 3) em sua conduta entre os coríntios, 9-11.

3. A Legitimidade da Jactância de Paulo (10.12-18)

Como os oponentes haviam indicado que eram amplamente superiores a Paulo, o apóstolo, por amor à igreja, sentiu-se forçado a recorrer à dúbia defesa da jactância (8). Mas agora, ao fazer isso, a jactância dos falsos apóstolos vai de encontro a seu golpe polido. Ao mesmo tempo, os limites da jactância do próprio apóstolo são cuidadosamente fixados.

Com um pouco de ironia, Paulo admite a acusação de que é um covarde – pelo menos em um assunto. Ele não tem a coragem de se classificar²⁶ **com** aqueles que **se louvam a si mesmos** (12) – “alguns que escrevem suas próprias cartas de recomendação” (cf. 3.1; 5.12).²⁷ Paulo não pode competir com o tipo de ousadia que apóia a sua autoridade na auto-aprovação. Tais pessoas estão totalmente abaixo do nível dele.

A intenção de Paulo é mostrar que a autojactância deles é, na verdade, uma reprovação,²⁸ pois recusaram qualquer padrão de comparação que fosse digno. Eles **se medem a si mesmos e se comparam consigo mesmos**. Seus próprios padrões aplicados dentro de seu círculo sectário, como o único critério de medição, indicam claramente que eles “não têm entendimento” (ASV). Eles são charlatões que ignoram a verdadeira característica de um servo de Cristo e daquilo que significa ser designado por Ele. Assim, Hughes conclui: “A mesma acusação de auto-elogio que... eles haviam maliciosamente arremetido contra Paulo (cf. 3.1; 5.12), retrocede com força contra as cabeças desses usurpadores”.²⁹ Ainda assim, o fato triste é que há sempre aqueles que se afeiçoam ao arrogante, ao intolerante e ao dogmático.

O apóstolo não vai se gloriar **fora de medida** (13), i.e., não se gabará de “coisas que ninguém pode medir” (*ta ametera*).³⁰ Esses enganadores se dizem “100% adequados, de modo que quando medem a si mesmos, sempre conseguem a pontuação máxima, 100%”,³¹ impedindo qualquer medição realmente válida. O critério de Paulo, entretanto, é válido (*kanonos*). É **a reta medida** (cf. Rm 12.3) que **Deus** lhe deu. A expressão acima refere-se à “esfera de ação ou influência”.³² O apóstolo a utiliza em relação aos coríntios: **para chegarmos até vós**. Como um atleta corredor nos jogos Istmícos, Paulo se mantém dentro da faixa que lhe é designada, em vivo contraste com seus oponentes, a quem Deus “não havia designado nenhuma faixa, nem mesmo alguma que levasse a Corinto”.³³

A regra ou os limites não são geográficos, como se esses intrometidos de fato possuíssem um território alocado para um genuíno ministério apostólico. Esta regra talvez seja a tarefa específica e a graça particular apresentadas a Paulo (Rm 15.15-16; Gl 2.9), que haviam sido demonstradas e confirmadas pelos frutos gerados pelos seus trabalhos missionários (cf. 1 Co 15.10).³⁴ Ele foi comissionado para ser um apóstolo aos gentios (At 9.15; Rm 1.5; Gl 2.9), e não para edificar sobre um fundamento colocado por outros homens (Rm 15.20). Dentro desses limites, ele havia trabalhado como um missionário pioneiro junto aos gentios, até mesmo em Corinto.

Assim, em sua jactância, Paulo diz: **Porque não nos estendemos além do que convém, como se não houvéssemos de chegar até vós, pois já chegamos também até vós no evangelho de Cristo** (14). A expressão **já chegamos** (14, *ephthasamen*) mantém aqui o seu significado completo de “chegar primeiro”, que é bem confirmado no período do NT. Em vez de estar se gloriando de forma exagerada, Paulo pode estar querendo dizer que ele não está indo além daquilo para que foi comissionado (NEB). O fato de ele ter sido o primeiro a chegar a Corinto com **o evangelho de Cristo** (1 Co 3.6) torna isso evidente. Ele tinha colocado o alicerce (1 Co 3.10) e se tornado o pai dos coríntios no evangelho (1 Co 4.15). Assim, com aguda ironia, Paulo mostrou que seus oponentes são, de fato, desqualificados como seus competidores. Eles nada mais eram do que proselitistas que, como todos de sua classe, se ocupam com a invasão do trabalho de outros, em vez de abrirem um novo território no qual poderiam disseminar os seus erros.

Portanto, Paulo não se gloriará **fora de medida**³⁵ **nos trabalhos alheios** (15; cf. Rm 15.20). Isto é uma referência àqueles “que lançaram sua mão no mérito da colheita de outro homem e tiveram, ao mesmo tempo, a audácia de ofender aqueles que lhes prepararam o lugar à custa de suor e trabalho árduo”.³⁶ O fato de a missão de Paulo ter prosperado em Corinto era a prova de que ele havia atuado nos limites de sua **regra** (reta medida, esfera; cf. 13), em seu ministério no meio deles.

O apóstolo tem a **esperança** de que, apesar da atenção dada aos impostores, a **fé** da igreja aumentará até o ponto em que ele possa confiar seguramente em sua estabilidade. Então, ele e seus cooperadores serão **abundantemente engrandecidos entre vós**, conforme a sua regra. Paulo não está buscando louvor, mas por meio do encorajamento deles à total obediência ao evangelho, ele espera ter seu ministério pioneiro expandido. O ministério do grande apóstolo é limitado pela fé de seus convertidos. Eles têm o poder de liberá-lo para que tenha uma maior utilidade, ou manter seu ministério estacionado por causa da tola imaturidade deles no evangelho.

A expressão **abundantemente engrandecidos**, do versículo 15, significa **anunciar o evangelho** (16) “nos lugares que estão além”.³⁷ Paulo quer evangelizar os campos que estão além de Corinto. Como Paulo indica posteriormente, ele queria visitar Roma de passagem, quando estivesse a caminho de uma missão na Espanha (At 19.21; Rm 15.22-24). Dessa forma, não haveria razão para ele se gloriar **no que estava já preparado**³⁸ **...em campo de outrem**. As palavras são, mais uma vez, como ferroadas de escárnio. “A esfera de trabalho já realizado por um outro homem”³⁹ era a única coisa que esses prosélitos arrogantes podiam exibir. Com certeza, o que eles eram de fato estava claro para os coríntios (cf. 7a). “Devemos notar”, escreve Allo, “que Paulo não expressa reprovação contra a comunidade; ao contrário, ele conta com eles para a ilimitada expansão de seu apostolado”.⁴⁰ Sua polêmica nestes capítulos é, primariamente, contra os usurpadores.

O apóstolo foi levado ao assunto da jactância contra seu desejo pessoal e procura, agora, manter a ênfase no seu devido lugar: **Aquele, porém, que se gloria** (lit. vangloria), **glorie-se** (vanglorie-se) **no Senhor** (17). Paulo deve ter mantido Jeremias 9.23-24 num lugar central do seu ministério, pois ele havia usado a mesma citação anteriormente em 1 Coríntios 1.31. Mesmo agora, quando, em certo sentido, o apóstolo tem que se gloriar, ele quer deixar claro que é estritamente **no Senhor** (cf. 12.2). Ele nunca ficou com o crédito pelos sucessos de seus trabalhos, mas manteve as palavras do profeta entre ele e os aplausos dos homens:

*Não se glorie o sábio na sua sabedoria,
nem se glorie o forte na sua força;
não se glorie o rico nas suas riquezas.
Mas o que se gloriar glorie-se nisto:
em me conhecer e saber que eu sou o Senhor
(Jr 9.23-24)*

O princípio básico do ministério do apóstolo consistia em que **não é aprovado quem a si mesmo se louva, mas, sim, aquele a quem o Senhor louva** (18; cf. 5.9; 1 Co 4.15). Strachan sugere que “é como se ele dissesse: ‘Afim de contas, a autoridade apostólica não está realmente segura em minhas mãos. A aprovação de Deus é a única marca de legitimidade’. Paulo se gloria, não por ser um apóstolo, mas por Deus ter feito dele um apóstolo”.⁴¹ O servo de Cristo só pode se gloriar do que Cristo fez, do que Ele está fazendo e do que Ele prometeu fazer. O grande desejo de Paulo era ter sempre a aprovação de Deus. Os padrões que um homem aplica a si mesmo podem ser falhos ou até desonestos, mas Deus pode enxergar perfeitamente através de cada um de nós.

Nestes versículos é apresentado um triplice critério que desacredita a jactância dos oponentes de Paulo, e define os limites para que alguém se glorie legitimamente como um servo de Cristo: 1) um padrão exterior ao próprio padrão de referência que está mais próximo de si mesmo, 12; 2) a natureza da comissão recebida pessoalmente de Cristo, 13-16; e 3) a aprovação do próprio Senhor, 17-18.

A resposta de Paulo a seus opositores, em 10.1-18, define o processo de vitória em um ministério desempenhado para Cristo. Redpath comenta sobre estes versículos: “Resista, contra-ataque, lide com a situação no mesmo nível em que o mundo lida com ela, e você estará derrotado”.⁴² Um ministério diante dos homens, quer desempenhado por leigos ou clérigos, deveria dar continuidade espiritual ao do apóstolo, como um imitador de Cristo (1 Co 11.1). “O Serviço Cristão Correto” é 1) Consistente com o princípio da Cruz, em sua metodologia e técnicas, 1-6; 2) Consistente com a integridade e qualidade do chamado de cada um em Cristo, 7-11; e 3) Consistente com uma atitude de humildade que só trabalha em obediência, e dá todo crédito do sucesso ao Senhor, 12-18.

B. PAULO SE GLORIA DE SUA LOUCURA, 11.1—12.13

Tudo o que Paulo disse anteriormente é apenas o prelúdio. Ele começa, então, a mais forte polêmica encontrada em seus escritos. Ele utiliza com maestria a arma da

ironia, afiada aqui por uma ira santa e, como sempre no caso de Paulo, pela supremacia da verdade.⁴³ O apóstolo coloca uma máscara para fazer o papel de seus oponentes.

A palavra-chave “gloriar”, que apareceu em 10.12-18, continua a dominar o enfoque de Paulo. Mas a sua jactância é uma loucura que ele pede que os coríntios suportem (11.1-6, 16-21a). Sua jactância, entretanto, não é vazia (11.7-15). Como um apóstolo de Cristo, ele pode no final das contas resumir aquela jactância (11.21b-12.10) em termos de uma declaração que está de acordo com a vida de Cristo: “Quando estou fraco, então, sou forte” (12.10; cf. 13.4). Sua conduta em Corinto (12.11-13) é a base sobre a qual ele demonstrou a autenticidade de seu apostolado.

Em forma de auto-elogio – imitando seus oponentes – Paulo realmente se gloria em Cristo, seu Senhor. A contradição entre a máscara de sua jactância e aquilo que ele está de fato dizendo, dá a toda essa passagem um encanto literário único, assim como uma força cativante. Entretanto, mais importante ainda, ela nos revela os sofrimentos de Paulo e as revelações pessoais que lhe foram dadas. Estas lhe foram arrancadas em meio à luta⁴⁴ com a oposição em Corinto; sem essa luta, teríamos sido privados do seu testemunho.

1. *Um Apelo à Tolerância para com a Loucura de Paulo* (11.1-6)

Ao mover-se para um tipo de defesa pelo qual ele não tem grande apetite, Paulo começa com uma justificativa. Ele quer que os coríntios entendam que a necessidade da sua jactância resulta de sua carinhosa preocupação com eles. O apóstolo receia que eles possam ser seduzidos pelos falsos apóstolos, e afastados de sua fidelidade a Cristo. É à igreja que ele se refere quando lhes roga que suportem seu estilo auto-elogioso.

Com a palavra **loucura** (1; tolice⁴⁵), Paulo alerta seus ouvintes (cf. 16-17, 19, 21; 12.6, 11) que ele está, agora, debatendo como se “tivesse os mesmos motivos egoístas e a mesma percepção terrena de seus oponentes”.⁴⁶ Sua jactância é apenas “um pouco tola”, o que ele espera que eles sejam capazes de ver e suportar. E disto ele está confiante, conforme comenta: **Suportai-me, porém, ainda.**⁴⁷ É como se o apóstolo estivesse expressando seu agradecimento pelo que ele sabe que eles farão com generosidade. Paulo acredita nos coríntios, e eles são aqueles que têm paciência com ele e que não interpretarão seus motivos erroneamente. Mais uma vez ele declara sua confiança na igreja de Corinto (cf. 7.4, 14, 16; 8.24; 9.2).

A “loucura” do apóstolo é estimulada pelo fato de que ele é **zeloso** (profundamente preocupado⁴⁸) com eles com **zelo de Deus** (2; Knox, cf. Dt 5.9; 6.15). Bruce parafraseia o texto: “Meu zelo é como o desejo de Deus pela devoção fiel de Seu povo”. Esta é uma expressão forte, assim como o restante das imagens dos versículos indicados.

A metáfora que Paulo emprega para explicar ainda mais seu zelo é algo familiar nas Escrituras – **porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido.**⁴⁹ Deus é muitas vezes retratado no AT como o Noivo de Israel (Is 50.1; 54.3, 6; Jr 3.1; Os 2.19-20), ilustrando a natureza da ligação entre eles. Esta figura, provavelmente, vem de modo mais direto do próprio Senhor Jesus, que falou muitas vezes da consumação messiânica em termos de uma festa de casamento (Mt 22.2; 25.1; cf. Ap 19.7-10) e de si mesmo como o noivo (Mc 2.18-20). Assim, a imagem que o apóstolo descreve de Cristo como o noivo, não só de toda a igreja (Ef 5.32) mas também de cada congregação local em particular,⁵⁰ reforça tanto a intimidade como a inviolabilidade da relação entre Cristo e os coríntios.

Paulo se vê como um pai que, à maneira oriental, arranjou o casamento de sua filha com o mais nobre dos noivos. Como Lenski traduziu, ele apresentou os coríntios como uma noiva “a um marido”.⁵¹ Agora é responsabilidade dele guardar a conduta da noiva prometida até a hora em que ele irá apresentá-la, como uma virgem pura ao noivo, no dia do casamento.⁵² Três coisas são sugeridas aqui: 1) A noiva não realiza o noivado por si mesma; 2) O noivado é mais do que um compromisso moderno, com o intuito de legalmente formalizar os votos,⁵³ deixando apenas a consumação para a hora das festividades do casamento; e 3) O propósito de Paulo é a preservação da castidade da noiva, que ele guarda com **zelo de Deus**.

Em consonância com esta figura, a consumação na qual Paulo vai apresentar os coríntios como **uma virgem pura... a Cristo** é, sem dúvida, o dia da concretização messiânica, a *Parousia*.⁵⁴ A preocupação de Paulo aqui é a mesma que ele expressou muitas vezes: que seus convertidos sejam “sinceros e sem escândalo algum até ao Dia de Cristo” (Fp 1.10; cf. 1 Co 1.8; Ef 5.27; Cl 1.22; 1 Ts 5.23). A Igreja e os cristãos devem viver “até aquele dia” com a lealdade e a pureza de uma noiva ansiosa. A função de Paulo é preservar essa fidelidade.

Assim, em consonância com sua responsabilidade para com eles, ele está receoso de que eles possam ser completamente enganados (*exepatesen*) por Satanás, como **Eva** o foi pela sagacidade da **serpente** (3). A serpente representa os falsos apóstolos (13-15) que são satânicos em seus métodos, realizando o trabalho do diabo. A **astúcia** (*panourgia*) é “uma malignidade extrema, capaz de tudo”.⁵⁵ Para os coríntios, ser influenciados por homens assim seria violar suas promessas de noivado feitas a Cristo, pois seus **sentidos** (pensamentos, *noemata*) seriam desviados⁵⁶ do caminho **da simplicidade** (sinceridade)⁵⁷ **que há em Cristo**. Muitos dos mais antigos manuscritos contêm, após a palavra **simplicidade**, “e da pureza” (*kai tes hagnotetos*),⁵⁸ o que dá continuidade à metáfora do casamento. Seria, então, “aquela idéia firme e aquela pureza”,⁵⁹ conforme enfatizado pelos artigos na versão grega. Esta é a atitude que deve caracterizar a relação dos coríntios com Cristo, e que preocupa Paulo. A versão RSV em inglês traduz bem o significado: “Uma devoção sincera e pura a Cristo”.

No versículo 4, Paulo levanta uma segunda razão pela qual eles devem suportar a sua loucura. O termo **porque** (*gar*) liga o pensamento com o versículo 1. Quando um dos prepotentes intrusos vai aos coríntios pregando um **outro Jesus**, reprova o apóstolo: “Vocês aceitam essa situação sem dificuldade” (NEB).⁶⁰ Um pensamento não exposto da mente de Paulo, que seus leitores não podem deixar de perceber, é acrescentado por Bruce: “Por que vocês não devem me aceitar, então?” Se eles podiam tolerar tão facilmente quem pregava **outro** (*allon*) **Jesus**, um outro Messias que não o Filho de Deus, crucificado e ressuscitado e receber **outro** (*heteron*) **espírito**⁶¹ e **outro evangelho** (cf. Gl 1.6) diferente daquele que eles aceitaram por intermédio do ministério do apóstolo, certamente sua “pequena loucura” não seria um peso para eles. A pregação dos falsos apóstolos não deve ser identificada com aquela dos que adotavam hábitos judeus em Gálatas 1.6-9.⁶² O falso ensino era, ao contrário, uma interpretação do ministério de Jesus que desacreditaria o ministério do apóstolo de um “poder que se aperfeiçoa na fraqueza” (12.9; cf. 11.21-30). O resultado seria um **outro** (diferente) **evangelho**. Um ministério cuja metodologia não era baseada na fraqueza da Crucificação e no poder resultante da Ressurreição (cf. 13.4) não produziria discípulos das “boas-novas”. Eles não seguiriam a

Jesus com a abnegação de Sua cruz (Mc 8.34; cf. 2 Co 4.7-15; 6.4-5) e seriam essencialmente terrenos em sua percepção e em seus modos (cf. 10.3-4; 1 Co 2.12).

Hanson sugere que Paulo nos dá uma visão da cristandade em três palavras – *Jesus, Espírito e Evangelho*. A cristandade, para ele, consistia em “Jesus – A Nova Criação; Espírito – a nova Vida a ser vivida nesta Criação; Evangelho – o instrumento para difundir esta vida na Nova Criação”.⁶³

Os coríntios “se submeteram... muito rapidamente” (RSV) aos que chegaram com uma apresentação de Jesus que melhor se adaptava ao ego daqueles cujas mentes eram voltadas para o mundo. O apóstolo considera a si mesmo da seguinte forma: **Penso que em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos** (5; cf. 12.11). Os **mais excelentes apóstolos** (lit. superapóstolos, cf. versão NTLH) é uma descrição sarcástica daqueles a quem Paulo posteriormente denomina como “falsos apóstolos” (13). Está bastante claro que a referência não diz respeito aos principais apóstolos que estavam em Jerusalém (Gl 2.9). A razão pela qual Paulo não se considera nem um pouco inferior a “esses apóstolos superlativos” (RSV) constitui o restante desta seção (11.6—12.13; cf. At 9.16; 1 Co 4.10-13; 15.10).

Ele imediatamente caracteriza a afirmativa no versículo 5. Embora (6) não seja “um orador ilustre” (Jerusalém; cf. 10.10; 1 Co 2.1-4), ele sabe sobre o que está falando. **Rude** (inábil) no discurso não significa que Paulo fosse um orador ruim, mas que ele não era treinado (*idiotes*) na retórica grega, assim como Pedro e João também não o eram (*idiotai*) no que se refere ao treinamento rabínico (At 4.13). Os críticos de Paulo em Corinto haviam restabelecido o “truque baixo” de valorizar a aparência exterior para desviar a atenção do verdadeiro valor do conteúdo.

O apóstolo é enfático ao dizer que ele não é, de forma alguma, inferior no que se refere ao seu conhecimento ou **ciência** de Cristo e do evangelho. O mistério de Deus em Cristo lhe foi revelado, e ele o proclamou integralmente (1 Co 2.6-16; Gl 1.11-17; Ef 3.3-4). Ele conhece a Cristo, “em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência” (Cl 2.3). Este fato foi manifestado de modo detalhado (de todas as formas, *en panti*)⁶⁴ a eles, **em tudo**. Por meio da fidelidade do testemunho do evangelho de Cristo que Paulo lhes pregou (1 Co 2.1-5), eles têm a evidência do verdadeiro caráter de seu apostolado (cf. 12.12).

A lógica para mergulhar na loucura à qual Paulo sentiu que deveria se entregar, em vista da situação de Corinto, nos coloca em confronto com “Uma mordomia do Evangelho”. Esta consiste em: 1) Conhecer suas limitações humanas, 6; 2) Confiar em suas convicções sobre a verdade divina, 5-6; e 3) Preocupar-se com o bem-estar espiritual daqueles a quem ele havia gerado na fé, 2-3.

Nos versículos 2-3, o zelo de Deus nos prepara com 1) a dinâmica de uma preocupação apropriada para com os outros no evangelho, e 2) o imperativo de uma pura lealdade pessoal para com Cristo.

2. O Auto-Sustento da Missão de Paulo (11.7-15)

Um outro assunto no qual Paulo não se sente de forma alguma inferiorizado diz respeito à sua recusa em ser financeiramente dependente daqueles a quem ele serve no evangelho. Os autodenominados apóstolos que invadiram a igreja em Corinto eram pagos por seus serviços. Eles fizeram de tudo para usar este fato para degradar

Paulo na mente dos convertidos de Corinto (cf. 3). Um contraste claro é delineado pelo apóstolo entre os seus motivos e os dos falsos apóstolos.

Ele admite pregar **o evangelho de Deus** (7) para a igreja gratuitamente, isto é, “sem cobrar” (Bruce, cf. 1 Co 9.18). Esta sempre era a sua prática em seus empreendimentos missionários. Ele reconheceu inteiramente que “ordenou... o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho” (1 Co 9.14; cf. Dt 25.4). Porém, a pregação de Paulo não gerava uma dívida; ela era o pagamento de uma dívida: “Eu sou devedor” (Rm 1.14). De graça ele recebeu; de graça ele daria (Mt 10.8). O evangelho era uma comissão que lhe havia sido confiada: “Porque, se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim se não anunciar o evangelho!” (1 Co 9.16). Ele não o fazia voluntariamente; portanto sua recompensa não estava na simples obediência (cf. Lc 17.10). Sua recompensa devia ser apenas isto: “Que, evangelizando, proponha de graça o evangelho de Cristo, para não abusar do meu poder no evangelho” (1 Co 9.18; cf. vs. 15-18). Esta foi a razão pela qual ele havia sido criticado em Corinto.

Assim, ele pergunta: **Pequei, porventura, humilhando-me a mim mesmo, para que vós fósseis exaltados?** O fato de Paulo ter trabalhado por seu próprio sustento (At 18.1-3; 1 Ts 2.9; 2 Ts 3.8) o expôs, em um lugar como Corinto, às acusações de não ser profissional (cf. 6). Os ensinadores profissionais gregos do período helenístico sempre viveram da sua arte. Estava abaixo de sua dignidade sujar as suas mãos. Recusar pagamento era admitir que o seu ensino era de pouco valor.⁶⁵ A acusação dos falsos mestres seria de que Paulo não era autêntico: “Seu ensino é tão sem valor que ele não aceita pagamento por ele; um homem... que tão obviamente declara ser um amador inábil, não merece o crédito das pessoas inteligentes”.⁶⁶ Mas o apóstolo está apenas seguindo o exemplo do Carpinteiro (Mc 6.3) e humilhando a si mesmo para a exaltação de outros. Paulo faz isso pela igreja, para que eles não pensassem que ele era motivado pelo ganho material, perdendo assim o impacto da sua mensagem. Sua pergunta era forte: “Seria pecado eu me humilhar para exaltar vocês?”

Para tornar a verdade lancinante, ele acrescenta: **Outras igrejas despojei eu para vos servir** (8). Ele tinha permitido que outros contribuíssem para o seu sustento enquanto trabalhava para levar o evangelho aos coríntios (Fp 4.15). Hughes mostra que a metáfora é militar. O **salário**⁶⁷ que era devido a Paulo, como apóstolo em Corinto, ele havia obtido “saqueando” outros lugares que já houvera conquistado para o evangelho no curso de suas campanhas missionárias.

Não era uma questão de exortação, pois isto foi livremente trazido por **irmãos... da Macedônia** (9; cf. At 18.5), como uma expressão da ligação que havia entre eles. A implicação é que os coríntios estavam em débito com os macedônios, e estes eram mais uma vez um exemplo de seriedade (8.8) para os coríntios. Embora Paulo estivesse em Corinto, eles suprimam a sua **necessidade**, ou seja, “o que lhe faltava” (Weymouth), mas mesmo nesta situação ele se guardou de **ser pesado** a qualquer um deles (“não sobrecarreguei nenhum de vós”, Smith-Goodspeed). A idéia de enfraquecimento causada pela grande pressão é fundamental para o verbo.⁶⁸ A **necessidade** de Paulo foi “totalmente suprida” (NASB) pelos macedônios. Ele não está reprovando os coríntios por não o terem sustentado. Ele não os deixaria fazer isso, pois no passado ele havia evitado ser pesado a eles (cf. 12.14-15), e pretendia fazer o mesmo no futuro. Ele não deixaria a calúnia alterar os

seus princípios. A aceitação de sustento da Macedônia não era uma violação da posição de Paulo, pois ele não estava trabalhando para eles naquele momento. Ele não era orgulhoso demais para aceitar ajuda quando estava necessitado.

Paulo via a si mesmo como um caso especial – um apóstolo abortivo (1 Co 15.8),⁶⁹ “não... digno de ser chamado apóstolo” (1 Co 15.9). A compulsão para aplicar a si mesmo tal rigor vinha da aparição em Damasco – “pois me é imposta essa obrigação” (1 Co 9.16).⁷⁰ Assim, ele declara aos coríntios: **Como a verdade de Cristo está em mim, esta glória não me será impedida⁷¹ nas regiões da Acaia** (10; i.e., Corinto; veja o mapa 1). Em uma carta anterior ele lhes havia dito que preferia morrer do que alguém fazer vã esta sua glória (1 Co 9.15). Agora isto está ligado à integridade de seu apostolado – **a verdade de Cristo** nele (cf. 1 Co 2.6). A glória que ele não permitirá que seja impedida “está na decisão de assegurar que o evangelho, que ele havia recebido sem custo algum e com o qual ele tinha uma obrigação, decorrente deste débito de proclamar a outros, deveria ser ministrado por ele aos outros sem qualquer custo”.⁷² Paulo não está se vangloriando de uma forma negligente e inútil; ele não permitirá que a integridade de sua própria chamada seja comprometida.

Não é de admirar que seus rivais em Corinto criticassem sua prática, pois ela os colocava em desvantagem e lançava dúvidas sobre a motivação deles. Seria o uso do evangelho, por parte deles, mercenário? (cf. 2.17; 4.2). Assim eles sugeriram que a independência de Paulo era na verdade indiferença. Mas Paulo responde que a razão para a sua determinação é que ele realmente os **ama** (11). “E por quê” clama o apóstolo do fundo de seu coração... “porque não vos amo? Deus sabe que vos amo” (Smith-Goodspeed). Ele confia a sua defesa a Deus, a quem sempre esteve com o coração aberto (5.11). A persuasão humana é inútil agora. Se eles não conhecem o seu amor, Deus conhece. Esta é a sua garantia.

A razão de o apóstolo manter a posição que havia tomado em Corinto em relação aos seus oponentes, no que tange ao seu sustento, visava não lhes dar um novo “ponto de partida” para a injúria deles. Ele quer **cortar ocasião** (12) ou “eliminar qualquer chance para aqueles que agarram qualquer oportunidade para colocar seu exaltado apostolado ao mesmo nível do nosso” (NEB).⁷³ Ou seja, pela insistência na idéia de que receber sustento da congregação fosse um sinal de dignidade apostólica, eles esperam induzir o apóstolo a aceitar o pagamento por seus serviços. Assim ele se igualaria a eles, e sua vantagem desapareceria. Eles não teriam mais dificuldades para explicar por que recebiam dinheiro e Paulo não. Mas aqueles homens eram mercenários demais para chegarem ao nível do apóstolo. Paulo sabia em que situação os havia colocado, e pretendia deixá-los assim. Ele não foi enganado por suas táticas que visavam rebaixá-lo ao nível deles.

Paulo agora declara abertamente aquilo que estava apenas deixando implícito. Ele mantém a sua diferença em relação a eles, porque eles são **falsos apóstolos... obreiros fraudulentos, transfigurando-se** (cf. Fp 3.2) **em apóstolos de Cristo** (13). Eles eram “pseudo-apóstolos (cf. 26; Mc 13.22), reivindicando uma categoria que não lhes pertencia. Portanto, a mensagem que eles pregavam, o espírito que difundiam e o evangelho que ofereciam não soavam como verdadeiros (4). Como “apóstolos fingidos” (Weymouth), suas atividades em Corinto eram enganadoras, traidoras e o fruto da esperteza. Lenski mostra que o substantivo *dolos*, cognato de *dolios* (enganador) significava originalmente, “isca”.⁷⁴ Eles usavam iscas para pegar as vítimas; a idéia é a de um engano que mata.”⁷⁵

Esses homens estavam “usando máscaras de” (Bruce) **apóstolos de Cristo**. Eles estavam projetando a imagem de um apóstolo, mas Cristo não os havia enviado (*apestleilen*). Eles eram cópias falsificadas.

E não há nada de incrível nisto, continua o apóstolo, **porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz** (14). Eles apenas seguiam a seu mestre, conforme os indícios do versículo 3. Paulo havia, sem dúvida, descoberto por meio de sua própria experiência que Satanás, cujo domínio são as trevas (Ef 6.12; Cl 1.13; cf. At 16.18), nunca ataca como Satanás, mas sempre com uma vestimenta de luz. De que outra forma ele poderia espalhar suas mentiras?

Portanto **não é muito, pois, que os seus ministros⁷⁶ se transfigurem em ministros da justiça** (15).⁷⁷ Não é “estranho” (RSV) nem “surpreendente” (NASB) que homens que são realmente agentes do reino de Satanás tentem se vender como agentes da “justiça de Deus” (Rm 1.17) em Cristo. Paulo rotula o enfoque egoísta que eles dão ao evangelho de acordo com o que realmente é – satânico! Palavras fortes, mas verdadeiras; palavras que merecem meditação de alguns dos que “vivemos do evangelho” (1 Co 9.14)! Sobre aqueles que vendem o evangelho por dinheiro (cf. 2.17) o apóstolo só pode dizer que **o fim dos quais será conforme as suas obras**.⁷⁸ Podemos então dizer que o resultado do ministério de um homem estará de acordo com os seus motivos?

Uma parte essencial do ministério de Paulo consistia em ter um princípio operacional, uma convicção pessoal resultante de seu comissionamento particular por Cristo. Ele não podia ser separado deste princípio, nem mesmo através de meios traiçoeiros.

Aplicando o tema da máscara de um cristão professo, Barclay cita os quatro testes descritos pelo Sínodo da Igreja em Uganda através dos quais um homem pode examinar a realidade de sua própria condição como cristão.⁷⁹

- (i) Você conhece a salvação através da Cruz de Cristo?
- (ii) Você está crescendo no poder do Espírito Santo, em oração, meditação e no conhecimento de Deus?
- (iii) Há em você um grande desejo de difundir o Reino de Deus através do exemplo, da pregação e do ensino?
- (iv) Você está trazendo outros para Cristo através da busca individual, da visitação, e do testemunho público?

Tais critérios, aplicados honestamente, removerão as máscaras com as quais alguns estão enganando-se a si próprios.

3. A Renovação do Apelo para Tolerar as Vanglórias (11.16-21a)

Paulo volta novamente a esta solicitação do versículo 1: paciência para com a loucura de sua jactância. Os versículos 16-21a introduzem a segunda parte da “dissertação insensata” do apóstolo⁸⁰ relativa a 11.21b—12.10, assim como 11.1-6 se relaciona com 11.7-15.

O apóstolo fala **outra vez** sobre fingir ser **insensato** (16; cf. v. 1; 10.8; 12.6). A referência é à vanglória a que ele se sente compelido pela situação. Paulo realmente não quer ser considerado um **insensato**, mas se eles insistem em colocá-lo no mesmo nível de seus oponentes, ele apenas pede a mesma indulgência que os coríntios concederam a

eles: “Tratem-me, então, como um insensato e permitam que eu me glorie um pouco” (cf. Bíblia de Jerusalém). Paulo indica o seu próprio embaraço em todo esse processo. Apesar disso, em vista da necessidade de gloriar-se em alguma medida (cf. 11.2-5), ele deseja até mesmo ser mal-entendido, se necessário, para que os problemas que eles estão vivenciando possam ser esclarecidos.

O apóstolo declara que quando assim se gaba, ele está falando não **segundo** (*kata*) **o Senhor**, mas **segundo a carne** (17-18). Entretanto, ele rotula esta “confissão de jactância”, de modo totalmente consciente, como “loucura”. Paulo não está “se dobrando ao pecado”. Apesar disso, ele “está, eticamente, em um plano inferior àquele no qual Jesus andava”.⁸¹

Em sua jactância, aceitando que o assunto tenha mesmo que se degenerar até este ponto, Paulo parece estar afirmando “a certeza de que tenho alguma coisa da qual me gloriar” (cf. Bíblia de Jerusalém).⁸² Por outro lado, a expressão poderia indicar uma falsa confiança ao ousar desempenhar tal tarefa.⁸³

O apóstolo vê a sua atitude de se **gloriar** como uma forma de autojustificação; ela está, dessa forma, de acordo com a regra das “distinções terrenas” (NEB; cf. 5.12). Esta norma **segundo a carne** (5.16; cf. Fp 3.4; Gl 6.13), de aparências terrenas exteriores, é o princípio seguido por **muitos** dos oponentes de Paulo em Corinto. Como eles se **gloriam**⁸⁴ de acordo com tais critérios, ele também se gloriará (18). Mas ele fala de se gloriar de uma maneira que revela o agudo contraste com seus oponentes. Paulo a caracteriza como a **carne** em oposição ao **Senhor**, um contraste que corresponde à sua mais usual oposição entre “carne” e “Espírito” (cf. Rm 8.1-11).

Mas Paulo tem ainda mais palavras pungentes para usar. Ele é insensato (*aphrona*, 16) e eles são **sensatos** (*phronimoi*, 19). Embora eles sejam tão “espertos”, **de boa mente** toleram **os insensatos** [*aphronoi*]. A primeira consequência é que eles não devem ter dificuldade de aceitar o que Paulo está a ponto de lhes impor, já que neste assunto ele está na mesma posição daqueles opositores a quem os coríntios tão espantosamente toleram. Mas, com a segunda consequência vem a “ferroada”, como expressada por Lenski, de que “pessoas tão espertas se tornam mais insensatas do que os insensatos que elas toleram; e que, obtendo tal tolerância de pessoas que se acham tão espertas, esses insensatos se tornam mais espertos do que os espertos sobre os quais se impõem”.⁸⁵

Essas palavras afiadas são reforçadas por cinco exemplos das reais imposições dos falsos apóstolos. Nesta passagem “todos os ‘se’ denotam realidade” e a forma condicional “implica que eles estão prontos para repetir isso várias vezes”.⁸⁶ Primeiro, eles **toleram** (“suportam”, RSV) que alguém os coloque **em servidão** (20), ou os escravize à sua vontade. Segundo, eles permitem que esses homens devorem (cf. Mt 12.40; Lc 20.47) os seus recursos como parasitas. Terceiro, eles os apanham como pássaros em uma armadilha. Além do mais, esses “superapóstolos” exaltam a si mesmos; eles “são presunçosos”⁸⁷ em seu tratamento arrogante para com os coríntios. De fato, os coríntios aceitavam esses insensatos e arrogantes mesmo quando eles os esbofeteavam **no rosto** – “uma ousada descrição de violência e desprezo”.⁸⁸

Paulo pode estar usando apenas uma linguagem figurada no último exemplo, mas Hughes tem a impressão de que ele está aludindo a exemplos de ataque físico real. Naqueles tempos, aqueles que ocupavam posições de autoridade, mesmo as autoridades eclesiásticas (At 23.2; cf. 1 Co 4.11), se consideravam livres para bater nos ofensores por

sua insolência e impiedade. O próprio Paulo sentiu a necessidade de declarar abertamente que os bispos não deveriam ser espancadores (1 Tm 3.3; Tt 1.7). Hughes aponta que “a falha dos coríntios foi que eles haviam aceitado essa indignidade, como se viesse de homens investidos de autoridade apostólica, sem discernir como tais atitudes eram completamente discordantes em relação ao verdadeiro Espírito de Cristo e seus apóstolos. Portanto, desonraram a Paulo, que eles sabiam em seus corações que era um autêntico apóstolo de Cristo, e ao evangelho que ele lhes havia pregado”.⁸⁹

Com esses exemplos, Paulo parece dizer-lhes: “Vocês – que permitem que outros vos tiranizem, vos depredem, tirem vantagem de vocês, se gabem do poder que têm sobre vocês, vos amedrontem com o olhar” (Knox) – certamente não podem se opor a uma pequena jactância de minha parte. Porque eu nunca sonharia em impor a vocês tais indignidades pessoais como as que vocês sofreram desses “pseudo-apóstolos”.

A respeito de tudo isso, ele diz com a mais profunda intensidade de sua ironia: **Envergonhado o digo**, ou, falo a respeito de uma censura (*atimian*; 21). “Vexame” ou “desgraça” (lit; desonra)⁹⁰ é a regra⁹¹ que ele usa agora. Assim, é “para minha vergonha”, diz ele, “que fomos fracos” (NASB) em comparação com os tiranos abusivos a quem vocês coríntios se submeteram tão mansamente. Se o que os seus oponentes mostraram era a marca da verdadeira autoridade apostólica, então Paulo era de fato um fraco, um homem fracassado. Ele admite a vergonha (cf. 10.10,12). Embora **fraco (como se nós fôssemos fracos)**, Paulo é ousado o suficiente para contra-atacar eficazmente.

No curso de sua embaraçosa defesa da jactância que vem a seguir, Paulo encontra sua legitimidade: 1) no reconhecimento de seu verdadeiro caráter – loucura; e 2) no reconhecimento da natureza particular da situação que a tornou necessária.

4. A Jactância do Apóstolo (11.21b–12.10)

O apóstolo agora se engaja ousadamente naquela “loucura da jactância” à qual ele foi tão hesitante em ceder. Ao apresentar suas credenciais como um apóstolo (11.21b-33) e trazer à luz suas visões e revelações do Senhor (12.1-10), ele “varre” os seus oponentes daquele território, junto com a enfurecida jactância que demonstraram.

a) *As credenciais de um apóstolo* (11.21b-33). Esta seção nos faz lembrar da passagem em 6.4-10, mas é uma apresentação mais rica e mais abrangente. À ênfase nos privilégios de seu nascimento e educação, Paulo acrescenta uma descrição completa de todos os sofrimentos e perigos pelos quais passou como um apóstolo de Cristo. Com uma lista formidável, ele deixa os coríntios admirados e neutraliza cada contradição.⁹²

Paulo agora está no ataque, revidando ousadia com ousadia. A expressão **com insensatez falo** (21) indica que a sua disposição para a ironia continua. Ela também revela que o apóstolo não está cedendo a um comportamento que seja digno de emulação pelos seus leitores. Ele foi forçado a isso, em particular, pelo amor que sentia pelos coríntios.

Os invasores em Corinto eram, sem dúvida, judeus palestinos de língua aramaica. Eles estavam tentando usar sua descendência e herança para colocar o apóstolo, que viera de solo estrangeiro — Tarso, na Cilícia (At 22.3) —, em uma posição desfavorável. Eles estavam se vangloriando “segundo a carne” (18) — da linguagem, religião e raça.⁹³ Paulo também se vangloriará: **São hebreus? Também eu** (22). Em Atos 6.1, este termo designava os hebreus — ou judeus de língua aramaica, distinguindo-os daqueles que só

falavam grego.⁹⁴ Paulo, como qualquer judeu e melhor do que a maioria, pôde ler e estudar as Escrituras Hebraicas nos idiomas em que foram escritas. Além do mais, ele dominava o dialeto aramaico com tal maestria que monopolizou a atenção de uma multidão hostil em Jerusalém, colocando-se em pé nas escadas que levavam à fortaleza de Antônia (At 21.39—22.3). Naquela ocasião, ele declarou: “Sou varão judeu, nascido em Tarso da Cilícia, mas criado nesta cidade aos pés de Gamaliel” (At 22.3). Em um estudo cuidadoso, W. C. van Unnik conclui que “embora Paulo tenha nascido em Tarso, foi em Jerusalém que ele recebeu sua educação na casa dos pais, assim como foi em Jerusalém que ele concluiu a sua formação escolar posterior para o rabinato”.⁹⁵ A língua da juventude de Paulo, em casa e na escola, pode muito bem ter sido o aramaico. Ele era, sem dúvida, “hebreu de hebreus” (Fp 3.5).

São israelitas? Também eu. Ele também era um filho de Jacó (Gn 32.28), “da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim” (Fp 3.5; cf. Rm 11.1). Paulo se emociona pelo seu envolvimento com aquelas pessoas escolhidas como instrumento particular de Deus para a realização de seus propósitos para toda a humanidade. Eles eram “israelitas, dos quais é a adoção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas; dos quais são os pais, e dos quais é Cristo, segundo a carne” (Rm 9.4-5). A fé de Israel era toda sua também; pois assim como Natanael, Paulo era “um verdadeiro israelita” (Jo 1.47).

São descendência de Abraão? Também eu. Paulo era, não apenas pela raça, um membro “da descendência de Abraão” (Rm 11.1), a quem as promessas foram dadas (Gn 12.1-2; Rm 9.4; Gl 3.8, 16); ele também era um membro pela fé. A semente de Abraão é Cristo (Gl 3.16), e em Cristo a bênção de Abraão havia chegado a todos, conforme Paulo escreveu: “Pela fé, nós recebemos a promessa do Espírito” (Gl 3.14). Como um cristão, ele permanecia, mais do que nunca, como um membro da raça de Abraão.

Os oponentes do apóstolo não tinham nada de que o acusar. Ele era um judeu no sentido mais amplo do termo: “Conforme a mais severa seita da nossa religião, vivi fariseu” (At 26.5; cf. Fp 3.5-6). Mesmo assim, ele podia considerar tudo isso como perda em vista do privilégio maior, “do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor” (Fp 3.8).

São ministros⁹⁶ de Cristo? (23) Esta quarta questão, embora similar às três anteriores, transcende-as e contém a principal temática. Todas as quatro designações são termos que Paulo havia tirado das ostentações de seus oponentes em Corinto. Um indicativo da proeminência da declaração final é a resposta de Paulo: são... “também eu” (*kago*, 22), mas **eu ainda mais** (*hyper ego*). Ele é mais ministro de Cristo do que eles: “eu sou... melhor” (RSV). Mas falar dessa maneira é, para ele, “falar como se fosse insensato” (NASB). **Falo como fora de mim** (insensato, *paraphroneo*),⁹⁷ esta é uma palavra mais forte do que *aphron*, que foi traduzida como “insensato” nos versículos 16 e 19. O pensamento do apóstolo, de acordo com a sugestão de Plummer, é que “gloriar-se a respeito de um assunto tão sagrado como a obra de Cristo, é uma completa loucura”.⁹⁸

Paulo passa agora à definição de sua superioridade como um ministro de Cristo. Em resumo: “eles são servos de Cristo muito inferiores a ele próprio, porque tiveram muito menos ‘fraquezas’ ” (cf. 11.23-12.10; 1 Co 4.10-13).⁹⁹ Se existem credenciais apostólicas “segundo a carne” (18), elas serão encontradas não na força da carne, de acordo com os critérios humanos, mas em suas fraquezas (12.5). Utilizando a escala correta de um apóstolo, Paulo “não é, de modo algum, inferior a esses “super-apóstolos” (12.11). Seu

ministério cumpria as palavras que o Senhor disse sobre ele a Ananias: “E eu lhe mostrei quanto deve padecer pelo meu nome” (At 9.16; cf. Mt 10.24).¹⁰⁰

Paulo está em uma posição bastante superior aos seus oponentes, e isto se torna público por uma avançada estrutura de quatro frases iniciadas com *em* e ligadas com advérbios.¹⁰¹ Lenski observa que “essas quatro frases são usadas para indicar integridade retórica, e estão dispostas em uma escala ascendente.”¹⁰² **Trabalhos... açoites... prisões**¹⁰³ **...perigo de morte.** As palavras **ainda mais** e **muito mais** traduzem o mesmo advérbio, o comparativo *perissoteros*, que é usado como uma força superlativa. Assim, é possível que após a expressão **eu ainda mais**, o pensamento de comparação seja interrompido.¹⁰⁴ Mas Lenski faria todos os advérbios modificarem a expressão **eu ainda mais**, e deste modo ele mantém a idéia de comparação contínua.¹⁰⁵ Paulo estaria então indicando porque está acima deles, sem detalhar os itens em particular nos quais ele possa tê-los superado.

Como um ministro de Cristo, o apóstolo supera todos os seus oponentes por causa do volume dos seus **trabalhos**, isto é, suas numerosas e árduas campanhas missionárias; por causa do exagerado número de aprisionamentos; em vista dos **açoites** além da medida (cf. 6.5) e devido ao fato de que ele havia estado “em perigo de morte muitas vezes” (1.9-10; 4.11; 1 Co 15.32). Essas experiências da vida de Paulo, enfrentadas por amor ao evangelho, eram, sem dúvida, estranhas ao assim chamado ministério de seus oponentes. Eles, provavelmente, pouco haviam trabalhado e muito menos se esforçado. E é duvidoso que eles tenham estado alguma vez na prisão, sido açoitados ou enfrentado a morte por amor a Cristo. Estes pretensos ministros de Cristo revelam como são. Eles podem ter sido capazes de reclamar igualdade com Paulo nas três primeiras reivindicações (22), mas isso acaba por aqui: “Paulo está em uma categoria diferente no que se refere ao ministério; o dele está acima do horizonte de seus oponentes”.¹⁰⁶ A expressão **em perigo de morte** é ampliada em 24-25.

Paulo recorda que **cinco vezes** recebeu 39 açoites das mãos dos **judeus** (24). A lei judaica (Dt 25.1-3) permitia que no máximo 40 açoites fossem aplicados a um criminoso, assim a prática judaica era parar em 39 para que um erro de contagem não os levasse a infringir a lei. Esse espancamento podia ser brutal, e sua aplicação ocorria nas sinagogas. Cristo havia alertado os seus discípulos de que eles seriam espancados pelos judeus nas suas sinagogas (Mt 10.7; Mc 13.9; Lc 12.11). Saulo havia, ele próprio, cumprido essa profecia durante a sua perseguição aos primeiros cristãos (At 22.20; 26.11). As ocasiões exatas dos cinco açoitamentos sofridos por Paulo não podem ser identificadas, mas a sua menção reflete a persistente e amarga hostilidade dos judeus contra ele. Por três vezes Paulo foi **açoitado com varas** (25). Um exemplo ocorreu na colônia romana de Filipos (At 16.22-23). Normalmente, como um cidadão romano, Paulo estava protegido de tal tratamento nas mãos das autoridades, mas, ocasionalmente, como em Filipos, ele pode ter sido açoitado antes que se descobrisse quem ele era. É possível também que os magistrados romanos locais, sob a pressão de uma multidão descontrolada, tenham desconsiderado o privilégio que Paulo tinha como cidadão romano.¹⁰⁷

A ocasião em que Paulo foi **apedrejado** está registrada em Atos 14.19-20, onde foi dado como morto em Listra. Pouco antes disto, ele havia escapado por pouco em Icônio (At 11.5-6; 9.24-26; 14.14). O apedrejamento era o procedimento normal para a execução da pena de morte. Talvez o pretexto fosse blasfêmia (cf. At 6.11; 7.56), uma transgressão que, segundo a lei mosaica, deveria ser punida com a morte por apedrejamento (Lv 24.16).

Nenhuma menção é feita em Atos de três naufrágios que o apóstolo sofreu antes de escrever 2 Coríntios. Seus movimentos pelo mar, no entanto, deram amplas oportunidades para que isto tivesse acontecido.¹⁰⁸ Como resultado de um desses naufrágios, Paulo passou **uma noite e um dia** “à deriva no mar aberto” (Bíblia Jerusalém). Os versículos 24-25 formam um “parêntesis de peculiaridades”,¹⁰⁹ pois ambos são precedidos e seguidos por descrições mais gerais dos sofrimentos do apóstolo.

A frase: **Em viagens, muitas vezes** (26), apresenta os perigos que Paulo enfrentou no curso de suas freqüentes viagens missionárias no mundo mediterrâneo do primeiro século. Essas viagens eram das “mais perigosas por que ele estava sujeito ao ódio de todos os homens de qualquer região do mundo a que possivelmente fosse por amor a Cristo” (cf. Mt 10.22).¹¹⁰ Lenski comenta que a ênfase está nas viagens de Paulo. O termo **viagens**, ou *jornadas* (*hodoiporias*), depende da expressão **eu ainda mais** (23), e assim é um paralelo às frases iniciadas com *em* no versículo 23.¹¹¹ Cada vez que o apóstolo saía em obediência ao seu chamado apostólico, ele estava expondo a sua própria vida a riscos incalculáveis.

Ele enfrentou **perigos** em rios sem pontes, que ele pode ter sido obrigado a cruzar em épocas de cheia. **Salteadores** muitas vezes infestavam as áreas desabitadas pelas quais ele tinha que passar. Sua vida estava em perigo tanto em meio aos seus conterrâneos, os da sua própria **nação**, que o odiavam por ter aceitado um Messias crucificado, como também entre os **gentios**, quando era levado aos seus tribunais. Não havia sequer um lugar em que ele estivesse livre do perigo. **Na cidade** multidões eram insufladas contra ele. **No deserto** havia a selvageria de homens e feras. **No mar**, tempestades podiam quebrar a calma e afundar os pequenos barcos de viagem naqueles dias. Mas, como os piores de todos, em uma categoria específica, estavam os **perigos entre os falsos irmãos** (cf. 13). Como Plummer comenta: “Os outros perigos ameaçavam a vida, o corpo e a propriedade, mas este colocava em perigo, e algumas vezes arruinava, o seu trabalho”.¹¹² Sob a máscara de **irmãos**, esses homens podiam se insinuar na comunidade cristã, e sem aviso minar o ministério do apóstolo. A igreja cristã nunca esteve livre dessa traição interna. Até mesmo o Senhor Jesus Cristo sofreu com um Judas.

No versículo 27, a caracterização da vida ministerial do apóstolo parece se deslocar para as suas experiências em uma cidade enquanto fundava e estabelecia uma igreja. A descrição básica é de **trabalhos e fadiga**,¹¹³ pois a frase é análoga à expressão **em viagens, muitas vezes** (26) e **em perigo de morte, muitas vezes** (23). Ela depende da expressão **eu ainda mais** (23), e é qualificada por frases iniciadas com *em* no restante do versículo.

A primeira frase traduzida como **trabalhos e fadiga** (cf. 1 Ts 2.9; 2 Ts 3.8) se refere ao trabalho manual através do qual Paulo se sustentou durante os seus esforços de evangelização. **Trabalhos** (*kopo*; cf. 23) é passivo, indicando a fadiga resultante do esforço prolongado; já o termo **fadiga** (*mochtho*) é ativo, denotando a real dificuldade envolvida no esforço. Trabalhar com as próprias mãos era algo que não estava abaixo da dignidade do grande apóstolo.

Os trabalhos de Paulo ocorreram em meio a muitas **vigílias**; ou seja, ele passou muitas horas sem dormir, muito provavelmente devido às suas longas horas de atividade. Ele trabalhou com **fome e sede**, devido, às vezes, à sua incapacidade de obter comida e bebida apropriadas. A expressão **em jejum, muitas vezes** se refere, provavelmente,

não à disciplina religiosa, mas a continuar sem refeições a fim de não interromper o seu trabalho como um ministro de Cristo. Como seu Mestre, seu alimento era fazer a vontade daquele que o havia enviado (Jo 4.34). Uma das principais motivações da vida de Paulo era a convicção de que “nem só de pão viverá o homem” (Mt 4.4). Finalmente, no curso de seu ministério, ele teve que sofrer **frio e nudez**, quando as roupas e o abrigo adequado lhe foram negados. Observamos com temor as coisas que o apóstolo expõe como as marcas de autenticação de seu ministério. Em nosso tempo e cultura, a conclusão de que não podemos escapar é: “Quanto menos preocupação consigo mesmo e menos amor à presente segurança, maior é o nível do apostolado de uma pessoa”.¹¹⁴

Mas estas não foram todas as aflições que Paulo suportou. A frase: **além das coisas exteriores** (28), pode se referir às “coisas externas” (NEB) que acabaram de ser enumeradas¹¹⁵ ou, mais provavelmente, a uma lista de coisas que ele sequer mencionou.¹¹⁶ A versão RSV em inglês traz a seguinte expressão: “Além dessas e de outras coisas”. A principal carga que Paulo tinha que suportar era a “pressão diária” (NASB) do seu **cuidado com todas as igrejas**. A tradução: **me oprime...** é baseada em uma leitura inferior (*he episustasis mou*), em lugar da melhor interpretação aceita (*he epistasis moi*), que a NEB traduz como “a responsabilidade que pesa sobre mim”. A “responsabilidade” é definida pela frase que se segue – a ansiosa preocupação de Paulo pelas **igrejas** que ele estabeleceu. Todos os seus outros sofrimentos eram incidentais, quando comparados ao peso dessa preocupação. Isto os seus oponentes não podiam compartilhar; na verdade, eles contribuíam para isso (cf. Mt 18.7; Lc 17.1; At 20.29-30).

De acordo com as interpretações mais frequentes, o versículo 29 apresenta a causa da intensa preocupação do apóstolo: o seu amor pastoral, e a sua identificação com os seus convertidos (cf. 2). Esta compaixão que Paulo sente por seus filhos espirituais tem dois aspectos complementares.¹¹⁷ O primeiro é a empatia com os fracos: **Quem enfraquece, que eu também não enfraqueça?** (cf. 1 Co 9.22). Ao se referir a **enfraquece**, Paulo pode ter em mente o excesso de escrúpulos (Rm 14.1), ou aqueles que são muito sensíveis em relação aos outros. Porém é mais provável que ele se refira àqueles que são fracos em relação às suas responsabilidades espirituais. O apóstolo não só sente as fraquezas deles como se fossem as suas próprias fraquezas, mas realmente considera a si mesmo fraco juntamente com eles, em contraste com os seus oponentes – que se gloriam de sua grande força.

O segundo é a indignação em relação àqueles que seduziam quaisquer dos convertidos de Paulo ao pecado: **Quem se escandaliza, que eu não me abraze?** O sentido se torna claro na versão NEB em inglês: “Se qualquer um for levado a tropeçar, será que o meu coração não queimará com indignação?” A figura é a de ser pego em uma armadilha (*skandalizetai*). Tasker observa que “embora todos os cristãos concordem que a empatia é parte da essência do amor cristão, nem sempre é reconhecido que, sem a indignação moral, esse amor é imperfeito”.¹¹⁸

Mas há uma forte possibilidade de que as duas perguntas retóricas no versículo 29 sejam mais sinônimas do que complementares.¹¹⁹ Lenski tomaria as duas literalmente, com a segunda formando um clímax para a primeira. O sentido da primeira, então, seria: “Está alguém caindo em uma armadilha fatal e eu, de minha parte, não estou fazendo muito pior ao cair no fogo?”.¹²⁰ O contexto das duas afirmações de Paulo a respeito de si mesmo seria, então, o trabalho e o fardo do seu ministério. O fogo

seria o fogo do sofrimento envolvido. Orígenes preserva um ditado atribuído a Jesus, que diz: “Aquele que está perto de mim, está perto do fogo”.¹²¹

Em vista do contexto, esta interpretação talvez seja a mais recomendável, pois ela contribui para a apresentação particular do ministério de Paulo aos coríntios, que está sendo descrito ao longo de toda a passagem (11.21b—12.10). A importância do versículo é, então, não a descrição da identificação empática que deu origem à ansiedade do apóstolo. O versículo enfatiza a fraqueza que ele tem delineado como uma das credenciais de um verdadeiro apóstolo.

Assim, o pensamento se torna claro por meio do próximo versículo: **Se convém gloriar-me, gloriar-me-ei no que diz respeito à minha fraqueza** (30). Paulo havia entrado nos domínios de seus oponentes para reagir às suas reivindicações. Mas o apóstolo se gloria naquilo que eles desprezam – a sua “fraqueza”. Esta jactância eles não podem alcançar, e de fato não alcançarão. O “princípio da jactância” de Paulo é paradoxal. Seu orgulho está na absoluta fraqueza do instrumento humano. Em suas humilhações e sofrimentos ele pode, sem dúvida, se gloriar, pois estes se tornaram a oportunidade de mostrar a graça e o poder do Deus da ressurreição (cf. 1.8-10; 4.7-12; 13.4). A carta começa, agora, a chegar rapidamente ao seu clímax, que ocorre em 12.9-10. O tema do poder divino, que se manifesta por meio da fraqueza humana, permeia a Epístola como um todo.

Paulo afirma solenemente que tudo o que ele disse e dirá em relação à sua jactância na fraqueza é a verdade: **Deus... sabe que não minto** (31; cf. 11 e 1.13). Como sempre, quando confrontado com aqueles que poderiam duvidar de sua veracidade, Paulo apela para Deus, diante de quem ele vive uma vida absolutamente aberta (cf. 1.23; Rm 9.1; Gl 1.20; 1 Tm 2.7). O Deus a quem ele apela é o **Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo**.¹²² Ele é um Deus a quem Paulo conhece intimamente, por intermédio daquele Homem que é também o Filho de Deus, **Jesus Cristo**.¹²³ Pelo fato de Deus ter feito “em Cristo” o seu caminho para a vida de Paulo, o apóstolo declara que Ele **é eternamente bendito** (cf. Mc 14.61; Rm 1.25; 9.5).

No que a princípio parece ser algo estranho, Paulo relata nos versículos 32-33 uma versão de sua fuga de Damasco. Instigado pelos judeus (At 9.23), **o que governava** (etnarca) **sob o rei Aretas IV**, rei dos nabateus, 9-40 d.C.,¹²⁴ “pôs guardas às portas da cidade dos damascenos, para... prenderem”¹²⁵ o apóstolo fugitivo. Hughes sugere: “Não é improvável que o etnarca fosse, ele mesmo, um judeu, e que a guarda designada por ele fosse composta inteiramente por homens da raça judaica”.¹²⁶ Para que a vida de Paulo fosse salva, ele foi **descido num cesto por uma janela da muralha**. Seus amigos o passaram através de (*dia*) uma abertura na muralha, e ele escapou das **mãos** do etnarca.

Não há dúvida de que esta experiência possuía uma importância particular para o apóstolo. Sua posição após a lista de seus sofrimentos na obra de Cristo, e a declaração de princípios que o levou a colocá-los em uma lista, parece ter sido deliberada. Hughes descreve três razões para este fato.¹²⁷ A primeira, “sua perseguição era”, nas palavras de Calvino, “o seu primeiro aprendizado”,¹²⁸ sua iniciação como um recruta inexperiente na linha de frente da guerra do evangelho. A segunda é que ela enfatizava para o apóstolo a fragilidade e a humilhação que iriam caracterizar o seu ministério apostólico como um todo. O contraste entre o poderoso Saulo de Tarso que arrogantemente se aproximou de Damasco, mas que a adentrou fraco, ferido, e cego, e o apóstolo que fugiu daquela mesma

cidade para salvar a própria vida sob o abrigo da noite, nunca foi esquecido por ele. A terceira razão é que Paulo pode estar apresentando o episódio “como um prelúdio efetivo e contrastante com a experiência que ele está prestes a descrever” (12.2-4).¹²⁹ A maravilhosa experiência de arrebatamento ao terceiro céu ocorreu ao mesmo homem que sofreu a infame descida pelo muro em Damasco. A referência à sua elevada experiência espiritual é colocada entre a narração de uma desprezível fuga, e a menção de seu humilhante “espinho na carne” (12.7-10). Paulo pretende manter a si mesmo e o seu ministério sob uma perspectiva verdadeira – um instrumento frágil, completamente dependente do transcendental poder de Deus.

Por causa da necessidade, Paulo foi obrigado a apresentar as suas credenciais como apóstolo de Cristo, 21b-33. Elas podem ser vistas como “As Credenciais de um Ministério Cristão”. Elas consistem: 1) primariamente, não de uma herança privilegiada, 22; mas, especialmente, 2) e em parte, daquelas indignidades e sofrimentos mais contrários à exaltação, ao conforto e à tranquilidade humana, 23-27; e 3) de forma mais centralizada, de uma preocupação sobrecarregada por aquelas pessoas pelas quais se é responsável diante de Deus, 28. Todas essas credenciais decorrem do princípio de que 4) o alicerce humano de um verdadeiro ministério cristão é o reconhecimento e a aceitação da fraqueza, 29-33.

b) *As revelações de Deus para Paulo* (12.1-10). A segunda fase da “loucura da jactância” de Paulo começa quando ele vai da descrição dos seus sofrimentos por amor a Deus, para a menção da experiência celestial que lhe foi concedida. Mas como o espinho na sua carne o faz lembrar, sua jactância deve continuar se restringindo à sua fraqueza, para que a sua confiança esteja apenas no poder de Cristo.

O apóstolo prossegue: “É necessário que me glorie,¹³⁰ ainda que não convém,¹³¹ mas passarei às visões e revelações do Senhor” (NEB). Mais uma vez Paulo chama a atenção para o fato de que ele é obrigado a se gloriar (cf. 11), tanto por causa de seus oponentes, como pela igreja que os ouviu. Com hesitação, ele fala das suas experiências de arrebatamento a uma congregação grega que estava tentada a exagerar na importância de tais manifestações (cf. 1 Co 14.1-5).¹³² O genitivo **do Senhor** (1) é subjetivo, indicando que as **visões e revelações** de Paulo se originavam de uma fonte divina. Elas não são do mesmo nível de seu encontro com o Cristo ressuscitado na estrada para Damasco, porém são, mais provavelmente, uma continuação de suas experiências registradas em 1 Coríntios 14.18-19.

A reticência com que Paulo fala de suas extraordinárias experiências religiosas é instrutiva. Ele deliberadamente as desconsidera como um argumento, e descreve o seu uso como uma jactância. Não é que Paulo menospreze a experiência religiosa, mas ele procura sempre mantê-la em uma perspectiva equilibrada como “um sinal, uma consequência e, dentro de limites claramente compreendidos, uma garantia do que acontece àqueles que são levados a um relacionamento redentor com Deus”.¹³³ O parâmetro para medir todas as experiências de êxtase e demonstrações emocionais, conforme expresso por Schweizer, deve ser: “Se elas proclamam a Jesus como Senhor ou, em outras palavras, se edificam a igreja”.¹³⁴

A linguagem egocêntrica é cuidadosamente evitada por Paulo, ao escrever: **Conheço** (lit., eu conheço, *oida*) **um homem em Cristo que**¹³⁵ **... foi arrebatado até ao**

terceiro céu (2). Ele fala de si mesmo simplesmente como um cristão, **um homem** extasiado pelo poder de Cristo em um momento de graça (cf. 10.17). Por meio da frase **em Cristo**, o apóstolo está renunciando a todos os créditos pelo que lhe aconteceu. Calvino faz referência à disposição do apóstolo: “Aqui, Paulo não olha para si, mas exclusivamente para Cristo”.¹³⁶ Há um sentido, que talvez possamos chamar de existencial, no qual Paulo distingue, aqui, dois homens em si mesmo – o homem em Cristo e o homem natural, terreno, de carne e osso (cf. 5).¹³⁷ Somente quando ele vê a si mesmo do ponto de vista deste último, é que ele se gaba; quando ele fala de si mesmo como o anterior, o “eu” é eclipsado por Cristo. Será que não temos aqui um modelo para o nosso testemunho pessoal?

Assim, longe de atribuir a si mesmo aquilo que Deus lhe deu, o apóstolo admite abertamente que não sabe com certeza o que lhe havia acontecido: **Se no corpo, não sei; se fora do corpo, não sei** (*oida*); **Deus o sabe** (*oiden*). Além disso, Paulo tinha tão pouca intenção de explorar este acontecimento que durante **quatorze anos** ele o guardou como um segredo, até que lhe foi arrancado à força. Eis aqui “o mais raro dos exemplos: uma jactância sem jactância”.¹³⁸ **Quatorze anos** atrás seria aproximadamente 44 d.C., talvez o ano que Paulo passou em Antioquia (At 11.26). Associar esta experiência à sua missão em Antioquia, como um apóstolo para os gentios, não passa de uma conjectura.¹³⁹

A descrição mais próxima dada por Paulo é: **arrebatado até ao terceiro céu**. O mesmo verbo é usado para Filipe em Atos 8.39 e para a *Parousia* em 1 Tessalonicenses 4.17. Embora a literatura judaica fale de sete céus,¹⁴⁰ o NT nada diz sobre isso. Assim, a referência dificilmente seria ao terceiro dentre sete céus. Bengel sugere que Paulo pensava em três céus: um na atmosfera da terra, um segundo no espaço exterior e o terceiro no reino espiritual, onde Deus reside.¹⁴¹ Porém, a sugestão de Calvino pode ser a mais provável. Segundo ele, “o número três pode ter sido utilizado... como uma referência à iminência, para denotar aquilo que é mais elevado e mais completo”.¹⁴² Aqui estaria indicada a mais sublime condição que se pudesse conceber, a presença celestial de Jesus. Esta teria sido uma experiência comparável à de Pedro, Tiago e João no Monte da Transfiguração. Paulo, como eles, estaria vendo de relance aquilo que ainda ocorreria na *Parousia* (cf. 4.14-5.10) e, através desta visão, ele estaria sendo fortalecido para enfrentar os sofrimentos que o aguardavam ao longo de sua missão junto aos gentios: “Para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada” (Rm 8.18; cf. 2 Tm 4.8). Somente o *homem em Cristo* tem essa antecipação.

De uma maneira semelhante aos antigos profetas, o apóstolo descreve novamente a mesma revelação nos versículos 3 e 4.¹⁴³ **Sei que o tal homem (se no corpo, se fora do corpo, não sei** [*oida*]; **Deus o sabe** [*oiden*]). O verbo é o mesmo, mas agora “o terceiro céu” é identificado como **paraíso**. Nas outras únicas ocorrências desta palavra no NT, Jesus diz ao ladrão na Cruz: “Hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc 23.43) e à igreja de Éfeso é prometido: “Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida que está no meio do paraíso de Deus” (Ap 2.7). A palavra é usada como uma referência ao Jardim do Éden na Septuaginta (Gn 2.8; 13.10; Is 51.3), e à morada de Deus (Ez 28.13; 31.8). Barclay, de maneira esclarecedora, escreve sobre esta palavra: “*Paraíso* vem de uma palavra persa que significa *um jardim murado*. Quando um rei persa desejava conferir uma honra

muito especial a alguém que lhe era especialmente caro, ele o tornava um *companheiro do jardim* e lhe dava o direito de caminhar pelos jardins reais em sua companhia de forma próxima e íntima”.¹⁴⁴

Foi permitido a Paulo um momento indescritível na companhia íntima do Senhor no pátio do próprio paraíso. Por um instante, ele esteve no lar “com o Senhor” (5.8). Mas ele não sabia se estava **no corpo** ou **fora do corpo** – tão encantador foi o acontecimento que, por um breve momento, ele atravessou a névoa da existência terrena e foi transportado até a máxima glória celestial da presença do Filho de Deus. Não há razão convincente para distinção entre os significados das três ocorrências de **paraíso** no NT. A influência desta e de outras experiências semelhantes no ministério de Paulo deve ter sido incalculável, já que as palavras que ele ouviu eram **inefáveis**. Será que o segredo de seu poder não se encontra, de alguma forma, em sua reticência em falar sobre tais revelações pessoais?

O que Paulo ouviu no paraíso era tão **inefável** que **ao homem não é lícito falar**. Era algo para ser mantido como sagrado entre ele e Deus. Era uma bênção que visava, exclusivamente, o bem-estar de Paulo; “porque aquele que tinha tão árduas dificuldades lhe esperando, suficientes para partir milhares de corações, precisava ser fortalecido por meios especiais para que não cedesse, mas se mantivesse destemido”.¹⁴⁵ Paulo comunicou tudo o que lhe havia sido pedido para comunicar. Embora o paraíso não nos seja completamente descrito, basta saber que nós compartilharemos a glória da exaltada presença de Cristo e que, então, seremos semelhantes a Ele (3.18). “Não devemos procurar saber de qualquer coisa além daquilo que o Senhor julgou que deva ser revelado à sua igreja”.¹⁴⁶

A fim de introduzir o que tem a dizer no versículo 6, Paulo novamente (cf. 11.30) declara que só se gloriará em suas fraquezas (5). Ele não vai se gloriar por ter estado no paraíso. **De um assim** ou “por algo assim” (ASV), **me gloriarei eu, mas de mim mesmo não me gloriarei, senão nas minhas fraquezas**. Isto indica, novamente, a distinção que Paulo faz entre os dois aspectos de sua existência.¹⁴⁷ Da sua existência “em Cristo”, um ato de graça não merecido, ele se gloriará, pois o crédito cabe apenas ao Senhor. Moffatt traduz a frase como: “De uma experiência como essa, estou preparado para me gloriar; mas não de mim mesmo, pessoalmente”. Quando sua jactância passa de Cristo para si próprio, Paulo só pode se gloriar de suas **fraquezas**.¹⁴⁸ Sua verdadeira jactância é apenas a de “um homem em Cristo”, e não de *si próprio*; ele se gloriava pelo privilégio de ser *um cristão*.

Para que os coríntios não fiquem surpresos sobre a razão pela qual o apóstolo parece subestimar um objeto de jactância tão legítimo, ele lhes fornece o motivo para a sua discrição no que se refere às suas revelações. Se Paulo desejasse se **gloriar** (6), ele não seria **néscio**; tal jactância estaria de acordo com a **verdade**. Só um néscio se gloria além da verdade. Mas a verdadeira razão para o apóstolo reprimir a jactância sobre a sua elevação ao paraíso, é que ele não quer que ninguém faça uma avaliação a seu respeito que vá além daquilo que nele se vê ou que (*ex*) ouça dele. Ele não quer ser julgado “pelo relato que faz de suas próprias experiências espirituais, mas pela sua vida de trabalhos e sofrimentos a serviço do evangelho”.¹⁴⁹ O apóstolo descobriu que, a despeito de quanto o Senhor o favoreça e abençoe, a vontade do Senhor é que ele permaneça absolutamente humilde; e que cada homem não se considere maior do que um ser humano normal.

Assim como o Senhor foi humilde em seu ministério entre os homens, os vasos devem se contentar com o fato de serem feitos apenas de barro, se realmente quiserem anunciar o evangelho (4.7).¹⁵⁰ Esta deve ser a atitude de todos aqueles que procuram ministrar a outros em nome de Cristo.

Paulo menciona então o seu **espinho na carne** (7) para reforçar o ponto que acaba de provar. O Senhor quer que os seus vasos continuem de barro “para deixar claro que um poder tão surpreendente vem de Deus e não de nós” (4.7, cf. Bíblia de Jerusalém). Vemos agora que a razão por trás da revelação de sua maravilhosa experiência, era que ele podia expor e explicar a sua maior deficiência.¹⁵¹ Hughes escreve: “É realmente extraordinário como, por uma espécie de paradoxo, a explicação de sua mais profunda humilhação exija a revelação de sua maior exaltação, de forma que o ponto exato onde seus adversários o consideram ser mais desprezível, esteja ligado a uma experiência inefável que ultrapassa de longe o brilho do espalhafatoso enfeite da exaltação deles”.¹⁵² Dessa forma, a hipocrisia da posição dos oponentes de Paulo é revelada, e pode ser contemplada por todos.

O propósito do **espinho** é duplamente indicado pela repetição da frase **para que me não exaltasse**. Este espinho lhe foi **dado** como **um mensageiro de Satanás**, para o **esbofetear**, para que o seu ministério fosse exercido na mais profunda humildade. Quanto maiores eram os seus privilégios de graça e apostolado, mais necessário era que ele percebesse a sua absoluta dependência do Senhor. Bastaria que o Senhor Deus retirasse a sua boa mão, e Paulo estaria inteiramente sob o poder de Satanás. Paulo se expressa de um modo um tanto paradoxal: aquilo que Satanás utiliza como um instrumento de tortura contra Paulo pode servir, na providência de Deus, para um propósito divino na vida do apóstolo.¹⁵³

Embora o significado principal e clássico de *skolops* (**espinho**) seja “estaca”, um bastão de madeira afiado, este termo é usado principalmente na Septuaginta (Nm 33.35; Ez 28.24; Os 2.6) e nos papiros como espinho, estilhaço ou lasca.¹⁵⁴ Pillai sugere que o quadro seja o de um arador descalço que tem um espinho em seu pé. Devido à falta de métodos de esterilização eficazes, ele acha mais seguro deixá-lo ali do que removê-lo. Assim ele manca por algumas semanas até que uma pele mais grossa se forme em torno do espinho; então ele o arrancará de forma segura com uma faca.¹⁵⁵ O quadro que Paulo descreve é de algo afiado, dolorosa e profundamente cravado na carne, que não pode ser removido, mas continua causando uma dificuldade crescente. O verbo **esbofetear**, no presente do subjuntivo, apresenta a idéia de contínua repetição de golpes fulminantes dados com os punhos cerrados (Mt 26.67; cf. 1 Co 4.11).

Mas podemos identificar especificamente aquilo a que Paulo se refere? Ele o chama de **espinho na carne** (*skolops te sarki*). O termo **na** não está expresso literalmente através do termo *en*, mas deriva de uma interpretação locativa do dativo *te sarki*. Tal construção denotaria mais naturalmente alguma coisa embutida na carne, uma dor física. Entretanto, se o apóstolo quis dizer isso, pareceria mais natural que tivesse dito *en te sarki*, como em Gálatas 4.14. Portanto, a expressão é melhor interpretada como um dativo de desvantagem, “para a carne”, isto é, para a inconveniência da carne. Isto não o limita a uma aflição física, nem a exclui como uma aflição desta natureza.

Muitos dos comentaristas medievais, encorajados pela tradução da Vulgata Latina, *stimulus carnis*, assumiram que Paulo estivesse falando de tentações carnis ou de im-

pureza. Os reformistas ampliaram isto para tentações espirituais de todos os tipos, planejadas para “furar a bolha” de qualquer arrogância que tivesse sobrevivido na vida do fariseu convertido.¹⁵⁶ Calvino localiza a esfera de tais tentações na natureza carnal que permanece ativa naquele que é regenerado.¹⁵⁷ Porém nem mesmo os modernos comentaristas calvinistas sustentam essa interpretação como se fosse o significado pretendido aqui, embora mencionem esta possibilidade.¹⁵⁸

Alguns intérpretes dos nossos dias seguem a tendência da exegese de Crisóstomo, apoiada pelos patriarcas gregos em geral, e por Agostinho. Estes intérpretes acreditavam que a referência era a “Alexandre, o latoeiro” (2 Tm 4.14), aos partidários de Himeneu e Fileto (2 Tm 2.17), e a todos os adversários da Palavra, que trabalhavam para Satanás.¹⁵⁹ Munck, por exemplo, aceita o julgamento do intérprete dinamarquês Koch, no que se refere “ao ‘mensageiro de Satanás’ remeter a atos de violência, aborrecimentos e tumultos populares... às incessantes perseguições ao apóstolo, os ‘sofrimentos de Cristo’”¹⁶⁰ R. A. Knox traduz *skolops te sarki* como “um agulhão de natureza externa, que aflige”. Esta interpretação está de acordo com o seu julgamento, expresso em uma nota de rodapé, de que se trata da perseguição a Paulo por parte dos judeus, os quais o irritavam permanentemente, humilhando-o perante o mundo gentílico.

“Quando usado como uma figura de linguagem”, comenta Pillai, “um espinho na carne sempre se refere a pessoas irritantes ou aborrecedoras”.¹⁶¹ Isto pode ser visto em Números 33.55, onde Moisés adverte os israelitas quando estão prestes a entrar em Canaã: “Mas, se não lançardes fora os moradores da terra de diante de vós, então, os que deixardes ficar deles vos serão por espinhos nos vossos olhos e por agulhões nas vossas costas e apertar-vos-ão na terra em que habitardes” (cf. Js 23.13; Jz 2.3).

Esta interpretação se ajustaria bem com a designação dada por Paulo de um **mensageiro de Satanás**. Paulo descreve Satanás em outras passagens como o adversário que interfere na divulgação do evangelho. Em Atos 13.8,10, “Elimas, o encantador” é chamado de “filho do diabo” quando tenta “apartar da fé” o procônsul. Em 1 Tessalonicenses 2.18, Paulo escreveu que Satanás o havia impedido, muitas vezes, de ir a Tessalônica.¹⁶² E essa oposição veio mais freqüentemente de seus “parentes segundo a carne” (Rm 9.3). Tasker escreve, ao apoiar a interpretação de Crisóstomo: “Assim como não há nada que tenha uma tendência maior de exaltar um evangelista cristão quanto o gozo das experiências espirituais, não há nada tão poderoso para esvaziar o orgulho espiritual que segue tais experiências, como a oposição que o evangelista cristão encontra enquanto prega a Palavra”.¹⁶³

A conjectura mais comum quanto à natureza do **espinho na carne** de Paulo, no entanto, continua sendo a de uma debilidade corpórea. Há indicações em suas cartas de que sua condição física lhe causava dificuldades de tempos em tempos. Aos gálatas, ele escreveu: “Vós sabeis que primeiro vos anunciei o evangelho estando em fraqueza da carne [*asthenia tes sarkos*]. E não rejeitastes, nem desprezastes isso que era uma tentação na minha carne [*en te sarki mou*]; antes, me recebestes como um anjo de Deus, como Jesus Cristo mesmo (4.13-14; cf. 1.8; 1 Co 2.3). Quanto à atitude de Paulo com respeito ao seu ministério, ele já havia escrito em sua segunda carta aos coríntios: “Por isso, não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia” (4.16). A identificação precisa de tal enfermidade variou de uma dor de ouvido ou dor de cabeça¹⁶⁴ até epilepsia¹⁶⁵ (Gl 4.14), doença nos olhos (Gl 4.15; 5.11)

e uma febre recorrente da malária. A última talvez seja a mais plausível, pois ela é acompanhada por uma dor de cabeça peculiar que foi descrita como “empurrar uma barra em brasa atravessando a testa”, uma descrição similar a um **espinho na carne**.¹⁶⁶ Ramsay escreve que a febre da malária em algumas condições físicas retorna “em uma agonia muito dolorosa e debilitante, quando as energias de alguém são exigidas em um grande esforço. Um ataque assim é temporariamente incapacitante: a vítima só pode se deitar e se sentir uma criatura fraca, desprotegida e trêmula, quando deveria estar trabalhando. A pessoa sente desprezo e ódio de si mesma e acredita que os outros sintam o mesmo em relação a ela”.¹⁶⁷

Esta é a lista das melhores suposições. Não sabemos e nem podemos saber a que o apóstolo estava se referindo ao mencionar o seu **espinho na carne**. Sem dúvida foi melhor que ele não falasse de modo claro o suficiente para que entendêssemos. Da forma como está, todos nós temos uma inspirada orientação para o nosso “espinho na carne” particular. Temos uma perspectiva a partir da qual tratar aquilo que atormenta a nossa natureza exterior, quer seja uma aflição física, a ação de outras pessoas ou circunstâncias específicas que nos humilhem. Lenski insiste em que não só não nos é dado saber, como também nem mesmo os coríntios podiam entender a linguagem figurada de Paulo: “Paulo conta sobre este espinho na carne como conta sobre seu arrebatamento ao Paraíso pela primeira vez. Nas duas ocasiões, ele revela segredos íntimos de sua vida pessoal que nunca antes foram expostos aos coríntios, e que só são revelados agora sob o imperativo da situação”.¹⁶⁸

Qualquer que fosse a natureza do espinho mortificante, o apóstolo orou fervorosamente para que se desviasse dele (8). O **Senhor** a quem Paulo dirigiu suas orações é Cristo (9), indicando que Paulo iguala Cristo a Deus como o Receptor da oração. Como o seu Senhor no Jardim do Getsêmani (Mt 26.44), Paulo fez o seu pedido de libertação por três vezes. Até o resultado é similar: “Não seja como eu quero, mas como tu queres” (Mt 26.39). Paulo conhecia a experiência de não ter suas orações atendidas de acordo com os seus desejos humanos.

A resposta é definitiva. **E disse-me: (eireken)** é o tempo verbal perfeito, indicando que a decisão continua de pé. **A minha graça te basta, porque o meu poder¹⁶⁹ se aperfeiçoa na fraqueza** (9). O sofrimento de Paulo é mostrado como necessário, porque o poder divino se aperfeiçoa com a fraqueza humana; está completo, consumado (*teleitai*) ou cumpre seu propósito (*telos*) quando o homem alcança o ponto da absoluta fraqueza. Só então ele se torna um instrumento adequado nas mãos do Senhor: “O poder alcança sua máxima intensidade na fraqueza” (NEB).

A **graça** (8-9) que é suficiente (cf. 3.5) para o apóstolo não é somente a generosidade de Deus manifestada na vida, morte e ressurreição de Cristo, mas também o **poder** de Cristo (cf. 1 Co 15.10). Assim, Paulo não está meramente resignado com suas **fraquezas**; ele aceita a vontade de Deus como a sua própria. Ele, com alegria, se gloria na sua fraqueza – **para que em mim habite o poder de Cristo** (isto é, amplie a sua cobertura, *episkenose*; cf. Lc 9.34). O verbo pode conter uma alusão à Shekinah, a glória divina que repousava no antigo Tabernáculo no deserto (cf. Jo 1.14).¹⁷⁰

Agora somos confrontados com uma revelação muito diferente daquela de 12.1-4, onde era uma questão de visão do paraíso e palavras inefáveis. Aqui, é a palavra da graça, em um encontro pessoal, que dá o significado do sofrimento e apoio ao que sofre. À

medida que a vida do apóstolo se ligava ao mundo celestial de um modo especial, ele também era atingido de algum modo pelo poder satânico que estava em ação em seus sofrimentos. Este é o paradoxo de sua existência. Seu ministério, como de um verdadeiro servo de Cristo, necessariamente compartilha o ministério de seu Senhor.¹⁷¹

O ponto máximo da carta foi alcançado nessa passagem. Paulo relacionou a descrição do seu espinho na carne de modo que o princípio básico de seu ministério pudesse ser claramente revelado. Sob a perspectiva da Palavra do Senhor, poderíamos entender: “A minha força encontra o seu escopo completo na tua fraqueza” (Knox). O apóstolo olha atentamente para a sua vida, e traz tudo ao foco – a inadequação humana abre espaço para a adequação da graça e do poder de Deus em Cristo. **Pelo que**, ele pode sentir **prazer** (“estar bem contente com”, NASB) em seu estado de fraqueza **por amor de Cristo. Porque**, como ele diz, **quando estou fraco, então, sou forte** (10). Seu ministério está protegido pela força do Senhor. Esta é a sua garantia de tranquilidade.

Suas **fraquezas**, em vez de atrapalhar, na verdade criam espaço para que o poder do Cristo ressuscitado seja revelado em seu ministério (4.7-10; 6.4-10). Ele especifica as suas **fraquezas** por meio das quatro frases iniciadas pela partícula **nas** que seguem a sua menção. Paulo teve que suportar **injúrias** e maus tratos de seus inimigos; ele não foi capaz de se elevar acima das **necessidades** e sofrimentos; ele teve que fugir de **perseguições** e sofreu **angústias** (situações de aperto de onde não podia escapar). Tudo isto ele suporta alegremente **por amor de Cristo!** O poder do Reino é o oposto do poder do mundo.

Ao concluir a jactância que foi forçado a expressar, o apóstolo revela dois princípios essenciais que se aplicam ao testemunho cristão, 12.1-10. O primeiro é que devemos ser extremamente modestos ao falar de nossas extraordinárias experiências espirituais: 1) para não atrairmos mais atenção para nós mesmos do que para Cristo, 1-5; e 2) para não falarmos além do que pode ser claramente corroborado por nossa conduta, 6. O segundo é que, quando tivermos que chamar a atenção para nós mesmos no curso de nosso testemunho: 1) O nosso falar deve ser relacionado à nossa condição de fraqueza no mundo, 5, 7; a fim de que 2) possa ficar claramente evidente que nossa fraqueza é realmente a nossa força “em Cristo”, 8-10.

Como um verdadeiro apóstolo, 11.21b—12.10, 1) as credenciais de Paulo consistem em seus freqüentes e humilhantes sofrimentos experimentados em prol dos outros e a favor da causa de Cristo, 11.21b-33; e 2) qualquer jactância que ele tem está focada em suas fraquezas, para que a sua adequação como um ministro do evangelho possa residir apenas no poder de Cristo, 12.1-10.

5. O Comportamento de Paulo em Corinto (12.11-13)

Com estes versículos, a jactância de Paulo chega ao fim. Ele a conclui com uma reiteração de sua loucura e uma nova ênfase na autenticidade de seu ministério entre os coríntios.

Em um momento de reflexão, recordando tudo que disse, o apóstolo declara que ele foi e é um **néscio** (11; cf. 11.1, 16). O uso do perfeito (*gegona*) indica uma condição completa. A frase **em gloriar-me** é omitida pelos mais antigos manuscritos, mas a expressão **fui néscio** tem uma força comunicativa ainda maior sem ela.

Embora Paulo não se desculpe, ele deixa claro que os coríntios o constrangeram a responder em defesa própria. Pois ele devia ter sido **louvado** por eles. Afinal de contas, eles constituíam as suas credenciais apostólicas. Eles eram a sua carta de recomendação (3.2; 1 Co 9.1). Em contraste com o testemunho interior de suas vidas transformadas, eles falharam tragicamente em sua obrigação natural para com o apóstolo. Ele havia sido profundamente ferido pela ingratidão e deslealdade deles. De fato, a recomendação dos coríntios havia ido para os seus oponentes, aqueles “super-apóstolos”¹⁷² a quem Paulo não era **em nada** inferior, **ainda que**, como ele disse, **nada sou**. Aquilo que seus oponentes queriam comprovar que ele era – **nada** – ele toma como seu único motivo de gloriar-se (11.30; 12.9-10). Esta rígida auto-avaliação é o segredo da evidente manifestação do poder da Ressurreição em seu ministério (cf. 4.10-12; 1 Co 2.2-5).

O fato de os **sinais** do seu **apostolado** (12) terem sido manifestados **entre** os coríntios explica porque ele “não era de forma alguma inferior a esses ‘super-apóstolos’ ” (RSV). A forma passiva **foram manifestados** (*kateirgasthe*) indica que o apóstolo se considerava apenas como o instrumento do poder de Deus. Os **sinais** (as insígnias de seu apostolado) se referem primeiramente a todas as manifestações do poder de Cristo através das obras de Paulo, não sendo menores que a mudança na vida das pessoas (3.2; 1 Co 9.1), incluindo a sua própria (1.22). Até mesmo **toda a paciência** (“coragem constante”, NEB; 11.23—12.10) com que ele conduzia seu ministério diante da oposição e das dificuldades é tanto uma indicação de sua legitimidade, quanto o mais incomum dos **prodígios**.

Sinais, prodígios e maravilhas não se referem a três tipos de milagres, mas a diferentes aspectos de todos os milagres. Primeiro, escreve Calvino, “ele os chama de *sinais*, porque não são exibições vazias, mas são indicadas para a instrução da humanidade – *maravilhas*, porque devem, pela sua inovação, estimular os homens e causar-lhes assombro – e *poder ou prodígios*, porque eles são mais sinais simbólicos do poder Divino do que aquilo que observamos no curso comum da natureza”.¹⁷³ O poder de realizar tais atos caracterizou o ministério de Jesus (At 2.22) e foi concedido por Ele a seus discípulos (Mt 10.1; Mc 3.15; Lc 9.1; 10.17). Este poder continuou no ministério dos apóstolos e obreiros da igreja primitiva (At 3.1-9; 5.15-16; 8.13; 9.32-34), e continua disponível. Paulo não foi excluído desta lista (At 19.11-12), mas, como escreveu mais tarde aos romanos: “Não ousaria dizer coisa alguma, que Cristo por mim não tenha feito, para obediência dos gentios, por palavra e por obras; pelo poder dos sinais e prodígios, na virtude do Espírito de Deus; de maneira que... tenho pregado o evangelho de Jesus Cristo” (Rm 15.18-19; cf. Hb 2.4).

No verdadeiro apóstolo, o divino poder de Jesus estava em ação. Paulo viu nestes sinais a marca de autenticidade de seu apostolado. Ele os viu não como milagres de um homem cheio de poder sobrenatural, mas como prova do poder de Cristo graciosamente se manifestando através da sua fraqueza. O sofrimento e a insígnia de um apóstolo andam juntos.¹⁷⁴

Com um toque final de sua ironia, Paulo pergunta aos coríntios no versículo 13 o que mais eles poderiam querer dele. Em vista dos sinais que haviam atestado o apostolado de seu ministério entre eles, de que modo ele os havia tratado como **inferiores às outras igrejas?** Só havia uma coisa em que ele podia pensar – **a não ser que eu mesmo vos não fui pesado...** (cf. 11.7-10).¹⁷⁵ A versão NEB parafraseia a expressão do seguinte modo: “A não ser por isto, que eu nunca vivi às vossas custas... Como fui injusto!” Os

falsos apóstolos haviam pedido sustento, como indicado pela expressão **eu mesmo**. Para Paulo, uma das coisas mais difíceis de suportar era o modo como os coríntios distorciam os seus motivos para não receber deles o seu sustento. Tudo que ele diz é: **Perdoai-me este agravo!** A ironia é afiada, mas certamente carinhosa – a de “um pai induzindo seus filhos a uma linha de raciocínio correta”.¹⁷⁶

Nos versículos 11-13, vemos um verdadeiro ministro de Cristo: 1) Seu caráter humilde, porém ainda assim confiante, 11; 2) seu poder garantido, embora paradoxal, 12; e 3) sua paciência desesperada, porém ainda assim infinita, 13.

Antes de concluirmos esta seção, talvez seja proveitoso reunirmos as acusações dos oponentes de Paulo em Corinto. A principal acusação era que ele não tinha o direito de chamar a si mesmo de apóstolo (12.12; 3.2; cf. 11.5; 12.11). Eles o criticavam a partir de cada ângulo possível, para apoiar sua difamação. Diziam que embora suas cartas fossem reconhecidamente fortes, sua presença pessoal era lamentavelmente fraca (10.1, 9-10); que ele não possuía a eloquência ou outras qualidades necessárias a um missionário (11.5-9; 12.11); que sua conduta levantava suspeitas, pois ele sempre tinha um plano em mente (1.12-13; 3.12-14; 4.1-6; 5.11); que sua incessante recomendação de si mesmo indicava apenas seus esforços constrangedores para se manter bem visto pela igreja (3.1; 5.12; 12.19); que quando se recusava a aceitar das mãos dos coríntios o sustento que recebia de outras igrejas, estava revelando seu desinteresse pela igreja em Corinto (11.7-12; 12.13); que seus planos eram muitas vezes alterados sem cuidado, sem levar em conta as promessas que havia feito à igreja (1.15-18). Alguns até o teriam chamado de desonesto em relação ao seu gerenciamento da coleta para os santos em Jerusalém. Que parte desta coleta teria ido parar no próprio bolso de Paulo para compensar o assim chamado “trabalho gratuito” que ele fazia pelas igrejas (7.2; 8.20; 12.16-18)?¹⁷⁷

Foi o modo bem-sucedido de tratar essas acusações que nos permitiu contemplar tão profundamente o coração de Paulo.

C. PAULO PLANEJA UMA TERCEIRA VISITA, 12.14—13.10

Quando Paulo se aproxima do final de sua carta aos coríntios, o apóstolo prepara o caminho para a sua terceira visita: **Estou pronto... para ir ter convosco** (12.14). Para esse fim, ele expressa a natureza de sua futura conduta em consonância com os princípios básicos de seu ministério entre eles (12.14-18). Mas ele está apreensivo quanto à condição moral e espiritual na qual os encontrará (12.19-21). Eles podem estar certos de que ele será tão firme, em sua disciplina, quanto a situação deles exigir (13.1-10).

1. O Comportamento Proposto de Paulo em Corinto (12.14-18)

A questão do dinheiro deve ter sido bem sensível (como sempre!) no relacionamento de Paulo com a igreja em Corinto. Ela teve um papel importante nos capítulos 11-12, e ele retorna ao assunto. Paulo insiste em que não vai mudar seu método operacional agora.

Esta última etapa da defesa de seu ministério relaciona-se com a sua **terceira** visita que se aproxima (14). A primeira visita foi na época em que ele lhes levou o evangelho pela primeira vez (At 18.1-18). A segunda foi a dolorosa visita (2.1) que se seguiu à escrita de 1 Coríntios.¹⁷⁸ Como sempre, e como acontece todas as vezes que está com eles, ele

não lhes será **pesado**.¹⁷⁹ Muito embora anteriormente Paulo tenha sido mal entendido neste ponto (11.7-12), seus princípios permanecem firmes. Há duas razões para isto. A primeira é que aquilo que ele exige deles é maior do que o dinheiro: **Não busco o que é vosso, mas, sim, a vós**. Ele continuamente (*zeto*) lhes pede o melhor que têm a dar – a si mesmos, para que Paulo possa apresentá-los a Cristo como uma “virgem pura” (11.2), uma oferta aceitável de seu ministério a Deus (cf. Rm 12.1; 15.16). A segunda é que se trata de uma responsabilidade normal dos **pais** proverem para os seus **filhos**, e não os filhos para os pais. O apóstolo faz uso desta analogia apenas como uma ilustração da razão pela qual ele não tira vantagem de seu direito como um ministro do evangelho (1 Co 9.6-12b,14). Ele não quer dizer com isso que filhos crescidos não tenham obrigação com relação a seus pais idosos, quando estes necessitarem (cf. Mc 7.10-13).

Pelos coríntios, o apóstolo deseja ir além (*de*) da mera obrigação. **Eu, de muito boa vontade, gastarei e me deixarei gastar pelas vossas almas** (15; lit., vossas almas; isto é, seu bem-estar espiritual). O **eu** (*ego*) é enfático. O tempo, o dinheiro e a força do apóstolo são deles gratuitamente, mesmo com o empobrecimento de sua própria saúde e vida. Mantendo a analogia com as imagens utilizadas por Paulo em Filipenses 2.17 (“Ainda que eu seja oferecido por libação sobre o sacrifício e serviço da vossa fé, folgo e me regozijo com todos vós”). Wendland traduz este texto do seguinte modo: “Eu, entretanto, de muito bom grado ofereceria um sacrifício; na verdade, permitirei ser completamente oferecido como um sacrifício por vós”.¹⁸⁰

A última parte do versículo, seguindo os mais antigos manuscritos, deve ser lida como: “Se eu vos amo demasiadamente, devo ser menos amado”? (NEB).¹⁸¹ Como Filson destaca, esta triste pergunta responde àquela de 11.11, e indica como seria desnaturado para os coríntios responderem com um amor decrescente à crescente manifestação do amor do apóstolo por eles.¹⁸²

Pelo fato de **não** lhes **ser pesado** (16), Paulo estaria admitindo, mesmo com gratidão: “Muito bem, seja assim, dirão vocês, concordando que eu não vivi às vossas custas; mas isto nada mais foi do que astúcia para que eu vos enganasse com mais astúcia ainda” (Bruce). A acusação sussurrada por seus oponentes era que o aparente sacrifício do apóstolo pelos coríntios era apenas mais um truque de sua natureza astuta¹⁸³ para enganá-los. Aquilo que o apóstolo se recusou a receber pessoalmente, ele “embolsara” através de seus agentes, a quem pusera como responsáveis pela coleta para Jerusalém. Ele realmente não ficou sem receber nada.

Mas quem eram, na realidade, os **astutos** (cf. 11.2-4,13,15)? Como escreve Calvino: “É costume dos mal-intencionados atribuir, sem pudor, aos servos de Deus o que eles costumam fazer, quando têm o poder ou a ocasião de fazê-lo”.¹⁸⁴ Os intrusos egoístas em Corinto gostariam muito de colocar, sem dúvida, as próprias mãos na oferta. Mas, em vez disso, eles foram postos sob uma luz embaraçosa pela recusa do apóstolo em aceitar o sustento pessoal; assim, eles retornaram às mentiras astutas para minar a confiança que os coríntios tinham na autoridade apostólica de Paulo.

A essas suspeitas inventadas contra o apóstolo, ele responde com uma série de quatro perguntas (17-18). O problema principal, asperamente colocado pela NEB, é: “Quem dos homens que vos enviei foi usado por mim para vos enganar?” (17) E é apoiado por uma segunda pergunta: **Tito** se aproveitou de vós? (18) Estas duas primeiras questões são feitas com a partícula negativa *me*, que implica em um “não” como resposta. O verbo

aproveitar, nas duas perguntas, como em 2.11, tem a conotação de “tirar vantagem de” (ASV). Essas perguntas, escreve Plummer, são absurdas.¹⁸⁵ Os coríntios têm que admitir, quando pressionados, que **Tito** e o **irmão** enviado por Paulo haviam se conduzido com uma integridade inquestionável quando iniciaram a coleta.¹⁸⁶

Em seguida, Paulo assumiu a completa responsabilidade pela coleta e relacionou a sua integridade à de seus emissários. Assim como os enviados, é quem os enviou.¹⁸⁷ Eles não agiram com o **mesmo espírito?**¹⁸⁸ Eles não seguiram **as mesmas pisadas?** Esta dupla de perguntas usa *ou*, indicativo de que Paulo esperava um “sim” como resposta. Tanto Paulo como os seus mensageiros eram inocentes em seus motivos e ações. As suspeitas dos coríntios estavam em contradição com o que eles tinham visto com os seus próprios olhos. O apóstolo é capaz de se defender e se apoiar no princípio básico de seu ministério entre eles em relação ao dinheiro, porque 1) seu motivo é simples e sinceramente o sacrifício de si mesmo pelos outros; e 2) seu gerenciamento do delicado assunto da coleta é capaz de passar pelo teste de uma inspeção rigorosa.

2. A Apreensão de Paulo (12.19-21)

Terminada a sua exposição, a verdadeira razão de Paulo para esta defesa é registrada aqui. Uma série de alertas segue o que compreensivelmente surge da ansiedade de Paulo em relação à sua visita que se aproxima. Será que sua terceira visita será tão dolorosa quanto a segunda (1.23; 2.1)? Isto está nas mãos deles.

Os coríntios não são os verdadeiros juízes da defesa que Paulo fez nos capítulos anteriores. O verbo desculpar (19) seria melhor traduzido como “defender”. O julgamento de Paulo não é feito por eles, mas sim com eles **em Cristo perante Deus** (cf. 1 Co 4.3). Em contraste com o que eles possam ter pensado “todo esse tempo”,¹⁸⁹ ele não está se defendendo diante deles por motivos de auto-estima ou autoproteção.¹⁹⁰ A postura de Paulo, comenta Hughes, “muito longe de ser egoísta ou auto-suficiente é, de forma indireta, ‘cristocêntrica’ ”.¹⁹¹ Ele fala somente **em Cristo** (2.17; 12.2; cf. 5.17), “uma ligação que o guarda do orgulho, do exibicionismo e de trapacear com esperteza”.¹⁹² Deus é seu único e verdadeiro Juiz (1.18, 23; 4.2; 5.11; 7.12; 11.11, 31), e aquilo que ele é **em Cristo** é a sua única motivação (5.14). Assim, os coríntios, longe de serem seus juízes de acusação, são seus caríssimos **amados**, uma expressão que ele só emprega em relação a eles nessa carta aqui e em 7.1. Todas as coisas que o apóstolo fala, ele fala **em Cristo...** para edificação dos coríntios. Foi a sua zelosa preocupação pelo bem espiritual deles (11.2) que o levou a um procedimento que eles poderiam entender erroneamente.

O termo **porque** (*gar*) introduz uma longa sentença (20-21), que explica a preocupação de Paulo. O crescimento gradual é uma forma suave de expressar as necessidades *deles*! Mas o que ele tem a dizer é dito com a carinhosa moderação de um pai: **...receio que... que... que...**¹⁹³ Ele não denuncia, mas anuncia a sua apreensão. Seu medo de encontrar um comportamento eticamente deficiente é expressado de duas maneiras. Primeiro que ele não os **ache** como deseja. Segundo, que ele não seja **achado** pelos coríntios como eles desejam,¹⁹⁴ ou seja, como alguém que terá que exercer uma severa disciplina. A referência é, sem dúvida, a uma minoria na igreja (2.5-6).

Paulo lista em quatro pares aquilo que ele teme encontrar em Corinto. Lenski sugere que “quatro é usado comumente para designar uma integridade retórica; e a multiplicação de cada um dos quatro intensifica a integralidade”.¹⁹⁵ Cada membro de um par

lançaria uma luz sobre o outro. Seguindo a tradução da versão NASB, os pares seriam 1) “briga, inveja”, 2) “iras, disputas”, 3) “difamação, mexericos”, e 4) “arrogância, tumultos”.

À medida que o apóstolo continua a falar de seus temores sobre a sua futura visita, ele se expressa de uma forma incomum: **receio... que... o meu Deus me humilhe para convosco** (21). O oposto seria o esperado; que os coríntios sofressem humilhação e vergonha. Entretanto, Paulo teme que ele vá descobrir que não houve arrependimento dos pecados anteriores por parte dos coríntios. Ele seria, então, obrigado a se lamentar de tristeza por eles. O apóstolo teria falhado em fazer com que eles se arrependessem, o que seria uma derrota para ele. Se for assim, ele aceitará sua humilhação como vinda de **Deus**. Esta lamentação sobre a ruína deles é indicativa de seu coração apostólico. O único remédio para esta falta de arrependimento será, sem dúvida, a exclusão da igreja (13.2; cf. 1 Co 5.1-5). A conduta imoral deles não pode ser permanentemente tolerada.

A grosseira imoralidade de alguns membros da igreja em Corinto é descrita por Paulo em três palavras que se sobrepõem. **Imundícia** (*akatharsia*) é um termo genérico para impureza e vida desregrada; **prostituição** (ou fornicação; *porneia*) refere-se à promiscuidade no relacionamento sexual; e **desonestidade** (ou lascívia; *aselgia*) indica o desacato deliberado da decência em público. Estes pecados são exatamente os mesmos que deram ocasião à escrita de 1 Coríntios.¹⁹⁶ O problema moral básico na igreja de Corinto pode não ter sido solucionado na época em que Paulo escreveu a carta. Todavia, a atitude da maioria era tal que, se a minoria não se arrependesse e se afastasse de seu comportamento insolente, o apóstolo poderia lidar com eles de maneira severa sem precipitar outra “visita dolorosa” (2.2).

O palpar do coração de um autêntico ministro cristão está, mais uma vez, aberto para nós. Na 1) perspectiva divina, ele está *a*) aberto ao julgamento de Deus, e *b*) controlado por uma relação transformadora com Cristo, 19*ab*. Na 2) perspectiva humana, a situação consiste em *a*) uma desgastante preocupação pelos outros, *b*) exercida com tanto carinho que a humilhação e a dor podem ser a sua recompensa, 19*c*-21.

3. A Determinação de Paulo de Ser Firme (13.1-10)

O apóstolo apresenta agora sua advertência final aos coríntios – que quando vier pela terceira vez, ele será tão severo em sua disciplina quanto a condição moral e espiritual deles exigir. Se isso for o que os coríntios querem, eles terão a prova de que Cristo fala por meio dele! Mas o apóstolo tem a esperança de que eles corrijam a situação antes que ele chegue, e que ele não seja obrigado a empregar sua autoridade com tanta rigidez.

Com a ênfase da repetição (12.14,20-21), Paulo menciona novamente que ele está indo a Corinto pela **terceira vez** (1). Além disso, ele está indo para fazer justiça no meio deles. As acusações serão examinadas e julgadas de acordo com o princípio mosaico estabelecido em Deuteronômio 19.15, a saber: “Por boca de duas ou três testemunhas será confirmada toda palavra”. Este procedimento foi aprovado por Cristo na solução de casos de disciplina ou disputa na igreja (cf. Jo 8.17; 1 Tm 5.19; Hb 10.28; 1 Jo 5.8).¹⁹⁷ A igreja cristã continuou a se utilizar do princípio do AT de que um homem não podia ser condenado pelo testemunho de uma só pessoa. Duas, no mínimo, e preferencialmente três, eram necessárias. Paulo iria não apenas obedecer a este princípio, mas também *tiraria proveito dele*.

A advertência que o apóstolo lhes havia feito em sua **segunda** visita é repetida agora (2). AARC traduz bem este versículo: **Já anteriormente o disse e segunda vez o digo, como quando estava presente; mas agora, estando ausente, o digo aos que antes pecaram e a todos os mais que, se outra vez for, não lhes perdoarei.**¹⁹⁸ Esta segunda menção daqueles que **pecaram** (cf. 12.21), e o fato de a igreja os tolerar, nos lembra como era difícil para os cristãos gentios romperem com a liberalidade sexual característica do seu ambiente (cf. 1 Co 5.1-2; 6.12-20; 1 Ts 4.3-7). O padrão cristão de pureza sexual não se originou dos gregos, mas do AT e dos judeus. Paulo avisa essas pessoas e a **todos** os demais que, quando vier, **não perdoará** aqueles que se recusarem a se arrepender (cf. 10; 10.6). Se encontrar resistência, ele os excomungará da igreja.

Com uma referência final ao intercâmbio entre fraqueza e força no apóstolo de Cristo,¹⁹⁹ Paulo fornece a razão pela qual ele não será leniente quando vier (3). Ele agora está pronto para dar, a seus oponentes e a todos os que lhes deram ouvidos, a **prova** de que Cristo **fala** nele. Possivelmente em vista da riqueza de dons espirituais dos coríntios (1 Co 12 e 14), eles tenham se recusado a perceber o poder de Cristo na vida de Paulo, enquanto o apóstolo esteve presente com eles (cf. 10.10). Dessa forma, eles agora terão o sinal decisivo que querem, mas não da forma como querem. A disciplina severa será um sinal claro de que, através do ministério de Paulo, Cristo **não é fraco** para com eles, mas **é poderoso entre** eles (cf. Rm 15.18). Como diz Denney: “Ao desafiar Paulo a ir e exercer sua autoridade... presumindo o que eles chamavam de sua fraqueza, estavam, na verdade, desafiando a Cristo”.²⁰⁰

O que o apóstolo está realmente dizendo é que o modelo de seu ministério é simplesmente o de seu Senhor: **Porque, ainda que** (*kai gar*) **Cristo tenha sido crucificado por fraqueza, vive, contudo** (*alla*), **pelo poder de Deus** (4). Como resultado (*ex*) de sua condição de **fraqueza** encarnada, Cristo sofreu a “morte de cruz” (Fp 2.8), o máximo da humilhação e fraqueza. **Contudo... pelo** (*ek*, como resultado do) **poder de Deus** Ele agora vive “pela ressurreição dos mortos” (Rm 1.4). No ministério de Jesus em benefício dos pecadores, a extremidade de sua fraqueza tornou-se o ponto no qual Deus, pela ressurreição de seu Filho, e da maneira mais convincente, revelou o seu poder de resgatar os homens dos seus pecados (cf. At 2.22-36; Rm 4.25; 5.10; 1 Co 15.16-17). Denney, de uma forma bela, nos conduz até o ponto que Paulo quer chegar: “A cruz *não* esgota a relação de Cristo com o pecado; Ele passou da cruz para o trono e, quando voltar, virá na condição de Supremo Juiz.”²⁰¹ Assim, “quando Cristo voltar, *Ele* não poupará ninguém. As duas coisas se unem nele: a infinita paciência da cruz, e a inexorável justiça do trono”.²⁰²

O mesmo é verdadeiro para os ministros de Cristo: **Porque nós também** (*kai gar*) **somos fracos nele, mas** (*alla*)²⁰³ **viveremos com ele pelo poder de Deus em vós.** Uma vez que a vida ressuscitada de Cristo está em ação no ministério de Paulo (4.10-14), o apóstolo será capaz de ir a eles com a autoridade do Cristo vivo. Por causa da natureza integral deste poder, ele não poderá poupar, e não poupará, o pecador não arrependido. O poder de Deus no evangelho de Cristo (Rm 1.16) atua nas duas direções: “Para uns, na verdade, cheiro de morte para morte, para outros, porém, cheiro de vida para vida” (2.16, NASB). Paulo, como apóstolo de Cristo, é um instrumento deste poder. E este poder será manifestado aos coríntios. O poder, e não a fraqueza, marcará a sua iminente visita.

Wendland observa que estes versículos (3-4) definem precisamente a fundamentação de tudo que Paulo disse sobre sua fraqueza e sofrimento.²⁰⁴ Seu poder, residente em

sua fraqueza, é semelhante ao do seu Senhor crucificado e ressuscitado. Então, a sua fraqueza pode ser a sua jactância; então, também, Cristo age através de seu apóstolo, e a vida de Cristo flui a partir dele. O “outro evangelho” (11.4), aquele que era pregado por seus oponentes, é caracterizado pelo fato de não incluir este paradoxo, esta oposição entre a Cruz e a Ressurreição, entre o sofrimento e o poder de Deus, os quais mesmo assim são um só. Por essa razão, os seus oponentes não compreendem a fraqueza de Paulo; eles eram tolos se supunham que descartariam o apostolado de Paulo usando o argumento de que ele não era “nada” (12.11).

As posições agora estão trocadas. Com a ameaça de julgamento que surge da certeza de que Cristo está agindo em sua vida e através dele, o apóstolo exorta os membros da igreja em Corinto a se examinarem continuamente, para verificar se permanecem **na fé** (5). Eles têm que provar²⁰⁵ a si mesmos. As duas expressões **a vós mesmos** recebem a ênfase por virem primeiro na língua grega. Paulo tem a esperança de obter deles o comportamento desejado ao lembrá-los de que são cristãos: “Ou não sabeis, quanto a vós mesmos, que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais, de fato, reprovados!” (texto de Lenski). Se já estiverem **reprovados**, não aplicarão o teste. A pergunta de Paulo os testa, pois se eles forem crentes verdadeiros, não se ressentirão de um teste real. A forma da pergunta (*ei meti*) indica que Paulo acreditava que ainda estivessem saudáveis de coração. As expressões **na fé** e **Jesus Cristo... em vós** interpretam uma à outra: “Fé é a realidade da presença de Cristo, é a vida de Cristo naqueles que crêem ... (cf. Gl 2.20; Ef 3.17)”.²⁰⁶ O teste da autenticidade do relacionamento deles com Cristo representa a qualidade ética do seu comportamento.

Da mesma forma que os coríntios são capazes de detectar a presença de Jesus Cristo em si mesmos, Paulo espera que eles sejam capazes de reconhecer que ele e seus cooperadores no ministério não estão **reprovados** (6). Eu **espero** (lit., *elipizo*). O apóstolo espera que eles encontrem, no relacionamento salvador que desfrutaram com Cristo, a desejada “prova” de que Cristo fala (3) através de Paulo. Talvez, então, ele não tenha que visitá-los com rigor.

Em consonância com esta esperança, ele roga a **Deus** que eles não façam **mal algum** (7). Paulo acredita que eles farão aquilo que é honesto (*kalon*, moralmente correto), e não se alinharão com os pecadores impenitentes em Corinto. Esta é a motivação de sua oração, e não apenas que ele e seus companheiros possam ser **achados aprovados**. De fato, ele e seus companheiros estariam até mesmo dispostos a parecer **reprovados**, desde que os coríntios fizessem o que era certo. Ele deseja dispensar a oportunidade de demonstrar, através da ação disciplinar, a “prova” (3) de que Cristo está falando nele com o poder de Deus. Paulo não se compraz com uma punição severa a seus filhos espirituais.²⁰⁷

Até mesmo o direito do apóstolo a uma justificativa clara e pessoal tem que ceder diante da **verdade** (8), isto é, diante do progresso do evangelho em Corinto. Todo interesse próprio é barrado (5.14). Ele quer apenas a obediência, a pureza e a unidade da igreja. Exercer a sua autoridade apenas por vaidade seria prostituir o seu apostolado. O correto recebimento do evangelho é o grande objetivo da sua vida, em torno do qual giram todas as demais coisas. Dessa forma, Paulo, aquele em quem “a verdade de Cristo” estava (11.30), **não** era capaz (*dynametha*) de fazer nada **contra a verdade**.

Em vez disso, Paulo explica que se regozija **de estar fraco**, quando eles **estão fortes** (9). Ele se regozija por perder a oportunidade do uso legítimo do seu poder de punir, e

assim demonstrar a sua força, desde que isso seja feito por causa da força moral e espiritual deles. O desejo de Paulo é uma oração.²⁰⁸ Sua oração é pela **perfeição** (*katartisis*) deles, pela restauração de tudo que estava fora de ordem em suas vidas, como membros do corpo de Cristo. A idéia básica contida na palavra é a de estar apropriadamente equipado e organizado para um funcionamento harmonioso e eficiente. Delling escreve que, aqui, *katartisis* “denota força interior, seja da comunidade em seu relacionamento orgânico, ou de seus membros, isto é, a maturidade deles como cristãos”.²⁰⁹ A preocupação é semelhante à de 7.1. Como Wesley comenta, é a **perfeição** “na fé que trabalha por amor”.²¹⁰ A oração compreende 1) a total aceitação da graça, e 2) a expressão efetiva da santidade cristã.

O apóstolo escreveu esta carta para ajudar os coríntios (10). Ele a conclui com sua resposta às acusações que recebeu de ser forte em suas cartas, mas fraco em sua presença pessoal (10.10), tema que tem sido abordado desde 10.1. Ele escreve estando **ausente** para que quando estiver **presente** não tenha que agir com **rigor**. Isto não é uma negação de sua autoridade, mas seu exercício obediente. **O poder que o Senhor** lhe deu não era para **destruição**, mas para **edificação** (10.8; 12.19). Sua autoridade tem a finalidade de “edificar e não devastar” (Lenski). Mas ele será rígido se eles não agirem. A maneira como o apóstolo agirá é decisão deles. Paulo está esperançoso.

A autoridade do apóstolo Paulo, como ministro de Cristo, 1) inclui o poder de disciplinar a igreja quando o arrependimento é persistentemente recusado, porque 2) este é o poder da vida de Cristo, mas 3) seu uso é sempre controlado pelos propósitos maiores do evangelho (cf. Mt 16.19; 18.15-18; Jo 20.23; At 5.1-6; 1 Co 5.5).

Na igreja do NT há apenas uma Fonte de autoridade: Jesus Cristo. Ele confere sua autoridade pela sua presença em seus apóstolos, ministros, professores, administradores, etc., que exercem sua autoridade em consonância com as suas várias funções. Tal autoridade não é, meramente, entregue de forma oficial, mas deve autenticar a si mesma em seu exercício: “Viveremos com ele pelo poder de Deus que é *dirigido* a vós” (4, NASB).

Em 12.14—13.10, Paulo nos confronta com um ministério que é 1) Consistente em seus princípios motivadores, 12.14-18; 2) Misericordioso em seu compromisso com o bem-estar da igreja, 12.19-21; e 3) Confirmado pela autoridade que tem para manter a integridade do corpo de Cristo, 13.1-10.

D. PAULO CONCLUI A CARTA, 13.11-14

O apóstolo conduz esta difícil e custosa carta ao seu final de um modo espontâneo e carinhoso: “A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus... sejam com vós todos” (14). Exortação (11), saudações (12-13), e bênção (14) se seguem rapidamente, como se viessem a se encaixar uma na outra.

1. Exortação e Saudações (13.11-13)

Juntamente com suas palavras de despedida (11),²¹¹ o apóstolo acrescenta as advertências finais das quais os seus **irmãos** coríntios necessitam (12.20). Elas consistem de quatro frases retóricas, em dois pares (cf. 11.23). Essas advertências estão todas no presente do imperativo, indicando continuidade de ação. Mas as duas primeiras podem estar na voz passiva ou reflexiva. Nós as interpretamos da mesma forma que Lenski, como

passivas.²¹² A expressão **sede perfeitos**, então, conectando-se com a oração de Paulo para a “perfeição” deles (9), significaria: “Aperfeiçoem-se constantemente”²¹³ em graça e ética. A expressão **sede consolados** (cf. 1.3) deveria, provavelmente, ser traduzida em termos do outro significado de *parakaleisthe*, “permiti que sejais exortados”.²¹⁴ O significado é esse na versão RSV: “Prestem atenção ao meu apelo”. Os coríntios são exortados a receberem as advertências que os levarão ao aperfeiçoamento de sua vida, como parte do corpo de Cristo. Os fatores que estão envolvidos são a qualidade do relacionamento deles com Cristo, e a sua crescente manifestação dentro da comunhão da igreja.

O segundo par de imperativos está junto, da mesma forma que o primeiro par. **Sede de um mesmo parecer** (“tenham em mente as mesmas coisas”, Lenski; cf. Rm 12.16; 15.5; Fp 2.2; 4.2) se refere a um compromisso comum com o amor e a verdade do evangelho de Cristo. O segundo, **vivei em paz**, os encoraja a trabalhar na comunhão de crentes, ou seja, o compromisso anterior. Essas duas exortações são combinadas por Paulo, de uma forma bela, quando ele escreve aos Filipenses (2.5): “Haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus”.²¹⁵ Se as advertências anteriores forem observadas continuamente, a promessa encorajadora será: **O Deus de amor e de paz será convosco**. A frase **o Deus de amor** é exclusiva deste versículo, mas “o Deus de paz” ocorre freqüentemente.²¹⁶ Somente canalizando o amor e a paz de Deus para outros é que os coríntios poderão continuar a gozar a bênção da presença do **Deus de amor e paz** (cf. At 5.32). A continuidade da promessa com os dois imperativos anteriores é altamente sugestiva. Talvez também possamos dizer que o segundo par de imperativos revela o modo dos dois primeiros. O versículo poderia, então, ser analisado em sequência como mostrando “A Vida em Cristo”: 1) O chamado; 2) O método; 3) Os resultados.

O amor fraternal a que o apóstolo os exorta deve ser selado com **ósculo santo** (12).²¹⁷ Este símbolo exterior não é meramente um sinal de afeição. É **santo** (*hagio*) porque foi trocado entre adoradores cristãos (*hagioi*), como sinal de sua irmandade em Cristo. A prática foi adotada pela igreja cristã a partir das sinagogas, onde as pessoas de diferentes sexos eram separadas durante a adoração. Nos cultos cristãos os homens só beijavam homens, e as mulheres só beijavam outras mulheres, como garantia de que o **ósculo** ou beijo se manteria **santo**. À luz da importância deste costume nos primórdios do cristianismo e do judaísmo, a natureza pérfida do beijo traiçoeiro de Judas é claramente evidente (Mc 14.45).

Todos os santos (13),²¹⁸ ou seja, todos os cristãos na Macedônia, onde Paulo escreveu a carta, enviavam suas saudações aos coríntios. Os cristãos macedônios²¹⁹ – embora em sua maioria nunca tivessem conhecido os coríntios – pertenciam, junto com eles, ao corpo de Cristo, que é a igreja universal. Eles estão unidos em Cristo. O apóstolo explicou qual era o comportamento exigido da igreja, não apenas por meio de seu apelo direto, mas também pela menção de um costume cristão, e pela lembrança da igreja como uma comunhão mais ampla.

2. A Bênção Tríplice (13.14)

Finalmente, o apóstolo expressa o seu mais profundo desejo aos coríntios, a bênção completa da salvação de Deus com todas as suas implicações éticas: **A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com vós todos** (14). A palavra **amém** é acrescentada apenas pelos manuscritos mais recentes. A

bênção normal de Paulo contém somente a primeira frase (1 Co 16.24; Gl 6.18; Fp 4.23; 1 Ts 5.28; 2 Ts 3.18; Fm 25). A inclusão da outra expressão, neste caso particular, sem dúvida se deveu à condição da igreja de Corinto.

A tríplice oração do apóstolo é inteiramente expressa em termos da experiência e da fé da igreja primitiva. Isto explica o fato de a ordem – Jesus Cristo, Deus, Espírito – não ser propositadamente trinitariana. A ordem é a da experiência da salvação. É importante notar que quando Paulo quis resumir seu evangelho, essas palavras vieram à sua mente muito naturalmente e, quando desenvolvidas de forma lógica, formam a base da doutrina da Trindade.²²⁰ O fato de em uma única sentença o nome de Jesus, apenas trinta anos após a sua morte, ser encontrado junto ao do Espírito Santo e ao Nome de Deus em uma oração, indica que “a doutrina completa da Trindade tem as suas raízes teológicas na adoração a Jesus Cristo”.²²¹ Parcialmente a partir deste pequeno resumo, Cullmann observa que “a teologia cristã inicial é, na realidade, quase exclusivamente uma Cristologia”.²²² Os homens do NT estavam primeiramente preocupados com a história redentora, que para eles era um “processo ligado a Cristo”.

Teologicamente, as três frases formam uma simetria paralela e progressiva. **A graça do Senhor Jesus Cristo** na qual **o amor de Deus** é revelado, foi experimentada por Paulo através da “participação”²²³ no Espírito Santo” (RSV, marg.). Os dois primeiros genitivos são subjetivos, e o último é objetivo.²²⁴ O equilíbrio entre o dom e o Doador nas duas primeiras expressões continua na terceira, quando é reconhecido que o Espírito Santo, em si, é tanto o Dom como o Doador. Ele é o Fundador desta comunhão que é constituída pela nossa participação no Espírito Santo (cf. At 2.42; Fp 2.1).

Esta “participação no Espírito Santo” traz à realidade subjetiva na experiência da igreja, a atividade salvadora de Deus, aquela realidade redentora inerente à pessoa de Cristo em virtude de sua crucificação, ressurreição e exaltação (cf. 1 Co 1.9; 1 Jo 1.3). A identidade entre ambos é, desse modo, uma dinâmica redentora, uma identidade arraigada no fato de que o Espírito – como a Vida do Senhor ressuscitado e exaltado (13.4; Rm 1.4; 6.4; 8.11; 1 Co 6.14; 15.45) – é da mesma forma o Canal da vida do Senhor em uma ação redentora (3.17; 1 Co 12.3).

A ênfase da oração do apóstolo está na reciprocidade da participação, a diferença ética que isto fará na vida da igreja. A realização prática da **graça do Senhor Jesus Cristo** e do **amor de Deus**, à medida que os coríntios abrem cada vez mais a sua vida ao Espírito Santo, produzirá o aperfeiçoamento (9) que Paulo lhes deseja. Sua “comunhão no Espírito Santo” (NEB) é o compartilhamento no Espírito que permite a Ele, como Dom e Doador, tornar efetiva a unidade e o amor mútuo que devem permear a vida ética da igreja como o corpo de Cristo. De fato, é somente a experiência comum deles em um Espírito que os torna o corpo de Cristo (1 Co 12.12-13).

Paulo fornece as evidências, com a sua própria atitude, daquilo pelo que está orando, pois ele deseja o mesmo para **todos**. Não há reservas, ressentimentos; apenas um amor que transcende todas as barreiras humanas e deseja o melhor que Deus tem para eles. O maior bem deles, expresso em um empolgante resumo da fé cristã, é: 1) a graça de Cristo 2) revelando o amor de Deus 3) pela comunhão deles no Espírito Santo, que é capaz de transformar a qualidade de suas vidas em comunidade. Com as suas mãos espirituais estendidas sobre os coríntios, em uma atitude abençoadora, a voz do apóstolo cai no silêncio.

Cada faceta das palavras de encerramento de Paulo revela o seu coração apostólico: 1) Seu conselho de encerramento, 2) sua atenção para com as formalidades da cortesia cristã, e 3) sua bênção de boa vontade, estão todas relacionadas ao progresso do evangelho de Cristo em Corinto.

Pelo fato de este evangelho estar genuinamente em ação em Corinto, Paulo está confiante. Ele acredita que a franqueza do seu testemunho quanto à natureza de seu ministério seja uma reação aos que resistem à sua autoridade apostólica, 10.1—12.14. O seu serviço a Cristo 1) não depende da metodologia de uma estrutura terrena de poder, 10.1-18; mas, antes, 2) ele expressa a sua jactância no poder do Cristo vivo, que encontra o seu espaço naquilo que o mundo chama de fraqueza, 11.1—12.13; e 3) esta é a maneira pela qual o apóstolo, como sempre, continuará a se tornar conhecido dos coríntios, 12.14—13.14.

Esta carta chegou até nós vindo da agonizante e purificadora fornalha do conflito interpessoal. Estavam em jogo a integridade e a autoridade do ministério de Paulo entre os coríntios. Uma iluminada apresentação do ministério cristão é arrancada de sua alma pela suspeita de seus convertidos. Este é um ministério 1) cuja integridade é, simplesmente, a do evangelho que ele proclama, capítulos 1—7; e 2) cuja autoridade é somente a da presença de Cristo, capítulos 10—13. O enfoque deste ministério é o Cristo crucificado e ressuscitado — a fraqueza da sua humilhação e o poder da sua ressurreição.

Estes princípios básicos do ministério apostólico de Paulo devem ser também os de todos aqueles que servem em nome de Cristo. Nosso comissionamento no evangelho é uma continuação do de Paulo e de seus colaboradores. Esta carta extremamente crucial para o nosso entendimento do ministério cristão poderia ser lida, estudada, ou até pregada seqüencialmente, com proveito, perguntando-se: “De que modo os cristãos devem relacionar Cristo e o evangelho com o mundo no qual vivem?” Ao longo desta carta, de um modo extraordinariamente relevante, o testemunho é apoiado “pela verdade, da qual ninguém pode fugir, de que a missão da igreja como corpo de Cristo é o ministério de entrega, de sacrifício e de sofrimento de Jesus”.²²⁵

“De maneira que em nós opera a morte, mas em vós, a vida” (4.12).

Notas

INTRODUÇÃO

- ¹ *The Second Epistle to the Corinthians* ("Torch Bible Commentaries"; Londres. S.C.M. Press, 1954), pp. 7-8.
- ² Veja R. H. Strachan, *The Second Epistle of Paul to the Corinthians* ("The Moffat New Testament Commentary"; Nova Iorque. Harper and Brothers, 1935), pp. xxix-xxxviii, para um retrato da personalidade do apóstolo, como foi delineado a partir de 2 Coríntios.
- ³ Para uma relação das evidências internas e externas, veja a obra de Alfred Plummer, *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of St. Paul to the Corinthians* ("The International Critical Commentary"; Edinburgh. T. and T. Clark, 1919), pp. xi-xii.
- ⁴ J. Z. Fitzmyer, "Qumran and the Interpolated Paragraph in 2 Cor. 6. 14-7.1", *Catholic Biblical Quarterly*, XXIII (1961), 271ss. K. G. Kuhn, "Les Rouleaux de Cuivre De Qumran," *Revue Biblique*, LXI (1954), 203, nota 2, sugere que Paulo "cristianizou" um texto essênio.
- ⁵ Veja a obra de Paul Feine, Johannes Behm e Werner Georg Kuemmel, *Introduction to the New Testament*, trad. por A. J. Mattill, Jr. (14ª ed., rev., Nova Iorque. Abingdon Press, 1966), p. 211 para alguns fatores que contradizem qualquer preponderância dessas objeções.
- ⁶ Para uma gama de propostas veja a obra de Donald Guthrie, *New Testament Introduction. The Pauline Epistles* (Londres. The Tyndale Press, 1961), pp. 62-64.
- ⁷ Guenther Bornkamm, "The History of the Origin of the So-Called Second Letter to the Corinthians", *The Authorship and Integrity of the New Testament* (Londres, S.P.C.K., 1965), pp. 13-81; J. T. Dean, *St Paul and Corinth* (Londres. Lutterworth, 1947), pp. 40-42.
- ⁸ Feine, Behm, Kuemmel, *op. cit.*, p. 214.
- ⁹ Também Strachan, *op. cit.*, p. xv. Veja S. M. Gilmour, "Corinthians, Second Letter to the," *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, ed. George Buttrick (Nova Iorque. Abingdon Press, 1962), A-D, 694-95; daqui por diante citado como IDB.
- ¹⁰ "The Second Epistle to the Corinthians" (Exegesis), *The Interpreter's Bible*, ed. George Buttrick, et.al. (Nova Iorque. Abingdon-Cokesbury Press, 1953), X, 270.
- ¹¹ Guthrie, *op. cit.*, pp. 48-49.
- ¹² Os argumentos clássicos para essa posição foram dados por Plummer, *op. cit.*, pp. xxvii-xxxvi. Veja também Filson, *op. cit.*, pp. 270-71, e Gilmour, *op. cit.*, p. 695.
- ¹³ Para uma avaliação destes argumentos contra a unidade dessa carta, veja Guthrie, *op. cit.*, pp. 47-64; Phillip E. Hughes, *Paul's Second Epistle to the Corinthians* ("The New International Commentary on the New Testament"; Grand Rapids; Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962), pp. xxi-xxv; R. V. G. Tasker, *The Second Epistle of Paul to the Corinthians* ("The Tyndale New Testament Commentaries"; Londres. The Tyndale Press, 1958), pp. 23-25; A. M. G. Stephenson, "A Defense of the Integrity of 2 Corinthians", *The Authorship and Integrity of the New Testament* (Londres. S.P.C.K, 1965), pp. 82-97.
- ¹⁴ Veja Feine, Behm, Kuemmel, *op. cit.*, 212-215.
- ¹⁵ *Op. cit.*, p. xxx. Ele relaciona as passagens que demonstram essa unidade do tema.
- ¹⁶ Para um retrato da igreja de Corinto, baseado em 1 Coríntios, veja a obra de William Baird, *The Corinthian Church – A Biblical Approach to Urban Culture* (Nova Iorque. Abingdon Press, 1964).

- ¹⁷ Hughes deseja identificar o homem de 2 Coríntios 2.5-8 e 7.12 com o homem incestuoso de 1 Coríntios 5.1, e considera 1 Coríntios como a “carta triste” (*op. cit.*, pp. 59-61, xxvii-xxxv). Mas veja a obra de Guthrie, *op. cit.*, pp. 47-62.
- ¹⁸ Feine, Behm, Kuemmel, *op. cit.*, p. 209.
- ¹⁹ Veja a obra de Dieter Georgi, *Die Gegner des Paulus im 2 Korintherbrief*, *Wissenschaftliche Monographien zum Alten und Neuen Testament*, ed. por G. Bornkamm e G. Von Rad (Neukirchen-Vluyn. Neukirchener Verlag, 1964), para uma análise mais detalhada sobre a natureza dos oponentes de Paulo em Corinto.
- ²⁰ Ernst Kasemann, “Die Legitimität des Apostels”, *Zeitschrift zum Neuen Testament Wissenschaft*, XLI (1942), 33ss.
- ²¹ Everett Harrison, *Introduction to the New Testament* (Grand Rapids. Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), p. 272.

SEÇÃO I

- ¹ Adolf Deissman, *Light from the Ancient East*, trad. por L. R. M. Strachan (Nova Iorque. Harper and Brothers, 1927), p. 188: “Antonis Longus para Nilus, sua mãe, muitas saudações. Continuamente oro para que estejas com saúde”. Essa carta do segundo século serve como exemplo, assim como o costume normal de Paulo (Gálatas e Tito são exceções) de acompanhar a saudação com uma oração de ação de graças.
- ² A ordem da palavra grega é “Cristo Jesus”, com uma possível ênfase no significado messiânico do título “Cristo”.
- ³ Na igreja primitiva, a palavra grega *adelphos* designava “um irmão cristão” e substituíam o termo “discípulo” (*mathetes*) usado tantas vezes nos Evangelhos. Essa palavra era usada naquela época entre os membros de qualquer comunidade seleta para se dirigirem uns aos outros (veja Deissmann, *op. cit.*, p. 107).
- ⁴ A respeito do *shaliach* judeu os rabinos diziam: “Aquele enviado por um homem é como o próprio homem”. Citado a partir de K. H. Rengstorf, “*apostello*”, *Theological Dictionary of the New Testament*, ed. por G. Kittel, trans. por G. W. Bromiley, I (Grand Rapids. Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964), 415. A partir daqui, mencionado como TDNT.
- ⁵ *Paul and the Salvation of Mankind*, trad. por Frank Clarke (Richmond, Virginia: John Knox Press, 1959), p. 26.
- ⁶ Cf. Gl 1.15-16 com Is 49.1-6 e Jr 1.4-5. E também At 26.12-18 com Jr 1.7-8; Is 42.6-7, 16 e 61.1 (*ibid.*, pp. 24-27).
- ⁷ Esta é a razão pela qual Paulo achava obrigatório viver em comunhão com os apóstolos de Jerusalém. Veja Gl 2.1-10: “Paulo lhes faz esta visita precisamente por achar indispensável que fosse estabelecido o autêntico caráter do seu apostolado, e conseqüentemente o autêntico caráter cristão das igrejas que ele fundava” (Philippe H. Menoud, “Revelation and Tradition, The Influence of Paul’s Conversion on His Theology”, *Interpretation. A Journal of Bible and Theology*, VII 1953, 138-39).
- ⁸ Rengstorf, *op. cit.*, p. 437.
- ⁹ *Ibid.*, p. 440.
- ¹⁰ “*Hagios*”, TDNT, I, 109.
- ¹¹ A palavra *hagioi* nunca foi aplicada no NT como sinônimo para os cristãos, individualmente. Mas a palavra *hagios* foi aplicada ao Cristo encarnado (Mc 1.24; Lc 1.35; 4.34; Jo 6.69; At 3.14; 4.27, 30; 1 Jo 2.20; Ap 3.7).

- ¹² É possível que essa saudação tenha sido uma fórmula de abertura do culto de adoração dos cristãos primitivos. Veja Gerhard Dellling, *Worship in the New Testament*, trad. por Parey Scott (Filadélfia. The Westminster Press, 1962), pp. 48ss. Esses títulos de Jesus são teologicamente significativos, e devem ser pesquisados mais a fundo pelo leitor que não conhece a sua plena conotação bíblica.
- ¹³ “The Second Epistle to the Corinthians”, *The Expositor’s Bible*, ed. W. Robertson Nicoll, V (Grand Rapids, Michigan. Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1947), 721.
- ¹⁴ As palavras **tribulação, sofrimento e aflição** (3-11) são basicamente a mesma palavra no original (veja ASV, RSV, NASB). O significado da sua raiz é “pressão”.
- ¹⁵ Cf. NASB, v. 5, “Os sofrimentos de Cristo são nossos”.
- ¹⁶ Veja Hanson, *op. cit.*, pp. 29, 32-35.
- ¹⁷ Tanto **conforto** como **consolação** são palavras usadas para traduzir *parakaleo* e *paraklesis*, que são usadas em conjunto 10 vezes em 3-7. A idéia básica desse verbo é “implorar por ajuda” e esta relação está próxima a *parakletos* em Jo 14.16, 26; 15.26; 16.7 e 1 Jo 2.1.
- ¹⁸ Embora a seguinte tradução: **Deus, o Pai do nosso Senhor Jesus Cristo**, seja possível, ela é improvável. Veja Ef 1.3 e 1 Pe 1.3, onde as palavras gregas são idênticas. Veja também Rm 15.6; 2 Co 11.31.
- ¹⁹ Observe que a palavra *pas* foi usada três vezes (**todos, todas, alguma**) em 3-4.
- ²⁰ O conceito de Paulo sobre Deus como Pai pode ser rastreado até a sua conversão (Gl 1.16), pois “seu reconhecimento do Cristo ressuscitado como o Filho de Deus era uma nova consciência da natureza de Deus como Pai” (David Michael Stanley, *Christ’s Resurrection in Pauline Soteriology*. Roma: E. Pontifício Instituto Biblico, 1961, p. 256).
- ²¹ Em grego *ton auton pathematon*. Os melhores manuscritos não contêm o segundo termo, nem o termo **salvação** no versículo 6, e trazem uma ordem diferente de palavras (veja os textos das versões ASV, RSV e NASB).
- ²² *Op. cit.*, p. 280.
- ²³ *Lordship and Discipleship* (Londres. SCM Press, 1960), p. 20.
- ²⁴ “O Tema do Servo de Yahweh na Soteriologia Cristã Primitiva e a Sua Transposição por São Paulo,” *Catholic Biblical Quarterly*, XVI (1954), 385-425. Cf. Fp 2.6 com Is 49.4; Rm 10.15 com Is 52.7 e 53.1; 2 Co 5.20 com Is 52.7; At 26.12-18 com Is 42.1-16.
- ²⁵ R. H. Strachan, *The Second Epistle of Paul to the Corinthians* (“The Moffatt New Testament Commentary”; Nova Iorque. Harper and Brothers, 1935), p. 48.
- ²⁶ “The Fellowship of His Sufferings (Fp 3.10), A Study of St. Paul’s Doctrine of Christian Suffering”, *Catholic Biblical Quarterly*, XXII (Janeiro de 1960), 32.
- ²⁷ Denney, *op. cit.*, pp. 722ss.
- ²⁸ O termo **nos** não é encontrado nos melhores manuscritos.
- ²⁹ Esta última frase deveria exigir uma interpretação literal de 1 Co 15.32, o que é bastante improvável.
- ³⁰ O versículo 8: “Estávamos excessivamente oprimidos, além das nossas forças” (NASB). Ou, “Fomos sobremaneira agravados mais do que podíamos suportar” (ARC).
- ³¹ Plummer, *op. cit.*, p. 18. Stanley sugere que, “considerando o caráter de Paulo, seu entendimento da completa dependência de Deus talvez fosse a verdade sobrenatural mais difícil que ele tivesse que assimilar” (*Christ’s Resurrection in Pauline Soteriology, op. cit.*) p. 130.

³² A expressão **nós confiamos** (*elpikamen*) significa, literalmente, “nós depositamos a nossa esperança”.

³³ A expressão **realmente libertou** (cf. AV/ASV) deve ser entendida como “irá libertar”, de acordo com os melhores manuscritos. A palavra que provavelmente também deve ser omitida e a palavra *kai* não traduzida formam o início de uma nova sentença: “E ele ainda irá nos libertar, com a vossa ajuda...”

³⁴ Embora o sentido geral esteja claro, é muito difícil fazer a tradução exata do versículo. A palavra **pessoas** é, literalmente, “faces”. A versão RSV traduz esse versículo da seguinte forma: “Vocês também devem nos ajudar em oração, para que muitos possam dar graças em nosso nome pelas bênçãos que nos foram concedidas em resposta a muitas orações”.

³⁵ Philip E. Hughes, *op. cit.*, p. 23.

³⁶ As duas frases contêm um “participio presente indefinido, que expressa um atributo permanente” (Plummer, *op. cit.*, p. 18).

³⁷ *Ibid.*, p. 19.

SEÇÃO II

¹ Aqui *kauchesis* é o “ato de vangloriar-se”, e no versículo 14 *kauchema* é provavelmente a “razão para vangloriar-se” ou o “orgulho completo” (veja Plummer, *op. cit.*, p. 24). Com o verbo *kauchasthai* estas palavras aparecem 29 vezes nesta carta, mais do que em todo o restante do Novo Testamento.

² William Barclay, *The Letters to the Corinthians* (“The Daily Study Bible”; Edinburgh. The Saint Andrew Press, 1954), p. 153. A partir de agora, citado como Barclay no texto.

³ Nos melhores manuscritos consta *hagiotēs* em vez de *haplotēs* (**simplicidade**). Otto Procksch, “*hagiotēs*”, TDNT, I, 114, a critério interno prefere *haplotēs*. *Hagiotēs* aparece no Novo Testamento somente aqui e em Hb 12.10, “participantes da sua santidade [de Deus]”. Veja 1 Pe 1.15.

⁴ Jean Hering, *La Seconde Epître de Saint Paul aux Corinthiens* (“Commentaire du Nouveau Testament”; Paris. Delachaux e Niestle, 1958), p. 24, comenta que **sinceridade** (*eilikrineia*, talvez “examinado pelo sol”) é usada na LXX, Sabedoria de Salomão 7.25, como um atributo divino. O genitivo *tou theou* (“de Deus”) mais provavelmente qualifica os dois substantivos, embora a maioria dos estudiosos prefira a **sinceridade divina** da KJV (veja RSV e NASB).

⁵ William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Chicago. The University of Chicago Press, 1957), p. 10.

⁶ Veja Is 13.6, 9; Jr 46.10; Ez 30.3; Jl 1.15; 2.10-11, 31; Zc 14.1; At 2.20.

⁷ Isto é, com comida, dinheiro, companhia, meios de transporte (veja At 15.3; Rm 15.24; 1 Co 16.6, 11; Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 716).

⁸ *Chara*, “alegria”, está tão bem fundamentada nos manuscritos gregos quanto *charin*, “graça”. Assim, a versão RSV apresenta “um duplo prazer”. Os dois termos vêm da mesma raiz e nem sempre são claramente diferenciáveis entre si no significado (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 885). Veja Hughes, *op. cit.*, pp. 30 e seguintes, nota de rodapé 6.

⁹ *Die Briefe an die Korinther* (7ª edição revisada; “Das Neue Testament Deutsch”, ed. Paulo Althaus; Göttingen. Vandenhoeck e Ruprecht, 1954), VII, 147.

¹⁰ Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 248.

¹¹ Ou com Plummer (*op. cit.*, p. 35) como uma afirmação direta: “Mas Deus é fiel para que (*oti*) a nossa palavra...” Veja 1 Co 1.9; 10.13; 1 Ts 5.24.

- ¹² As evidências dos manuscritos favorecem a interpretação “é” em lugar de “foi”.
- ¹³ *Op. cit.*, p. 728.
- ¹⁴ A ordem em grego *ho tou theou gar huioi*, colocando **Deus** (*theo*) numa posição proeminente, indica a seqüência de pensamento. Sobre o uso que Paulo faz do título **Filho**, veja Rm 1.3-4, 9; 5.10; 8.3, 29, 32; 1 Co 1.9; 15.28; Gl 1.16; 2.20; 4.4, 6; Ef 4.13; Cl 1.13.
- ¹⁵ Novamente, como no versículo 1, esta é a ordem em grego, embora alguns manuscritos apresentem a mesma ordem da KJV.
- ¹⁶ Os melhores manuscritos não contêm o termo **nele**, mas o significado não se altera devido a esta omissão.
- ¹⁷ **Amém** vem de uma raiz hebraica que significa “ser firme ou fiel”. Tanto no Antigo como no Novo Testamento, **Amém** é o “reconhecimento de uma palavra que é válida, e cuja validade me obriga em geral a este reconhecimento” (Heinrich Schlier, “amem”, TDNT, I, 335 e seguintes). Veja Dt 27.15; 1 Cr 16.36; Ne 5.13; Sl 106.48; Jr 28.6). As palavras-chave desta passagem – **fiel** (18), **sim** (19-20), **o que nos confirma** (21) e **fé** (24) – podem ser associadas com esta raiz. (Veja Hughes, *op. cit.*, p. 38, nota de rodapé 38.)
- ¹⁸ Pelo **Amém** pronunciado, a congregação não somente está concordando com o Sim que Deus disse às suas promessas no evento-Cristo, “mas colocando-se sob o que já foi previamente dito, um conhecimento de si mesmo por estar conectado ao que foi previamente afirmado” (Delling, *op. cit.*, p. 74).
- ¹⁹ *Op. cit.*, p. 38.
- ²⁰ Margaret E. Thrall, *The First and Second Letters of Paul to the Corinthians* (Cambridge: Cambridge University Press, 1965), p. 126.
- ²¹ G. Adolf Deissmann, *Bible Studies*, trad. por A. Grieve (Edinburgh. T. and T. Clark, 1901), pp. 104 e seguintes.
- ²² *Arrabon*, “primeiro pagamento, depósito, garantia, entrada”, é uma palavra semita emprestada (veja Gn 38.17-20; Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 109).
- ²³ J. B. Lightfoot, *Notes on Epistles of St. Paul from Unpublished Commentaries* (Nova Iorque. Macmillan and Co., 1895), p. 323.
- ²⁴ Neil Q. Hamilton, *The Holy Spirit and Eschatology in Paul, Scottish Journal of Theology Occasional Papers No. 6* (Edinburgh. Oliver and Boyd Ltd., 1957), p. 20.
- ²⁵ *Op. cit.*, p. 324.
- ²⁶ Veja G. Campbell Morgan, *The Corinthian Letters of Paul* (Nova Iorque. Fleming H. Revell Company, 1946), p. 230.
- ²⁷ Melhor que **não veio ainda**, que implicaria em somente uma visita de Paulo a Corinto antes desta carta. Veja a Introdução.
- ²⁸ F. W. Robertson, *Expository Lectures on St. Paul's Epistles to the Corinthians* (Londres. Smith, Elder and Co., 1859), pp. 330 e seguintes.
- ²⁹ “Pesar, tristeza, dor”, Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 438. Nos versículos 1 a 7 as palavras traduzidas como **tristeza**, **tribulação** e **angústia** derivam da mesma raiz grega.
- ³⁰ Em grego, é singular (*tis ho*), e refere-se, possivelmente, ao **homem** dos versículos 5-11, porém é, mais provavelmente, usada aqui com um sentido geral. Veja Plummer, *op. cit.*, p. 48.
- ³¹ Veja a Introdução.
- ³² Sobre **amor** (*agape*) nos textos de Paulo, veja Rm 5.5; 13.8; 1 Co 13.1-13; Gl 5.6, 22; Cl 13.14. Veja E. Stauffer e G. Quell, “*agapao*”, TDNT, I, 21-55.

- ³³ Denney, *op. cit.*, p. 735.
- ³⁴ Para uma defesa moderna desta opinião, veja Hughes, *op. cit.*, pp. 59 e seguintes. Para o contrário, veja Plummer, *op. cit.*, pp. 54 e seguintes.
- ³⁵ *Epibareu*, lit., “carregar, sobrecarregar”, aqui com o provável significado de “para não falar demais”. Outras possibilidades são “exagerar, ser muito severo com” (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 290).
- ³⁶ Esta tradução segue os manuscritos mais antigos e melhores.
- ³⁷ Plummer, *op. cit.*, p. 62.
- ³⁸ John Wesley, *Explanatory Notes upon the New Testament* (Londres. The Epworth Press, 1950), p. 648.
- ³⁹ Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 64.
- ⁴⁰ Sobre um tratamento da expressão “em Cristo” nos textos de Paulo, veja John B. Nielson, *In Christ* (Kansas City, Mo.. Beacon Hill Press, 1960).
- ⁴¹ Para uma descrição de um triunfo romano, veja Barclay, *op. cit.*, p. 205.
- ⁴² George Matheson.
- ⁴³ A preposição é omitida no contexto da KJV. Para esta combinação de preposições (*ek... eis*), veja Rm 1.17.
- ⁴⁴ Herman L. Strack e Paulo Billerbeck, *Die Briefe des Neuen Testaments und die Offenbarung Johannis* (“Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrash”; München. C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung Oskar Beck, 1926), III, 498 e seguintes: “Para aquele que se ocupa com o ensino da Lei para o bem da Lei, isso é como um remédio que dá a vida. Mas para aquele que não se ocupa com o ensino da Lei para o bem da Lei, este é um veneno mortal”. A tradução precedente vem da obra de Strachan, *op. cit.*, p. 76.
- ⁴⁵ Denney, *op. cit.*, p. 741.
- ⁴⁶ Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 404.
- ⁴⁷ Adam Clarke, *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ, A Commentary and Critical Notes* (Nova Iorque. Carlton & Phillips, 1854), II, 322.
- ⁴⁸ R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. Paul's First and Second Epistle to the Corinthians* (Columbus, Ohio. Wartburg Press, 1937), p. 904.
- ⁴⁹ *Op. cit.*, p. 75.
- ⁵⁰ Para comentários devocionais sobre este capítulo, veja A. F. Harper, *Holiness and High Country* (Kansas City. Beacon Hill Press, 1964), pp. 338-40.
- ⁵¹ Os melhores manuscritos gregos apresentam **recomendação** somente uma vez no versículo 1.
- ⁵² Hughes, *op. cit.*, p. 85.
- ⁵³ William Baird, “Letters of Recommendation. A Study of II Cor. 3.1-3”, *Journal of Biblical Literature*, LXXX (junho de 1961), 168 e seguintes. Para um exemplo secular, veja Deissmann, *op. cit.*, pp. 170 e seguintes.
- ⁵⁴ Em um esforço para harmonizar as metáforas de 3.1-3, a versão RSV traduz *humon* ao invés do mais bem fundamentado *hemon* (KJV). Veja Baird, “Letters of Recommendation”, *op. cit.*, p. 168.
- ⁵⁵ Literalmente, “corações de carne”, segundo os melhores manuscritos.
- ⁵⁶ Deissmann, *op. cit.*, p. 374. Plummer pensa que a metáfora não pode ser enfatizada com detalhes de nenhuma maneira. Ele parafraseia “uma carta escrita por Cristo e publicada por mim”. Isto

é, “Paulo e seus colegas foram os ministros de Cristo ao trazer a carta de recomendação à existência, convertendo os coríntios” (*op. cit.*, pp. 76, 81). Veja NASB, “cuidada por nós”.

⁵⁷ Baird, “Letters of Recommendation”, *op. cit.*, p. 172. Para a interpretação mais comum, veja comentários como os de Clarke, Denney, Hughes, ou Plummer.

⁵⁸ *An Exposition of the Second Epistle to the Corinthians* (Nova Iorque. Robert Carter and Brothers, 1868), p. 53.

⁵⁹ F. F. Bruce, *The Letters of Paul, An Expanded Paraphrase* (Grand Rapids. Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1965), p. 131. A partir de agora, citado no texto como Bruce.

⁶⁰ **Ministros**. Esta palavra, com os seus cognatos, aparece significativamente nos versículos 3, 6-9.

⁶¹ A LXX traduz a palavra hebraica *berith* (concerto) como *diatheke*. Veja Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 182; Gottfried Quell e Johannes Behm, “*diatheke*”, TDNT, II, 104-34; G. E. Mendenhall, “Covenant”, IDB, A-D, 714-23.

⁶² Plummer, *op. cit.*, p. 85.

⁶³ Também Lenski, *op. cit.*, pp. 920 e seguintes.

⁶⁴ Uma discussão muito útil sobre o capítulo 7 de Romanos pode ser encontrada na obra de Richard N. Longenecker, *Paul, Apostle of Liberty* (Nova Iorque. Harper & Row, 1964), pp. 86-97, 109-16.

⁶⁵ **Glória**, com seus cognatos, é uma palavra-chave nesta passagem, em que Paulo a utiliza tendo em vista o seu uso na LXX para o brilho no rosto de Moisés em Êx 34.29 e seguintes. É usada para expressar a impressionante santidade da Presença Divina como uma Luz da qual ninguém é capaz de se aproximar (Êx 24.16-18), ou qualquer revelação da vontade e dos propósitos de Deus (4.4). Deus é ainda mais glorificado quando o Seu santo caráter é recriado nas vidas humanas (3.18). Veja Strachan, *op. cit.*, pp. 85 e seguintes, ou Gerhard Kittel e Gerhard von Rad, “*doxa*”, TDNT, II, 233-53.

⁶⁶ Genitivos objetivos, ministros que trazem a morte e a vida, respectivamente.

⁶⁷ Plummer, *op. cit.*, p. 89, de acordo com os melhores manuscritos. **Gravado** é um tempo perfeito do verbo com o significado de gravação para a eternidade, isto é, a Lei como um **sacerdócio de morte**.

⁶⁸ Mais uma vez, genitivos objetivos.

⁶⁹ *Commentary on the Epistles of Paul the Apostle to the Corinthians*, trad. por John Pringle (Grand Rapids. Wm. B. Eerdmans, 1948), II, 178.

⁷⁰ Lenski, *op. cit.*, p. 930.

⁷¹ Veja os comentários sobre 5.21.

⁷² Citado de Tasker, *op. cit.*, p. 63.

⁷³ Embora o sentido geral dos versículos 12-18 seja claro, a interpretação de alguns dos detalhes é mais difícil. O autor só pode apresentar as suas opiniões mais exegéticas.

⁷⁴ Interpretando *eis to telos* da mesma maneira que Hughes, *op. cit.*, p. 109, nota de rodapé 6, como “exatamente no final” em lugar de “no final”. Veja pp. 107 e seguintes para um comentário completo sobre a interpretação do versículo 13 adotada neste parágrafo. Para as duas interpretações alternativas, veja Plummer, *op. cit.*, p. 97, e R. V. G. Tasker, *The Second Epistle of Paul to the Corinthians* (“The Tyndale New Testament Commentaries”; Londres. The Tyndale Press, 1958), pp. 64 e seguintes.

⁷⁵ Veja 2.14,17; 3.14; 5.17 para a expressão **em Cristo**, tão significativa nos textos de Paulo.

⁷⁶ Menoud, *op. cit.*, pp. 134-44.

⁷⁷ **Senhor** (*Kyrios*) é a tradução da LXX do nome sagrado Jeová, ou melhor, Yahweh, que é Deus no Antigo Testamento.

⁷⁸ A versão NEB identifica as três ocorrências de **Senhor** em 16-17 exclusivamente como o Senhor do Antigo Testamento: “O Senhor de quem esta passagem fala é o Espírito”. Veja Thrall, *op. cit.*, p. 137. Mas isto não corresponde à transição que Paulo faz do antigo para o novo concerto, que é inerente a esta passagem.

⁷⁹ Hamilton, *op. cit.*, p. 6.

⁸⁰ Wendland, *op. cit.*, pp. 158 e seguintes.

⁸¹ É este ponto e as suas implicações que Paulo se preocupa em expor em Gl 3-5 e em Rm 6-8.

⁸² *Katoptrizomenoi* também pode significar “refletir como em um espelho” (NEB). Veja Wilfred L. Knox, *St. Paul and the Church of the Gentiles* (Cambridge. At the University Press, 1939, pp. 131 e seguintes) para uma interpretação da passagem que assume este significado. A interpretação seguida aqui parece correta porque ela se encaixa melhor no ponto principal do contexto.

⁸³ Veja os comentários sobre 4.4.

⁸⁴ Para uma aplicação magistral deste versículo ao crescimento espiritual, sob o título “O olhar que transfigura”, veja Paul T. Culbertson, *More like the Master* (Kansas City, Mo.. Beacon Hill Press, 1966), pp. 156-66.

⁸⁵ Plummer, *op. cit.*, pp. 95, 109.

⁸⁶ Plummer prefere o aoristo **rejeitamos** sem uma referência temporal, a dar a ele a mesma referência que **misericórdia que nos foi feita** (também aoristo), *ibid.*, p. 111.

⁸⁷ Wesley, *op. cit.*, p. 652.

⁸⁸ *Op. cit.*, p. 955.

⁸⁹ P. E. B. Allo, *Seconde Epitre aux Corinthiens* (2ª edição; “Etudes Bibliques”; Paris. Librairie Le Coffre, 1956), p. 99.

⁹⁰ *Kekalummenon* (coberto por véu) é um cognato de *kalumma* (véu) em 3.15.

⁹¹ *Op. cit.*, p. 70.

⁹² Os dois séculos, conforme o pensamento judaico, se sobrepõem no tempo pelo Novo Testamento cristão, mas são qualitativamente diferentes. A soberania de Satanás como “o deus deste século” (NASB) é completamente quebrada por aqueles que, por meio da fé em Cristo, são participantes da era messiânica (cf. Lc 18.30; Ef 2.1; Hb 6.5).

⁹³ Veja G. B. Caird, *Principalities and Powers* (Oxford. Clarendon Press, 1956), pp. 51-53, 84.

⁹⁴ A versão KJV faz o verbo *augasai* intransitivo, traduzindo “para que não resplandeça a luz sobre eles”. No entanto, os melhores manuscritos não contêm a expressão “sobre eles” (*autois*), tornando preferíveis as traduções da RSV e da NASB. Também “o Evangelho da glória de Cristo” (ASV) é preferível à expressão “o glorioso Evangelho de Cristo”.

⁹⁵ Herman Kleinknecht e Gerhard Kittel, “*eikon*”, TDNT, II, 389, 395. Os textos em Fp 2.6 e Hb 1.3, embora empregando termos diferentes, falam de Cristo praticamente da mesma forma. Veja a obra de Ralph P. Martin, *The Epistle of Paul to the Philippians* (“The Tyndale New Testament Commentaries”; Londres. The Tyndale Press, 1959), pp. 95-109; e H. Orton Wiley, *The Epistle to the Hebrews* (Kansas City, Mo.. Beacon Hill Press, 1959), pp. 38-43.

⁹⁶ Oscar Cullman, *The Christology of the New Testament*, trad. por S. C. Guthrie e C. A. M. Hall (Philadelphia. The Westminster Press, 1959), pp. 176 e seguintes.

- ⁹⁷ “Minister and Congregation in the Light of II Corinthians 4.5-7”, *Interpretation* (abril de 1965), p. 164.
- ⁹⁸ O aoristo *elampsen* indica que Paulo tem em mente, basicamente, a época da sua conversão. Os melhores manuscritos indicam que a primeira parte do versículo deve ser: “Porque foi Deus, que disse ‘das trevas resplandeça a luz’, quem resplandeceu em nossos corações”.
- ⁹⁹ *Op. cit.*, p. 754.
- ¹⁰⁰ Wendland, *op. cit.*, p. 164.
- ¹⁰¹ William Baird, *Paul’s Message and Mission* (Nashville. Abingdon Press, 1960), p. 69.
- ¹⁰² A afirmação **temos** (*echomen* ou *echontes*) aparece significativamente por toda a discussão do ministério (3.4, 12; 4.1, 7, 13; 5.1; 6.10; 7.1).
- ¹⁰³ Hughes, *op. cit.*, p. 136, destaca que eram habituais em Roma as procissões triunfais em que o ouro e a prata eram carregados em recipientes de barro. Paulo gosta desta comparação (cf. 2.14 e 1 Co 4.9) e pode estar sugerindo “uma imagem do Cristo vitorioso confiando as Suas riquezas aos pobres recipientes de barro dos Seus seguidores humanos”.
- ¹⁰⁴ R. C. H. Lenski, *op. cit.*, p. 977. Clarke, *op. cit.*, p. 330, vê o contraste como metáforas de competições nas arenas. A terceira faz alusão a uma corrida, e a quarta a uma luta romana.
- ¹⁰⁵ Os melhores manuscritos não contêm o termo **Senhor**, mas o sentido da passagem não se altera devido a esta omissão.
- ¹⁰⁶ Munck, *op. cit.*, p. 184.
- ¹⁰⁷ W. A. Beardslee, *Human Achievement and Divine Vocation in the Message of Paul* (Naperville, Ill.. Alec R. Allenson, 1961), p. 114.
- ¹⁰⁸ Hamilton, *op. cit.*, pp. 12-15.
- ¹⁰⁹ A citação de Paulo segue a versão LXX, que traduz o hebraico de uma entre três possíveis maneiras. Veja as versões em inglês do Antigo Testamento. A Targum judaica, de maneira interessante, parafraseia o aramaico: “Eu tenho confiança de que vou falar na congregação dos justos” (Strack-Billerbeck, *op. cit.*, III, 517).
- ¹¹⁰ *Op. cit.*, p. 239.
- ¹¹¹ *The Trouble with the Church. A Call for Renewal* (Nova Iorque. Harper & Row, Publishers, 1965), p. 15.
- ¹¹² A expressão **por Jesus** está baseada em *dia*, que tem confirmação fraca, e não em *syn* que consta nos melhores manuscritos.
- ¹¹³ Sobre o significado desta expressão nos textos de Paulo, veja Ernest Best, *One Body in Christ* (Londres. S.P.C.K., 1955), pp. 44 e seguintes.
- ¹¹⁴ *Op. cit.*, pp. 321 e seguintes.
- ¹¹⁵ Beardslee, *op. cit.*, pp. 114 e seguintes.
- ¹¹⁶ A tradução deste versículo, como a do 1.11, é difícil. O sentido geral, no entanto, está claro. Veja Plummer, *op. cit.*, pp. 134 e seguintes, para um comentário sobre as várias possibilidades.
- ¹¹⁷ O **homem exterior** não deve ser identificado com o “velho homem” de Rm 6.6; Ef 4.22 e Cl 3.9. É a vida de Paulo “vista na sua relação física exterior com a época” (E. Earle Ellis, *Paul and His Recent Interpreters* Grand Rapids. Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1961, p. 37). Veja Oscar Cullmann, *Immortality of the Soul or Resurrection of the Dead?* (Londres. The Epworth Press, 1958), pp. 28-39.

- ¹¹⁸ Hering, *op. cit.*, p. 45, comenta que os versículos 16-18, sem levar em conta o contexto, poderiam ter sido escritos por Filo ou qualquer outro seguidor de Platão. Mas o uso completamente cristão que Paulo faz da terminologia em um contexto escatológico teria sido completamente inaceitável para a teologia helenista da época. Veja Hughes, *op. cit.*, pp. 154 e seguintes.
- ¹¹⁹ O **homem interior** pode ser definido como “o ser renovado do cristão” (Werner Georg Kuemmel, *Man in the New Testament*, trad. por J. J. Vincent. Philadelphia. The Westminster Press, 1963, p. 43. W. David Stacey sugere que “o homem interior é o verdadeiro ser que passa do corpo da carne para o corpo da ressurreição” (*The Pauline View of Man* Londres. Macmillan & Co., 1956, p. 211).
- ¹²⁰ Denney, *op. cit.*, p. 759.
- ¹²¹ *Op. cit.*, p. 38.
- ¹²² Hughes, *op. cit.*, p. 158.
- ¹²³ *Op. cit.*, p. 39.
- ¹²⁴ Esta passagem é uma das mais difíceis de se interpretar com exatidão na epístola. A opinião é apresentada por Tasker, *op. cit.*, pp. 77 e seguintes, de que Paulo está falando do abrigo celestial que o espera imediatamente depois da morte, independentemente da data em que ele morra, em relação ao retorno em glória do Senhor e do recebimento do corpo da ressurreição. A interpretação mais tradicional que inclui o receio de Paulo do estágio intermediário, caso ele morra antes de receber o corpo da ressurreição na vinda do Senhor, é dada, com algumas variações, por Filson, *op. cit.*, pp. 326 e seguintes; Hughes, *op. cit.*, pp. 160 e seguintes; Plummer, *op. cit.*, pp. 140 e seguintes; e Geerhardus Vos, *The Pauline Eschatology* (Grand Rapids. Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1930), pp. 186 e seguintes.
- ¹²⁵ **Sabemos** (*oidamen*) significa conhecer uma verdade por intuição ou revelação como o resultado de uma percepção ou visão. Isto está em contraste com *ginoskein*, que é adquirir conhecimento pela instrução ou investigação (Hughes, *op. cit.*, p. 160).
- ¹²⁶ Esta palavra é frequentemente usada como uma referência ao corpo de Cristo, a igreja (1 Co 3.9; Ef 2.21; 4.12, 16).
- ¹²⁷ Veja J. A. T. Robinson, *The Body* (Chicago. Alec R. Allenson, 1952), pp. 49 e seguintes. Algumas das suas interpretações, entretanto, precisam de qualificações.
- ¹²⁸ Ellins, *Paul and His Recent Interpreters*, pp. 41-42. Para um recente estudo sobre a solidariedade corporativa no pensamento de Paulo, veja R. P. Shedd, *Man in Community* (Grand Rapids. Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1959).
- ¹²⁹ **Nossa casa** (*oiketerion*) denota uma casa permanente. É diferente de *oikia* (versículo 1) porque implica um habitante (Plummer, *op. cit.*, p. 145).
- ¹³⁰ Hughes, *op. cit.*, pp. 168 e seguintes, interpreta isto como sendo um estágio intermediário entre a morte do cristão e a Parousia, mas este é forçado a se revestir (*endusamenoi*), o que é bastante distinto de *ependusasthai* (2, 4) e se refere ao que é anterior ao corpo terreno. Vos, *op. cit.*, p. 196, para evitar a dificuldade óbvia, adota o termo menos confirmado *ekdusamenoi*.
- ¹³¹ *Op. cit.*, p. 45.
- ¹³² Como em 1.22, **Deus** ocupa uma posição enfática nesta frase.
- ¹³³ Sobre a metáfora de **penhor** veja os comentários sobre 1.22.
- ¹³⁴ *Op. cit.*, p. 170. Cf. 2 e 4 com 6 e 8.
- ¹³⁵ Robinson, *op. cit.*, p. 29.

- ¹³⁶ Veja W. David Stacey, *op. cit.*, p. 190.
- ¹³⁷ O verbo *tharrein* está na posição enfática em 6 e em 8, substituindo *stenazein* em 2 e em 4.
- ¹³⁸ Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 319. O significado literal é “também agradável”.
- ¹³⁹ As palavras **presente** e **ausente**, usadas em 6-9, são *endemein* e *ekdemein*, de *demos*, e significam “‘estar entre o seu próprio povo’, um peregrino ou estranho em uma redondeza estranha, ou seja, longe de casa” (Lenski, *op. cit.*, pp. 1008 e seguintes).
- ¹⁴⁰ Lenski, *op. cit.*, p. 1013: o termo **desejamos** não faz justiça à palavra que significa “amar a honra”.
- ¹⁴¹ *Ibid.*
- ¹⁴² *Ta dia tou somatos pros ha epraxen*. O aoristo transmite a idéia como um todo. Veja Hughes, *op. cit.*, p. 181, nota de rodapé 58; Lenski, *op. cit.*, p. 1015.
- ¹⁴³ Veja Cullmann, *Immortality of the Soul or Resurrection of the Dead?*, pp. 28-39.
- ¹⁴⁴ Ellis, *op. cit.*, p. 48.
- ¹⁴⁵ *Ibid.*
- ¹⁴⁶ *Ibid.* Veja Cullmann, *Immortality of the Soul or Resurrection of the Dead?* pp. 48-57. O estado intermediário pode estar relacionado ao “paraíso” de 12.4 e Lc 23.43. Veja também Lc 16.22.
- ¹⁴⁷ Terror, ou melhor, “temor” (ASV) é “a admiração totalmente reverente e o respeito” com o qual Paulo encara o Senhor, de quem ele irá receber “o que tiver feito por meio do corpo” (RSV). Cf. Filson, *op. cit.*, p. 330. Morgan sugere que “a antiga maneira de definir o temor a Deus é que eu costumava ter medo de que Deus me ferisse. Agora o medo é, ou deveria ser, que eu o fira, que eu lhe cause dor” (*op. cit.*, p. 242).
- ¹⁴⁸ Esta frase pertence mais ao que a antecede, do que ao que vem a seguir. A antítese é que “Deus conhece tudo sobre nós completamente, mas nós temos que persuadir os homens a acreditarem na nossa integridade” (Plummer, *op. cit.*, p. 168).
- ¹⁴⁹ Os tempos perfeitos indicam que “o seu caráter foi, e ainda é, deixado claro” (Plummer, *op. cit.*, p. 169).
- ¹⁵⁰ Indicando que talvez os seus caluniadores tenham interpretado uma carta anterior como sendo uma auto-recomendação egoísta (cf. 3.1).
- ¹⁵¹ **Ocasião** (*aphorme*; cf. 11.12; Gl 5.13) “significa tanto um ponto de partida para uma operação quanto os recursos com os quais a operação pode ser iniciada” (Tasker, *op. cit.*, p. 84). Bruce a traduz como “oportunidade”.
- ¹⁵² Kuemmel, *op. cit.*, p. 171.
- ¹⁵³ *Ibid.*
- ¹⁵⁴ Wendland, *op. cit.*, p. 176.
- ¹⁵⁵ Denney, *op. cit.*, p. 764.
- ¹⁵⁶ Alguns, como Filson (*op. cit.*, p. 333), interpretam *exestemen* como experiências de êxtase ou experiências espirituais notáveis. Veja 12.1-4; At 9.3-6; 1 Co 14.18. Plummer sugere que o termo “se refere à sua auto-recomendação, que os seus críticos atribuíam a uma mania” (*op. cit.*, p. 172).
- ¹⁵⁷ Plummer, *op. cit.*, p. 173. Veja Lc 8.45; 12.50; 19.42; At 18.5. O significado também poderia ser “confinar, como entre paredes, para uma concentração ou um aumento de atividade”, ou seja, “incentivar, compelir” (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 797).

- ¹⁵⁸ C. F. D. Moule, *An Idiom Book of New Testament Greek* (Cambridge. Cambridge University Press, 1959), p. 41.
- ¹⁵⁹ T. W. Manson, *On Paul and John* (Londres. SCM Press, 1963), p. 53.
- ¹⁶⁰ Hughes, *op. cit.*, p. 192. Veja também TDNT, I, 49 e seguintes.
- ¹⁶¹ **Julgando** é um particípio aoristo. A expressão é melhor traduzida como “tendo concluído isto” (NASB). Veja Tasker, *op. cit.*, p. 85.
- ¹⁶² Hanson, *op. cit.*, p. 50.
- ¹⁶³ Rudolf Bultmann, *Theology of the New Testament*, trad. por Kendrick Grobel, I (Londres. SCM Press, 1952), 296.
- ¹⁶⁴ *Op. cit.*, p. 86. Veja Denney, *op. cit.*, p. 765.
- ¹⁶⁵ Esta é a “velha natureza” (NASB) ou o “velho homem” de que Paulo fala em Rm 6.6; Ef 4.22; Cl 3.9.
- ¹⁶⁶ Manson, *op. cit.*, p. 54.
- ¹⁶⁷ Hughes, *op. cit.*, p. 197.
- ¹⁶⁸ “Carne” e “Espírito” são opostos éticos no pensamento de Paulo. Eles pertencem a campos ou relacionamentos diferentes. Veja Rm 8.1-11; Gl 5.16-24.
- ¹⁶⁹ Paulo não está se referindo a uma visão deficiente – e posterior à conversão – em relação a Cristo. Nem está depreciando o significado da vida terrena de Jesus, isto é, substituindo o “Jesus histórico” por um “Cristo kerygmático”. Veja Plummer, *op. cit.*, pp. 177 e seguintes, ou Hughes, *op. cit.*, pp. 199 e seguintes, para um comentário detalhado sobre esta e outras alternativas.
- ¹⁷⁰ Hering, *op. cit.*, p. 52.
- ¹⁷¹ Manson, *op. cit.*, p. 77.
- ¹⁷² TDNT, III, 1034. **Novo** (*kainos*) “é aquilo que é novo por natureza, diferente do usual, impressionante, melhor do que o antigo, superior em valor ou em atração” (TDNT, III, 447). Veja Roy A. Harrisville, *The Concept of Newness in the New Testament* (Minneapolis. Augsburg Publishing House, 1960), pp. 90-91.
- ¹⁷³ **Velho** (*archaios*) é “desde o início”, um termo mais antigo que *palaio*s e “confere uma aura romântica de dignidade” (TDNT, I, 486).
- ¹⁷⁴ **Todas as coisas** (*ta panta*) não aparece nos melhores manuscritos.
- ¹⁷⁵ Michel Bouttier, *Christianity According to Paul*, trad. por Frank Clarke (Londres. SCM Press, 1966), p. 17.
- ¹⁷⁶ *Op. cit.*, p. 768.
- ¹⁷⁷ A palavra *en* é usualmente local (Best, *op. cit.*, pp. 1, 5, 19, 21). Sobre o significado desta expressão nos textos de Paulo, veja Neilson, *op. cit.*, e a bibliografia ali fornecida.
- ¹⁷⁸ Fritz Neugebauer, *In Christus* (Goettingen. Vandenhoeck and Ruprecht, 1961), p. 92.
- ¹⁷⁹ W. D. Davies, *Paul and Rabbinic Judaism* (Londres. S. P. C. K., 1948), p. 86.
- ¹⁸⁰ Best, *op. cit.*, p. 263. Veja Walter Bartling, “The New Creation in Christ”, *Concordia Theological Monthly*, XXI (junho de 1950), pp. 412 e seguintes.
- ¹⁸¹ O Nome **Jesus** não aparece nos melhores manuscritos, mas a sua omissão não altera o significado. O Filho como a Palavra de Deus é o Agente na nova criação, da mesma maneira como o foi na antiga (Jo 1.3; Cl 1.16).

- ¹⁸² Manson, *op. cit.*, p. 51. Veja Alan Richardson, *An Introduction to the Theology of the New Testament* (Londres. SCM Press, 1958), p. 217, para a ênfase do Antigo Testamento.
- ¹⁸³ Manson, *op. cit.*, p. 52.
- ¹⁸⁴ Nigel Turner, *Syntax*, Vol. III de James Hope Moulton, *A Grammar of New Testament Greek* (Edinburgh. T. & T. Clark, 1963), p. 137.
- ¹⁸⁵ Veja Plummer, *op. cit.*, p. 183.
- ¹⁸⁶ TDNT, I, 257. O particípio é aoristo no versículo 18 e presente no versículo 19. Mas veja Denney, *op. cit.*, pp. 769 e seguintes.
- ¹⁸⁷ Ou “mensagem” (RSV). Um papiro manuscrito, P 46, traz a expressão “o evangelho”.
- ¹⁸⁸ *Christology of the New Testament*, p. 261.
- ¹⁸⁹ Deissmann, *op. cit.*, p. 374. Veja o comentário anterior sobre “apóstolo” com relação a 1.1. A repetição de *hyper christou* caracteriza a autoridade oficial de um apóstolo como a mais elevada. Plummer, *op. cit.*, p. 186.
- ¹⁹⁰ Veja Plummer, *op. cit.*, p. 185, e Turner, *op. cit.*, p. 168, sobre a força de *hos* aqui.
- ¹⁹¹ Wendland, *op. cit.*, pp. 182 e seguintes. Veja o capítulo final na obra de Robert H. Mounce, *The Essential Nature of New Testament Preaching* (Grand Rapids. Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1960).
- ¹⁹² *Gnomon of the New Testament*, trad. por James Bryce (7ª edição, Edinburgh. T. and T. Clark, 1895), III, 385. Veja Thornton, *op. cit.*, p. 45.
- ¹⁹³ Adolf Schlatter, *Paulus, Der Bote Jesus, Eine Deutung Seiner Briefe an die Korinther* (Stuttgart. Calwer Verlag, 1956), p. 568.
- ¹⁹⁴ Joachim Jeremias, *The Central Message of the New Testament* (Nova Iorque. Charles Scribner's Sons, 1965), p. 66.
- ¹⁹⁵ Veja C. H. Dodd, *The Epistle of Paul to the Romans* (“The Moffatt New Testament Commentary”; Nova Iorque. Harper and Brothers, 1932), sobre Rm 1.17 para a documentação da justiça de Deus como a ação salvadora de Deus. Veja também Richardson, *op. cit.*, pp. 79 e seguintes.
- ¹⁹⁶ Jeremias, *op. cit.*, p. 64.
- ¹⁹⁷ Veja TDNT, II, 203-10. Para a compreensão do significado de **justiça** aqui, Rm 3.21-28; 5.1-11 e 8.1-39 devem ser lidos como uma unidade expositiva do que Paulo tem em mente sobre o evangelho como a revelação “da justiça de Deus... de fé em fé” (Rm 1.17).
- ¹⁹⁸ O infinitivo aoristo *dexasthai* pode ser atemporal (presente) ou pode ter a força de um tempo passado, “receberam”.
- ¹⁹⁹ *Op. cit.*, p. 60.
- ²⁰⁰ Alan Redpath, *Blessings out of Buffetings. Studies in II Corinthians* (Westwood, N.J.. Fleming H. Revell, 1965), p. 112.
- ²⁰¹ Beardslee, *op. cit.*, p. 89.
- ²⁰² *Op. cit.*, p. 114.
- ²⁰³ Turner, *op. cit.*, p. 207.
- ²⁰⁴ Veja 7.5-7; 11.30; 12.5-10; 13.2-9.
- ²⁰⁵ *Dia* agora designa estado ou condição, em lugar de instrumento (7). **Honra** (8) é mais precisamente “glória”.

- ²⁰⁶ **Como é hos.** A mudança de preposições por toda a passagem é interessante, *en* (4-7a), *dia* (7a-8a) e *hos* (8b-10).
- ²⁰⁷ C. K. Barrett, *From First Adam to Last* (Londres. Adam & Charles Black, 1962), p. 107.
- ²⁰⁸ Veja 1.8-10; 4.8-12; 11.23-30; At 14.19; 1 Co 15.30-31.
- ²⁰⁹ Veja Sl 118.17-18.
- ²¹⁰ Veja 8.9.
- ²¹¹ Veja 1 Co 3.21-23; Fp 4.12.
- ²¹² Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 672.
- ²¹³ “Corinthians”, *A Commentary on the Holy Scriptures*, ed. John Peter Lange (Grand Rapids. Zondervan Publishing House, n.d.), p. 117. Veja na Introdução um comentário sobre a relação desta passagem com a carta.
- ²¹⁴ L. S. Thornton, *The Common Life in the Body of Christ* (3ª edição; Londres. Dacre Press, 1950), p. 12.
- ²¹⁵ Plummer, *op. cit.*, p. 207.
- ²¹⁶ **Belial** (“o príncipe da iniquidade e das trevas”, Hughes, *op. cit.*, p. 248) era principalmente um termo descritivo no Antigo Testamento (Dt 13.13). Tornou-se personalizado na literatura intertestamentária (mas cf. Na 1.15), e na época do Novo Testamento passou a ser usado como um sinônimo para Satanás.
- ²¹⁷ Os melhores manuscritos apresentam “nós somos” em lugar de **vós sois**.
- ²¹⁸ Nas citações de 6.16-18, as variações do texto do Antigo Testamento (LXX e Heb.) se devem ao uso que Paulo faz de um método interpretativo judaico conhecido como *Midrash pesher*. Ele incorpora a sua interpretação do Novo Testamento ao corpo do próprio texto. Aqui os desvios “evidentemente se destinam a uma interpretação das profecias na época messiânica” (Ellis, *Paul’s Use of the Old Testament*, p. 144). Veja as pp. 90 e seguintes, e ainda as pp. 139-49.
- ²¹⁹ Veja Thodore Gaster, *The Dead Sea Scriptures* (Nova Iorque. Doubleday and Company, 1957), p. 57, para uma aplicação similar da imagem do Templo e dos seus sacrifícios a uma comunidade e à sua ética.
- ²²⁰ *Op. cit.*, p. 436.
- ²²¹ Veja Clarke, *op. cit.*, p. 344.
- ²²² Veja Stacey, *op. cit.*, pp. 135, 171 e seguintes.
- ²²³ *Op. cit.*, p. 661. Sobre o uso de **purificar** (*katharizo*) no Novo Testamento, no sentido religioso e moral, veja Mt 23.26; At 15.9; Ef 5.26; Tt 2.14; Hb 9.14, 22; 1 Jo 1.7, 9. Veja TDNT, III, 413-26.
- ²²⁴ Lenski, *op. cit.*, p. 1091, chama isto de um aoristo efetivo, “o aoristo que expressa uma purificação que realmente purifica”. Para um aoristo similar a **purifiquemo-nos**, cf. Rm 13.13: “andemos”. Aqui está indicado um curso de ação decisivo. Veja Turner, *op. cit.*, pp. 76 e seguintes. Mas veja Olive M. Winchester e Ross Price, *Crisis Experiences in the Greek New Testament* (Kansas City. Beacon Hill Press, 1953), pp. 72 e seguintes.
- ²²⁵ *Ibid.*, p. 1093.
- ²²⁶ *Loc. cit.* Veja Wesley, *loc. cit.*
- ²²⁷ TDNT, I, 113-15. Veja os comentários sobre 1.1 a respeito de “santo”.
- ²²⁸ Mas veja George Allen Turner, *The Vision Which Transforms* (Kansas City, Mo.. Beacon Hill Press 1964), 118, 122, 259.

²²⁹ *Op. cit.*, p. 6.

²³⁰ *Op. cit.*, p. 189.

²³¹ **Ousadia de fala** (cf. 6.11) pode ser a tradução correta aqui. Mas *parresia* tem frequentemente o sentido geral de confiança, como em Ef 3.12; 1 Tm 3.13; Hb 3.6; 4.16; 10.19; 1 Jo 2.28; 3.21; 4.17; 5.14. A maioria dos comentaristas prefere o último significado.

²³² Hughes, *op. cit.*, p. 264.

²³³ *Op. cit.*, p. 103.

²³⁴ *Parousia*, “presença” ou “vinda... como o primeiro estágio da presença”. Usado principalmente no Novo Testamento, referindo-se ao segundo advento de Cristo, como por exemplo em 1 Co 1.8. Veja Deissmann, *op. cit.*, pp. 369-73.

²³⁵ *Lupeo*, que juntamente com os seus cognatos é traduzido como **ser contristado** (8-9), **contristar** (9, 11), **tristeza** (10).

²³⁶ **Eu me arrependi** (*metamelomai*) deve ser distinguido de **arrependimento** (*metanoia*) nos versículos 9-10.

²³⁷ **Arrependimento** (*metanoia*, “mudança de pensamento, reviravolta”) é uma palavra rara nos textos de Paulo (7.9-10; Rm 2.4; 2 Tm 2.25). O verbo aparece somente em 2 Co 12.21: “Fé” era a grande palavra que Paulo usava para descrever a aproximação do homem a Deus em um mundo gentílico, ao passo que a igreja primitiva, no seu ambiente judaico, preferia “arrependimento” (Mt 3.11; Lc 24.27; At 2.38; 3.19; 5.31; 11.18).

²³⁸ Filson, *op. cit.*, p. 359.

²³⁹ *The Christian Experience of Forgiveness* (Glasgow. William Collins Sons & Co. Ltd., 1961), p. 202.

²⁴⁰ Em pensamento poderia ser o ofensor principal (2.5), ou os “falsos apóstolos” (11.13).

²⁴¹ Possivelmente por **temor** de que Paulo estivesse pronto a vir com uma severa disciplina (1 Co 4.21).

²⁴² Ao invés de **nosso cuidado por vós**, os melhores manuscritos trazem a expressão “vosso cuidado por nós”.

²⁴³ Hughes, *op. cit.*, p. 276.

²⁴⁴ Os melhores manuscritos trazem o termo “nosso” (*hemon*) em lugar de vosso (*humon*).

²⁴⁵ Hughes, *op. cit.*, p. 279.

²⁴⁶ Alguns copistas antigos acrescentaram **portanto** (*oun*) para enfatizar a natureza conclusiva do versículo.

²⁴⁷ *Op. cit.*, p. 282.

SEÇÃO III

¹ Keith Nickle, *The Collection, A Study of Paul's Strategy* (Londres. SCM Press, 1966), p. 142. Este é o estudo completo mais recente sobre a coleta. As suas conclusões gerais são sólidas, embora algumas das posições em que ele se baseia, com respeito à reconstrução histórica e a natureza das suas fontes literárias, possam ser questionadas. A discussão que se segue deve muito a ele.

² George Forte Moore, *op. cit.*, pp. 93 e seguintes.

³ Nickle, *op. cit.*, p. 103. É digno de nota que os coríntios nunca tinham contribuído para o sustento de Paulo, como as igrejas da Macedônia tinham feito (11.8-9; 12.2; 1 Co 9.11-12; Fp 4.14-17).

- ⁴ Nickle vai além da evidência para apontar uma séria desavença entre os dois segmentos da igreja que precisava ser sanada. Se o incidente entre Paulo e Pedro em Antioquia (Gl 2.11-14) ocorreu depois do Concílio de Jerusalém (At 15), isto seria plausível, mas certamente não obrigatório. No entanto, é bem possível que o incidente tenha ocorrido antes do Concílio que resolveu o problema entre os judeus e os gentios na igreja.
- ⁵ Devido ao seu simbolismo para a unidade do judaísmo disperso, Paulo parece ter modelado a organização da sua coleta com base na taxa do Templo judaico (*ibid.*, pp. 99, 74-93).
- ⁶ Veja Joachim Jeremias, *Jesus' Promise to the Nations* (Londres, SCM Press, 1958), pp. 19 e seguintes, 25 e seguintes, 46 e seguintes.
- ⁷ *Ibid.*, pp. 129-43; Munck, *op. cit.*, pp. 285-303; Ferdinand Hahn, *Mission in the New Testament*, trad. por Frank Clarke (Londres. SCM Press, 1965), p. 109.
- ⁸ *Op. cit.*, pp. 109-10.
- ⁹ A identificação desta oferta dependeria do fato de se identificar a visita de Gl 2.1 como a visita de Paulo a Jerusalém de At 11 ou At 15. Veja Nickle, *op. cit.*, pp. 23-32, para uma tentativa de demonstrar o significado desta oferta. Ele a julga perfeitamente antecipatória daquela que estava próxima.
- ¹⁰ Tradução literal.
- ¹¹ Plummer, *op. cit.*, p. 234.
- ¹² Tasker, *op. cit.*, p. 11.
- ¹³ Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 85. A palavra é característica dos textos de Paulo. cf. 8.2; 9.11, 13; 11.3; Rm 12.8; Ef 6.5; Cl 3.22.
- ¹⁴ Hughes, *op. cit.*, pp. 289 e seguintes.
- ¹⁵ A frase **que recebêssemos** (4) não consta nos melhores manuscritos. **Graça** (*charis*) também pode ser entendida como "favor".
- ¹⁶ Veja Thornton, *op. cit.*, pp. 5-33; C. E. B. Cranfield, "Fellowship, Communion", *A Theological Wordbook of the Bible*, ed. Alan Richardson (Londres. SCM Press, 1957), pp. 81-83; Nickle, *op. cit.*, pp. 105 e seguintes.
- ¹⁷ Nickle, *op. cit.*, p. 109. Veja os seus comentários, pp. 106-9, sobre o histórico total da palavra com relação ao seu uso aqui.
- ¹⁸ *Op. cit.*, p. 134.
- ¹⁹ *Op. cit.*, pp. 109 e seguintes. Em 1 Co 16.3 *charis* (generosidade) designa a própria oferta.
- ²⁰ *Op. cit.*, p. 297.
- ²¹ A partir de anotações de classe.
- ²² O texto grego coloca esta frase em primeiro lugar, por motivo de ênfase.
- ²³ O tempo aoristo indica a crise da Encarnação, e de tudo o que ela envolve.
- ²⁴ *Loc. cit.* Sobre Fp 2.5-11 veja a obra de R. P. Martin, *An Early Christian Confession* (Londres. The Tyndale Press, 1960).
- ²⁵ Hughes, *op. cit.*, p. 306; Nickle, *op. cit.*, p. 121, opina que **sua abundância** se refere "às 'bênçãos espirituais' dos cristãos de Jerusalém" e não ao possível auxílio financeiro recíproco.
- ²⁶ Veja os comentários pertinentes de Calvino, *op. cit.*, p. 297.
- ²⁷ *Op. cit.*, p. 71.
- ²⁸ O particípio é expresso como presente nos melhores manuscritos.
- ²⁹ *Cheirotonetheis* significava, originariamente, "eleger levantando as mãos" (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 889).

- ³⁰ A tradição dos manuscritos está dividida entre **com** (*syn*) e “em” (*en*).
- ³¹ Veja Hughes, *op. cit.*, pp. 312-16, para os argumentos sobre Lucas e outros mencionados na história da interpretação.
- ³² *Op. cit.*, pp. 18-22. Seus argumentos são subjetivos e, às vezes, até mesmo questionáveis.
- ³³ Os melhores manuscritos apresentam *pronooumen gar* em lugar de *pronooumenoi*.
- ³⁴ *Op. cit.*, p. 210.
- ³⁵ *Op. cit.*, p. 89.
- ³⁶ *Spoude* e as suas formas correlatas ocorrem significativamente no capítulo; versículos 7-8, 16, 22; cf. 7.11-12.
- ³⁷ Veja comentários sobre 4, onde é usado *koinonia*.
- ³⁸ TDNT, I, 42 e seguintes. Veja os comentários sobre 1.1.
- ³⁹ *Op. cit.*, p. 251.
- ⁴⁰ Hughes, *op. cit.*, pp. 321ss., tem uma discussão sobre este assunto.
- ⁴¹ Lenski, *op. cit.*, p. 1164.
- ⁴² Este versículo dá algum crédito à opinião de Nickle de que os dois irmãos foram indicados pela igreja de Jerusalém (*op. cit.*, pp. 19 e seguintes).
- ⁴³ Da mesma maneira, Hering traduz *hypostasis*, *op. cit.*, p. 74. Lenski, *op. cit.*, p. 1165, favorece o termo “certeza”. O termo jactância não consta nos melhores manuscritos.
- ⁴⁴ A expressão, “... que já havíeis conhecido” é baseada em uma versão alternativa que não encontra apoio nos manuscritos mais antigos.
- ⁴⁵ Hans Windisch, *Der zweite Korintherbrief, Kritisch-exegetischer Kommentar uber das Neue Testament* (Gottingen. Vandenhoeck & Ruprecht, 1924), p. 274.
- ⁴⁶ Nickle, *op. cit.*, p. 122.
- ⁴⁷ Lenski, *op. cit.*, p. 1170.
- ⁴⁸ Os melhores manuscritos apresentam “tenha proposto” em lugar de propôs.
- ⁴⁹ 8.1, 4, 6, 7, 9, 16, 19; 9.8, 14, 15; 1 Co 16.3.
- ⁵⁰ Observe a palavra “toda” (*pan*) – *pasin... panti pantote pason... pan*.
- ⁵¹ Veja o comentário sobre 5.21. A justiça recebida é a fonte da justiça demonstrada: “segundo a misericórdia que nos foi feita” (4.1).
- ⁵² Lenski, *op. cit.*, p. 1177.
- ⁵³ Nickle (*op. cit.*, p. 137) opina que o uso de Paulo destas duas citações do Antigo Testamento à luz do seu contexto original, fundamenta a idéia de que “Paulo tinha personificado o seu desejo da conversão de Israel dentro do seu projeto de coleta”. Assim, a “colheita” aqui seria a desejada “conversão dos judeus”. Mas este talvez não seja o significado exato.
- ⁵⁴ A palavra é usada na LXX referindo-se à função dos sacerdotes e levitas no santuário. Ela também pode significar “serviço público”. Veja Hughes, *op. cit.*, p. 337.
- ⁵⁵ Veja 8.4; Rm 15.25. A palavra *Koinonia*, por si mesma, nunca significa “contribuição”. Em Rm 15.25 lê-se *koinonian tina* (uma certa doação) que significa “contribuição”. Sobre o termo **liberal**, veja o comentário sobre 8.2.
- ⁵⁶ Veja Nickle, *op. cit.*, pp. 136 e seguintes.
- ⁵⁷ Plummer, *op. cit.*, p. 257.

SEÇÃO IV

¹ Veja, na Introdução, o papel destes capítulos na carta.

² Veja Munck., *op. cit.*, pp. 168ss.

³ Denney, *op. cit.*, p. 787.

⁴ Quanto à obediência e eqüidade veja Richard C. Trench, *Synonyms of the New Testament* (Grand Rapids. Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1880, 1953), pp. 152-57.

⁵ Herbert Preisker, “*epieikeia*”, TDNT, II, 589.

⁶ **Rogo-vos** (*deomai*) aqui não é o mesmo que **vos rogo** (*parakalo*) em 1. Também, neste versículo, **ser ousado**... é uma expressão usada para traduzir duas palavras gregas muito diferentes.

⁷ Lenski, *op. cit.*, p. 1201.

⁸ Quanto ao uso que Paulo faz da metáfora das **armas** para a vida e ministério cristãos, veja 6.7; Rm 13.12-13; Ef 6.11-17; 1 Ts 5.8; 1 Tm 1.18; 2 Tm 2.3-4.

⁹ Tasker, *op. cit.*, p. 134.

¹⁰ Hughes, *op. cit.*, p. 351.

¹¹ Denney, *op. cit.*, p. 788.

¹² Lenski *op. cit.*, p. 1210.

¹³ Utilizando os melhores manuscritos, a versão KJV em inglês traduz “de” a partir de *eph* em vez de *aph*.

¹⁴ O texto grego não repete **de Cristo** (*christou*) pela terceira vez, como faz a versão KJV.

¹⁵ Paulo pode estar se referindo, neste versículo, a seus oponentes, em linha com “alguns” dos versículos 2 e 12. Lenski, *op. cit.*, p. 1213, enfaticamente pensa que não; veja, porém, Tasker, *op. cit.*, p. 137.

¹⁶ *Op. cit.*, p. 412.

¹⁷ Wesley, *op. cit.*, p. 668. Veja 12.6.

¹⁸ Nos melhores manuscritos não consta o termo **nos**, mas este significado parece óbvio.

¹⁹ A palavra em 5 e 8 é a mesma, *kathairesin*.

²⁰ R. A. Knox, *The New Testament* (Nova Iorque. Sheed and Ward, Inc., 1944), citado neste texto, a partir deste ponto, como “Knox”.

²¹ *Op. cit.*, p. 361.

²² E. J. Goodspeed e J.M. Powis Smith, *The Bible, An American Translation* (Chicago. The University of Chicago Press, 1928, 1948), citado no texto, a partir deste ponto, como “Smith-Goodspeed”.

²³ *Paul and His Converts* (Nova Iorque. Abingdon Press, 1962), p. 73.

²⁴ A “carta triste” ainda poderia ser recente em suas mentes. Veja a Introdução.

²⁵ Para uma descrição apócrifa de Paulo, veja a obra “The Acts of Paul”, em *The Apocryphal New Testament* de M. R. James (Oxford. Clarendon Press, 1924), p. 273.

²⁶ Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 215. Há um jogo de palavras aqui, mostrado por Plummer, com “equiparar” e “comparar” *op. cit.*, p. 286. Veja Hughes, *op. cit.*, p. 364, fn. 21.

²⁷ Alexander Jones, ed., *The Jerusalem Bible* (Garden City, Nova Iorque. Doubleday and Company, Inc.), citado no texto adiante como “Jerusalem”.

²⁸ Tasker, *op. cit.*, p. 140.

²⁹ *Op. cit.*, pp. 364ss.

³⁰ Lenski, *op. cit.*, p. 1222. A RSV traduz esta expressão como “além de certos limites”.

³¹ *Ibid.*, p. 1225.

³² Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 403.

³³ Hughes, *op. cit.*, p. 367.

³⁴ Wendland, *op. cit.*, p. 206.

³⁵ Ou “as coisas que ninguém consegue medir”. A expressão é a mesma de 13. Veja Lenski, *op. cit.*, p. 1223.

³⁶ Calvino, *op. cit.*, p. 335.

³⁷ Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 848.

³⁸ Em grego, *kanoni* que é traduzido como regra em várias versões, em 13 e 15.

³⁹ Charles B. Williams, *The New Testament* (Chicago. Moody Press, 1937). Citado neste texto, a partir deste ponto, como Williams.

⁴⁰ *Op. cit.*, p. 253.

⁴¹ *Op. cit.*, p. 16.

⁴² *Op. cit.*, p. 176.

⁴³ Wendland, *op. cit.*, p. 208.

⁴⁴ *Ibid.*

⁴⁵ J. H. Bernard, “The Second Epistle to the Corinthians”, *The Expositor’s Greek Testament*, ed. W. R. Nicoll (Grand Rapids, Mich. Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951), p. 99.

⁴⁶ Hanson, *op. cit.*, p. 78.

⁴⁷ O indicativo é preferível ao imperativo. Suportai-me, porém, ainda. Tomar *anestheste* como indicativo é algo que se adequa melhor com o precedente *alla kai*. Além disso, um imperativo seguindo um desejo pela mesma coisa, seria redundante.

⁴⁸ Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 338.

⁴⁹ Embora não afete substancialmente o significado, a ordem das palavras da RSV e de Moffatt não são adequadas ao arranjo mais natural do original.

⁵⁰ Paulo pode ter essa imagem em mente, em 1 Co 6.13-17, para a relação entre Cristo e cada cristão, individualmente. Veja, porém, Denney, *op. cit.*, p. 729.

⁵¹ *Op. cit.*, p. 1235.

⁵² Stracham sugere que o pensamento pode ser: “Deus criou Eva e a trouxe para Adão. Paulo, pelo poder que lhe foi confiado, e do qual estava investido, trouxe essa comunidade à existência e a tornou a noiva de Cristo” (*op. cit.*, p. 17).

⁵³ Isto pode ser visto na decisão de José de “deixá-la secretamente”, quando descobriu que a sua noiva engravidou entre o noivado e a consumação do casamento (Mt 1.18-19). A palavra “divórcio” (que consta em algumas versões neste contexto) é a mesma usada em Mt 5.31-32; 19.9 e Mc 10.11-12. Veja a obra de George Foot Moore, *Judaism* (Cambridge. Harvard University Press, 1944), II, 121.

⁵⁴ Veja os comentários sobre 5.1-10.

⁵⁵ Hering, *op. cit.*, p. 84. *Panourgia* é a astúcia que Paulo se recusou a usar em 4.2. Veja 12.16.

⁵⁶ Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 865.

- ⁵⁷ *Haplotēs*. Veja os comentários sobre 1.12; 8.2; 9.11, 13. **Em Cristo**, também pode ser “para com [eis] Cristo” (ASV).
- ⁵⁸ O termo assim (*outo*) não consta nos melhores manuscritos, embora a sua adição não mude, essencialmente, o significado.
- ⁵⁹ Lenski, *op. cit.*, p. 1239.
- ⁶⁰ A frase **com razão o sofrereis** é baseada em uma leitura menos comprovada. Deve-se entender *anechesthe* no lugar de *aneichesthe*.
- ⁶¹ Veja 3.17; Rm 8.15; 14.17; 1 Co 2.12; Ef 3.20; Cl 1.11; 5.1, 22; 2 Tm 1.7.
- ⁶² Veja na Introdução a identificação dos oponentes de Paulo em Corinto.
- ⁶³ *Op. cit.*, p. 81.
- ⁶⁴ *Phanerosantes* no lugar de *phanerotherentes* é a leitura preferida; ou seja, ao invés da expressão “tendo sido manifestado”, que consta em algumas versões, é preferível a expressão “tendo manifestado”. Subentende-se, aqui, um objeto.
- ⁶⁵ Veja Plummer, *op. cit.*, p. 302.
- ⁶⁶ Hughes, *op. cit.*, p. 383.
- ⁶⁷ Deissmann, *Bible Studies*, *op. cit.*, p. 266. Veja Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 606 : “*ration* (dinheiro) pago a um soldado”.
- ⁶⁸ O verbo vem de *narke*, um peixe que causa um choque que leva a sua vítima ao torpor. A palavra “narcótico” vem de *narke* e *narkao*.
- ⁶⁹ Lenski, *op. cit.*, pp. 638ss., 1252.
- ⁷⁰ Munck, *op. cit.*, p. 22.
- ⁷¹ *Eis emē*, “que me diz respeito”.
- ⁷² Hughes, *op. cit.*, p. 389.
- ⁷³ A versão RSV em inglês interpreta o significado deste versículo de uma forma ainda mais clara: “O que estou fazendo agora vou continuar a fazer a fim de evitar que aqueles tais ‘apóstolos’ tenham motivo para se gabar e dizer que fazem um trabalho igual ao nosso”.
- ⁷⁴ Veja Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 202, a respeito de *dolos* e *dolios*.
- ⁷⁵ *Op. cit.*, p. 1256.
- ⁷⁶ *Diakonoi*. Veja 3.3, 9; 4.1; 5.18; 6.3.
- ⁷⁷ Veja os comentários sobre 5.21.
- ⁷⁸ Sl 62.12; Pv 24.12; Mt 16.27; 2 Tm 7.14; 1 Pe 1.17.
- ⁷⁹ *Op. cit.*, p. 279.
- ⁸⁰ Hering, *op. cit.*, p. 87.
- ⁸¹ Lenski, *op. cit.*, p. 1261.
- ⁸² Veja Hering, *loc. cit.*
- ⁸³ Lenski, *loc. cit.*
- ⁸⁴ Da mesma raiz de **gloriar**. Veja os comentários sobre 1.12.
- ⁸⁵ *Op. cit.*, p. 1263
- ⁸⁶ *Ibid.*
- ⁸⁷ Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 281.

- ⁸⁸ J. A. Beet, *A Commentary on St. Paul's Epistles to the Corinthians* (5ª ed., Londres: Hodder e Stoughton, 1892), p. 448.
- ⁸⁹ *Op. cit.*, p. 401.
- ⁹⁰ Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 119.
- ⁹¹ Veja os versículos 17-18 para as outras duas regras indicadas pela expressão “a respeito de” (*kata*).
- ⁹² Wendland, *op. cit.*, p. 215.
- ⁹³ Hering, *op. cit.*, p. 88. Os termos podem ser sinônimos aproximados, variantes da mesma idéia. Assim como Lenski, *op. cit.*, p. 1269.
- ⁹⁴ Ralph Earle, “The Acts of the Apostles”, *Beacon Bible Commentary*, ed. A. F. Harper, *et al.*, VII (Kansas City, Mo. Beacon Hill Press, 1965), 232.
- ⁹⁵ *Tarsus or Jerusalem*, trad. por George Ogg (Londres. The Epworth Press, 1962), p. 52. Mas veja Longenecker, *op. cit.*, pp. 22-27, que é da opinião de que Paulo não foi a Jerusalém vindo de Tarso até a sua adolescência. O texto em Atos 22.3 pode ser expresso e pontuado como na versão RSV em inglês: “Criado nesta cidade aos pés de Gamaliel, instruído conforme...”
- ⁹⁶ *Diakonoí*. Veja 3.3, 6-9; 6.4.
- ⁹⁷ Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 628.
- ⁹⁸ *Op. cit.*, p. 321.
- ⁹⁹ Munck, *op. cit.*, p. 184.
- ¹⁰⁰ Veja os comentários sobre 1.5-10; 4.7-12 e 6.4-5.
- ¹⁰¹ Lenski, *op. cit.*, p. 1271.
- ¹⁰² *Ibid.*
- ¹⁰³ Os melhores manuscritos gregos apresentam esta ordem. Veja a versão RSV.
- ¹⁰⁴ Plummer, *op. cit.*, p. 322.
- ¹⁰⁵ *Op. cit.*, p. 1272.
- ¹⁰⁶ Hughes, *op. cit.*, p. 405.
- ¹⁰⁷ Plummer, *op. cit.*, p. 325. Mas veja Lenski, *op. cit.*, p. 1274.
- ¹⁰⁸ Veja Atos 9.30; 13.4, 13; 14.25-26; 16.11; 17.14; 18.18.
- ¹⁰⁹ Hughes, *op. cit.*, p. 408.
- ¹¹⁰ Tasker, *op. cit.*, p. 163.
- ¹¹¹ *Op. cit.*, p. 1276. A repetição de **muitas vezes** (*pollakis*), do final do versículo 23, realça esta continuidade de pensamento.
- ¹¹² *Op. cit.*, p. 327.
- ¹¹³ O termo **em** (*en*) não é encontrado nos melhores manuscritos.
- ¹¹⁴ Hughes, *op. cit.*, p. 414.
- ¹¹⁵ O mesmo ocorre na versão ASV e em Lenski, *op. cit.*, p. 1280.
- ¹¹⁶ Veja Hughes, *op. cit.*, p. 414ss.
- ¹¹⁷ Tasker, *op. cit.*, p. 166.
- ¹¹⁸ *Ibid.*

- ¹¹⁹ Plummer, *op. cit.*, p. 331, interpreta a palavra **abrase** no sentido da vergonha que Paulo sentiria por aquele que caiu. A Bíblia de Jerusalém traz o seguinte texto: “Quando um homem cai, eu me sinto atormentado”. Plummer manteria as duas perguntas em paralelo, com a segunda sendo “um aprofundamento planejado da primeira”. Ambas mostrariam a empatia e a identificação de Paulo com os seus convertidos.
- ¹²⁰ *Op. cit.*, p. 1282.
- ¹²¹ Estas palavras ecoam os textos de Marcos 9.49 e 12.34, e podem ser autênticas. A citação vem da obra *Unknown Sayings of Jesus*, de Joachim Jeremias, trad. por R. H. Fuller (Londres. S. P. C. K., 1958), p. 54.
- ¹²² Nos melhores manuscritos não consta a palavra **Cristo**, mas esta omissão não altera o significado.
- ¹²³ Veja a interpretação desta frase em conexão com 1.3.
- ¹²⁴ Sobre a questão da autoridade de Aretas sobre Damasco naquela época, veja Hughes, *op. cit.*, p. 424ss.
- ¹²⁵ Nos melhores manuscritos, como também em muitas traduções da Bíblia Sagrada, não consta o termo **desejoso**.
- ¹²⁶ *Op. cit.*, p. 424.
- ¹²⁷ *Ibid.*, 422.
- ¹²⁸ *Op. cit.*, p. 363.
- ¹²⁹ Hughes, *op. cit.*, p. 422.
- ¹³⁰ Nos melhores manuscritos consta o termo *dei* em vez de *de*. Assim, a versão RSV em inglês traz a expressão: “Devo me gloriar”.
- ¹³¹ A expressão **para mim** (*moi*) é omitida pelos melhores manuscritos. A versão NASB traduz o versículo de forma quase literal: “A jactância é necessária, embora não seja proveitosa; mas passarei às visões e revelações do Senhor”.
- ¹³² Alguns entendem que Paulo está, aqui, se distinguindo “dos oponentes que se postam e se baseiam em experiências ligadas ao êxtase, e que procuram suplantá-lo nestes termos” (Rengstorff, *op. cit.*, p. 440). Mas veja Hughes, *op. cit.*, p. 428).
- ¹³³ Hanson *op. cit.*, p. 90. Veja a sua obra expandida, “Note on St. Paul’s Conception of the Function of Religious Experience”, pp. 88ss.
- ¹³⁴ *The Church as the Body of Christ* (Londres. S.P.C.K., 1965), p. 31.
- ¹³⁵ Veja os comentários sobre 5.17. Plummer destaca que a expressão *en christo* pertence a *anthropon harpagenta* (*op. cit.*, p. 340).
- ¹³⁶ *Op. cit.*, p. 367.
- ¹³⁷ Veja Wendland, *op. cit.*, p. 219.
- ¹³⁸ Lenski, *op. cit.*, p. 1292.
- ¹³⁹ Veja Plummer, *op. cit.*, p. 341.
- ¹⁴⁰ Veja a obra *The Testaments of the Twelve Patriarchs*, “Testament of Levi”, Capítulo 3. Clarke, *op. cit.*, p. 236, lista os sete. Somente aqui o NT fala do terceiro céu, mas Ef 4.10 fala de “todos os céus” (RSV).
- ¹⁴¹ *Op. cit.*, p. 426: “O primeiro céu é o das nuvens; o segundo é o das estrelas; o terceiro é espiritual”.
- ¹⁴² *Op. cit.*, p. 368.

- ¹⁴³ Alguns vêm duas experiências aqui (por exemplo, Plummer, *op. cit.*, p. 344). Veja o versículo 7. Veja também Hughes, *op. cit.*, p. 435ss.
- ¹⁴⁴ *Op.cit.*, p. 286.
- ¹⁴⁵ Calvino, *op. cit.*, p. 370.
- ¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 371.
- ¹⁴⁷ Hering, *op. cit.*, p. 95. Veja os comentários sobre o versículo 2.
- ¹⁴⁸ Os melhores manuscritos omitem o termo **minhas**, mas o sentido não se altera.
- ¹⁴⁹ Bernard, *op. cit.*, p. 110.
- ¹⁵⁰ Lenski, *op. cit.*, p. 1298.
- ¹⁵¹ Hughes, *op. cit.*, p. 441.
- ¹⁵² *Ibid.*
- ¹⁵³ Veja a obra de Neil Gregor Smith, "The Thorn That Stayed, An Exposition of II Corinthians 12.7-9", *Interpretation*, XIII (Outubro de 1959), 411ss.
- ¹⁵⁴ J. H. Moulton e G. Milligan, *The Vocabulary of the Greek New Testament* (Grand Rapids. WM. B. Eerdmans Publishing Co., 1949), p. 578. Veja Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 763.
- ¹⁵⁵ *Light Through an Eastern Window* (Nova Iorque. Robert Speller and Sons, 1963), p. 109.
- ¹⁵⁶ Tasker, *op. cit.*, p. 175.
- ¹⁵⁷ *Op. cit.*, pp. 373ss.
- ¹⁵⁸ Tasker, *op. cit.*, p. 176; Hughes, *op. cit.*, p. 448.
- ¹⁵⁹ Crisóstomo, *Homilies on II Corinthians*, Hom. XXVI.
- ¹⁶⁰ *Op. cit.*, pg 325, fn. 1.
- ¹⁶¹ *Op. cit.*, p. 109.
- ¹⁶² Isto não nega que Satanás também seja retratado, nas Escrituras, como o agente da aflição física. Jó 2.5; Lc 13.16.
- ¹⁶³ *Op. cit.*, p. 176.
- ¹⁶⁴ Tertuliano, *De Pudis.*, xiii, 16.
- ¹⁶⁵ Joseph Klausner, *From Jesus to Paul* (Nova Iorque. The MacMillan Co., 1943), pp. 325-30.
- ¹⁶⁶ W. M. Ramsay, *St. Paul the Traveller and the Roman Citizen*, 7ª ed. (Londres. Hodder and Stoughton, 1903), p. 97.
- ¹⁶⁷ *Ibid.*, pp. 95ss. Allo, *op. cit.*, pp. 316ss., é partidário da teoria da febre. Barclay, *op. cit.*, pp. 288ss., também parece concordar.
- ¹⁶⁸ *Op. cit.*, p. 1301.
- ¹⁶⁹ Os manuscritos gregos mais antigos omitem o termo **meu**. A partir do contexto fica claro que o primeiro **poder** citado no versículo é o de Cristo.
- ¹⁷⁰ Veja Hughes, *op. cit.*, p. 452, fn. 141. Lenski, *op. cit.*, p. 1307, nega isto.
- ¹⁷¹ Wendland, *op. cit.*, p. 223.
- ¹⁷² Quanto a esta interpretação dos **mais excelentes apóstolos**, veja os comentários sobre 11.5.
- ¹⁷³ *Op. cit.*, p. 383.
- ¹⁷⁴ Wendland, *op. cit.*, p. 226.

- ¹⁷⁵ O mesmo verbo de 11.9: “Me guardei de vos ser pesado”.
- ¹⁷⁶ Hughes, *op. cit.*, p. 459.
- ¹⁷⁷ Munck, *op. cit.*, p. 173.
- ¹⁷⁸ Veja a Introdução.
- ¹⁷⁹ Veja os comentários sobre 13 e 11.9.
- ¹⁸⁰ *Op. cit.*, p. 227.
- ¹⁸¹ Lendo *ei... agapo* em vez de *ei kai... agapon*.
- ¹⁸² *Op. cit.*, p. 414.
- ¹⁸³ *Huparchon* deve ser diferenciado de *einai* e aqui tem o sentido de “ser por natureza”. Quanto ao termo ardiloso (*panourgos*), que consta em algumas versões, veja os comentários sobre 4.2 e 11.3, onde Paulo utiliza o cognato *panourgia* (veja 1 Co 3.19; Ef 4.14).
- ¹⁸⁴ *Op. cit.*, p. 387.
- ¹⁸⁵ *Op. cit.*, p. 365.
- ¹⁸⁶ Esta não é a mesma visita planejada por Tito e mencionada em 8.18, mas aquela que foi primeiramente mencionada em 8.6. As formas aoristas no versículo 18 não devem ser consideradas epistolares, como em 8.18.
- ¹⁸⁷ Veja os comentários sobre 1.18-20.
- ¹⁸⁸ E não “Espírito”, como na versão NEB. Veja as versões ASV e NASB, em inglês.
- ¹⁸⁹ **Outra vez** (*palin*) é uma leitura menos comprovada do que *palai*.
- ¹⁹⁰ A primeira sentença parece ser mais uma afirmação (ASV, NASB), do que uma pergunta (KJV, RSV).
- ¹⁹¹ *Op. cit.*, p. 470.
- ¹⁹² Filson, *op. cit.*, p. 415.
- ¹⁹³ *Me pos* ocorre duas vezes, e *me* ocorre na terceira vez.
- ¹⁹⁴ A forma grega das duas afirmações é contrastante: *thelo euro... euretho... thelete*.
- ¹⁹⁵ *Op. cit.*, p. 1322.
- ¹⁹⁶ Veja 1 Co 1.11; 3.3; 5.2; 6.1-10.
- ¹⁹⁷ Alguns pensam que Paulo estava de forma oculta, ou talvez rabínica, se referindo às suas visitas como testemunhos contra eles. Este é o caso de Plummer, *op. cit.*, pp. 372ss. Mas para Hughes, *op. cit.*, pp. 474ss., que discute o assunto por completo, parece melhor tomá-lo literalmente.
- ¹⁹⁸ Veja também a versão RSV, que ressalta o sentido de forma clara.
- ¹⁹⁹ Veja os comentários sobre 1.3-7.
- ²⁰⁰ *Op. cit.*, p. 806.
- ²⁰¹ *Ibid.*, p. 807.
- ²⁰² *Ibid.*
- ²⁰³ Note a construção paralela das duas partes deste versículo como indicado pela repetição de *kai gar* e *alla*.
- ²⁰⁴ *Op. cit.*, p. 231.

²⁰⁵ Esta palavra e seus cognatos ocorrem seis vezes nos versículos 3,5-7; **prova, provai, reprovados, reprovados, aprovados, reprovados**. A idéia básica envolvida é a de ter sucesso ou fracassar em um teste, por exemplo, a pureza dos metais ou a autenticidade das moedas.

²⁰⁶ Wendland, *loc. cit.*

²⁰⁷ Para uma interpretação de 2-7 que vê, aqui, a possibilidade não de castigo e exclusão da igreja, mas de algo muito pior, veja Munck, *op. cit.*, pp. 189ss. A sugestão é de alguma punição miraculosa como aquela possivelmente mencionada em 1 Co 5.4, que ele considera aludida em 10.11 – a entrega de um ou mais pecadores a Satanás. Então, eles estariam separados de Cristo e expostos aos sofrimentos que são controlados por Satanás.

²⁰⁸ **Desejamos** é uma tradução frágil; a palavra no original é *euchomai*, como em 7.

²⁰⁹ “*Artios, ex-, katartizo, katartismos, katartisis*”, TDNT, I, 476. Veja o comentário de Clarke, *op. cit.*, p. 374.

²¹⁰ *Op. cit.*, p. 676.

²¹¹ Hughes (*op. cit.*, p. 486) acredita que *chairete* deva ser traduzido aqui no sentido mais forte de “regozijar-se” (Fp 3.1).

²¹² *Op. cit.*, p. 1338.

²¹³ Na voz média, o sentido seria “continuem se aperfeiçoando”.

²¹⁴ Na voz média, traduziríamos a expressão como “continuem se exortando ou encorajando uns aos outros”.

²¹⁵ Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 874.

²¹⁶ Rm 14.20; 15.33; Fp 4.9; 1 Ts 5.23. A ordem dos dois genitivos que formam uma unidade através do artigo é, sem dúvida, sugerida pelos dois imperativos precedentes.

²¹⁷ Rm 16.16; 1 Co 16.20; 1 Ts 5.26; 1 Pe 5.14.

²¹⁸ Veja os comentários sobre 1.1.

²¹⁹ Hanson, *op. cit.*, p. 74.

²²⁰ *Ibid.*

²²¹ Strachan, *op. cit.*, p. 146.

²²² *Christology*, p. 2.

²²³ Em grego: *koinonia*. Veja 8.4.

²²⁴ Alguns costumam manter a terceira também subjetiva, traduzindo: “A comunhão criada pelo Espírito Santo”.

²²⁵ Veja a Introdução.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

- ALLO, P. E. B. *Seconde Epitre aux Corinthiens*. Segunda edição. "Etudes Bibliques." Paris: Librairie LeGoffre, 1956.
- BARCLAY, William. *The Letters to the Corinthians*. "The Daily Study Bible." Edinburgh: The Saint Andrew Press, 1954.
- BEET, J. A. *A Commentary on St. Paul's Epistles to the Corinthians*. Quinta edição. London: Hodder and Stoughton, 1892.
- BENGEL, John Albert. *Gnomon of the New Testament*. Traduzido por Andrew R. Fausset. Sétima edição. Edinburgh: T. & T. Clark, 1877.
- BERNARD, J. H. "The Second Epistle to the Corinthians." *The Expositor's Greek Testament*. Editado por W. R. Nicoll. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951 (reimpressão).
- BRUCE, F. F. *Paul and His Converts*. New York: Abingdon Press, 1962.
- CALVIN, John. *Commentary on the Epistles of Paul the Apostle to the Corinthians*. Traduzido por John Pringle, Vol. II. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948 (reimpressão).
- CLARKE, Adam. *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ, A Commentary and Critical Notes*, Vol. II. New York: Carlton & Phillips, 1854.
- DENNEY, James. "The Second Epistle to the Corinthians." *The Expositor's Bible*. Editado por W. R. Nicoll, Vol. V. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1947 (reimpressão).
- FILSON, Floyd. "The Second Epistle to the Corinthians" (Exegesis). *The Interpreter's Bible*. Editado por George A. Buttrick, *et al.*, Vol. X. New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1953.
- HANSON, R. P. C. *The Second Epistle to the Corinthians*. "Torch Bible Commentaries." London: SCM Press, 1954.
- HERING, Jean. *La Seconde Epitre de Saint Paul aux Corinthiens*. "Commentaire du Nouveau Testament," Vol. VIII. Paris: Delachaux and Niestle, 1958.
- HODGE, Charles. *An Exposition of the Second Epistle to the Corinthians*. New York: Robert Carter and Brothers, 1868.
- HUGHES, Philip E. *Paul's Second Epistle to the Corinthians*. "The New International Commentary on the New Testament." Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962.
- KLING, Christian Freidrich. "Corinthians" (Exegesis). *A Commentary on the Holy Scriptures*. Editado por John Peter Lange. Grand Rapids: Zondervan Publishing House (reimpressão da edição de 1868).
- LENSKI, R. C. H. *The Interpretation of St. Paul's First and Second Epistle to the Corinthians*. Columbus: Wartburg Press, 1937.
- LIGHTFOOT, J. B. *Notes on Epistles of St. Paul from Unpublished Commentaries*. New York: Macmillan and Co., 1895.
- McFAYDEN, John Edgar. *The Epistles to the Corinthians*. New York: Hodder and Stoughton, 1911.
- MENZIES, Allan. *The Second Epistle of the Apostle Paul to the Corinthians*. London: Macmillan and Co., 1912.
- MORGAN, G. Campbell. *The Corinthian Letters of Paul*. New York: Fleming H. Revell Co., 1946.
- PLUMMER, Alfred. *A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of St. Paul to the Corinthians*. "The International Critical Commentary." Edinburgh: T. & T. Clark, 1915.

- REDPATH, Alan. *Blessings Out of Buffetings: Studies in II Corinthians*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1965.
- ROBERTSON, F. W. *Expository Lectures on St. Paul's Epistles to the Corinthians*. London: Smith, Elder and Co., 1859.
- SCHLATTER, Adolf. *Paulus, Der Bote Jesus, Eine Deutung Seiner Briefe an die Korinther*. Second edition. Stuttgart: Calwer Verlag, 1956.
- STRACHAN, R. H. *The Second Epistle of Paul to the Corinthians*. "The Moffatt New Testament Commentary." New York: Harper and Brothers, 1935.
- STRACK, Herman, e BILLERBECK, Paul. *Die Briefe des Neuen Testaments und die Offenbarung Johannis*. "Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrash," Vol. III. Munchen: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung (Oskar Beck), 1926.
- TASKER, R. V. G. *The Second Epistle of Paul to the Corinthians*. "The Tyndale New Testament Commentaries." London: The Tyndale Press, 1958.
- THRALL, Margaret E. *The First and Second Letters of Paul to the Corinthians*. "The Cambridge Bible Commentary." Cambridge: Cambridge University Press, 1965.
- WENDLAND, Heinz-Dietrich. *Die Briefe an die Korinther*. "Das Neue Testament Deutsch." Editado por Paul Althaus, Sétima edição, Vol. VII. Gottingen: Vandenhoeck and Ruprecht, 1954.
- WESLEY, John. *Explanatory Notes upon the New Testament*. London: The Epworth Press, 1950.
- WINDISCH, Hans. Der Zweite Korintherbrief. "Kritischexegetischer Kommentar ueber das Neue Testament." Goettingen: Vandenhoeck and Ruprecht, 1924.

II. OUTOS LIVROS

- ARNDT, William F., e GINGRICH, F. Wilbur. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago: The University of Chicago Press, 1957.
- BAIRD, William. *The Corinthian Church: A Biblical Approach to Urban Culture*. New York: Abingdon Press, 1964.
- _____. *Paul's Message and Mission*. Nashville: Abingdon Press, 1960.
- BARRETT, C. K. *Christianity at Corinth*. Manchester: Rylands Library, 1964.
- BEARDSLEE, W. A. *Human Achievement and Divine Vocation in the Message of Paul*. Naperville, Ill.: Alec R. Allenson, 1961.
- BEST, Ernest. *One Body in Christ*. London: S.P.C.K., 1955.
- BOUTTIER, Michel. *Christianity According to Paul*. Traduzido por Frank Clarke. London: SCM Press, 1966.
- BRUCE, F. F. *The Letters of Paul: An Expanded Paraphrase*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1965.
- BULTMANN, Rudolf. *Theology of the New Testament*. Traduzido por Kendrick Grobel, Vol. I. London: SCM Press, 1952.
- CAIRD, G. B. *Principalities and Powers: A Study in Pauline Theology*. Oxford: The Clarendon Press, 1956.
- CULBERTSON, Paul T. *More like the Master: How to Develop a Christlike Personality*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1966.
- CULLMANN, Oscar. *Christology of the New Testament*. Traduzido por Shirley C. Guthrie e Charles M. Hall. Philadelphia: The Westminster Press, 1939.

- _____. *Immortality of the Soul or Resurrection of the Dead?* London: The Epworth Press, 1958.
- DAVIES, W. D. *Paul and Rabbinic Judaism: Some Rabbinic Elements in Pauline Theology*. London: S.P.C.K., 1948.
- DEAN, J. T. *St. Paul and Corinth*. London: Lutterworth, 1947.
- DEISSMANN, Adolf. *Bible Studies*. Traduzido por A. Grieve. Edinburgh: T. & T. Clark, 1901.
- _____. *Light from the Ancient East*. Traduzido por L. R. M. Strachan. New York: Harper and Brothers, 1927.
- DELLING, Gerhard. *Worship in the New Testament*. Traduzido por Percy Scott. Philadelphia: The Westminster Press, 1962.
- ELLIS, E. Earle. *Paul and His Recent Interpreters*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961.
- _____. *Paul's Use of the Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1957.
- FEINE, Paul; BEHM, Johannes; and KUEMMEL, Werner Georg. *Introduction to the New Testament*. Décima quarta edição (revisada). Traduzido por A. J. Mattill, Jr. New York: Abingdon Press, 1966.
- GASTER, Theodore. *The Dead Sea Scriptures*. New York: Doubleday and Co., 1957.
- GEORGI, Dieter. *Die Gegner des Paulus Im. 2. Korintherbrief: Wissenschaftliche Monographien zum Alten und Neuen Testament*. Editado por Guenther Bornkamm e Gerhard Von Rad. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1964.
- GUTHRIE, Donald. *New Testament Introduction: The Pauline Epistles*. London: The Tyndale Press, 1961.
- HAHN, Ferdinand. *Mission in the New Testament*. Traduzido por Frank Clarke. London: SCM Press, 1965.
- HAMILTON, Neill Q. *The Holy Spirit and Eschatology in Paul*. "Scottish Journal of Theology Occasional Papers," No. 6. Edinburgh: Oliver and Boyd, Ltd., 1957.
- HARPER, A. F. *Holiness and High Country*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1964.
- HARRISON, Everett F. *Introduction to the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.
- HARRISVILLE, Roy A. *The Concept of Newness in the New Testament*. Minneapolis: Augsburg Publishing House 1960.
- HUNTER, A. M. *Interpreting Paul's Gospel*. London: SCM Press, 1960.
- _____. *Paul and His Predecessors*. Nova edição revisada. London: SCM Press, 1961.
- JAMES, M. R. *The Apocryphal New Testament*. Oxford: The Clarendon Press, 1924.
- JEREMIAS, Joachim. *The Central Message of the New Testament*. New York: Charles Scribner's Sons, 1965.
- _____. *Jesus' Promise to the Nations*. London: SCM Press, 1958.
- KITTEL, Gerhard (ed.). *Theological Dictionary of the New Testament*. Traduzido e editado por Geoffrey W. Bromiley, Vol. I. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1964.
- KNOX, Wilfred L. *St. Paul and the Church of the Gentiles*. Cambridge: The University Press, 1939.
- KUEMMEL, Werner Georg. *Man in the New Testament*. Traduzido por J. J. Vincent. Philadelphia: The Westminster Press, 1963.
- LONGENECKER, Richard. *Paul, Apostle of Liberty*. New York: Harper and Row, 1964.

- MACKINTOSH, H. R. *The Christian Experience of Forgiveness*. Glasgow: William Collins Sons and Co., 1961.
- MANSON, T. W. *On Paul and John*. Editado por Matthew Black. London: SCM Press, 1963.
- METZGER, Bruce M. *Index to Periodical Literature on the Apostle Paul*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951.
- MOORE, George Foot. *Judaism in the First Centuries of the Christian Era, the Age of the Tannaim*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1944.
- MOULE, C. F. D. *An Idiom-Book of New Testament Greek*. Cambridge: The University Press, 1959.
- MOULTON, J. H., e MILLIGAN, G. *The Vocabulary of the Greek New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949.
- MUNCK, Johannes. *Paul and the Salvation of Mankind*. Traduzido por Frank Clarke. Richmond, Va.: John Knox Press, 1959.
- NEUGEBAUER, Fritz. *In Christus*. Goettingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1961.
- NICKLE, Keith. *The Collection: A Study of Paul's Strategy*. London: SCM Press, 1966.
- PILLAI, K. G. *Light Through an Eastern Window*. New York: Robert Speeler and Sons, 1963.
- RAMSAY, W. M. *St. Paul the Traveller and the Roman Citizen*. Sétima edição. London: Hodder and Stoughton, 1903.
- RICHARDSON, Alan. *An Introduction to the Theology of the New Testament*. London: SCM Press, 1958.
- ROBINSON, J. A. T. *The Body: A Study in Pauline Theology*. Chicago: Alec R. Allenson, 1952.
- SCHWEIZER, Eduard. *The Church as the Body of Christ*. London: S.P.C.K., 1965.
- _____. *Lordship and Discipleship*. London: SCM Press, 1960.
- SHEDD, Russell Phillip. *Man in Community. A Study of St. Paul's Application of Old Testament and Early Jewish Conceptions of Human Solidarity*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959.
- STACEY, W. David. *The Pauline View of Man in Relation to Its Judaic and Hellenistic Background*. London: Macmillan and Co., 1956.
- STANLEY, David Michael. *Christ's Resurrection in Pauline Soteriology, Analecta Biblica Investigationes Scientificae in Res Biblicas*. Romae: E. Pontificio Instituto Biblico, 1961.
- THORNTON, L. S. *The Common Life in the Body of Christ*. Terceira edição. London: Dacre Press, 1950.
- TRENCH, Richard C. *Synonyms of the New Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953 (reimpressão da edição de 1880).
- TURNER, George Allen. *The Vision Which Transforms: Is Christian Perfection Scriptural?* Kansas City: Beacon Hill Press, 1964.
- TURNER, Nigel, e MOULTON, James Hope. *A Grammar of New Testament Greek*, Vol. III. Edinburgh: T. & T. Clark, 1963.
- VAN UNNICK. *Tarsus or Jerusalem, the City of Paul's Youth*. Traduzido por George Ogg. London: The Epworth Press, 1962.
- VOS, Geerhardus. *The Pauline Eschatology*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1930.
- WINCHESTER, Olive M., e PRICE, Ross. *Crisis Experiences in the Greek New Testament*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1953.

III. ARTIGOS

- AHERN, Barnabas Mary. "The Fellowship of His Sufferings (Phil. 3:10), A Study of St. Paul's Doctrine of Christian Suffering." *Catholic Biblical Quarterly*, XXII (Janeiro de 1960), 1-32.
- BAIRD, William. "Letters of Recommendation: A Study of II Cor. 3:1-3." *Journal of Biblical Literature*, LXXX (1961), 166-72.
- BARTLING, Walter. "The New Creation in Christ." *Concordia Theological Monthly* (Junho de 1950), pp. 401-18.
- BORNKAMM, Gunther. "The History of the Origin of the So-called Second Letter to the Corinthians." *The Authorship and Integrity of the New Testament*. London, S.P.C.K., 1965.
- CRANFIELD, C. E. B. "Fellowship, Communion." *A Theological Wordbook of the Bible*. Editado por Alan Richardson. London: SCM Press, 1957.
- _____. "Minister and Congregation in the Light of II Cor. 4:5-7." *Interpretation*, XIX (1965), 163-67.
- FITZMYER, Joseph, A. S. J. "Qumran and the Interpolated Paragraph in II Cor. 6:14-7:1." *Catholic Biblical Quarterly*, XXIII (1961); 271-88.
- GILMOUR, S. M. "Corinthians, Second Letter to the." *The Interpreter's Dictionary of the Bible*. Editado por George Buttrick, Vol. I. New York: Abingdon Press, 1962.
- HISEY, Alan, e BECK, James S. "Paul's 'Thorn in the Flesh,' a Paragnosis." *Journal of Bible and Religion*, XXIX (Janeiro de 1961), 125-29.
- KASEMANN, Ernst. "Die Legitimität des Apostels." *Zeitschrift zum Neuen Testament Wissenschaft*, Vol. XLI (1942).
- MCCASLAND, Vernon. "The Image of God' According to Paul." *Journal of Biblical Literature*, LXIX (junho de 1950), 85-100.
- MENOUD, Philippe H. "Revelation and Tradition, The Influence of Paul's Conversion on His Theology." *Interpretation* (Julho de 1953), pp. 134-41.
- SMITH, Neil Gregor. "The Thorn That Stayed, An Exposition of II Corinthians 12:7-9." *Interpretation* (outubro de 1959), pp. 409-16.
- STANLEY, D. M. "The Theme of the Servant of Yahweh in Primitive Christian Soteriology, and Its Transposition by Saint Paul." *Catholic Biblical Quarterly*, XVI (1954), 385-425.
- STEPHENSON, A. M. G. "A Defence of the Integrity of II Corinthians." *The Authorship and Integrity of the New Testament*. London: S.P.C.K., 1965.



Autores deste volume

WILLIAM M. GREATHOUSE

Presidente do Nazarene Theological Seminary em Kansas City, Missouri. A.B., Lambuth College; Th.B., D.D., Trevecca Nazarene College; M.A. em Teologia, Vanderbilt University.

DONALD S. METZ

Deão de faculdade e professor de Literatura Bíblica e Religião, Mid-America Nazarene College; B.D., Evangelical and Reformed Seminary; M.A., University of Maryland; D.R.E., Southwestern Baptist Theological Seminary; Ph.D., University of Oklahoma.

FRANK G. CARVER

Presidente da Divisão de Filosofia e Religião, Pasadena College, Pasadena, Califórnia. A.B., Taylor University; B.D., Nazarene Theological Seminary; Th.M., Princeton Theological Seminary; Ph.D., New College, University of Edinburgh, Escócia.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Em Dez Volumes

Volume I. Gênesis; Êxodo; Levítico; Números; Deuteronômio

Volume II. Josué; Juízes; Rute; 1 e 2 Samuel; 1 e 2 Reis; 1 e 2 Crônicas; Esdras; Neemias; Ester

Volume III. Jó; Salmos; Provérbios; Eclesiastes; Cantares de Salomão

Volume IV. Isaías; Jeremias; Lamentações de Jeremias; Ezequiel; Daniel

Volume V. Oséias; Joel; Amós; Obadias; Jonas; Miquéias; Naum; Habacuque; Sofonias; Ageu;
Zacarias; Malaquias

Volume VI. Mateus; Marcos; Lucas

Volume VII. João; Atos

Volume VIII. Romanos; 1 e 2 Coríntios

Volume IX. Gálatas; Efésios; Filipenses; Colossenses; 1 e 2 Tessalonicenses; 1 e 2 Timóteo; Tito;
Filemom

Volume X. Hebreus; Tiago; 1 e 2 Pedro; 1, 2 e 3 João; Judas; Apocalipse

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

8

Romanos a
1 e 2 Coríntios

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que "subsiste eternamente".

William M. Greathouse
Donald S. Metz
Frank G. Carver

ISBN 85-263-0692-8



REFERÊNCIA / COMENTÁRIO